

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Marcos Vieira de Queiroz

O cômico do discurso: contribuições de Lucie Olbrechts-Tyteca
para o estudo da técnica argumentativa e da análise da técnica no Projeto Nova Retórica

Juiz de Fora
2025

Marcos Vieira de Queiroz

O cômico do discurso: contribuições de Lucie Olbrechts-Tyteca
para o estudo da técnica argumentativa e da análise da técnica no Projeto Nova Retórica

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Orientador: Professor Doutor Fábio Fortes

Juiz de Fora
2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

QUEIROZ, MARCOS VIEIRA DE.

O cômico do discurso : contribuições de Lucie Olbrechts-Tyteca para o estudo da técnica argumentativa e da análise da técnica no Projeto Nova Retórica / MARCOS VIEIRA DE QUEIROZ. -- 2025. 177 p.

Orientador: Fábio Fortes

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2025.

1. Projeto Nova Retórica. 2. Lucie Olbrechts-Tyteca. 3. Cômico. 4. Argumentação. I. Fortes, Fábio, orient. II. Título.

Marcos Vieira de Queiroz

O cômico do discurso: contribuições de Lucie Olbrechts-Tyteca para o estudo da técnica argumentativa e da análise da técnica no Projeto Nova Retórica

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de doutor em linguística. Área de concentração: linguística.

Aprovada em 26 de setembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fábio da Silva Fortes - Orientador

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Ana Paula Grillo El-Jaick

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Christiano Pereira de Almeida

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Helcira Maria Rodrigues de Lima

Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Anderson Zalewski Vargas

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Juiz de Fora, 23/08/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Fabio da Silva Fortes, Professor(a)**, em 29/09/2025, às 10:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Anderson Zalewski Vargas, Usuário Externo**, em 06/10/2025, às 11:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Christiano Pereira de Almeida, Servidor(a)**, em 07/10/2025, às 11:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Paula Grillo El Jaick, Professor(a)**, em 09/10/2025, às 02:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Helcira Maria Rodrigues de Lima, Usuário Externo**, em 13/10/2025, às 14:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Dedico esta tese de Doutorado às centenas de milhares de vítimas das mortes ocasionadas pela Covid-19 no Brasil, em especial ao meu padrasto, João Evangelista de Souza Martins. Sabemos, não fosse o riso grotesco dos negacionistas, muitas vidas teriam sido salvas.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao financiamento público de pesquisas científicas, especificamente à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que me forneceu bolsa de estudos para a realização deste Doutorado. Sem este investimento, certamente esta pesquisa teria se encerrado logo em seus primeiros meses, uma vez que seria impossível seguir nas tarefas de pai, professor e pesquisador – tudo isso no período de pandemia de Covid-19.

Aproveito e direciono meus agradecimentos à minha família, em especial à minha companheira, Annelizi, e a meus filhos, Ícaro e Maia, razão prática de meu viver. Com carinho, estendo esses agradecimentos à minha mãe, que desde muito cedo me estimulou aos estudos, ensinando-me as primeiras letras e o amor pelos livros. Também não posso deixar de agradecer a todos os meus amigos, acadêmicos ou não; sem o diálogo com cada um de vocês, eu nada seria.

No mundo acadêmico, agradeço a todos os professores que me orientaram nesse trajeto, que se inicia na Graduação e Mestrado em Letras na UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto), em especial agradeço ao Professor Doutor William Augusto Menezes, orientador no Mestrado, cuja influência em meu percurso é direta, visto ser em seus grupos de estudos (GEAD e GEDEM) que iniciei minhas pesquisas; ao Professor Doutor Melliandro Mendes Galinari, orientador de minhas pesquisas de iniciação científica e importante influência no desenvolvimento de minha escrita acadêmica; e à Professora Doutora Rubi Iara García Vieira, a quem agradeço de maneira especial, por me apresentar outra perspectiva para o estudo da Nova Retórica e indicar a leitura de *Le comique du discours*.

Fora da UFOP, na UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora), agradeço ao Professor Doutor Fábio Fortes, por aceitar orientar esta pesquisa e me ajudar a concretizar esta tese de Doutorado; sem sua ajuda, senso crítico e sensibilidade de pesquisador, com certeza este trabalho não teria sido concluído. Continuando na esfera da UFJF, agradeço à Professora Doutora Ana Paula Grillo El-Jaick, cujas leituras de trabalhos acadêmicos e da tese em sua fase de qualificação foram essenciais para redirecionar meu olhar sobre a pesquisa no âmbito de um Doutorado. Ainda, agradeço ao amigo Doutor Christiano Almeida, com quem tive a felicidade de ler e discutir algumas obras fundamentais para esta investigação. Por fim, agradeço ao *CirceA – Círculo de Estudos da Antiguidade*, que proporcionou a oportunidade

de ter meu trabalho lido e analisado com muita qualidade durante o período de realização desta pesquisa.

Por último, mas antes de tudo, agradeço ao mistério e à dúvida constante em minha existência, àquele ou àquela que, para mim, é e não é ao mesmo tempo, mas a quem sempre recorro nos momentos de angústia, desespero e também de alegria.

“Uma boa leitura nunca será uma única leitura.” (Professor Duda Machado, durante uma aula de Introdução aos Estudos Literários no ICHS/UFOP, 2008/2)

RESUMO

Este trabalho de Doutorado tem como objetivo o estudo e a exposição das contribuições teóricas de Lucie Olbrechts-Tyteca ao Projeto Nova Retórica (PNR), focando, em específico, na análise de sua obra *Le comique du discours*, publicada em 1974, anos após *Tratado da argumentação: a nova retórica*, obra produzida por ela e por Chaïm Perelman, publicada em 1958. Sendo parte de um projeto maior, a obra de Olbrechts-Tyteca precisa ser abordada em relação a este projeto, todavia com o intuito compreender quais são as contribuições específicas de Perelman e, especialmente, de Olbrechts-Tyteca. Nesse sentido, precisamos levar em conta também o conjunto da produção teórica de Olbrechts-Tyteca a partir de 1950, em especial o *Tratado da argumentação*, a fim de compreender quais são as contribuições específicas de cada um ao PNR. Para tanto, partindo da Historiografia Linguística como abordagem teórico metodológica, primeiro contextualizamos sua produção intelectual e sua relevância para o *rhetorical turn* operado nas pesquisas de Perelman, entendendo como veio a se formar o PNR. A partir da análise desse contexto, pode-se identificar a importância do cômico e da literatura na obra de Olbrechts-Tyteca, assim como a influência de Eugène Dupréel para o PNR. Em seguida, procedemos a análise do *Le comique du discours*, identificando elementos que aproximam e elementos que separam as contribuições teóricas de Olbrechts-Tyteca das de Perelman. Dentre os elementos que apontam para elaborações teóricas próprias a Olbrechts-Tyteca, destacamos a *técnica do cômico do discurso* e a *análise da técnica* como centrais para defender sua contribuição intelectual ao PNR junto a Perelman, assim como ao campo da retórica e da argumentação. Os resultados obtidos nesta pesquisa corroboram a tese de que as contribuições de Olbrechts-Tyteca são teoricamente relevantes para o PNR (WARNICK, 1997; FRANK, BOLDUC, 2010; BOLDUC, 2020). Estes resultados apontam quais são estas contribuições, em específico, demonstrando a relevância teórica de Olbrechts-Tyteca ao PNR. Por fim, tais resultados permitem refletir sobre como tais contribuições podem impactar a análise do discurso argumentativo empreendida no escopo da própria Nova Retórica.

Palavras-chave: Projeto Nova Retórica; Lucie Olbrechts-Tyteca; Cômico; Argumentação.

ABSTRACT

This doctoral thesis aims to study and present Lucie Olbrechts-Tyteca's theoretical contributions to the New Rhetoric Project (PNR). Specifically, we will focus on analyzing her work *The Comic of Discourse*, published in 1974, following the publication of *Treatise on argumentation: the new rhetoric*, a work produced by her and Chaïm Perelman and published in 1958. As part of a larger project, her work must be approached in relation to this project, but with the aim of understanding the specific contributions of Perelman and, especially, Olbrechts-Tyteca. In this sense, we must also consider Olbrechts-Tyteca's entire theoretical production since 1950, especially *Treatise on Argumentation*, in order to understand the specific contributions of each to the PNR. Using linguistic historiography as a theoretical and methodological approach, we first contextualize his intellectual production and its relevance to the rhetorical turn employed in Perelman's research, understanding how the PNR came to be. From this context, we can identify the importance of comedy and literature in Olbrechts-Tyteca's work, as well as Eugène Dupréel's influence on the PNR. We then analyzed *Le comique du discours*, identifying elements that connect and separate the theoretical contributions of Olbrechts-Tyteca and Perelman. Among the elements that point to Olbrechts-Tyteca's own theoretical developments, we highlight the *comic technique of discourse* and the *analysis of technique* as central to defending his intellectual contribution to the PNR with Perelman, as well as to the field of rhetoric and argumentation. The results obtained in this research corroborate the thesis that Olbrechts-Tyteca's contributions are theoretically relevant to the PNR (WARNICK, 1997; FRANK, BOLDUC, 2010; BOLDUC, 2020). These results illustrate these specific contributions, demonstrating Olbrechts-Tyteca's theoretical relevance to the PNR. Finally, these results allow us to reflect on how such contributions can impact the analysis of argumentative discourse undertaken within the scope of New Rhetoric itself.

Keywords: New Rhetoric Project; Lucie Olbrechts-Tyteca; Comic; Argumentation.

RÉSUMÉ

Cette thèse de doctorat vise à étudier et à présenter les contributions théoriques de Lucie Olbrechts-Tyteca au Projet de Nouvelle Rhétorique (PNR). Plus précisément, nous analyserons son ouvrage *Le comique du discours*, publié en 1974, à la suite de la publication du *Traité d'argumentation: la nouvelle rhétorique*, ouvrage qu'elle et Chaïm Perelman ont publié en 1958. Dans le cadre d'un projet plus vaste, son travail doit être abordé en lien avec ce projet, mais dans le but de comprendre les contributions spécifiques de Perelman et, plus particulièrement, d'Olbrechts-Tyteca. En ce sens, nous devons également considérer l'ensemble de la production théorique d'Olbrechts-Tyteca depuis 1950, en particulier le *Traité d'Argumentation*, afin de comprendre leurs contributions spécifiques au PNR. En utilisant l'historiographie linguistique comme approche théorique et méthodologique, nous contextualisons d'abord sa production intellectuelle et sa pertinence pour le tournant rhétorique utilisé dans les recherches de Perelman, afin de comprendre la genèse du PNR. Ce contexte nous permet d'identifier l'importance de la comédie et de la littérature dans l'œuvre d'Olbrechts-Tyteca, ainsi que l'influence d'Eugène Dupréel sur le PNR. Nous analysons ensuite *Le comique du discours*, en identifiant les éléments qui relient et séparent les contributions théoriques d'Olbrechts-Tyteca et de Perelman. Parmi les éléments qui témoignent des développements théoriques d'Olbrechts-Tyteca lui-même, nous soulignons que *la technique comique du discours* et *l'analyse de la technique* sont essentielles pour défendre sa contribution intellectuelle au PNR avec Perelman, ainsi qu'au domaine de la rhétorique et de l'argumentation. Les résultats obtenus dans cette recherche corroborent la thèse selon laquelle les contributions d'Olbrechts-Tyteca sont théoriquement pertinentes pour la PNR (WARNICK, 1997 ; FRANK, BOLDUC, 2010; BOLDUC, 2020). Ces résultats illustrent ces contributions spécifiques, démontrant la pertinence théorique d'Olbrechts-Tyteca pour la PNR. Enfin, ils nous permettent de réfléchir à l'impact de ces contributions sur l'analyse du discours argumentatif menée dans le cadre de la Nouvelle Rhétorique elle-même.

Mots-clés: Projet Nouvelle Rhétorique; Lucie Olbrechts-Tyteca; Comique; Argumentation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Lista de referências de publicações de Lucie Olbrechts-Tyteca.....	95
Quadro 2 – Comparação contrastiva dos sumários do <i>Tratado</i> e de <i>Le comique</i>	109
Quadro 3 – Lista de citações de Freud em <i>Le comique du discours</i>	124

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
1.1	COLOCADAS PARA FORA DO IMPÉRIO (<i>REALM</i>) RETÓRICO.....	16
1.2	COAUTORIA E PRODUÇÃO CIENTÍFICA NO PROJETO NOVA RETÓRICA.....	20
1.3	OBJETO DA PESQUISA.....	25
1.4	METODOLOGIA.....	27
1.5	ORGANIZAÇÃO DAS PARTES DO TEXTO	33
2	DUAS PERSPECTIVAS SOBRE O “RETORNO” DA RETÓRICA NO SÉCULO XX.....	35
2.1	NEORRETÓRICA E DESCONSTRUÇÃO: A RETORICIDADE COMO CARACTERÍSTICA DE UMA ÉPOCA.....	36
2.2	NOVA RETÓRICA E PÓS-MODERNIDADE: DA MÁXIMA DA QUANTIDADE À DA QUALIDADE	40
2.2.1	Condições teóricas e sociais da crise do paradigma moderno	43
2.3	A IMPORTÂNCIA DA NOVA RETÓRICA NO PARADIGMA EMERGENTE	46
2.4	PERELMAN E O PENSAMENTO PÓS-ILUMINISTA NA NOVA RETÓRICA	50
3	O RETORNO DE OLBRECHTS-TYTECA E PERELMAN À RETÓRICA.....	57
3.1	A PRESENÇA DE ARISTÓTELES COMO “INÍCIO” E COMO “REGRA” NO PNR	59
3.2	O SIGNIFICADO DE <i>RHETORICAL TURN</i>	63
3.3	OLBRECHTS-TYTECA E O ENCONTRO COM A RETÓRICA.....	70
3.4	A “INFLUÊNCIA” DA SOFÍSTICA NO PROJETO NOVA RETÓRICA	74
3.4.1	Retórica e Poética no PNR e em Barthes.....	76
3.4.2	Dupréel e a interpretação sociológica dos sofistas	83
3.4.2.1	Menções a Dupréel no <i>Tratado da argumentação</i>	89
3.4.3.2	Menções a Dupréel em <i>Le comique du discours</i>	90
3.4.4	Considerações sobre a presença do pensamento sofístico no PNR	91
4	A NOVA RETÓRICA E AS CONTRIBUIÇÕES DE LUCIE OLBRECHTS-TYTECA.....	94
4.1	O CÔMICO COMO OBJETO DE ESTUDOS E SEU CARÁTER ARGUMENTATIVO E SOCIAL.....	99
4.2	<i>O TRATADO DA ARGUMENTAÇÃO</i> COMO PLANO DE DESENVOLVIMENTO DE <i>LE COMIQUE DU DISCOURS</i>	107

4.3	AS CONTRIBUIÇÕES DE FREUD PARA A DEFINIÇÃO DA TÉCNICA DO CÔMICO EM <i>LE COMIQUE DU DISCOURS</i>	123
4.3.1	O método da “redução” e sua relação com a técnica de análise do chiste.....	129
4.3.2	Considerações sobre a arbitrariedade na análise argumentativa	136
4.3.3	A explicitação do cômico como causa inibidora à inexistência de um riso de fato	140
4.4	ALGUMAS HIPÓTESES E CONCLUSÕES ALCANÇADAS EM <i>LE COMIQUE DU DISCOURS</i>	144
4.5	CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ANÁLISES REALIZADAS.....	151
5	CONCLUSÃO.....	153
	REFERÊNCIAS.....	156
	ANEXO A – SUMÁRIO DE <i>LE COMIQUE DU DISCOURS</i>	163
	ANEXO B – SUMÁRIO DO <i>TRAITÉ DE L’ARGUMENTATION</i>	171

1 INTRODUÇÃO

A Nova Retórica é uma teoria da argumentação desenvolvida em coautoria por Chaïm Perelman (1912-1984) e Lucie Olbrechts-Tyteca (1899-1988), bem sintetizada no *Tratado da argumentação: a Nova Retórica*, obra publicada no ano de 1958, na Bélgica.¹ Perelman formou-se em Filosofia e em Direito, e Olbrechts-Tyteca em Sociologia, ambos pela Universidade Livre de Bruxelas, tendo sido influenciados por Eugène Duprèel (1879-1967), filósofo e sociólogo belga. Segundo Barbara Warnick (1997, p. 71) e David Frank e Michelle Bolduc (2010, p. 141), Perelman e Olbrechts-Tyteca iniciaram em 1947 a pesquisa conjunta que resultou no Projeto Nova Retórica. Entre 1950 e 1958, publicaram quatro artigos e dois livros em coautoria² e, após o período, continuaram a pesquisar e a publicar artigos e livros acerca da Nova Retórica, entretanto não mais em coautoria. Como autora única, sobre o Projeto Nova Retórica, Olbrechts-Tyteca publicou quatro artigos, um livro e uma lista com as referências bibliográficas publicadas por Perelman até o ano de 1979³. Toda essa produção, em coautoria ou não com Perelman, indica que houve por parte de Olbrechts-Tyteca significativa agência na construção e divulgação dessa teoria. Nesse sentido, é plausível nos perguntarmos quais seriam as contribuições específicas dessa pesquisadora à Nova Retórica.

No Brasil, as pesquisas que abordam as contribuições de Olbrechts-Tyteca praticamente não são localizadas nos bancos de tese. Uma exceção é o trabalho de Rony Petterson Gomes do Vale (2013), que aborda o discurso humorístico a partir de uma perspectiva interdisciplinar, tendo a Retórica e a Análise do Discurso como bases teóricas. Neste trabalho, o autor (VALE, 2013) apresenta uma análise de *Le comique du discours*, obra magna de Olbrechts-Tyteca, servindo como uma ótima introdução às noções de cômico da retórica, de modo específico, e de cômico, em geral. Seu objetivo central é o discurso humorístico, sendo *Le comique* fundamental para a compreensão do objeto e a construção da metodologia de abordagem deste objeto, uma vez que essa teorização permite conciliar o critério do riso e o da forma na abordagem do

¹ Nesta tese, será utilizada a tradução para a Língua Portuguesa realizada por Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão, lançada pela Editora Martins Fontes pela primeira vez em 1996, intitulada *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Especificamente utilizaremos a segunda edição, de 2005. Destaque que esta edição lança a obra na Coleção Justiça e Direito, assim como todas as obras de Perelman publicadas pela referida editora.

² De acordo com as informações obtidas do catálogo das publicações de Perelman na Biblioteca Digital da Universidade Livre de Bruxelas, o número de artigos publicados em conjunto é maior que quatro, conforme o Quadro 1 no Capítulo 4 desta tese.

³ Como exceção, Olbrechts-Tyteca publicou em 1950 um artigo em parceria com P. Fonteyne sobre o exame radioscópico. Conferir em: FRANK; BOLDUC, 2010, p. 146.

discurso humorístico (VALE, 2013, p. 37).

Embora rica em contribuições para a compreensão da teoria do cômico da retórica em *Le comique*, o estudo de Vale (2013) não busca compreender quais as contribuições específicas de Olbrechts-Tyteca ao Projeto Nova Retórica, visto que sua abordagem desta teoria faz dela uma ferramenta de análise de discursos.⁴ Diferentemente, esta tese de Doutorado procura estudar essa teoria a partir de uma perspectiva linguístico historiográfica, identificando as contribuições teóricas da autora para o desenvolvimento de uma reflexão sobre a linguagem no interior deste projeto. Para isso, foi necessário traçar um percurso, levando em consideração o desenvolvimento da Nova Retórica como teoria elaborada em coautoria, de modo a compreender quais as contribuições teóricas de cada um de seus membros e quais as específicas de Olbrechts-Tyteca a este projeto.

Estudos acerca dessas contribuições vêm sendo realizados ao longo das últimas décadas. Dentre eles, destacam-se os trabalhos de Barbara Warnick (1997) e de David Frank e Michelle Bolduc (2010). Embora outros autores tenham desenvolvido reflexões acerca da atuação de Olbrechts-Tyteca no desenvolvimento do Projeto Nova Retórica, essas duas referências analisam de maneira mais sistemática as contribuições intelectuais da autora para esse projeto teórico. Segundo Frank e Bolduc (2010, p. 141-142), pode-se dividir os estudos acerca das contribuições de Olbrechts-Tyteca em três perspectivas: uma primeira, que argumenta haver certo obscurecimento e negligência no tratamento que Perelman dá ao trabalho de Olbrechts-Tyteca⁵; uma segunda, que argumenta haver sido Perelman o proponente da agenda filosófica, creditando a ele a originalidade da Nova Retórica⁶; e uma terceira, que argumenta haver neste projeto teórico tanto contribuições de Perelman quanto de Olbrechts-Tyteca. Assim como Frank

⁴ Rony Petterson Gomes do Vale é Doutor em Linguística do Texto e do Discurso pela Universidade Federal de Minas Gerais e professor adjunto (Linguística/Português) da Universidade Federal de Viçosa. Suas pesquisas e publicações continuam a desenvolver uma abordagem sobre a interface entre o riso (e o risível) e o discurso, sendo uma referência importante para a área da Análise do Discurso.

⁵ Como exemplos desta perspectiva, citam Marchal (2006, p. 10) e Gross e Dearin (2003, p. xi). Cabe destacar que, embora esses autores façam considerações desse teor acerca dessa possível “negligência” de Perelman, acabam por utilizar a Nova Retórica como perspectiva teórica para análise de diversos discursos. Marchal (2006) estuda o Novo Testamento e, para tratar do que ele considera uma injustiça, inverte a ordem dos autores e lhes faz referência por ordem alfabética, colocando sempre o nome de Olbrechts-Tyteca antes de Perelman, além de se utilizar do conceito de “pares filosóficos”, cuja autoria é atribuída a Olbrechts-Tyteca, segundo as análises de Warnick (1997). Além dessas duas referências, citam também o trabalho de Robert Scott, cuja obra não obtivemos acesso para leitura e inserção nesta tese. Em sua análise, Scott parte da utilização dos pronomes “Eu” utilizada por Perelman, o que denotaria certo centrismo em sua própria reputação na construção da teoria da Nova Retórica (FRANK; BOLDUC, 2010, p. 142).

⁶ Como exemplos desta perspectiva, citam o sucessor de Perelman, Michel Meyer, e sua filha Noemi Mattis Perelman.

e Bolduc (2010), e antes deles Warnick (1997), esta tese parte da terceira perspectiva, pois seu objetivo central é o estudo das contribuições intelectuais de Olbrechts- Tyteca ao Projeto Nova Retórica. Nesse sentido, cabe dissertar sobre os resultados das pesquisas obtidos por essas referências, a fim de delimitar melhor os objetivos específicos pretendidos nesta investigação.

1.1 COLOCADAS PARA FORA DO IMPÉRIO (*REALM*) RETÓRICO

O trabalho de Barbara Warnick pode ser caracterizado a partir de uma perspectiva feminista sobre a história da retórica. Publicado em 1997 na coletânea *Listening to their voices: the rhetorical activities of historical women*, o artigo de Barbara Warnick, “Lucie Olbrechts-Tyteca’s contribution to The New Rhetoric”, tem como objetivo justamente o estudo das contribuições de Olbrechts-Tyteca a essa teoria⁷. De acordo com Warnick, diferentemente de Perelman, cujo reconhecimento é notório, as contribuições de Olbrechts-Tyteca são amplamente esquecidas, e muitas vezes a pensadora é considerada como tendo uma participação menos importante, em comparação com a de seu coautor. Esse fenômeno, de acordo com Warnick (1997, p. 69), poderia estar relacionado ao fato de o nome de Olbrechts-Tyteca não ser de fácil pronúncia ou escrita; ao fato de Perelman ter tido certa inclinação para assumir a autoria do projeto; ou à certa predileção cultural em se acreditar nele. Além disso, fatores como a dimensão da obra de Perelman, a publicação de obras subsequentes como *O império retórico* (1977) e mesmo seu próprio estilo de escrita teriam contribuído para a impressão de que ele seria o grande responsável pelo trabalho.

No entanto, não se pode afirmar que esta negligência para com as contribuições de Olbrechts-Tyteca seja intencional, embora seja algo fora do padrão (*anomalous*) observar esse fenômeno em uma época em que os estudos sobre retórica procuram ouvir as mulheres (WARNICK, 1997, p. 69). Dito isso, o artigo de Warnick se insere numa obra maior, cujo objetivo é justamente o de apresentar uma série de estudos sobre as contribuições das mulheres na história da Retórica. Organizada por Molly Meijer Wertheimer, a obra *Listening to their voices* apresenta estudos que abordam os traços deixados pelas mulheres na história da Retórica, seja no campo teórico, seja no prático. De uma perspectiva feminista e pluralista (WERTHEIMER, 1997, p. 4), os artigos desta publicação abordam uma gama de temas e um longo período da história do pensamento sobre a retórica. Nas palavras da organizadora da obra: “Por definição,

⁷ A pesquisadora publicou diversos outros artigos sobre retórica e sobre a Nova Retórica em específico. Conferir: WARNICK, Barbara; KLINE, Susan L., 1992; WARNICK, Barbara, 1999 e 2008.

elas foram deslocadas para fora do império retórico” (WERTHEIMER, 1997, p. 1)⁸. Logo, esta obra seria um dos esforços para retomar as contribuições de diversas mulheres para a construção da disciplina.⁹

A fim de explorar quais seriam as contribuições intelectuais de Olbrechts-Tyteca à Nova Retórica, Warnick se propõe a estudar os textos que ela publicou como autora solo após o *Tratado da argumentação*.¹⁰ Tal abordagem tem como intuito captar o que há de idiossincrático e próprio no pensamento de Olbrechts-Tyteca sobre a retórica.¹¹ Segundo Warnick, as duas obras fundamentais para se compreender as contribuições da teórica ao projeto original (à Nova Retórica) são o seu livro de 1974 sobre as estruturas cômicas do discurso (*Le comique du discours*) e o seu artigo de 1979 sobre pares filosóficos (“Les couples philosophiques”). Estas obras desenvolvem os seguintes tópicos: o cômico da retórica, as incompatibilidades, as dissociações e os pares filosóficos. Todos eles estão presentes no *Tratado*, e, por serem objeto de produções de autoria única de Olbrechts-Tyteca, seriam contribuições autenticamente suas. Este, por sua vez, parece ser um pressuposto decorrente da metodologia de Warnick (1997).

Embora Perelman tenha sido o “homem de frente” desse projeto, viajando para os Estados Unidos e para toda a Europa com o intuito de divulgá-lo, e com uma produção intelectual muito mais ampla do que a de Olbrechts-Tyteca, é possível assumir que o sucesso da Nova Retórica resultou do talento combinado desses dois pesquisadores. De acordo com a leitura de Warnick (1997, p. 71), Perelman forneceu ao projeto a estrutura teórica e a justificativa para a obra, sendo, assim, seu filósofo; enquanto Olbrechts-Tyteca forneceu os exemplos e a teoria de “middle level” para a teoria mais global, sendo, assim, sua empirista. Essas contribuições seriam justificadas devido à formação de cada um dos autores: formado em Lógica e Direito, Perelman conseguiu identificar o campo da quase-lógica (ou lógica informal) e distinguir o racional do razoável; formada em Sociologia e conhecedora de literatura em

⁸ “By definition, they have been shifted to a realm outside of rhetoric”. Destaque-se o jogo de palavras nessa menção ao *L’empire rhétorique*, título da obra solo de Perelman publicada em 1977, traduzida em 1982 para o inglês como *The realm of rhetoric* (WERTHEIMER, 1997, p. 1).

⁹ A abordagem feminista da história da retórica é bastante ampla e diversas obras já foram publicadas sob essa perspectiva. Para uma abordagem mais aprofundada deste tema, ver o artigo “Feminist Perspectives on the History of Rhetoric”, de Kate Ronald (2009, pp. 139-152), cujo objetivo é traçar um amplo panorama dos Estudos Feministas sobre a história da Retórica.

¹⁰ A hipótese de Warnick (1997) parece se pautar na seguinte verossimilhança: uma pessoa que dedica mais de uma década ao estudo e sistematização teórica do cômico da retórica só pode ter um interesse bastante próprio e um entendimento particular sobre este assunto.

¹¹ Além disso, visa tornar acessível ao leitor de Língua Inglesa interessado em seu trabalho, mas que não consegue ler em francês. A autora menciona que, à época, não havia nenhuma tradução da obra e dos artigos de Olbrechts-Tyteca em inglês (WARNICK, 1997, p. 70). Frank e Bolduc (2010, p. 158) apontam que, em 2010, ainda não havia traduções de seu trabalho para a Língua Inglesa. Em Língua Portuguesa, também não temos conhecimento de nenhuma tradução de seus textos.

diversas línguas, Olbrechts-Tyteca teria fornecido à teoria os meios para discutir a função argumentativa dos dispositivos discursivos estudados. Para Warnick, a preocupação de Perelman com a argumentação jurídica fez com que ele se concentrasse em argumentos adaptados às exigências do tribunal, como a ligação ato/pessoa e o argumento pragmático, enquanto Olbrechts-Tyteca, mais interessada em escritos literários e filosóficos, se voltara ao estudo dos usos dos valores no discurso, em particular dos pares filosóficos, das hierarquias de valor e da dissociação.¹²

Essas considerações parecem sugerir que a produção intelectual de Olbrechts-Tyteca está subsumida à de Perelman, no entanto, as análises de Warnick demonstram a relevância de suas preocupações teóricas e o peso de sua participação na Nova Retórica, de modo que “[s]em ela, a teoria de Perelman continuaria sendo uma concepção global não sustentada por exemplos concretos” (WARNICK, 1997, p. 83).¹³ Nesse sentido, Warnick conclui que Olbrechts-Tyteca contribui para a Nova Retórica tanto como analista quanto como conceitualizadora. Analista, devido ao fato de ela estar preocupada com as características dos mais variados discursos (como argumentos filosóficos, literatura, piadas etc.), dedicando um largo tempo de sua vida ao seu estudo sistemático, o que resultou em sua obra *Le comique du discours*. E conceitualizadora, por Olbrechts-Tyteca desenvolver vocabulário e categorias para descrever a estrutura do discurso (WARNICK, 1997, p. 82).

As reflexões de Warnick e a dicotomia contribuição-prática/contribuição-teórica – assim identificada por esta tese – não se desdobram em uma análise detalhada de ambos os níveis de contribuições de Olbrechts-Tyteca, nem propõem uma metodologia para sua abordagem, mas motivam perguntas relevantes para uma pesquisa em historiografia linguística, como: de que forma características como as de estudiosa/leitora/analista e intelectual/teórica/conceitualizadora são apresentadas ou formuladas em sua obra? Com

¹² Transcrevo o trecho em que Warnick desenvolve tais considerações: “*The New Rhetoric* has been successful in part because the respective talents of these two researchers were so well matched. He was the philosopher and provided the theoretical framework and justification for the work as a whole. She was the empiricist, providing the examples, description, and “middle level” theory that Perelman’s more global theories required for application. Perelman’s specialties in logic and law enabled him to identify the relations between formal logic and quasi logic and to make a significant distinction between the rational and the reasonable [...]. Olbrechts’s background in sociology and in French, German, and other literatures provided her the means to discuss the argumentative function of stylistic devices and discursive structures. His concern with legal argumentation caused him to focus on arguments adapted to courtroom exigencies such as the act/person liaison and the pragmatic argument [...]. Her interest in literary and philosophical writings resulted in close study of the uses of values in discourse, in particular philosophical pairs, value hierarchies, and dissociation [...]. (WARNICK, 1997, p. 71).

¹³ No original: “Without it, Perelman’s theory would remain a global conception unsupported by concrete examples”.

objetivo de responder a questão, esta pesquisa de Doutorado, de início, leu e analisou exemplos, em especial *Le comique du discours*, visando compreender melhor o nível da ação prática e da ação teórica presentes em sua produção intelectual como um todo. Nessa busca, duas noções teóricas desenvolvidas se destacam; são elas: a noção de *técnica* argumentativa/discursiva/material/formal/linguística e a noção de *análise da técnica*. A primeira é utilizada sempre com algum desses adjuntos, todos sinônimos em algum nível, e trata-se de uma contribuição propriamente sua ao escopo teórico da Nova Retórica, qual seja: oferecer uma base materialmente linguística que explicita o funcionamento da técnica argumentativa de modo geral e de sua relação com o cômico em específico. Já a noção de *análise da técnica*, identificada por esta tese, consiste em um conjunto de reflexões sobre a atividade desempenhada pelo analista do discurso, presentes em *Le comique*, sendo também contribuições de Olbrechts-Tyteca à Nova Retórica.

Como teoria de “nível intermediário”, conforme propõe Warnick (1997, p. 71), a produção de Olbrechts-Tyteca pode ser entendida como a base material para uma teoria mais ampla, ao mesmo tempo em que contribui e aprofunda noções, conceitos e categorias dessa teoria mais ampla. Dissociar as contribuições de Olbrechts-Tyteca das de Perelman foi, desde o princípio, um objetivo desta pesquisa e, embora entendamos que essa distinção seja inquestionável, não se pode negar a dificuldade, talvez mesmo a impossibilidade, de se separar em duas teorias completamente diferentes uma da outra, e isso pelo simples fato de se tratar, antes de tudo, de uma mesma teoria. Nesse sentido, desde o início da pesquisa, motivados pelas considerações de Warnick e a teoria de nível médio, ficou clara a necessidade de se estudar também os textos produzidos em coautoria com Perelman, em especial o *Tratado da argumentação*. Dentre os conceitos comuns a ambas as obras, Warnick observa que os dois atribuem importância ao auditório¹⁴, permitindo uma compreensão não estática e imutável do sistema de argumentos que está desenvolvido tanto no *Tratado da argumentação* (1958) quanto no *Le comique du discours* (1974). Segundo Warnick, quanto às contribuições propriamente de Olbrechts-Tyteca, pode-se dizer que ela estava intrinsecamente interessada em como as concepções fluidas da audiência operavam recursivamente na construção das mensagens e nas

¹⁴ Entende-se por auditório o conjunto das pessoas que o orador procura convencer e persuadir por meio de sua argumentação. O auditório é presumido sempre por parte de quem argumenta; portanto, será entendido como “uma construção mais ou menos sistematizada” por parte do orador (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 22), seja quando seu discurso se dirige a um auditório particular (o orador argumentando com um maior ou menor número de pessoas), seja um auditório universal (o orador tratando com toda a ciência). Para um estudo do auditório, ver Alves (2015), *Perelman e a argumentação filosófica: convencimento e universalismo*, em que esta noção teórica é explicada em detalhes por meio do estudo da produção acadêmica de Perelman a partir de 1949.

maneiras pelas quais as mudanças de tempo, situação e cultura desempenharam seu papel na evolução do discurso. Nesses termos, uma das grandes contribuições de Olbrechts-Tyteca à Nova Retórica teria sido desenvolver seu aspecto fenomenológico (WARNICK, 1997, p. 82). Embora não faça maiores considerações sobre o que seria esse aspecto fenomenológico presente na Nova Retórica, a abordagem de Warnick parece pressupor que ele esteja relacionado ao estudo de certos tipos de efeitos discursivos produzidos no auditório – com a recepção do discurso – e que o estudo mais detalhado de suas contribuições à Nova Retórica permitiria uma compreensão mais ampla desses processos (WARNICK, 1997, p. 83).

Essas descrições mais detalhadas das contribuições de Olbrechts-Tyteca apresentadas por Warnick funcionaram como um horizonte de ideias para esta pesquisa. Porém, como já dito, o artigo de Warnick apresenta um primeiro panorama para se pensar o trabalho coautorial e as contribuições específicas, não dispondo de exemplos que justifiquem e confirmem as afirmativas sobre os aspectos fenomenológicos ou o efeito do discurso no auditório. Em certa medida, procuramos em nossas análises identificar reflexões sobre esses aspectos no conjunto da obra de Olbrechts-Tyteca e, devido a certa dificuldade e complexidade de se compreender o que seria o aspecto fenomenológico em *Le comique*, nos concentramos em abordar o efeito do discurso no auditório, explicitamente formulado tanto em *Le comique* quanto no *Tratado da argumentação*. Com este exercício, foi possível compreender a *análise da técnica* sujeita aos efeitos do discurso e suas implicações para a atividade do analista. De um modo bastante influente, o artigo de Barbara Warnick sobre as contribuições de Olbrechts-Tyteca à Nova Retórica inspira diversas pesquisas, em especial o trabalho de David Frank e Michelle Bolduc (2010).

1.2 COAUTORIA E PRODUÇÃO CIENTÍFICA NO PROJETO NOVA RETÓRICA

Desde uma perspectiva diacrônica, o artigo de Frank e Bolduc publicado em 2010 no *Quartely Journal of Speech* tem como inspiração as análises apresentadas pelo trabalho de Warnick (1997). Com mais profundidade e dados sobre o tema, Frank e Bolduc apresentam um estado da arte das pesquisas feitas sobre as contribuições de Olbrechts-Tyteca ao Projeto Nova Retórica, sendo o trabalho de Warnick considerado por eles um divisor de águas, justamente por abordar Olbrechts-Tyteca como agente intelectual desse projeto. No entanto, diferentemente de Warnick (1997) – segundo a qual Olbrechts-Tyteca teria contribuído para a

Nova Retórica¹⁵ –, Frank e Bolduc (2010) visam demonstrar a existência de uma Nova Retórica própria a Olbrechts-Tyteca¹⁶. Por meio do estudo da colaboração entre Olbrechts-Tyteca e Perelman para Projeto Nova Retórica – desenvolvido de 1947 a 1984 –, pode-se, de acordo com essa leitura, identificar três Novas Retóricas: uma de Perelman, outra de Olbrechts-Tyteca e outra fruto do trabalho de ambos (FRANK; BOLDUC, 2010, p. 142).

Pela perspectiva de Frank e Bolduc (2010, p. 143), não se deve desenvolver a análise de uma obra ou projeto de coautoria senão pelo estudo da trajetória de cada um dos membros participantes dela¹⁷. Por ter uma natureza variada, o estudo do trabalho em coautoria no meio acadêmico pode ser realizado através de pesquisas das publicações e ideias dos participantes no trabalho colaborativo e, se preciso, apoiado em pesquisas etnográficas e de arquivo, destinadas a desvendar como uma determinada colaboração funcionou. Sobre as pesquisas desenvolvidas pela colaboração entre esses dois pesquisadores, o que se tinha eram análises pautadas quase que exclusivamente no *Tratado da argumentação*. Essa limitação teria levado autores, como Joseph Marchal e Robert Scott, a concluírem haver a natureza da colaboração entre Perelman e Olbrechts-Tyteca sem apresentarem provas sobre o teor dessa conclusão, qual seja: o de que Perelman teria propositalmente subestimado as contribuições de Olbrechts-Tyteca.¹⁸

Mesmo o trabalho de Warnick, pautado nos trabalhos de Olbrechts-Tyteca como fonte primária, apresenta suas limitações materiais, pois não considera qual teria sido a trajetória que levou Olbrechts-Tyteca e Perelman a se interessarem pela Retórica. Para compreender a natureza dessa colaboração e desenvolver a tese de que o PNR é composto por três projetos, Frank e Bolduc tomam como base a produção individual e conjunta de ambos os autores e os arquivos da Universidade Livre de Bruxelas.¹⁹ Essa análise diacrônica se estende do ano de 1931 (aparecimento da primeira publicação datada de Perelman)²⁰ a 1984 (ano de sua morte).

¹⁵ O título do artigo de Warnick aponta esse objetivo em seu estudo: “Lucie Olbrechts-Tyteca’s contribution to the New Rhetoric”.

¹⁶ O título do artigo de Frank e Bolduc também aponta esse objetivo em seu estudo: “Lucie Olbrechts-Tyteca’s New Rhetoric”.

¹⁷ A compreensão sobre o trabalho colaborativo, pelos autores do artigo, é retirada do livro de Lisa Ede e Andrea Lunsford, *Singular Texts/Plural Authors* (1990).

¹⁸ “Marchal asserts ‘all indications lead to their full partnership’, but offers no proof. Perelman, Scott argues, overemphasizes his persona, diminishes the role played by Olbrechts-Tyteca in *The New Rhetoric*, and takes credit for the concept of the universal audience (FRANK; BOLDUC, 2010, p. 142).

¹⁹ A Universidade Livre de Bruxelas mantém um site com um conjunto de acervos de interesse público. Os arquivos de Chaïm Perelman estão entre eles e têm sido digitalizados num projeto dirigido pela professora Emanuelle Damblom. Para consultar informações sobre, acesse o site: <https://bib.ulb.be/fr/documents/digitheque/personalia/chaim-perelman/publications>. Acessado em: 04 jun. 2025.

²⁰ Trata-se de “Esquisse d’une logistique des valeurs”, artigo publicado na *Revue de l’Université de Bruxelles*, 36(3-4), pp. 486-496. Para uma verificação da linha cronológica das publicações de Perelman

Essa linha cronológica compreende três momentos: um primeiro, de 1931 a 1947²¹, um segundo, de 1947 a 1958, e um terceiro, de 1958 a 1984. A participação de Olbrechts-Tyteca nos trabalhos de Perelman se inicia em 1947, tendo a proximidade entre ambos se dado durante a Segunda Guerra Mundial, no Comitê de defesa dos judeus na Bélgica (FRANK; BOLDUC, 2010, p. 146).²²

Um dos objetivos das pesquisas desenvolvidas por Frank e Bolduc é compreender o *rhetorical turn* ocorrido nas pesquisas realizadas por Perelman após a Segunda Guerra Mundial. De início, essas pesquisas se concentraram nos trabalhos de autoria unicamente de Perelman, e entendiam que esse giro retórico teria se dado entre 1944 e 1950.²³ Frank e Bolduc (2003, 2004) estudam os textos dessa época a fim de identificar os índices desse *turn*. A interpretação trazida pelos autores nos faz entender que havia, antes da Segunda Guerra, um Perelman positivista, bastante ligado às questões da lógica e do que se entende por *vida contemplativa*, e um Perelman não positivista após a Segunda Guerra, mais ligado às questões do pensamento social, da retórica e do que se entende por *vida ativa*. De acordo com essa leitura, o giro retórico operado por Perelman seria resultado do esforço pela busca de uma nova forma de justiça, em resposta às conclusões positivistas que ele havia alcançado em seu livro *Da Justiça* (1944). Embora essas conclusões pudessem não estar equivocadas, o avanço das pesquisas de Frank e Bolduc (2010, p. 146) passou a considerar a participação de Olbrechts-Tyteca a partir de 1947 como fulcral para essa virada retórica e, conseqüentemente, para a construção do PNR.

Além disso, como notam mais recentemente Bolduc e Frank (2019, p. 236), não se deve entender esse giro retórico como um movimento de conversão por parte de Perelman, mas sim de progressão, visto haver índices evidentes de que seus primeiros textos, no início da década de 1930, já desenvolviam reflexões bastante caras à Nova Retórica. É o que concluem Bolduc

e dos trabalhos dele em conjunto com Olbrechts-Tyteca, conferir: <https://bib.ulb.be/fr/documents/digitheque/personalia/chaim-perelman/publications>. Acessado em: 04 jun. 2025.

²¹ De acordo com Frank e Bolduc: “Perelman reports that his intellectual development began with an embrace of logical positivism in 1929, the same year the Vienna Circle’s manifesto was published. His articles between 1931 and 1947 reflect this philosophical frame, although there are clear hints that he was ready to critique and move beyond logical positivism” (FRANK; BOLDUC, 2010, p. 144).

²² Citando diretamente Frank e Bolduc (2010, p. 146): “Olbrechts-Tyteca assisted Fela Perelman (Chaïm’s wife) and the CDJ as a member of a “godmother” committee for displaced Jewish children. During the war, Olbrechts-Tyteca was the secretary general of the Brabant division of the Belgian League against Tuberculosis and used her position to keep secret files that had information on Belgian Jews who were in hiding. Olbrechts-Tyteca was recognized in 1980 as one of the “Righteous of the Nations” by Israel for her resistance activities.” Conferir também: Perelman Mattis (2011, pp 15-16) e Gross, Dearn (2003, Pp. 6-7).

²³ Para uma leitura mais aprofundada desta primeira fase de Perelman, conferir: (FRANK; BOLDUC, 2003, 2004).

e Frank (2019) na introdução da tradução de “De l’arbitraire dans la connaissance”, artigo escrito por Perelman em 1933. Neste artigo, o autor aborda temas que virão a ser desenvolvidos de modo mais aprofundado no Projeto Nova Retórica, realizado em parceria com Lucie Olbrechts-Tyteca. Entre esses temas, Bolduc e Frank destacam quatro como centrais. São eles: 1) interrogação e colapso da dicotomia fato/valor; 2) a emergência de uma razão não formal; 3) a noção de dissociação; e 4) tolerância social: bases da Nova Retórica. (BOLDUC; FRANK, 2019, p. 236).

Como já dito, Frank e Bolduc (2010, p. 159) concluem que há três projetos diferentes de Nova Retórica: o de Perelman, relacionado às perspectivas jurídico filosófica e jurídica, o de Olbrechts-Tyteca, relacionado à perspectiva literária e ao cômico; e um terceiro, oriundo da junção (um *blend*) dessas outras duas perspectivas.²⁴ Tal influência literária de Olbrechts-Tyteca – algo já apontado por Warnick (1997) – teria permitido a ambos o contato com a obra *Les fleurs de Tarbes*, do crítico literário e editor Jean Paulhan. Esta obra, em um apêndice com traduções de trechos de Bruneto Latinni (1220-1293 d.C.), professor do poeta florentino Dante Alighieri (1265-1321 d.C.) e tradutor da retórica de Cícero, tanto Olbrechts-Tyteca quanto Perelman apontam como sendo o ponto de partida para o giro retórico que resultou no PNR. A influência de Jean Paulhan no PNR já havia sido apontada em Frank e Bolduc (2003, p. 181), tendo sido seu estudo mais aprofundado por Michelle Bolduc, em sua obra *Translation and rediscovery of rhetoric* (2020).

Por ora, cabe apresentar melhor as conclusões de Frank e Bolduc (2010) sobre a Nova Retórica de Lucie Olbrechts-Tyteca, para levantar algumas questões ensejadas por elas. Nesse esteio, os pesquisadores concluem que Perelman é quem define a agenda de estudos do PNR e quem cunha a noção de auditório universal, visto podermos identificar em sua obra produzida entre 1931 e 1947 um conjunto de ideias que serão amadurecidas no *Tratado*. No entanto, o giro retórico (*rhetorical turn*), operado a partir de 1947, foi diretamente influenciado por Olbrechts-Tyteca e por seu conhecimento da obra de Paulhan (FRANK; BOLDUC, 2010, p. 159). Entre 1947 e 1958 – período de publicação dos textos em coautoria entre Olbrechts-Tyteca e Perelman, Frank e Bolduc (2010) concluem que ele deve ser reconhecido como primeiro autor – aquele que teve a ideia original – e que ela atuou como alguém de importância e cuja contribuição foi substancial para esse período de colaboração.²⁵ Após a publicação do

²⁴ No original: “We have identified three expressions of the New Rhetoric project: Perelman’s philosophically and legally oriented scheme; Olbrechts-Tyteca’s literary and comedic rendition; and that of their collaboration, which is a blend of the two sets of impulses” (FRANK; BOLDUC, 2010, p. 159).

²⁵ No original, os pesquisadores utilizam a expressão *second chair* para se referir a Olbrechts-Tyteca neste período, no seguinte trecho: “She played second chair to Perelman between 1947 and 1958,

Tratado em 1958 – considerada a grande obra desse período de colaboração, Frank e Bolduc (2010) concluem que Olbrechts-Tyteca desponta como estudiosa independente e de destaque ao associar a retórica ao cômico. Em suas obras a partir deste período, ela procura aprofundar e refinar certas noções apresentadas de modo pouco desenvolvidas no *Tratado* (FRANK; BOLDUC, 2010, p. 160).

As conclusões de Frank e Bolduc (2010) apontam que Olbrechts-Tyteca e Perelman desenvolvem aspectos diferentes do PNR, formando o par filosofia/literatura. Como numa analogia, o aspecto desenvolvido por Perelman estaria para o filosófico, assim como o aspecto desenvolvido por Olbrechts-Tyteca para o literário. Ao invés de se manterem separados, esses aspectos se aproximam, dando forma a uma terceira via de compreensão da Retórica. Essa aproximação entre o “raciocínio humano” e o “riso humano”, entre Filosofia e literatura, explicaria a razão de a Nova Retórica ser considerada a retórica mais importante do século XX, de acordo com a análise e conclusão de Frank e Bolduc (2010, p. 160). No entanto, essas conclusões parecem frágeis, devido à dificuldade de se separar a retórica de Olbrechts-Tyteca totalmente da retórica de Perelman. Mesmo *Le comique*, como observado em uma leitura superficial de suas partes, apresenta clara vinculação ao *Tratado* e ao PNR em geral. Nesse sentido, tomamos a compreensão de Frank e Bolduc (2010) como hipótese a ser verificada com mais profundidade, de modo a demonstrar a existência desses três projetos de retórica no PNR e como se opera a síntese sugerida, mas não provada, pelos pesquisadores.

Essa contraposição à teoria das três retóricas de Frank e Bolduc (2010) permite levantar outras hipóteses, como: talvez a síntese proposta entre ambas as contribuições teóricas não seja de todo positiva; talvez haja conflitos e mesmo contradições entre uma perspectiva e outra; talvez existam apenas dois projetos sem uma síntese; talvez exista apenas um único projeto que suporta ambas as abordagens de modo não contraditório. O estudo que se segue procurou explorar essas hipóteses, ao apresentar de modo organizado o percurso de desenvolvimento do PNR e em que ponto Olbrechts-Tyteca e Perelman se associam e se dissociam, se aproximam e se separam. Assim, visando apresentar uma parte do conjunto das contribuições teóricas de Olbrechts-Tyteca ao PNR, propõe-se, aqui, também averiguar em que medida essas contribuições constituem em seu todo um projeto de retórica à parte da retórica que ela produziu com Perelman. Duplo movimento, associar e dissociar as contribuições intelectuais (referências

making at the same time a substantial contribution to their collaboration” (FRANK; BOLDUC, 2010, p. 159). Escolhemos a expressão “alguém de importância” para traduzir a expressão, visto *chair* significar “presidência”; nesse sentido, alguém que preside, comanda, direciona.

e formulações conceituais) dos dois autores para um mesmo projeto, a fim de entender como tais contribuições se relacionam no interior desta teoria construída de modo cooperativo, este é o exercício proposto para tentar averiguar tais hipóteses.

1.3 OBJETO DA PESQUISA

As pesquisas de Warnick (1997) e Frank e Bolduc (2010) permitem concluir que Olbrechts-Tyteca foi intelectualmente primordial para o PNR. Dentre os resultados obtidos por essas pesquisas, destacam-se as seguintes proposições como relevantes para este trabalho de Doutorado, tomadas aqui como premissas: 1) Olbrechts-Tyteca contribuiu diretamente para o chamado *rhetorical turn* nas pesquisas de Perelman a partir de 1947, quando passam a trabalhar em conjunto (FRANK; BOLDUC, 2010, p. 159); e 2) a Nova Retórica desenvolvida por Olbrechts-Tyteca, principalmente após 1958, se volta ao aspecto literário e tem como reflexão central o cômico da retórica (WARNICK, 1997, p. 83 e FRANK; BOLDUC, 2010, pp. 159-160). Essas proposições são utilizadas para delimitar o objeto de estudos desta tese, pois contribuem para reflexões a partir de questionamentos sobre como Olbrechts-Tyteca, especificamente, influencia Perelman na virada retórica em suas pesquisas, se existem e como se dividem (e se juntam depois) essas três retóricas, como esse *blend* funciona positiva e negativamente, e, por fim, verificar se há mesmo esse *blend*, para entender como se constitui e como funciona sua nova retórica em particular.

Levando em conta tais proposições e questionamentos, este trabalho de Doutorado toma como objeto de análise *Le comique du discours*, publicado em 1974 por Olbrechts-Tyteca, visto essa obra desenvolver os aspectos apontados como característicos à sua retórica inspirada na literatura e no cômico.²⁶ Para analisar *Le comique*, foram lidos e considerados todos os demais trabalhos solo de Olbrechts-Tyteca e também os em coautoria com Perelman, quando necessários, para retomar alguma questão relevante para sua contribuição a este projeto teórico. Em especial, considerou-se o *Tratado da argumentação*, publicado em 1958, e o artigo “Lógica e Retórica”, publicado em 1950, ambos produzidos em coautoria e fundamentais para a compreensão das bases teóricas e conceituais do Projeto Nova Retórica. Sendo o objetivo desta tese analisar as contribuições de Olbrechts-Tyteca a fim de se provar a existência e compreender como se constitui sua retórica propriamente dita, e sabendo que sua suposta retórica participa

²⁶ Este tratado sobre o cômico da retórica encontra-se em Língua Francesa e está disponível no repositório de obras digitalizadas da Universidade Livre de Bruxelas. Disponível em: http://digistore.bib.ulb.ac.be/2007/DL2191476_000_f.pdf. Acesso em: 01 fev. 2025.

de um projeto mais amplo, não se pode ignorar a necessidade de analisar também sua produção intelectual em conjunto com Perelman.

Assim, procurou-se, a partir da leitura e da análise de *Le comique*, em contraste com a produção em coautoria entre os proponentes do PNR, identificar elementos teóricos de Olbrechts-Tyteca. Através dessa análise contrastiva, pode-se afirmar quais desenvolvimentos teóricos apresentados, por exemplo, no *Tratado da argumentação*, são de autoria de Olbrechts-Tyteca, quais são de Perelman e quais pertenceriam à autoria de ambos, em conjunto. Observe-se que a dificuldade em apontar os elementos teóricos desenvolvidos por ambos a princípio foi resolvida pelo fundamento, já mencionado, de que há uma separação entre as formas de linguagem consideradas pelos pensadores. Esse ponto de inflexão, que une uma concepção de argumentação como característica de textos cômicos oriundos da literatura e uma concepção de argumentação como característica de textos filosóficos oriundos da tradição ocidental, é objeto de interesse desta tese de Doutorado. Nesse sentido, foi preciso selecionar algumas noções comuns a ambas as retóricas, a fim analisar essas diferenças.

Partindo da Historiografia da Linguística, esta pesquisa procurou estudar aquelas noções que podem ser aproximadas de uma reflexão sobre a linguagem no interior do Projeto Nova Retórica. Assim, noções como argumentação, retórica, discurso, linguagem, auditório, técnica e análise argumentativa serão exploradas e analisadas ao longo desta investigação. Para isso, foi realizada a leitura integral da obra *Le comique du discours* e a seleção de algumas de suas partes para a elaboração deste estudo. Procurou-se, ademais, analisar especialmente as partes do texto que oferecem contribuições próprias de Olbrechts-Tyteca ao projeto teórico dela e de Perelman. Também, foram lidos e analisados seus demais artigos solo e em coautoria com Perelman. Todavia, os fragmentos em que se identificam de modo mais claro suas contribuições encontram-se nos dois primeiros capítulos de *Le comique*. Quando analisada, essa obra apresenta elementos que permitem repensar certas formulações bastante difundidas sobre a Nova Retórica, por exemplo: a de que ela não oferece uma reflexão mais sistematizada sobre a noção de linguagem (PLANTIN, 2008, p. 46; AMOSSY, 2020, p. 24; DEARIN *apud* ALVES, 2015, p. 76).

Logo, esta tese de Doutorado argumenta que a contribuição de Lucie Olbrechts-Tyteca para o PNR se apresenta do modo original e pode ser melhor compreendida por meio de uma análise detalhada de *Le comique du discours*. Utilizando uma perspectiva linguístico historiográfica, a pesquisa procura demonstrar que a contribuição da autora ao PNR apresenta uma abordagem original do cômico da argumentação fundamentada em uma perspectiva material linguística e na análise da arbitrariedade inerente à análise da argumentação.

Assim, cumpre demonstrar qual sua compreensão sobre a linguagem e seu papel na argumentação, além de evidenciar como sua teorização se estrutura, sobremaneira, em uma reflexão sobre a linguagem argumentativa e cômica e sobre suas formas materiais linguísticas catalogadas como um conjunto de técnicas.

1.4 METODOLOGIA

Esta pesquisa considera o campo da Historiografia Linguística como teoria e metodologia para o estudo da produção intelectual de Lucie Olbrechts-Tyteca dentro do Projeto Nova Retórica, uma vez que tais contribuições são relevantes para o desenvolvimento de uma reflexão sobre a linguagem no interior do Projeto. Partindo de uma abordagem “crítica” da História, Koerner (2014a, p. 10) compreende a Historiografia Linguística em contraposição às abordagens “monumental” e “antiquarista”. Inspirado em Nietzsche²⁷ e em sua abordagem crítica, Koerner se contrapõe a uma forma “ingênua” de observar a História. Dessa forma, seus objetivos são um pouco diferentes quanto aos de outra disciplina, cujos métodos e objetos se assemelham muito aos da Historiografia Linguística – a Filologia. Do ponto de vista prático, ou seja, partindo da execução dos estudos empreendida pelos dois métodos, pode-se dizer que as análises são muito parecidas. No entanto, há uma diferença de escopo, sendo o corpus do filólogo muito mais amplo que o do historiador das ciências da linguagem.²⁸

O filólogo é um erudito, alguém que conhece muito bem outras culturas e línguas, pois é através dos textos dessas culturas que ele as conhece. Já o historiador das ciências da linguagem se atém a um conjunto menor, mas não específico, de textos transmitidos do passado. Ele se ocupa apenas dos textos que se referem à linguagem como objeto de reflexão em algum nível, o que abrange desde a poesia épica de Homero aos tratados e diálogos filosóficos na Antiguidade, chegando a livros, compêndios, artigos e várias formas de produção e circulação do conhecimento linguístico na sociedade contemporânea. Se a edição crítica de textos é um

²⁷ Partindo de Nietzsche, o autor apresenta três visões sobre a história: “(1) a monumental (‘monumentalisch’), (2) a antiquária (‘antiquarisch’) e (3) a abordagem crítica (‘kritisch’) – que servem para entender a história em relação a) àquele que é ativo e que se esforça (‘Thätiger und Strebender’), b) àquele que é conservador e reverente (‘Bewahrender und Verehrender’) e c) àquele que sofre e necessita de libertação (‘Leidender und der Befreiung Bedürftiger’), respetivamente” (KOERNER, 2014a, p. 10).

²⁸ Conforme Eric Auerbach: “A filologia é o conjunto das atividades que se ocupam metodicamente da linguagem do homem e das obras de arte escritas nessa linguagem. Como se trata de uma ciência muito antiga, e como é possível ocupar-se da linguagem de muitas e diferentes maneiras, o termo filologia tem um significado muito amplo e abrange atividades assaz diversas. Uma de suas formas mais antigas, a forma por assim dizer clássica e até hoje considerada por numerosos eruditos como a mais nobre e a mais autêntica, é a edição crítica de textos” (AUERBACH, 2015 [1948], p. 11).

método aperfeiçoado da Filologia, pode-se pensar na Historiografia Linguística como um método equivalente para o historiador das ciências da linguagem. Além disso, pode-se dizer que ambas têm em comum justamente a perspectiva crítica sobre a leitura e análise de textos.²⁹

Para a Historiografia Linguística, não se trata de explicar um texto, mas uma disciplina ou um escopo teórico dentro de uma disciplina. No caso das contribuições intelectuais de Olbrechts-Tyteca ao Projeto Nova Retórica, trata-se de explorar como suas próprias formulações contribuem para o desenvolvimento das noções como as de técnica e análise da técnica argumentativa existentes no escopo teórico dessa teoria da argumentação. Para isso, é preciso, antes de situar de modo explícito a produção intelectual de Olbrechts-Tyteca dentro deste projeto, contextualizar de modo abrangente e explicativo como a teoria da argumentação intitulada Nova Retórica enquadra seu escopo teórico a partir da tradição de estudos da Retórica. Para essa abordagem crítica, duas noções se mostram muito importantes: “ciência normal” e “clima de opinião”, sendo a primeira retirada de Thomas Kuhn e a segunda de Carl Becker. O domínio dessas duas noções é pré-requisito essencial a todo historiador das ciências da linguagem.³⁰ Segundo Kuhn, enquanto a arte não destrói seu passado (Picasso não invalida Rembrandt), a ciência o faz (Einstein invalida Galileu e Newton). A partir dessa comparação, Koerner entende que a Linguística não deve ser entendida como uma “ciência” exata, uma vez que o surgimento de uma nova teoria não invalida a existência de outra; pelo contrário, o que se tem é o diálogo de várias perspectivas dentro de uma mesma disciplina, convivendo de modo bastante salutar dentro dos departamentos, domínios de análise e práticas de linguagem (KOERNER, 2014a, p. 15).

Essas reflexões permitem tecer observações quanto à Retórica, uma vez que não se pode dizer que esta forma de conhecimento sobre a linguagem progrediu ao ponto de as vertentes atuais terem eliminado as perspectivas anteriores. Pelo contrário, tem-se no campo da Retórica e da Argumentação uma porção de teorias e perspectivas diferentes que convivem entre si. Dentre a bibliografia que traça a história da teoria da argumentação no século XX em diversos contextos culturais e demonstram esse convívio entre teorias (PLANTIN, 1990, 2008;

²⁹ Para uma compreensão mais ampla da relação entre Linguística e Filologia, ver: Koerner (2014a).

³⁰ Nas palavras do próprio Koerner, este deve estar familiarizado tanto com aquilo a que Thomas S. Kuhn chamou de “ciência normal”, como com a atmosfera intelectual geral, os fatores extralinguísticos, a situação socioeconômica etc., que, juntos, podem ter tido, de uma forma ou de outra, um impacto sobre as ideias acerca da linguagem e sobre as teorias linguísticas e métodos de análise que são característicos de um determinado período no desenvolvimento da ciência linguística. A noção paradigmática de Kuhn e o conceito de Carl Becker de um “clima de opinião” – se redefinidos com o propósito de escrever a história da linguística – parecem-me ser os pilares sobre os quais uma historiografia linguística pode repousar (KOERNER, 2014a, p. 12).

BRETON e GAUTHIER, 2001; ADAM, 2002; MOSCA, 2004; AMOSSY, 2008, 2010, 2011; MASSMAN, 2010, 2017; ZAREFSKY, 2011), destaque-se o livro *Introdução às teorias da argumentação* (PIRIS; GRÁCIO, 2023) como bom exemplo da pluralidade de perspectivas argumentativas, mesmo quando conflitantes entre si. O livro apresenta doze artigos escritos por diversos estudiosos e estudiosas da argumentação em suas distintas abordagens; todos pesquisadores vinculados a instituições brasileiras. Estes artigos, de conjunto, abordam a especialidade desses estudiosos e seus grupos de estudo, o que abarca uma diversidade de teorias, indo desde as teorias fundacionais do campo da argumentação no século XX – cujas obras magnas são o *Tratado da argumentação*, de Perelman e Olbrechts-Tyteca, e *Os usos do argumento*, de Stephan Toulmin³¹ – até as teorias derivadas ou inspiradas nessas bases. Esse convívio entre diversas perspectivas teóricas, por óbvio, não é harmonioso, justamente por se tratarem de explicações distintas para um mesmo fenômeno: a argumentação. Nesse sentido, é factível que, a depender do contexto, algumas perspectivas se sobreponham a outras.

No Brasil, a produção acadêmica sobre a argumentação encontra-se em diversas áreas, e a presença da Nova Retórica como teoria de inflexão dentro das mais diversas disciplinas é bastante significativa. Por exemplo, no campo jurídico filosófico tem-se como exemplo os trabalhos de Nerbal de Marsillac (2020), muitos deles reunidos em seu livro *Retórica e Direitos Humanos*, cuja abordagem reflete sobre os direitos humanos partindo da revalorização da retórica contemporânea sob inspiração da obra de Perelman.³² No campo filosófico, tem-se o livro de Marco Antônio Sousa Alves (2015), *Perelman e a argumentação filosófica*, que analisa a abordagem de Perelman, visando a compreender o discurso filosófico, composto também por elementos chamados retóricos.³³ No campo literário, a obra fundamental de Tringale (2014), *A retórica antiga e as outras retóricas*, aborda a Retórica de um ponto de vista histórico para

³¹ Na apresentação do livro, seus organizadores afirmam: “oferecemos ao leitor de Língua Portuguesa, pesquisador formado ou em formação, interessado nos estudos da argumentação, uma obra de referência sobre as principais teorias contemporâneas da argumentação surgidas a partir de meados do século XX sob o impulso dos marcos fundadores de Perelman e Olbrechts-Tyteca, com o *Traité del’argumentation*, e de Stephan Toulmin, com seu *The Uses of Argument*, as quais vêm fundamentando os estudos acadêmicos na área de Letras e Linguística, bem como de Filosofia, Comunicação, Direito, Psicologia e tantas outras” (PIRIS; GRÁCIO, 2023, p. 8).

³² De uma perspectiva pós-moderna inspirada em autores como Norberto Bobbio e Boaventura de Sousa Santos, desenvolve-se uma perspectiva de racionalidade pautada na crítica que Perelman promove contra Descartes, retomando do escopo do Projeto Nova Retórica uma série de noções teóricas, por exemplo comunidade de espíritos, amplamente desenvolvida no capítulo “Direitos humanos e comunidade internacional de espíritos” (MARSILLAC, 2020, pp. 37-50).

³³ Para isso, parte do conceito de auditório universal, a fim de delinear sua compreensão, situando de modo mais preciso a Nova Retórica de Perelman no debate contemporâneo. Trata-se de obra essencial para se conhecer conceitualmente a retórica filosófica de Perelman e sua recepção crítica. Sobre o assunto, conferir o capítulo “Balanço crítico da abordagem de Perelman” (ALVES, 2015, pp. 215-285).

situá-la no mundo contemporâneo. Da perspectiva de Tringale, a Nova Retórica de Perelman é compreendida como retórica restritiva, pois restringe sua abordagem a *inventio* e a *dispositivo*, e estaria ao lado de muitas outras inauguradas desde as formulações de Petrus Ramus (1525, 1572). Não se pode dizer que a obra de Tringale discute de maneira profunda a produção intelectual de Perelman; no entanto, é possível perceber no cerne de sua argumentação uma predileção pelo tipo de restrição que a retórica de Perelman propõe.³⁴

Com abordagens e níveis distintos de apreensão da teoria da argumentação desenvolvida pelo PNR, essas obras consideram a relevância dessa teoria para o debate intelectual e para a abordagem que fazem de seu próprio objeto de estudos. No entanto, essa teoria ganha muito mais visibilidade quando se observa sua presença na área de Letras e Linguística, haja vista sua influência nas chamadas teorias do discurso, como, por exemplo, a obra *Argumentação*, de José Luiz Fiorin (2018), cuja forma e conteúdo remetem diretamente ao *Tratado da argumentação* para a elaboração de uma teoria da argumentação pautada na enunciação e no dialogismo. Trata-se de um bom exemplo da aplicação da catalogação das técnicas argumentativas descritas no *Tratado* a exemplos retirados dos mais variados gêneros em circulação na sociedade brasileira. Essa influência da abordagem discursiva da argumentação apresentada por Fiorin parece bastante inspirada na produção intelectual de Ruth Amossy, grande conhecedora e propagadora da Nova Retórica no campo dos Estudos do Discurso. Sua obra magna, *L'argumentation dans le discours* (2010 [2000]), já era bastante conhecida no Brasil antes de sua tradução *A argumentação no discurso* (2020), havendo artigos seus publicados em periódicos especializados nesse campo de concentração da área Letras e Linguística, como, por exemplo, na Revista de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, organizada desde 2011 pelo professor Eduardo Lopes Pires, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

Tais considerações demonstram a relevância da Historiografia Linguística para a análise do objeto de estudos desta tese. Em todas essas áreas e nas referências aqui apresentadas, a abordagem feita do PNR contempla, em sua maioria, o que Frank e Bolduc (2010) definem

³⁴ Essa predileção por Perelman se dá em relação a Barthes, cuja Retórica Geral tinha como objetivo desenvolver uma nova crítica pautada na semiótica do estilo. Tringale não só apresenta um “Juízo de valor sobre esse movimento”, que restringe o estudo da retórica aos tropos (ao estilo), como lança mão de Perelman para bem fundamentar sua visão: “Independentemente de que a Retórica Geral não substitua a velha Retórica que continua mais viva do que nunca, nada obstante, ela representa uma inestimável contribuição ao aprofundamento do estudo das figuras. Particularmente nesse ponto e em muitos outros, ela se torna imprescindível e merece todo louvor. Na verdade, de acordo com a observação de Perelman, esse grupo fica à margem da Retórica, uma vez que só se preocupa com o valor estilístico e não com o valor argumentativo das figuras. Ora, a Retórica é a arte de persuadir convencendo, comovendo e agradando” (TRINGALI, 2014, p. 260).

como o aspecto perelmaniano do projeto. Sem querer explorar as causas possíveis para a sobreposição das contribuições de Perelman em relação às de Olbrechts-Tyteca, esta investigação pretende analisar as contribuições teóricas desta intelectual para o estudo da técnica do cômico e da técnica argumentativa, por consequência. Suas contribuições aos estudos da argumentação são muito relevantes, pois consideram a materialidade do discurso argumentativo, sobre o qual sua obra tece uma série de considerações e definições. Além disso, essa abordagem material (mas não materialista) abre margem para se pensar como a análise pode ser influenciada, a depender da forma como a linguagem se apresenta. Por conseguinte, tais contribuições podem, portanto, ser estudadas da perspectiva da Historiografia Linguística.

Koerner (2014b) considera que a abordagem metodológica mais apropriada para a Historiografia Linguística é desenvolvida a partir de três princípios básicos: *contextualização*, *imanência* e *atualização*. Entretanto, considerando não haver uma única forma de se realizar uma análise da historiografia linguística, visto esta ciência estar em fase de desenvolvimento³⁵, Koerner reflete inicialmente sobre a importância de se distinguir entre história e historiografia. Essa distinção busca marcar uma diferença fundamental com os trabalhos produzidos até então no campo da chamada História das ideias, dentro do qual se insere a História das ideias linguísticas, cujos métodos não são muito claros ou se afastam dos objetivos da Historiografia Linguística. Desde a década de 1970, vários pesquisadores interessados pela história da Linguística têm proposto uma abordagem metodológica mais organizada para as pesquisas desta área. Logo, neste primeiro momento, uma abordagem “paradigmatista” – embasada na obra de Thomas Kuhn – ganhou bastante força. O próprio Koerner considera a importância desse momento da abordagem kuhniana³⁶, ainda que proponha algumas ressalvas a essa teoria.³⁷

³⁵ “[...] ainda não se pode dizer que haja, num grau satisfatório, uma única forma de proceder na investigação historiográfica na linguística, ou cânones estabelecidos que sejam amplamente aceites pela comunidade académica” (KOERNER, 2014b, p. 46).

³⁶ O artigo referido no tópico anterior, “A importância da historiografia linguística e o lugar da história da ciência da linguagem”, foi publicado originalmente em 1974 (KOERNER, 2014a). Nele, Koerner considera a relevância da noção de ciência normal em Kuhn para os objetivos da Historiografia Linguística.

³⁷ Esse debate é extenso e denso, mas vale uma nota, apontando – na visão de Koerner – algumas das razões que influenciaram o papel que a teoria dos paradigmas científicos teve para a historiografia da linguística na década de 1970: “Houve, claro, várias razões para que Kuhn tivesse sido tão entusiasticamente acolhido por vários cientistas sociais e comportamentais, embora o seu livro visasse as ciências naturais, em particular, a física teórica. De entre elas, a falta de conhecimento do trabalho de outros filósofos da ciência e de historiadores, anteriores e contemporâneos, a falta de precisão de muitas das definições de Kuhn (o que permitia diferentes interpretações do seu argumento) e a sua ênfase na dinâmica social que envolvia tais mudanças, que agradavam especialmente aos cientistas sociais. Por outras palavras, pode ter sido o carácter aberto do livro de Kuhn que fez com que este ficasse, por sua vez, paradigmático (outra razão para o sucesso do livro nas ciências sociais parece dever-se ao facto de Kuhn ter derivado várias componentes da sua obra, inclusive o conceito de ‘paradigma’, das chamadas

Além disso, Koerner faz várias incursões em outros campos históricos, como a História geral, a História intelectual, a História e Filosofia da ciência e das abordagens sociológicas da história, para sugerir que “a história da linguística tem alguma coisa a aprender com todas estas disciplinas e subdisciplinas” (KOERNER, 2014b, p. 55). Porém, nenhuma delas poderá oferecer um guia definitivo para uma abordagem historiográfica da história da Linguística. Essa abordagem, na visão de Korner, se concretiza por meio da utilização dos três princípios norteadores da pesquisa em Historiografia Linguística, que explicamos abaixo, os quais têm como objetivo contribuir para que o historiador da linguagem evite certos problemas oriundos da linguagem técnica por ele próprio utilizada.

Pelo *princípio da contextualização*, Korner (2014b, p. 58) entende o clima de opinião em que a teoria linguística estudada surgiu e se desenvolveu. Esse princípio leva em consideração que as ideias linguísticas não se desenvolvem independentemente de outras correntes intelectuais do período em que surgem, recebendo também influência do contexto político e econômico em que se desenvolvem. Por *imanência*, Koerner (2014b, p. 59) entende que a historiografia deva apresentar “uma compreensão completa do texto linguístico em questão, tanto do ponto de vista histórico, como crítico, talvez até mesmo filológico”. Isto, por sua vez, leva em consideração que o objeto de estudos seja explicado – a partir de seus próprios termos e noções – como teoria linguística. Tal exercício visa, portanto, demonstrar que o objeto de estudo (seja ele um tratado, livro, compêndio, artigo etc.) apresenta em seu conteúdo uma reflexão acerca da linguagem em algum nível, ou seja, que a reflexão sobre a linguagem é imanente a ele, emana dele. Já por *atualização*, Koerner (2014b) entende algo que se traduz como um princípio de adequação. Trata-se do momento em que “historiógrafo pode aventurar-se a introduzir aproximações modernas do vocabulário técnico e do quadro conceptual apresentado na obra em questão” (KOERNER, 2014b, p. 59). Este princípio – quando aplicado ao objeto desta tese – permitirá apontar quais adequações há nessas contribuições de Olbrechts-Tyteca.

Esses três princípios foram aplicados ao estudo da nova retórica de Olbrechts-Tyteca, materializada em *Le comique du discours*. No entanto, ressalte-se que a divisão dos capítulos desta tese não é correlata de modo exato à ordem de apresentação deles. Assim, os princípios de imanência e atualização aparecem de modo mais claro apenas no quarto capítulo e na conclusão, embora no terceiro capítulo já haja alguns elementos de análise de textos de

disciplinas ‘intelectuais’, das Humanidades – não há palavra em inglês satisfatoriamente equivalente ao termo alemão *Geisteswissenschaften*)” (KOERNER, 2014b, pp. 47-48).

Olbrechts-Tyteca. Já o princípio de contextualização é explorado em todo o segundo capítulo e em parte do terceiro, com uma inflexão mais direta ao clima de opinião das formulações teóricas próprias à Olbrechts-Tyteca. A divisão desses capítulos e seus conteúdos será melhor apresentada a seguir.

1.5 ORGANIZAÇÃO DAS PARTES DO TEXTO

O Capítulo 2 procura contextualizar o Projeto Nova Retórica a partir de abordagens que objetivam reconstruir o que se convencionou chamar o “retorno” da retórica no século XX. Como ponto de partida para esta abordagem, toma-se aqui a análise de David Wellbery (1998) em seu artigo “Retoricidade: sobre o retorno modernista da retórica”, cujas reflexões estão vinculadas à literatura e à filosofia da desconstrução. Essa abordagem possibilita compreender o processo de transformação da retórica antiga (entendida como instituição social) em retórica modernista/pós-modernista (entendida como área a ser explorada em diversos campos disciplinares). Como contraponto a esta abordagem, toma-se aqui análise crítica de Boaventura de Sousa Santos em diversas obras, cujas reflexões estão vinculadas à Sociologia, à Epistemologia e ao Direito. Essa perspectiva possibilita-nos compreender o papel que a Retórica (e a Nova Retórica, em especial) cumpre no paradigma da “qualidade”, emergente na pós-modernidade, entendido como superação das ideias modernas, pertencentes ao paradigma da “quantidade”. Não sendo apenas teóricas, as motivações para a elaboração do Projeto Nova Retórica (PNR) advêm também do contexto sócio-histórico, em especial da Segunda Guerra Mundial e, principalmente, dos momentos que a sucederam, conforme desenvolvido por Frank e Bolduc (2004) e Bolduc (2020, p. 11). Além disso, não se pode deixar de observar a influência do contexto de produção intelectual e sócio-histórico da própria Bélgica e da Universidade Livre de Bruxelas (DOMINICY, 2006; MEYER, 1994, 2010; NICOLAS, 2015), a fim de melhor se contextualizar a produção das ideias linguísticas no escopo do PNR.

O Capítulo 3, por sua vez, aborda o contexto de produção do PNR a partir de uma perspectiva sócio-histórica, de modo a entendê-lo como uma reação à degradação humana decorrente da Segunda Guerra Mundial, e como resultado de um *rhetorical turn*. Essa abordagem é desenvolvida a partir da obra *Translation and Rediscovery of Rhetoric*, de Michelle Bolduc (2020, p. 9), trabalho resultado de décadas de pesquisa sobre o PNR e da tradução e comentário, para a Língua Inglesa, de diversos textos desse projeto. A tese de Bolduc sustenta que o *rhetorical turn* operado por Perelman e Olbrechts-Tyteca tem correlações e afinidades com o *linguistic turn* operado nos âmbitos da Filosofia analítica e da literatura do

início do século XX e com o pós-estruturalismo do pós-guerra (BOLDUC, 2020, p. 9). De acordo com Bolduc, para compreender de maneira mais clara o *rhetorical turn* operado no âmbito do PNR, é preciso observar uma ideia fundamental: o papel da tradução na transferência da retórica antiga e em sua atualização para um contexto contemporâneo. Assim, através da tradução do artigo “Rencontre avec la rhétorique”, de Olbrechts-Tyteca (1963), Bolduc identifica no PNR as influências de Jean Paulhan e das traduções que este faz de Bruneto Latini, que, por sua vez, traduzia Cícero e seu *De inventione*. Medievalista, tradutora e estudiosa da Retórica, Bolduc propõe uma análise minuciosa dessa cadeia de influência em volta do PNR e identifica algumas semelhanças entre todas, sendo as principais estas: a situação de exílio e o contexto de conflito que envolve seus autores, e a prática da *translatio* exercida no âmbito das retóricas que cada um deles propõe. Essa abordagem possibilita precisarmos o conjunto das influências trazidas por Olbrechts-Tyteca e compreendermos de modo mais nítido suas contribuições ao PNR, além de como este se posiciona em relação ao resgate da retórica e suas tradições de pensamento.

Seguindo, o Capítulo 4 analisa as contribuições originais de Lucie Olbrechts-Tyteca para o PNR, centrando-se em sua obra solo *Le comique du discours*. Visando compreender como esta se relaciona com o *Tratado da argumentação* (escrito com Perelman), observa-se nela uma perspectiva distinta e aprofundada sobre temas comuns ao *Tratado*. Seu foco é o “cômico da retórica”: como a própria estrutura e técnica argumentativa geram o efeito cômico, diferentemente do humor usado na retórica como ferramenta persuasiva. Nesse sentido, ela enfatiza a análise da *técnica* através da *materialidade* da linguagem, privilegiando exemplos literários, o que contrasta com a ênfase filosófica do *Tratado*. Dentre suas principais afiliações teóricas, destacam-se Eugène Dupréel (dimensão social do riso) e Henry Bergson (cômico criado pela linguagem), mas, principalmente, Freud e sua técnica do chiste, da qual Olbrechts-Tyteca adota seu *método da redução* e a distinção forma/conteúdo para isolar os elementos linguísticos que produzem o cômico. Este capítulo permite identificar uma contribuição central e original de Olbrechts-Tyteca, evidenciada em *Le comique* e com raízes no *Tratado*, a saber: a *arbitrariedade* da análise argumentativa. Por fim, o Capítulo 4 procura enfatizar o papel de Olbrechts-Tyteca como conceitualizadora (WARNICK, 1997) e demonstrar como as noções de *técnica argumentativa* e *análise da técnica* são elaboradas em sua retórica (FRANK; BOLDUC, 2010).

2 DUAS PERSPECTIVAS SOBRE O “RETORNO” DA RETÓRICA NO SÉCULO XX

Nas ciências da linguagem – expressão que abarca toda forma de conhecimento acerca dos fatos e fenômenos que envolvem a linguagem – podem-se notar certas sobreposições (históricas e filosóficas) no desenvolvimento de uma série de teorizações, como é o caso das formulações teóricas do pós-modernismo e do pós-estruturalismo. Embora se confundam em alguma medida, essas expressões, quando aplicadas ao campo da linguagem, designam abordagens distintas dos fatos e fenômenos a que se referem, visto dialogarem com tradições teóricas diferentes. Para os objetivos desta tese, refletir sobre as características dessas duas correntes se faz necessário, uma vez que ambas se desenvolvem e ganham força no mesmo período histórico em que se deu o desenvolvimento do Projeto Nova Retórica, isto é, a partir da segunda metade do século XX. O projeto teórico de Perelman e Olbrechts-Tyteca dialoga de modo direto seja com o pós-modernismo³⁸, seja com o pós-estruturalismo? Se sim, onde e como é possível identificar esse diálogo no PNR? Em específico, qual a posição das contribuições intelectuais de Olbrechts-Tyteca dentro desses debates? São essas algumas questões que orientam a escrita deste capítulo.

Segundo Michael Peters (2000, p. 9), é preciso distinguir essas duas perspectivas, a fim de se avaliarem suas respectivas genealogias. O pós-estruturalismo, a título de distinção, toma como objeto teórico o “estruturalismo”, enquanto o pós-modernismo toma o “modernismo”³⁹(aspas do autor) como seu objeto de reflexão. Nesse sentido, esses dois fenômenos (expressão utilizada pelo próprio autor) constituem, cada um à sua maneira e sob vários aspectos, tentativas de superar aquilo que os precede e ao qual procuram se contrapor. A tese de Peters é a de que ambas as correntes podem e devem ser distinguidas, de modo que não se confundam os termos e não se subordine o pós-estruturalismo ao pós-modernismo, como sugerem alguns críticos (PETERS, 2000, p. 12). No entanto, mesmo sendo separáveis essas duas “correntes” de pensamento do século XX, Peters não deixa de observar o fato de elas se sobrepor em certa medida. Com o objetivo de compreender melhor tal sobreposição, é preciso apresentar o desenvolvimento histórico oferecido por ambas as perspectivas, tomando

³⁸ A expressão *pós-modernismo* será utilizada como sinônimo de pós-modernidade e pós-moderno, não se distinguindo seus usos, portanto. Consideramos que haja uma possível distinção entre esses termos, no entanto, não se trata de uma distinção essencial. Em certo sentido, pós-modernidade pode ser associado ao movimento teórico filosófico mais amplo, enquanto pós-modernismo e pós-moderno podem ser associados aos teóricos e mesmo artistas que aderem a essa perspectiva teórica em alguma medida.

³⁹ A expressão mais adequada neste contexto seria modernidade, pois “modernismo” é um termo que se relaciona, na Língua Portuguesa, à literatura do início do século XX.

como base formulações de seus representantes.

2.1 NEORRETÓRICA E DESCONSTRUÇÃO: A RETORICIDADE COMO CARACTERÍSTICA DE UMA ÉPOCA

Para argumentar em favor do ressurgimento da retórica na modernidade, é necessário apresentar os pontos de ruptura entre essa Retórica Modernista e sua predecessora, a Retórica Antiga. Essa é a abordagem proposta por David Wellbery (1998 [1990]), que defende que tais rupturas estão presentes não apenas no modo como a própria retórica é entendida (da retórica antiga como instituição social da fala à retórica modernista, como condição social de toda e qualquer manifestação discursiva), mas também nas condições históricas, sociais e culturais ocorridas no período de declínio da retórica como instituição.⁴⁰ Reformuladas as condições de declínio da retórica como instituição, ela ressurge na modernidade segundo as características próprias de seu tempo. Em artigo publicado em 1990, Wellbery busca demonstrar as descontinuidades da retórica modernista ou pós-modernista⁴¹ em relação à sua predecessora clássica. Segundo Wellbery, as bases para essa compreensão estão localizadas no período que abarca os séculos XVII e XIX, ou seja, no Iluminismo e no Romantismo. Neste, vários fatores causaram e acompanharam a deposição da retórica e fundiram-se a estas duas tendências históricas principais, de modo que a primeira (o Iluminismo) eliminou a retórica do discurso teórico e prático e a segunda (o Romantismo) do discurso imaginativo ou estético (WELLBERY, 1998, p. 13).

Nessa perspectiva, a deposição da retórica coincide com a modernização, com a substituição de uma organização simbólico religiosa da vida social e cultural por formas racionalizadas, com a mudança gradual de uma estratificação social diferenciada para uma

⁴⁰ Compreender o significado da retórica hoje é compreender por que e de que maneira ela é descontínua em relação ao seu passado (WELLBERY, 1998, p. 12).

⁴¹ É importante destacar que, para D. Wellbery, os termos “modernismo” e “pós-modernismo” são abordados em conjunção ou como sinônimos. O teórico considera que uma análise mais minuciosa daria conta da distinção desses termos, e diz que, para os propósitos do artigo em questão, “parece mais prático considerar o pós-modernismo como a radicalização das tendências já presentes no modernismo” (WELLBERY, 1998, p. 44). A fim de evitar confusão com o uso da nomenclatura, escolheu-se utilizar nesta tese a expressão “pós-modernismo”, ao tratar da abordagem proposta por Wellbery, que retoma a retórica de uma perspectiva literária – daí sua preferência em usar “modernismo” em seu artigo sobre a noção de *retoricidade*. Concordamos com Wellbery sobre a importância que uma análise mais detida desses termos permitiria compreendermos com mais clareza sua separação e junção. Contudo, essa tarefa nos levaria para análises que fogem ao objetivo desta tese. Assim, optamos por generalizar pós-modernismo, pós-moderno, pós-modernidade e modernismo como pertencentes ao mesmo movimento geral de mudança de paradigma nas ciências ocorrido no início do século XX e influente em diversas áreas do conhecimento, inclusive na retórica, conforme desenvolveremos ao longo deste capítulo.

sociedade que opera ao longo de eixos funcionais (WELLBERY, 1998, p. 15). O Iluminismo e a “ciência” moderna postuladas pelo filósofo Francis Bacon (1561-1626) são, assim, entendidos como a primeira manifestação antirretórica da modernização. Segundo Wellbery, as teses de Bacon se aproximam das de Platão, ou das de Sócrates, com relação aos ataques contra os sofistas. Entretanto, “enquanto Platão atribui uma ascendência dialética ao domínio das ideias suprasensíveis como alternativa à retórica, Bacon concebe um discurso a-retórico que se sustentaria nos dados empíricos da natureza.” (WELLBERY, 1998, p. 15). A ciência concebida por Bacon mostra, portanto, uma mudança nas relações de poder que definem o discurso. Este passa a ser visto como capaz de transparecer a realidade empírica das coisas e, subsequentemente, como domínio sobre a natureza.

Considerado o “fundador” da ciência moderna, Descartes postula o *cogito* como fundamento inquebrantável da certeza, gerando, ao mesmo tempo, o sujeito impessoal e abstrato da ciência no Iluminismo, e o sujeito criativo e autoformador do Romantismo. Para Wellbery, os pensadores do Iluminismo não apenas praticaram um novo discurso, mas também o fundamentaram teoricamente, vide a Lógica de Port-Royal de Arnauld e Nicole, tributária de Descartes, e a arte retórica de Thomas Hobbes. Esforços não foram medidos na tentativa de fazer da linguagem um espelho fiel da realidade: o telescópio de Galileu pode ser entendido como emblema dessa situação des-retorizada na qual se insere o discurso científico, visto ser um instrumento de visão, não de persuasão (WELLBERY, 1998, p. 19). Este pesquisador chega a definir como “sonho” a tentativa do filósofo Leibniz de construir um cálculo filosófico que fosse capaz de reproduzir a linguagem das próprias coisas, uma *ars characteristic* (WELLBERY, 1998, p. 21).

A divulgação do conhecimento promovida pelo Iluminismo e o papel da imprensa nesse processo são características deste movimento filosófico, que contribui, gradualmente, para a deposição da retórica antiga. No século XVIII, a imprensa assume o papel de *medium* dominante nas relações sociais e culturais, substituindo de vez o face a face da retórica clássica, sendo esta mais uma das condições colocadas na modernidade que contribuiu para a deposição da retórica, uma vez que esta teria tido seu ponto de partida nos encontros diretos e orais da vida cívica clássica. Mesmo enquanto se manteve, ao longo da cultura do manuscrito da Idade Média e na primeira fase da cultura da imprensa moderna, inevitavelmente a retórica se referia retrospectivamente à situação face a face da oratória. No Iluminismo, em contrapartida, pode-se dizer que “[a] retórica afundou num mar de tintas.” (WELLBERY, 1998, p. 22).⁴²

⁴² Segundo Wellbery (1998, p. 21), Kant foi quem juntou a teoria do Iluminismo com a teoria do

Outro movimento que contribui para abalar os pilares da retórica antiga é o Romantismo dos séculos XVIII e XIX, que reformulou a noção de literatura, colocando-a como um campo autônomo do discurso, dotado de leis e histórias internas únicas. Com isso, a literatura passa a ser imaginativa: “O que o Iluminismo realizou nos domínios do discurso teórico e prático, o Romantismo alcançou no domínio estético” (WELLBERY, 1998, p.22). Com o Romantismo, muda-se também a concepção do autor como origem do texto, pois a subjetividade passa a dar à obra o seu tom de identidade, e não mais a adesão a um tipo ou referência genérica, a um predecessor estimado ou um paradigma tópico (WELLBERY, 1998, p. 22). Com o surgimento da estética e com a “institucionalização da involução da retórica”, nessa perspectiva, o Romantismo representaria, portanto, a destruição final da tradição da retórica clássica.

Em resumo, Wellbery aponta cinco fatores de impossibilidade da retórica, ou seja, pressupostos culturais que, recolocando e remodelando o discurso no interior da sociedade, tornaram a prática e a doutrina tradicionais da retórica obsoletas. São eles:

1. “transparência” e “neutralidade” surgem como valores predominantes do discurso teórico e prático – o discurso científico passa a se ancorar na “objetividade”;
2. os valores de “autoria” e “expressão individual” passam a definir o domínio literário – o discurso imaginativo passa a se ancorar na “objetividade”;
3. o discurso político liberal surge como linguagem da troca comunitária;
4. o modelo oratório de comunicação é substituído pela imprensa e a publicação – a Europa passa a ser alfabetizada;
5. o Estado-nação tornou-se a unidade política central e surgem as línguas nacionais padronizadas como esfera linguística de referência para a produção e compreensão culturais (WELLBERY, 1998, p. 28).

Esses cinco fatores resumem o que Wellbery aponta como índices das transformações sociais e intelectuais geradas pelo Iluminismo e pelo Romantismo. Eles alteraram as condições da ação discursiva ao longo deste período e tornaram irrelevante a tradição retórica, que, durante séculos, tinha sido matriz organizadora da comunicação na Europa.

A tese central de Wellbery propõe que as condições para o ressurgimento da retórica no século XX são justamente a eliminação dos fatores listados anteriormente, de modo que essa repetição da tradição retórica dentro do que se passou a chamar de “pós-modernismo” somente se pôde dar quando um novo espaço cultural e discursivo se moldou, não sendo mais definido por objetivismo, subjetivismo, liberalismo, alfabetização e nacionalismo (WELLBERY, 1998,

discurso: “O Iluminismo, na visão de Kant, é um processo de comunicação crítica que se desdobra em uma esfera pública livre, esfera de discurso separada de interesses particulares e pressões de instituições e autoridades políticas e religiosas.”

p. 9). O pós-modernismo apresenta, então, a imagem inversa das premissas antirretóricas do século XVII em diante. Em resumo, suas características passam a ser:

1. perda de fé na neutralidade do discurso científico e prático; o autor no modernismo renega a autoria, processo que tem seus reflexos a partir do descentramento do sujeito pela psicanálise;
2. a explosão do modelo liberal de comunicação com a sociedade de massas e suas formas de comunicação: a publicidade, a propaganda e o marketing como exemplos da manipulação retórica como regra;
3. o destronamento da imprensa, que cede lugar às várias formas de comunicação, tornando a alfabetização – longe de ser o único acesso à cultura – meramente uma forma de processamento da informação e, a propósito, bastante restrita;
4. a destruição do modelo de língua nacional devido ao mercado urbanístico e poliglota do século XX – a tradução é o estado de coisas universal neste novo ambiente (WELLBERY, 1998, pp. 29-30).

Para Wellbery, essas tendências culturais pós-modernistas criaram as condições para um renascimento da retórica, que ressurgiu sintonizada com as estruturas específicas da cultura do século XX. Desse modo, a retórica não pode ser vista como uma “doutrina unificada”, nem como um “conjunto coerente de práticas discursivas”, mas sim como um “campo transdisciplinar de preocupação prática e intelectual” ligado a recursos intelectuais de natureza radicalmente heterogênea, e não assumindo a forma estável de um sistema ou método de educação (WELLBERY, 1998, p. 31).

Esta retórica do pós-modernismo guarda com sua predecessora clássica pouco mais que o nome, diz-nos Wellbery, que conclui ser o pós-modernismo não uma época de retórica, mas de retoricidade: “a época de uma retórica generalizada que penetra nos mais profundos níveis da experiência humana” (WELLBERY, 1998, p. 31). A retoricidade é, então, produto de um conjunto complexo de fatores históricos, sociais e culturais. Essa mudança ocorrida no estado da matéria da retórica, passando das relações face a face, de oralidade, para as mais variadas formas de relações socioculturais, sejam elas escritas ou faladas, faz com que a retórica seja vista como retoricidade. O texto impresso e seu alto poder de alcance passa a ser, por conseguinte, o elemento base da descontinuidade existente entre a nova retórica do pós-modernismo e sua predecessora antiga, fundamentada nas relações face a face. A retoricidade, como diz Wellbery (1998, p. 31), “nomeia as novas condições do discurso no mundo moderno e, assim, a categoria fundamental de toda investigação que busca descrever a natureza da ação e da natureza discursivas.”⁴³ A retoricidade é, assim, um elemento possível de ser localizado

⁴³ Wellbery, ao tratar da retoricidade como retorno da retórica no modernismo/pós-modernismo, aborda o pensamento de Nietzsche, o filósofo paradigmático da modernidade e da pós-modernidade. Nietzsche

em qualquer prática discursiva, além de tornar-se um ponto nodal nas reflexões de vários campos do conhecimento na pós-modernidade. Wellbery cita ao menos cinco abordagens disciplinares das questões retóricas, pontuando suas congruências e divergências: a nova retórica da Ciência; a retórica e a Linguística moderna; a retórica e a Psicanálise; a retórica e a Comunicação de massa; a retórica e a Pragmática; e a retórica e a Crítica Literária.

Embora não se refira à Nova Retórica desenvolvida por Perelman e Olbrechts-Tyteca, as reflexões de David Wellbery sobre a retoricidade característica das ciências no século XX possibilitam o seguinte questionamento: a partir de qual ou quais dessas abordagens disciplinares deve-se abordar o Projeto Nova Retórica? Conforme as considerações de Frank e Bolduc (2010) sobre haver no PNR ao menos duas retóricas (uma filosófica, resultada das contribuições de Perelman, e outra literária, resultada das contribuições de Olbrechts-Tyteca), não se poderia enquadrar este projeto em apenas uma das perspectivas apresentadas por Wellbery. Do mesmo modo, não parece ser possível afirmar, sem uma análise criteriosa, que o PNR aborde diversas dessas perspectivas dada a sua abrangência. O que se pode afirmar, com base em desenvolvimentos teóricos elaborados a partir desse projeto, é que a Nova Retórica estabelece um diálogo claro com a noção de ciência moderna, sendo um de seus objetivos superar a ideia de razão instaurada por esta. A produção teórica de Boaventura de Sousa Santos, cientista social e epistemólogo português, por sua vez, situa o projeto de Perelman e Olbrechts-Tyteca como participante do paradigma científico emergente na pós-modernidade e lhe atribui um papel central neste processo. Apresentar o desenvolvimento dessa teoria permitirá compreender como a Nova Retórica se aproxima do que Wellbery designa como a nova retórica da ciência moderna.

2.2 NOVA RETÓRICA E PÓS-MODERNIDADE: DA MÁXIMA DA QUANTIDADE À DA QUALIDADE

As reflexões de Boaventura Sousa Santos sobre a segunda revolução epistemológica ocorrida no decorrer do século XX podem ser designadas como o “desenvolvimento de uma hermenêutica crítica da epistemologia dominante”, revolução que se faz necessária devido à crise pela qual a ciência passa neste século (SANTOS, 2007, p. 56). As bases dessa crise

promove um resgate da retórica em ensaios de sua juventude e maturidade. Segundo Wellbery, a própria noção de retoricidade advém do pensamento de Nietzsche. “A retórica retorna, em Nietzsche, não como doutrina governando a produção e a análise de textos, não como procedimento a ser empregado dentro de determinadas situações com determinados fins, mas como uma espécie de processo imemorial – um *a priori* que o pensamento jamais poderá trazer sob controle precisamente porque o próprio pensamento é um dos feitos desse processo” (WELLBERY, 1998, p. 32-33).

estariam nas condições criadas pelo paradigma dominante até então, cujo desenvolvimento remonta aos postulados da Filosofia moderna. Logo, para entender as condições do paradigma emergente na pós-modernidade (século XX), é necessário entender as condições criadas pelo paradigma científico na modernidade (séculos XVI ao XIX). De maneira resumida, pode-se dizer que, do período moderno (representado pelo paradigma dominante do racionalismo objetivista) para o pós-moderno (representado pelo paradigma emergente), o que houve foi uma inversão da máxima da quantidade para uma máxima da qualidade. De acordo com essa perspectiva, todas as tendências analisadas e apontadas como sintomas da crise do paradigma científico dominante podem ser entendidas como manifestações do regresso ao topos da qualidade (SANTOS, 2007, p. 102).

Boaventura Santos entende que o paradigma dominante se constitui a partir da revolução científica do século XVI e foi desenvolvido, nos séculos seguintes, basicamente no domínio das ciências naturais. Apesar de prenúncios no século XVIII, é apenas no XIX que este modelo de racionalidade se estende às ciências sociais, de modo que, a partir daí, pode-se falar de um modelo global e totalitário de racionalidade. Este modelo é totalitário, na medida em que nega o caráter racional a todas as formas que não se embasam em seus princípios epistemológicos e por suas regras metodológicas (SANTOS, 2005, p. 21).

Dessa maneira, certas formas de conhecimento passam gradualmente a ser entendidas como conhecimento não científico. Essa confiança epistemológica dos racionalistas se inspira na razão filosófica fundamentada por Bacon e Descartes, tendo como base o método: “Ao contrário da ciência Aristotélica, a ciência moderna desconfia sistematicamente das evidências da nossa experiência imediata. Tais evidências, que estão na base do conhecimento vulgar, são ilusórias” (SANTOS, 2005, p. 24). Por essa razão, a matemática ocupa um lugar central na ciência moderna, pois apenas ela pode ascender a um conhecimento mais profundo e rigoroso da natureza: as ideias matemáticas são consideradas claras e simples. As ideias matemáticas “presidem (orientam) para a observação e para a experimentação” (SANTOS, 2005, p. 26), ou seja, elas são possíveis de serem observadas empiricamente e experimentadas objetivamente.

Para Boaventura Santos, duas consequências advêm do lugar central ocupado pela Matemática na ciência moderna: o método científico valoriza a quantificação como critério de validação do conhecimento e se embasa na redução da complexidade através da dissecação dos objetos. Conclui-se, portanto, que, no paradigma da quantidade, o conhecimento científico é “um conhecimento causal que aspira à formulação de leis, à luz de regularidades observadas, com vista a prever o comportamento futuro dos fenômenos” (SANTOS, 2005, p. 29). Essa definição acerca dos objetivos do conhecimento científico aponta para sua pretensão de domínio

da natureza através do método, cujo objetivo seria o de alcançar as leis que regem o funcionamento desta.

Entretanto, as leis, como categorias capazes de serem inteligíveis, repousam em “um” dos conceitos de causalidade escolhido entre os oferecidos pela física aristotélica. Este (Aristóteles) apresenta quatro tipos de causa: material, formal, eficiente e final.⁴⁴ Segundo Boaventura, “as leis da ciência moderna são um tipo de causa formal que privilegia o *como funciona* das coisas em detrimento de *qual o agente* ou *qual o fim* das coisas” (SANTOS, 2005, p. 30)⁴⁵. As leis são entendidas pela ciência moderna, portanto, como “pressuposto metateórico” da ideia de ordem e de estabilidade do mundo, de um mundo-máquina atrelado ao mecanicismo do mundo moderno. Esse “determinismo mecanicista”, na leitura de Boaventura, deve ser entendido como o horizonte de uma forma de conhecimento que se pretende utilitário e funcional, o qual é reconhecido menos por sua capacidade de compreender profundamente o real do que por sua capacidade de o dominar e o transformar (SANTOS, 2005, p. 31).

As ambições do método científico, embasado principalmente nas ciências naturais, têm também suas implicações no conhecimento do humano e da sociedade. Pensadores como Francis Bacon (1561-1626), Giambattista Vico (1668-1744) e Montesquieu (1689-1755) foram precursores no desenvolvimento do estudo da sociedade nos séculos XVII e XVIII, criando as condições para a emergência das ciências sociais no século XIX (SANTOS, 2005, p. 32). Segundo Boaventura Santos, duas vertentes antagônicas das ciências sociais se desenvolveram no decorrer do século XIX. A primeira, designada como “Física Social” no início dos estudos científicos da sociedade, acreditava ser possível estudar o meio social a partir dos métodos e premissas das ciências naturais. Para isso, essa forma de conhecimento propunha reduzir os fatos sociais às suas dimensões externas, observáveis e mensuráveis, concebendo esses fatos como coisas (SANTOS, 2005, p. 35).⁴⁶

⁴⁴ Para entender, de modo sucinto, o significado e a relevância da teoria das quatro causas para a forma de Aristóteles pensar as ciências, conferir, de Enrico Berti, *As razões de Aristóteles* (1998, p. 46).

⁴⁵ Em itálico no original.

⁴⁶ O sociólogo Émile Durkheim (1858-1917) é entendido como o grande contribuidor dessa vertente. No entanto, como aponta Boaventura Santos, a partir das considerações de Ernest Nagel (1901-1985), as ciências sociais enfrentaram uma série de obstáculos para se compatibilizarem com os critérios de cientificidade das ciências naturais, por exemplo: a ausência de teorias explicativas por parte das ciências sociais; a impossibilidade de as ciências sociais formularem princípios universais devido ao fato de os fenômenos sociais serem historicamente condicionados e culturalmente determinados; a impossibilidade de as ciências sociais fazerem previsões devido a contingência humana; o fato de os fenômenos sociais serem subjetivos etc. (NAGEL, 1961, p. 447 e ss. *apud* SANTOS, 2005, p. 36). Conforme Boaventura Santos, Nagel reconhece que a superação desses obstáculos nem sempre é fácil e que essa seria a razão principal do “atraso” das ciências sociais em relação às ciências naturais (SANTOS, 2005, p. 37). A ideia de atraso das ciências sociais em relação às naturais é o ponto central na argumentação da primeira vertente das ciências sociais (SANTOS, 2005, p. 37).

A segunda concepção de ciência social, apontada por Boaventura, assume uma postura antipositivista e se embasa na tradição filosófica da fenomenologia; nela convergem algumas vertentes como as de Max Weber (1864-1920), ou as de Peter Winch (1926-1997). Segundo Boaventura Santos, o primeiro é mais moderado que o segundo quanto ao antipositivismo (SANTOS, 2005, p. 39). Para a segunda vertente, os obstáculos experienciados pela primeira são intransponíveis, sendo seu argumento central o de que a ação humana é radicalmente subjetiva, ou seja, “que o comportamento humano, ao contrário dos fenômenos naturais, não pode ser descrito nem muito menos explicado com base nas suas características exteriores e objectivável” (SANTOS, 2005, p. 38). Logo, os métodos das ciências sociais devem ser diferentes dos métodos das ciências naturais.

No entanto, essa segunda vertente também se revelou subsidiária do modelo de racionalidade herdado das ciências naturais, embora os negue, pois partilha da distinção natureza/ser humano – sendo esta primordial na revolução científica do século XVI – e tem também uma visão mecanicista da natureza, entendida como contraposta ao ser humano. Concluiu-se, portanto, que ambas as concepções “sociológicas” pertencem ao paradigma da ciência moderna, mesmo que a segunda concepção represente um sinal de crise dentro desse paradigma e apresente alguns componentes que apontam para outro paradigma científico (SANTOS, 2005, pp. 39-40).

2.2.1 Condições teóricas e sociais da crise do paradigma moderno

A crise do paradigma moderno é entendida como resultado de uma pluralidade de condições sociais e teóricas. Sobre as condições teóricas, Boaventura Santos apresenta quatro contribuições teóricas cruciais para derrocada da perspectiva racionalista. Albert Einstein (1879-1955) teria sido o primeiro a causar um “rombo” no paradigma da ciência moderna. O estudo desse físico sobre a velocidade e a simultaneidade dos acontecimentos o levaram à consideração de que a simultaneidade de acontecimentos distantes não pode ser medida, mas apenas definida: “Não havendo simultaneidade universal, o tempo e o espaço absolutos de Newton deixam de existir. Dois acontecimentos simultâneos num sistema de referência não são simultâneos noutro sistema de referência” (SANTOS, 2005, p. 43). A partir das considerações de Einstein sobre a relatividade das medições, entende-se que as leis da física e da geometria se assentam em medições locais, e não universais.

O caráter local das medições e o decorrente rigor do conhecimento que com base nelas se adquire inspiram, por sua vez, a segunda condição teórica da crise do paradigma dominante, a mecânica quântica, pois: “Se Einstein relativizou o rigor das leis de Newton no domínio da astrofísica, a mecânica quântica fê-lo no domínio da microfísica.” (SANTOS, 2005, p. 43). Werner Heisenberg (1901-1976) desenvolveu reflexões sobre a impossibilidade de se observar ou medir um objeto sem interferir nele, sem o alterar, de modo que o objeto não sai de um processo de medição da mesma forma que quando lá entrou. O “Princípio de incerteza de Heisenberg”, por conseguinte, postula o fato de só conhecermos do real aquilo que introduzimos nele, ou seja, só conhecemos nossa intervenção. Segundo Boaventura Santos, este princípio tem três implicações: 1) sendo nosso conhecimento estruturalmente limitado, só poderemos aspirar a resultados aproximados; 2) uma vez que a totalidade do real não se reduz à soma das partes em que a dividimos para observar e medir, poderíamos abandonar a hipótese mecanicista da natureza; 3) o fato de a distinção sujeito/objeto se mostrar bem mais complexa do que pode parecer à primeira vista faz com que se percam seus contornos dicotômicos e se apresente como um *continuum* (SANTOS, 2005, pp. 44-45).

A terceira condição de crise do paradigma dominante são as investigações de Kurt Friedrich Gödel (1906-1978) acerca da matemática enquanto veículo formal em que a medição é expressa e as sobre o “rigor” deste veículo formal. As reflexões de Boaventura Santos sobre o teorema da incompletude (ou da não completude) e sobre os teoremas acerca da impossibilidade, ambos de Gödel, são bastante complexas, ou sintéticas demais. Entretanto, o fundamental do pensamento de Gödel parece estar no fato de ele ter questionado a rigidez dos sistemas matemáticos, a partir da demonstração da possibilidade de não apenas “questionar o rigor da matemática como também defini-lo enquanto forma de rigor que se opõe a outras formas de rigor alternativo, uma forma de rigor cujas condições de êxito na ciência moderna não podem continuar a ser concebidas como naturais e óbvias” (SANTOS, 2005, 45).

A quarta contribuição teórica de crise do paradigma moderno é constituída pelos avanços do conhecimento nos domínios da Microfísica, da Química e da Biologia das últimas décadas (SANTOS, 2005, p. 46). Para Boaventura Santos, a teoria das estruturas dissipativas e do princípio da ordem através de flutuações de Ilya Prigogine (1917-2003) tem sua importância por propor uma nova concepção de matéria e de natureza, uma concepção dificilmente compaginável com a que herdamos da Física Clássica. Segundo Boaventura Santos, esta teoria propõe pensarmos que, em vez de eternidade, temos a história; em vez do determinismo, a imprevisibilidade; em vez do mecanicismo, a interpenetração, a espontaneidade, a auto-organização; em vez da reversibilidade, a irreversibilidade e a evolução; em vez da ordem, a

desordem; em vez da necessidade, a criatividade e o acidente (SANTOS, 2005, p. 48).⁴⁷ Para Boaventura Santos, a reflexão proposta por esse novo movimento científico apresenta duas facetas sociológicas importantes: o interesse filosófico pelos cientistas, este um fato decorrente da crise do positivismo que separava Filosofia e ciência natural, e o fato de essa reflexão abranger questões que antes eram legadas apenas aos sociólogos.

Apontadas as “condições teóricas”, o autor trata das “condições sociais” que explicam a crise do paradigma científico dominante. Sobre estas, o epistemólogo apresenta uma breve reflexão: diz não restar dúvida de que o que a ciência ganhou em rigor desde a década de 1930, ela perdeu em capacidade de autorregulação, devido à sua industrialização, que acabou por colapsar as ideias de autonomia e de desinteresse do conhecimento científico (SANTOS, 2005, pp. 56-57). Além disso, no domínio da organização do trabalho científico, a industrialização da ciência produziu dois efeitos principais: a “estratificação da comunidade científica” – com a proletarianização de uma massa de pesquisadores no interior de laboratórios, devido à intensificação das relações de poder entre cientistas –, e a “impossibilidade de acesso ao equipamento”, devido à interferência intensiva do capital na pesquisa, aumentando, assim, o fosso entre países periféricos e países centrais no que diz respeito ao desenvolvimento tecnológico (SANTOS, 2005, p. 58).

Toda a reflexão de Boaventura Santos acerca das bases modernas do paradigma dominante e sobre a crise pela qual este passa no que pode ser chamada de pós-modernidade aponta elementos em comum com a reflexão de David Wellbery sobre o retorno da retórica no século XX. Se, para aquele, devemos olhar para o avesso dos conceitos modernos para enxergarmos as bases epistemológicas das reflexões contemporâneas, para este, devemos considerar o que há de descontínuo entre a sociedade que banizou a retórica e a sociedade que a retoma na pós-modernidade. Boaventura Santos, nesse sentido, fala de uma retomada da retórica na pós-modernidade como parte integrante da crise paradigmática da ciência moderna

⁴⁷ A importância dessa teoria também se radica no fato de ela não ser um fenômeno isolado, mas parte de um movimento convergente, pulsante sobretudo nas últimas décadas. Este movimento científico proporciona uma profunda reflexão epistemológica e caracteriza exemplarmente a situação intelectual do tempo presente. Segundo Boaventura Santos (2005, p. 48-49), esse movimento científico “atravessa as várias ciências da natureza e até as ciências sociais, um movimento de vocação transdisciplinar que Jantsch designa por paradigma da auto-organização e que tem aflorações, entre outras, na teoria de Prigogine, na sinérgica de Haken, no conceito de hiperciclo e na teoria da origem da vida de Eigen, no conceito de autopoiesis de Maturana e Varela, na teoria das catástrofes de Thom, na teoria da evolução de Jantsch, na teoria da ‘ordem implicada’ de Bhom ou na teoria da matriz-S de Geoffrey Chew e na Filosofia do ‘bootstrap’ que lhe subjaz”. Boaventura postula dois grandes temas de reflexão epistemológica na contemporaneidade: o questionamento das noções de lei de causalidade, e a reflexão mais apurada sobre o conteúdo do conhecimento do que sobre sua forma (SANTOS, 2005, p. 51-56).

e, em especial, aborda o papel que a Nova Retórica desempenha na ciência pós-moderna (SANTOS, 2007, p. 97).

2.3 A IMPORTÂNCIA DA NOVA RETÓRICA NO PARADIGMA EMERGENTE

A partir dos sinais da crise do paradigma dominante, pode-se especular a emergência de um novo paradigma. Este, como formula Boaventura Santos, trata-se de “um paradigma de conhecimento prudente para uma vida decente” (SANTOS, 2007, p. 74). A natureza da revolução científica que se passa no decorrer do século XX, segundo este pensador, é estruturalmente diferente da que ocorreu no século XVI, pois se trata, agora, de uma revolução científica em uma sociedade ela própria revolucionada pela ciência, de modo que o paradigma a emergir dela não poderá ser apenas um paradigma científico (o paradigma de um conhecimento prudente), devendo ser também um paradigma social (o paradigma para uma vida decente) (SANTOS, 2007, p. 74).

Logo, as premissas do paradigma pós-moderno, conforme vimos acima, advêm do desenvolvimento do paradigma da ciência moderna nos últimos quinhentos anos e, principalmente, da crise desse paradigma no último século⁴⁸. Boaventura desenvolve essas premissas no conjunto de sua obra, mas em especial no livro *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*⁴⁹. Esses tópicos já foram abordados de alguma maneira nas reflexões anteriores; são eles: as representações inacabadas da Modernidade; do conhecimento-regulação ao conhecimento emancipação; o sujeito e o objeto: todo conhecimento é autoconhecimento; natureza e cultura: toda natureza é cultura; uma ciência ocidental capitalista; uma ciência sexista; e todas as ciências são ciências sociais.

Embora todas essas premissas estejam articuladas de maneira não disjuntiva, o papel que a última delas desempenha no paradigma da pós-modernidade interessa aos objetivos desta investigação, pois considera o papel da retórica no paradigma emergente de maneira mais clara. Em resumo, a premissa de que “todas as ciências são ciências sociais” implica se considerar o papel desenvolvido pelo “texto” nas ciências, sejam elas naturais ou sociais. Sousa Santos diz

⁴⁸ Para Boaventura Santos (2007, p. 68), “A crise do paradigma dominante é o resultado interativo de uma pluralidade de condições. Distingo entre condições sociais e condições teóricas. Darei mais atenção às condições teóricas [...]”. Procura-se explorar essas condições sociais no decorrer desta tese de Doutorado, ao se abordar a Segunda Guerra e o pós-guerra como contextos de emergência do PNR, conforme exposto por Frank e Bolduc (2004) e Bolduc (2020).

⁴⁹ Em particular, recorremos às reflexões apresentadas em *A crítica da razão indolente* (2007 [2000]), que podem ser consideradas um desenvolvimento e a expansão das reflexões contidas em *Um discurso sobre a ciência* (2005 [1987]) e em *Introdução a uma ciência pós-moderna* (2000 [1989]).

que o conhecimento postulado pelo paradigma emergente tende a ser não dualista, tendo como meta a superação de dicotomias que até então (isto é, antes da crise do paradigma dominante) eram tomadas como certas: sujeito/objeto, natureza/cultura, natural/artificial, vivo/inanimado, espírito/matéria, observador/observado, subjetivo/objetivo, animal/pessoal (SANTOS, 2007, 90). Entretanto, essa superação por si só não se mostra suficiente, de modo que também é necessário conhecermos seu sentido e conteúdo: onde ela residirá, nas ciências naturais ou nas sociais? Para os cientistas naturais, a superação das dicotomias ocorreria sob a égide das ciências naturais. Em contraposição, Sousa Santos busca demonstrar que as ciências naturais que mais progrediram no conhecimento da matéria utilizam-se de conceitos, teorias, metáforas e analogias das ciências sociais para o entendimento dessas matérias. Esse processo pode ser entendido como uma inversão da máxima de Durkheim, de modo que, ao invés de as ciências sociais serem estudadas como se fossem fenômenos naturais, são as ciências naturais que são estudadas como se fossem fenômenos sociais (SANTOS, 2007, pp. 91-92).

No entanto, o fato de a superação da dicotomia entre duas formas de ciência ser feita sobre a égide das ciências sociais parece não ser o suficiente para explicar o modelo de conhecimento no paradigma emergente. Para Boaventura de Sousa Santos, essa superação será feita pela ala das ciências sociais de vocação “antipositivista, caldeada numa tradição filosófica complexa, fenomenológica, interacionista, mito-simbólica, hermenêutica, existencialista, pragmática”, ou seja, uma ciência social que não esteja diretamente vinculada à epistemologia e à metodologia positivistas das ciências naturais (SANTOS, 2007, p. 92). É visível, portanto, a consideração que Boaventura Santos tem para com as ciências sociais, e seu papel dentro do paradigma emergente. Para ele, a existência de uma estética da ciência, já demonstrada por autores como Kuhn e Popper, se torna ainda mais forte no paradigma emergente. Neste, a estética científica reclama para si uma proximidade com a criação literária ou artística, decorrendo dessas considerações (a estética das ciências e sua proximidade com a literatura e a arte) o fato de o “texto” ser considerado como uma das analogias matriciais com que se construirá, no paradigma emergente, o conhecimento sobre a sociedade e a natureza (SANTOS, 2007, p. 94).⁵⁰

Para Boaventura de Sousa Santos a noção de texto extrapola a ideia de produto da escrita; nesta perspectiva, o texto é entendido como produto de um jogo interlocutivo e

⁵⁰ Boaventura Santos julga que não apenas a analogia textual, mas também a analogia lúdica, a analogia dramática, e até mesmo a analogia autobiográfica figurarão entre as categorias matriciais do paradigma emergente: “o mundo, que hoje é natural e social e amanhã será ambos, visto como um texto, como um jogo, como um palco ou ainda como uma autobiografia.” (SANTOS, 2007, p. 94).

dialógico, situado e materializado a partir de uma situação social específica e concreta. O texto entendido como matriz de compreensão para o paradigma emergente permite evocar a forma de conhecimento mais antiga que se tem sobre esse objeto: a retórica. Esta, como definiu Aristóteles, de acordo com Boaventura Santos, é não apenas uma prática oratória, mas também uma arte (uma técnica), capaz de descobrir o que é adequado em cada caso com o fim de se persuadir o auditório. A retórica é retomada pelo epistemólogo, então, a partir da obra de Chaïm Perelman, e principalmente de suas reflexões no campo do Direito e de “seu” *Tratado da argumentação: a Nova Retórica*, escrito em 1958 em parceria com Lucie Olbrechts-Tyteca. Para Sousa Santos, esta abordagem da retórica pode ser considerada o “guia mais importante para uma análise da ciência e também da retórica do direito” (SANTOS, 2007, p. 98).

Assim como na perspectiva de Wellbery, também para Santos as reflexões sobre a natureza retórica do conhecimento científico advêm, em primeiro lugar, de Nietzsche. No entanto, para este, elas acabam convergindo em Perelman e em sua retórica filosófica, enquanto, para Wellbery, ela converge em todo um regime de retoricidade, influenciando vários campos do conhecimento. As fontes dessa natureza retórica do conhecimento são três: 1) a crítica à epistemologia modernista e fundacionalista efetuada por Nietzsche, Heidegger, Gadamer, Foucault, Feyerabend, Morin e Rorty; 2) o pragmatismo de William James, John Dewey e Habermas; e 3) o novo interesse pelas retóricas grega e medieval, efetuada com a publicação da *Nova Retórica* de Perelman, em 1958 (SANTOS, 2007, p. 98). Embora essa perspectiva coloque a “obra de Perelman” como ponto de convergência de um longo desenvolvimento de superação do paradigma moderno de ciência, é preciso considerarmos que a leitura de Boaventura Santos do “texto de Perelman” acaba por reduzir, por meio de generalizações, o Projeto Nova Retórica. Essa redução pode ser demonstrada pelo fato de a reflexão do autor considerar que a Nova Retórica responde simplesmente a uma perspectiva epistemológica e jurídica, ignorando, com isso, as contribuições de Olbrechts-Tyteca a este projeto.

Não por acaso, as reflexões que Sousa Santos desenvolve sobre a Nova Retórica abordam justamente os aspectos definidos na introdução desta tese como sendo pertencentes às contribuições de Perelman, a saber: os aspectos relacionado à perspectiva filosófica e legal (FRANK; BOLDUC, 2010, p. 159). Em resumo, a abordagem que o cientista político propõe da Nova Retórica parte da consideração de que Perelman tem como base as reflexões de Aristóteles contidas nos *Tópicos* e na *Retórica*, definindo a retórica como uma forma de conhecimento que parte de premissas prováveis para conclusões prováveis por meio de argumentos. Esses argumentos (ou *topoi*) são de diversos tipos e contribuem para a construção da chamada “comunidade de espíritos”, ou seja, são conhecimentos comuns (lugares-comuns)

a determinados auditórios e que servem como premissas para se persuadir esse mesmo auditório. Por isso, o conhecimento do auditório que se busca persuadir é essencial para a eficácia da argumentação de determinado orador, seja um auditório íntimo (o orador argumentando consigo mesmo), seja um auditório particular (o orador argumentando com um maior ou menor número de pessoas), ou um auditório universal (o orador tratando com toda a ciência). Em especial, é sobre esse último auditório que Sousa Santos se atenta para refletir sobre a retórica da ciência moderna, partindo de considerações do próprio Perelman sobre o fato de mesmo esse tipo de auditório ser uma construção do orador (SANTOS, 2007, p. 98-100).

A leitura que Boaventura Santos propõe da Nova Retórica não é incoerente, mas destaca apenas aqueles aspectos desenvolvidos por Perelman. Sabe-se que o diálogo direto de Perelman travou-se com as áreas da Lógica e do Direito⁵¹, sendo ambas importantes para se pensar a crise pela qual passa a razão no século XX. Dentro do campo da Lógica, Perelman demonstra como os sistemas lógicos mais rígidos são também construídos a partir do *consensus*, ou seja, de escolhas arbitrárias promovidas por uma comunidade intelectual específica. O estudo de Perelman sobre o uso das noções leva ao entendimento de que determinadas noções são mais rígidas, não devido à sua natureza, mas sim à necessidade criada por um dado sistema de conhecimento – tomem-se os sistemas lógico matemáticos como exemplos. Assim, a ideia de um auditório universal postulado pelo *cogito* cartesiano é problematizada, de modo que este auditório passa a ser visto também como local, ou seja, como a construção de um dado orador, que, por querer se fazer entender, acaba se dirigindo nos termos desse auditório universal. São justamente esses temas que Boaventura de Sousa Santos destaca ao abordar a Nova Retórica.

Essas reflexões filosóficas e jurídicas, como bem demonstrou Frank e Bolduc (2010), podem ser identificadas na produção intelectual de Perelman entre os anos de 1931 e 1947, antes de sua parceria com Olbrechts-Tyteca. Neste período de produção solo, pode-se dizer que Perelman ainda não havia se voltado à retórica, influência que será desenvolvida principalmente por Olbrechts-Tyteca, conforme Frank e Bolduc (2010, p. 159) e Bolduc (2020, p. 272-273) demonstram. No Capítulo 3 desta tese, será possível compreender – de uma perspectiva diacrônica – qual o papel de Olbrechts-Tyteca neste *rhetorical turn* operado nas pesquisas que ela passa a desenvolver em conjunto com Perelman, fato que influenciará diretamente o surgimento da Nova Retórica. Contudo, é preciso retomar a questão inicial que orienta este

⁵¹ Não faltam exemplos de abordagens da Nova Retórica que a concebem a partir apenas de seu aspecto filosófico, portanto, das contribuições de Perelman. Conferir, por exemplo: Manelli (2004) e Alves (2015).

capítulo primeiro, a saber: se há ou não um diálogo entre o PNR com o pós-modernismo e com o pós-estruturalismo, e como essas duas correntes de pensamento se sobrepõem.

2.4 PERELMAN E O PENSAMENTO PÓS-ILUMINISTA NA NOVA RETÓRICA

Como Michael Peters (2000) fundamenta, essas duas linhas teóricas de pensamento sobre a linguagem (pós-modernismo e pós-estruturalismo), embora sejam vistas como sobrepostas, se distinguem à medida que respondem a problemas teóricos diferentes. Essa sobreposição se expressa no fato de ambas apresentarem uma compreensão comum acerca dos fatos que envolvem a linguagem: tanto o pós-modernismo quanto o pós-estruturalismo parecem compartilhar o papel central que a retórica desempenha na interpretação do mundo contemporâneo como uma teoria do discurso. David Wellbery – de uma perspectiva pós-estruturalista e sob influência do pensamento de Nietzsche⁵² – demonstra muito bem como praticamente todos os campos disciplinares comportam certa dimensão discursiva/retórica de análise, a qual ele define como retoricidade. Boaventura de Sousa Santos – de uma perspectiva pós-moderna⁵³ e também sob a influência de Nietzsche – define a retórica (em especial a Nova Retórica) como central para se compreender o paradigma científico contemporâneo.

Por sua vez, o Projeto Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca deixa explícita sua intenção de superar a concepção de razão ocidental iniciada por René Descartes desde a primeira página do *Tratado*, publicado por ambos: “o campo da argumentação é o do verossímil, do plausível, do provável, na medida em que este último escapa às certezas do cálculo (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 1). A proposta de superar o modelo de razão cartesiana, pautado no princípio da evidência como característica da razão, parece se vincular mais à proposta do pós-modernismo do que à do pós-estruturalismo. Como já apresentado por Frank e Bolduc (2010), esta proposta seria a contraparte perelmaniana, a parte vinculada ao

⁵² Wellbery deixa clara a influência de Nietzsche em seu trabalho no seguinte trecho: “O campo de investigação que o pensamento de Nietzsche revela é, ao mesmo tempo, vasto e diversificado. Seu repertório resiste à sinopse pois sua unidade é tão difusa como o próprio conhecimento moderno. Assim, seria impossível apresentar um resumo da retórica modernista como o esboçado para a tradição clássica com tanta precisão e economia como o fez Roland Barthes. [...] O melhor que se pode fazer a esta altura é listar algumas das principais abordagens disciplinares das questões retóricas e fazer um quadro de suas congruências e divergências.” (WELLBERY, 1998, p. 33).

⁵³ A presença de Nietzsche na abordagem de Boaventura Santos é apresentada de maneira explícita, sendo ele o ponto de partida para uma crítica da epistemologia modernista e fundacionalista, retomada e desenvolvida também por Heidegger, Gadamer, Foucault, Feyerabend, Morin e Rorty (SANTOS, 2007, p. 98). No entanto, ele não enfatiza a relevância do pensamento de Nietzsche tal como o faz Wellbery.

campo jurídico filosófico do PNR, a qual é bem localizada em sua produção intelectual desde os anos 1930. Por exemplo, em 1933, Perelman publica o ensaio *De l'arbitraire dans la connaissance*, um de seus primeiros artigos, no qual aborda temas que virão a ser desenvolvidos de modo mais aprofundado no PNR. Bolduc e Frank (2019) estudam esse texto e destacam quatro temas centrais em seu desenvolvimento, sendo eles: 1) o questionamento e o colapso da dicotomia fato/valor; 2) a emergência de uma razão não formal; 3) a noção de dissociação; 4) a tolerância social como comportamento recomendado. Todos esses desenvolvimentos serão levados e amalgamados ao PNR.

No entanto, não se identifica menção aos termos pós-modernidade, pós-moderno ou pós-modernismo nos textos escritos em coautoria entre Olbrechts-Tyteca e Perelman, ou nos desta como única autora.⁵⁴ Cabe destacar que, de 1931 a 1947 – antes de começar a trabalhar com Olbrechts-Tyteca, os trabalhos de Perelman dialogam diretamente com o positivismo lógico, procurando superá-lo.⁵⁵ O conjunto das influências de Perelman nesta sua primeira fase é transferido para seu trabalho com Olbrechts-Tyteca a partir de 1947, uma vez que, tanto em relação ao clima de opinião teórico quanto ao histórico, ambos os intelectuais são influenciados por um conjunto de experiências comuns. Isto, vide o fato de Olbrechts-Tyteca também ter sido orientada pelos trabalhos de Eugène Dupréel⁵⁶, assim como participou ativamente da resistência ao nazismo junto a Perelman e outros intelectuais. Nesse sentido, entende-se, aqui, que o PNR é tanto uma resposta à concepção de razão pautada na noção de evidência, quanto uma resposta aos efeitos da Segunda Guerra Mundial e ao holocausto nazista promovido pelo Partido Nacional Socialista da Alemanha, cujas práticas atrozidades se embasavam também em “evidências” científicas.⁵⁷ Porém, é importante enfatizar, não se pode associar a crítica da razão promovida no âmbito do PNR a uma invalidação total da racionalidade do pensamento

⁵⁴ Conforme Peters (2000, p. 14), citando o *Oxford English Dictionary*, as primeiras utilizações do termo pós-modernismo surgem em 1949 e estão ligadas à arquitetura no primeiro momento. Essa observação permite inferir uma razão possível para a ausência da nomenclatura, ao menos na bibliografia do PNR assinada por Olbrechts-Tyteca.

⁵⁵ Neste período, ele escreve sobre o teorema de Gödel (“L’antinomie de M. Gödel”, 1936), sobre os paradoxos de Russell (“Les paradoxes de la logique”, 1936) e sobre Frege (*Étude sur Frege*, Thèse de doctorat, 1938). Bastante influenciados por Eugène Dupréel (1879-1967) e por Marcel Barzin (1891-1969), professores na Universidade Livre de Bruxelas, os trabalhos de Perelman até 1947 participam de maneira mais direta dos debates da Filosofia e da Lógica do início do século XX. Conferir: (DOMINICY, 2006, p. 1).

⁵⁶ Marc Dominicy diz que a influência de Dupréel na obra de Perelman advém em grande parte da colaboração de Olbrechts-Tyteca, que se inspirou bastante em Dupréel em suas pesquisas sobre a dissociação das noções e do cômico do discurso (DOMINICY, 2006, p. 2).

⁵⁷ David Frank (2007) desenvolve uma reflexão densa sobre os traumas das teorias retóricas no século XX, em especial as de Chaïm Perelman e Paul de Man em relação ao holocausto promovido pelos nazistas na Bélgica.

lógico científico. O que parece estar em jogo neste projeto é, antes, uma ampliação/superação da ideia de razão herdada do cartesianismo como critério para a verdade científica e para a resolução de conflitos.⁵⁸ Diferentemente do que defende Descartes, quando duas pessoas estão em desacordo sobre uma determinada questão, pode ser que ambas tenham razões válidas e verdadeiras sobre esta, defenderá o PNR.

Essa característica – da tolerância social e da busca pelo acordo na resolução de conflitos – pode ser identificada como pertencente às contribuições de Perelman. Além disso, segundo David Frank (1997, 2003) a concepção de razão pluralista desenvolvida na obra solo de Perelman e no PNR é bastante influenciada pelo pensamento judaico e pode ser entendida como uma “terceira via” entre os extremos do otimismo da razão iluminista e do ceticismo completo do radicalismo pós-moderno. Esse pensamento judaico Perelman teria herdado como influência de sua família⁵⁹, que, embora não fosse religiosa, aderiu à causa das preocupações judaicas e do sionismo. Nascido em 1912, em Varsóvia, cidade que possuía uma comunidade judaica bastante vibrante antes de sua destruição durante a Segunda Guerra Mundial, o jovem Perelman migrou com sua família para a Bélgica em 1925, onde viveu até sua morte, em 1984 (FRANK, 2003, p. 165). Em maio de 1940, os alemães invadem a Bélgica; Perelman e outros intelectuais de origem judaica são forçados a abandonar seus cargos como professores, voltando apenas em setembro de 1944. Nesse período de exílio, Perelman atuou intensamente para ajudar na causa judaica, salvando crianças e adultos judeus do holocausto. Após a guerra, ele participou com outros intelectuais na construção das bases filosóficas que as Nações Unidas propuseram para os Direitos Humanos (FRANK, 2003, p. 166).⁶⁰

Como já dito, essa influência do pensamento judaico se relaciona à filosofia de Perelman

⁵⁸ Conforme Frank e Bolduc (2004), Perelman e Olbrechts-Tyteca visam a uma razão prática enraizada na ação social manifesta na *vita activa*, em contraposição à razão da *vita contemplativa* motivada pelo positivismo lógico científico.

⁵⁹ Segundo Marc Dominicy (2006, p. 1), Perelman nasceu em Varsóvia, na Polônia, em 1912, e em 1925 migra com seus pais para Bélgica. Frank (2003, p. 165) confirma essa informação e pontua que a Polônia possuía uma vibrante comunidade judaica antes de sua destruição durante a Segunda Guerra Mundial. Embora seus familiares não fossem religiosos, estava de acordo com os preceitos do Sionismo. Para entender melhor a relação de Perelman e o pensamento judaico, ver: (FRANK, 1997; FRANK 2003; FRANK 2007).

⁶⁰ Embora seja inegável que Perelman tenha relações com os judeus e o movimento sionista, é preciso esclarecer que ele foi um pensador livre e um ateu (FRANK, 2003, p. 168). Além disso, é preciso ressaltar que esse pensamento judaico presente na obra de Perelman, embora identificado em seus textos antes de 1947 e também no PNR junto a Olbrechts-Tyteca, é manifestado de modo mais explícito nos anos finais de sua vida. Frank (2003) cita a ocasião em que Perelman recebeu seu Doutorado *honoris causa* da Universidade Hebraica (Hebrew University). O ano é 1980 e Perelman diz que o pensamento lógico “deve ser completado por uma teoria da argumentação que se baseia no raciocínio dialético e na retórica da antiguidade greco romana, mas também com métodos talmúdicos de raciocínio”.

e se expressa como parte do itinerário filosófico do PNR. De acordo com os estudos de Frank (1997, 2003), o pensamento judaico expresso direta ou indiretamente no PNR funciona como um contramodelo alternativo à razão iluminista e, em certo sentido, como uma resposta ao ceticismo do pós-modernismo mais radical. De acordo com Frank (1997, p. 325), tanto a Nova Retórica quanto o pós-modernismo são entendidos como respostas à violência produzida e inspirada pela razão iluminista, de modo que ambos concordam com os perigos dessa forma específica de razão. Na perspectiva de Frank (1997), tais formas de pensamento pós-iluministas se assemelham pela crítica das epistemologias fundacionais, dos poderes totalizadores e niveladores da razão instrumental e da racionalidade. Contudo, o PNR e a pós-modernidade mais radical divergem em um ponto essencial: o fato de esta forma de pensamento poder levar a um ceticismo total em relação à razão e à possibilidade de conhecimento. É válido citar o trecho em que Frank sintetiza bem essa conclusão:

A versão extrema ou dura desse movimento diverso e heterogêneo, inspirada nos escritos de Horkheimer e da escola de Frankfurt [...], enquadra as discussões da razão no modo trágico (Horkheimer e Adorno), exibe uma inqualificável “incredulidade em relação às metanarrativas” (Lyotard, *Postmodern*), revela uma visão de um mundo fragmentado em que o “simulacro” é a realidade (Baudrillard), está comprometido com a indeterminação (DeMan) e com o uso indiscriminado da desconstrução [Derrida]. (FRANK, 1997, p. 324 – *acréscimo nosso entre colchetes*).⁶¹

As análises de David Frank parecem colocar o PNR em uma posição complexa em relação ao pós-modernismo, traçando um caminho que o aproxima ao mesmo tempo que o distancia desta corrente de pensamento, de modo que se pode inferir ser o projeto de Perelman e Olbrechts-Tyteca uma versão *soft* do pós-modernismo. Essa ideia pode ser defendida quando se observa de modo detido tais aproximações e distanciamentos traçados por Frank sobre as contribuições de Perelman ao PNR.

As aproximações se dão por meio dos seguintes pontos: 1) a crítica à metafísica Iluminista, pois tanto o PNR quanto o pós-modernismo compartilham uma crítica à razão instrumental, abstrata e universal, presente no Iluminismo, e fazem críticas à busca por um fundamento universal e absoluto para o conhecimento, à valorização da lógica formal em

⁶¹ No original: “The extreme or hard version of this diverse and heterogeneous movement, inspired by the writings of Horkheimer and the Frankfurt school [...], frames discussions of reason in the tragic mode (Horkheimer and Adorno), exhibits an unqualified “incredulity toward metanarratives” (Lyotard, *Postmodern*), reveals a vision of a fragmented world in which the “simulacrum” is reality (Baudrillard), is committed to indeterminacy (DeMan), and to the indiscriminate use of deconstruction [Derrida]”.

detrimento do contexto e da experiência, e ao uso da razão como ferramenta para a dominação e a instrumentalização do outro; 2) a valorização do “Outro”, uma vez que o pós-modernismo e o Projeto Nova Retórica destacam a importância de se considerar o “outro” como um interlocutor legítimo e fundamental no processo de argumentação, tendo a diferença, a alteridade e a pluralidade como um ponto comum, uma reação ao universalismo e à homogeneização do Iluminismo; e 3) o reconhecimento da indeterminação e da pluralidade, pois tanto o PNR quanto os pós-modernos reconhecem a indeterminação do conhecimento e a existência de múltiplas interpretações e valores, rejeitando, portanto, a busca por uma verdade única e absoluta, reconhecendo que a verdade é sempre relativa a um determinado contexto, tempo e cultura.

Por outro lado, Frank também destaca algumas distinções importantes entre a “Nova Retórica” e o pós-modernismo, tais como: 1) a afirmação da razão, pois, diferentemente do que designa como pós-modernismo radical, que questiona a própria validade da razão, Perelman, apesar de crítico à razão instrumental, ainda acredita na importância da razão para a argumentação e para a construção de um sistema de justiça, de modo que o PNR não renuncia à razão, mas busca redimensioná-la, incluindo em seus âmbitos os valores e a experiência humana; 2) o papel da “presença”, que, segundo Frank, significa a defesa da importância da influência do contexto, do interlocutor, da linguagem e das emoções no processo argumentativo; e 3) a busca pela justiça, uma vez que o PNR se apresenta como um sistema que busca promover a justiça, não apenas desconstruir os sistemas de conhecimento tradicionais, como o faz, na visão de Frank, o que ele designa por pós-modernismo radical.

Desse modo, David Frank apresenta o que esta tese define como uma visão complexa, e até mesmo ambígua, da relação entre o PNR e o pós-modernismo, mostrando que a obra de Perelman, ao mesmo tempo em que se engaja em uma crítica radical ao Iluminismo, mantém uma visão mais prática e construtiva da razão, com firmeza em seu compromisso com a justiça e a comunidade. Nesse sentido, pode-se dizer que Frank (1997) considera o PNR como um tipo de “pós-modernismo *soft*”, uma versão que, apesar de compartilhar algumas críticas ao Iluminismo, sustenta uma visão mais construtiva da razão e da argumentação, buscando um sistema de justiça mais inclusivo e dialogal a partir delas. Além disso, os estudos de Frank (1997) permitem ilustrar a tese de Peters (2000) sobre a sobreposição feita entre pós-modernismo e pós-estruturalismo, subordinando-se este àquele. Note-se que, em determinado momento de sua reflexão, Frank (1997) elenca uma série de autores como exemplares do pensamento pós-moderno:

Muitos comentadores referem-se a Kristeva, Irigaray, Deleuze, Bataille, Blanchot, de Certeau, Barthes, Jameson, Horkheimer e Adorno, Lyotard (*Pós-modernismo*), Foucault, Rorty, DeMan, Derrida e outros como representativos da pós-modernidade⁶² (FRANK, 1997, p. 324).

Alguns desses autores são tratados como pós-estruturalistas em outras referências, por exemplo o estudo de James Williams (2012) intitulado *Pós-estruturalismo*, texto fundamental para se compreender essa corrente de pensamento. Neste estudo, Williams elenca o que para ele são os cinco principais autores e conceitos do pós-estruturalismo, e dedica a cada um deles um capítulo. Segundo ele, pós-estruturalismo deve ser definido como um movimento que se inicia em 1960 e cujas influências vão além da Filosofia, atingindo literatura, política, arte, críticas culturais, História e Sociologia (WILLIAMS, 2012, p. 10), sendo seus principais autores Derrida, Deleuze, Lyotard, Foucault e Kristeva.⁶³

Os cinco autores elencados por Williams como centrais para o pós-estruturalismo estão, por sua vez, na lista de autores pós-modernos no estudo de Frank (1997). Este teórico chega a definir o conceito de *desconstrução*, do filósofo Jacques Derrida, como parte do itinerário conceitual pós-moderno e como conceito correlato ao de *dissociação*, essencial ao escopo teórico do PNR. Frank também retoma o fato de Derrida ter sido influenciado pelo pensamento judaico (por influência de Emanuel Levinas e por sua origem argelina), assim como outros pensadores pós-iluministas⁶⁴, expressão utilizada como sinônimo de pós-moderno. Nesse sentido, é possível afirmar que ao menos nos trabalhos aqui estudados, Frank (1997, 2003, 2007) sobrepõe o pós-modernismo ao pós-estruturalismo, dificultando a possibilidade de se identificar um diálogo entre o PNR e o pós-estruturalismo de forma específica, ou ao menos com alguns dos intelectuais que fundamentam esse movimento ocorrido, especialmente, na Europa a partir da década de 1960 (WILLIAMS, 2012, p. 10; PETERS, 2000, p. 26). Além disso, como defendido acima, as reflexões de Frank acabam por associar, à medida que busca o contrário, o PNR ao pós-modernismo.

⁶² No original: “Many commentators refer to Kristeva, Irigaray, Deleuze, Bataille, Blanchot, de Certeau, Barthes, Jameson, Horkheimer and Adorno, Lyotard (Postmodern), Foucault, Rorty, DeMan, Derrida and others as representatives of post modernity”.

⁶³ No volume II de sua *História do estruturalismo*, Françoise Dosse (1994, p. 35) destaca a década de 1960 como o início da derrocada do paradigma estruturalista. Os trabalhos de Derrida são essenciais nesse contexto, sendo ele um filósofo diretamente associado a essa corrente filosófica.

⁶⁴ “Derrida, of Algerian Jewish heritage, and profoundly influenced by Levinas, could rightly be considered ‘the latest in the line jewish heretic hermeneutics’” (FRANK, 1997, p. 325). Em outro estudo, Frank (2007) detalha melhor as aproximações e distanciamentos existentes entre a *desconstrução* e a *dissociação*, por meio da comparação entre o PNR e a retórica de Paul DeMan, projetos que participaram do mesmo contexto socio-histórico, a dominação nazista da Bélgica.

Como observado, há no escopo teórico do PNR um diálogo bastante esclarecido com os preceitos do pós-modernismo, mesmo sem o mencionar nominalmente. De modo mais explícito, parece plausível falar, antes, em pós-iluminismo no PNR, visto estar entre seus objetivos justamente a superação do modelo de razão iluminista (FRANK, 1997, 2003; SANTOS, 2003, 2007). Como já explicado, essa tentativa de superação da razão cartesiana é um esforço de Perelman e liga-se à contraparte filosófica do PNR, podendo ser identificada em seus estudos antes de seu trabalho conjunto com Olbrechts-Tyteca. Por outro lado, há a contraparte literária deste projeto, que vê na teoria da argumentação um instrumento de análise do cômico manifesto por meio do discurso, a qual se liga às contribuições de Olbrechts-Tyteca ao PNR (FRANK; BOLDUC, 2010 e BOLDUC, 2019, 2020). Os aspectos literário e cômico que resultam das contribuições intelectuais de Olbrechts-Tyteca ao PNR poderão ser melhor analisados no quarto capítulo desta tese, dedicado exclusivamente a este exercício de análise de sua obra magna, *Le comique du discours*. Por ora, é necessário focar a lente contextual para se precisar melhor a participação de Olbrechts-Tyteca neste projeto, quais as influências diretamente relacionadas à sua participação e se essas contribuições teóricas problematizam aspectos relacionados à linguagem. Este exercício, como será demonstrado, é essencial para se compreender o que se designa como “resgate” da retórica clássica no escopo do PNR.

3 O RETORNO DE OLBRECHTS-TYTECA E PERELMAN À RETÓRICA

O século XX é bastante amplo e diversas são as formas de pensamento acerca da linguagem que se desenvolvem em seu decorrer. Quanto à retórica, essa pluralidade não é diferente, de modo que é necessário delimitá-la quando dela se fala, visto serem muitas as formas de concebê-la nesse longo período. Pode-se dizer com segurança que o século XX é um século de retóricas (no plural) e citar os seguintes exemplos, para tratar aqui apenas do período do pós-guerra: a Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (canonizada no *Tratado* de 1958); a teoria dos argumentos de Stephen Toulmin (inaugurada em seu livro *Usos do argumento*, de 1958); a retórica ou a teoria do discurso de Roland Barthes (cujo ponto de partida está em seu ensaio de 1970, “A retórica antiga”); a retórica geral do Grupo *Mu*, de Liège (publicada em 1970, no livro *Retórica Geral*); a teoria da argumentação na língua, de Oswald Ducrot (consagrada em seu livro *Dire et ne pas dire: principes de sémantique linguistique*, de 1972). Esses poucos exemplos mostram que, ao tratar de retórica e argumentação, não se pode perder de perspectiva esse amplo horizonte de teorias.⁶⁵

Essa gama de perspectivas, ademais, impõe a necessidade de se abordar a contextualização de cada uma delas em separado, a fim de não se generalizar e confundir os fatores que influenciam sua constituição, sejam eles teóricos ou sócio-históricos. A análise contextual do capítulo anterior procurou explorar o clima de opinião que influencia o PNR a partir de perspectivas mais amplas que embasam a retórica no século XX (o pós-estruturalismo e o pós-modernismo). Tal contextualização pode ser definida como externa ao objeto de estudo, uma vez que seu intuito foi compreender o desenvolvimento do PNR a partir de um contexto mais amplo. Além disso, pode-se considerar esta uma análise externa à medida em que a presença do diálogo entre o PNR e tais teorias só pode ser inferida de modo indireto, via uma compreensão que subordina o pós-estruturalismo ao pós-modernismo, e estes ao pós-iluminismo (FRANK, 1997, 2003). Por fim, tal análise, dita externa ao objeto de estudos, cumpre um duplo objetivo nesta tese: explorar a sobreposição que existe na compreensão desses movimentos intelectuais e demonstrar a dificuldade encontrada ao se tentar enquadrar o PNR em nomenclaturas que lhes são externas.

Neste terceiro capítulo, a intenção é realizar uma análise do contexto mais imediato da

⁶⁵ Conferir, por exemplo, “De la grammaticalisation de la rhétorique à la rhétorisation de la linguistique”, de Jean-Michel Adam (2002), *História das teorias da argumentação*, de Gilles Gauthier e Philippe Breton (2001), “Argumentação: em busca de um conceito”, de Débora Massmann (2017), e *Retóricas de ontem e de hoje*, de Lineide Mosca (2004), entre outras obras.

produção intelectual de Perelman e Olbrechts-Tyteca. Para isso, será abordado um conjunto de pesquisas desenvolvidas sobre o PNR, tendo como fonte de informações os Arquivos de Chaïm Perelman, organizados pela Universidade Livre de Bruxelas a partir de 1984⁶⁶, com ajuda de Fela Perelman, sua esposa, e hoje disponibilizados on-line para acesso da comunidade internacional. Entre essas pesquisas, destacam-se o artigo de Marc Dominicy “Perelman et l’École de Bruxelles” (2006), referido na página da biblioteca digital como uma fonte de informação importante;⁶⁷ a produção intelectual de Michel Meyer (2010), professor de Filosofia e ciências sociais e detentor da cátedra de Retórica na ULB – e em especial sua produção sobre a escola de Bruxelas –; um artigo de Loïc Nicolas (2015), formado pela ULB, sobre a tradição de estudos retóricos e humanistas na ULB. Além desses autores, ligados à ULB diretamente, destacam-se também a produção intelectual de David Frank e Michelle Bolduc, em coautoria ou como autores solo, cujas pesquisas se pautam em grande medida também no arquivo mencionado. Em especial, será abordado o trabalho de Michelle Bolduc, *Translation and rediscovery rhetoric* (2020), cujo desenvolvimento será uma das bases para a análise das influências e do clima de opinião que orientam a produção do PNR, e em especial a participação de Olbrechts-Tyteca neste projeto.

Essa análise das influências mais diretas do PNR envolve a leitura de parte da produção de Olbrechts-Tyteca, em especial seu artigo “Rencontre avec la rhétorique”, publicado em 1963. Esse artigo/relato é essencial para se compreender a virada nas pesquisas de Perelman para o horizonte da retórica, e o papel que Eugène Duprèel e a Universidade Livre de Bruxelas têm nesse sentido. Esse exercício de análise permite observar se há algum contraste entre o trabalho em coautoria entre Perelman e Olbrechts-Tyteca e o trabalho solo desta pensadora. Além disso, permite observar qual a influência teórica específica de Duprèel sobre Olbrechts-Tyteca e o PNR. Por fim, este capítulo visa contextualizar a produção intelectual desta pesquisadora dentro do PNR por meio da análise das influências mais diretas a este projeto (de um modo geral) e a Olbrechts-Tyteca (em específico).

⁶⁶ Página da Biblioteca da Universidade Livre de Bruxelas com informações sobre o Arquivo Chaïm Perelman. Disponível em: <https://bib.ulb.be/fr/documents/digitheque/personalia/chaim-perelman/publications>. Acesso em: 04 jun. 2025.

⁶⁷ Página da Biblioteca Digital da Universidade Livre de Bruxelas, onde estão disponibilizados grande parte da produção intelectual de Perelman digitalizada até o momento. Atualmente, segundo o próprio site, a responsável pelos arquivos é a professora Emmanuelle Danblon, professora de Retórica na mesma universidade. Disponível em: <https://bib.ulb.be/fr/documents/digitheque/personalia/chaim-perelman/publications/chaim-perelman-les-archives>. Acesso em: 04 jun. 2025.

3.1 A PRESENÇA DE ARISTÓTELES COMO “INÍCIO” E COMO “REGRA” NO PNR

A “redescoberta” da retórica realizada por Olbrechts-Tyteca e Perelman durante o desenvolvimento do Projeto Nova Retórica é anunciada por ambos como um evento fortuito e ao acaso. Em “Logique et rhétorique”, primeiro trabalho em colaboração entre esses dois pesquisadores, publicado em 1950, os autores afirmam que, à medida que empreendiam seu estudo sobre a argumentação nos discursos filosóficos, as preocupações que desenvolviam pareciam se aproximar estranhamente das de Aristóteles em sua *Retórica*.⁶⁸ Para Olbrechts-Tyteca e Perelman, as aproximações entre a pesquisa que desenvolviam e as reflexões dos antigos sobre a dialética e a retórica se expressam de forma sublinhada na analogia: “A luta entre a lógica e a retórica é a transposição, em outro plano, da oposição entre a ἀλήθεια/alétheia e a δόξα /doxa (em caracteres gregos no original), entre a verdade e a opinião, características do século V a. C.” (PERELMAN; OLBRECHTS- TYTECA, 2004 [1950], p. 66).

Na introdução do *Tratado da argumentação* (2005 [1958], p. 5), os autores afirmam que as preocupações apresentadas nessa obra se relacionam com as do Renascimento e, conseqüentemente, com a dos autores gregos e latinos que estudaram a arte de persuadir. Esclarecem, ademais, que as análises desenvolvidas neste trabalho dizem respeito às provas dialéticas, estudadas por Aristóteles nos *Tópicos* e na *Retórica*, que tratariam do verossímil, em contraposição às provas analíticas, estudadas nos *Analíticos* e aplicadas ao estudo das proposições necessárias. Nesses termos, a lógica formal moderna, corolário das ciências positivistas, estaria para as provas analíticas e para a demonstração, assim como a lógica informal da nova retórica estaria para as provas dialéticas ou retóricas e para a argumentação.⁶⁹ Há, nessa perspectiva, apresentada no primeiro programa de estudos do PNR, a ideia de uma correlação entre um debate filosófico ocorrido há aproximadamente 2500 anos e o debate colocado pelo PNR, ao ponto de haver uma transposição de noções sugeridas como equivalentes. Embora essa analogia seja verossímil, é preciso se perguntar em que medida ela não funcionaria como técnica argumentativa, com a finalidade de provar a relação que se

⁶⁸ Tendo, pois, empreendido essa análise da argumentação em certo número de obras, em especial filosóficas, e em certos discursos de nossos contemporâneos, demo-nos conta, no decorrer do trabalho, de que os procedimentos que encontrávamos eram, em grande parte, os da *Retórica* de Aristóteles; de todo modo, as preocupações deste se aproximavam estranhamente das nossas (PERELMAN, OLBRECHTS- TYTECA, 2004, p. 64).

⁶⁹ No entanto, esse esquema interpretativo proposto no âmbito do PNR parece não encontrar correlação exata no pensamento de Aristóteles sobre a linguagem, tal como propõe a analogia. Para uma crítica do modo de a Nova Retórica se apropriar do pensamento Aristotélico sobre a linguagem, conferir: BERTI, Enrico. *Aristóteles no século XX*, 1997, pp. 284-299.

pretende.⁷⁰

De acordo com Frank (2003, pp. 168-169) e Bolduc (2020, p. 17), a presença de Aristóteles e de sua obra dialética, tal como apresentada na introdução do *Tratado da argumentação*, funciona como um exórdio. Concordando com essa interpretação e expandindo-a, pode-se entender esse princípio como “início” e como “regra a ser seguida”, pois vincula a Nova Retórica a um ponto de partida histórico e a uma forma de pensar o raciocínio dialético, dividindo-o em uma lógica formal científica e uma lógica informal argumentativa. Essa menção à tradição da retórica e da dialética gregas – especificamente à de Aristóteles na *Retórica* e nos *Tópicos* – como a fonte de inspiração e orientação do PNR, vincula esse projeto ao que Gaonkar (1990, p. 344) define como “a tradição da retórica como acessório”. Tal tradição remontaria ao pensamento de Sócrates, Platão e Aristóteles, em especial deste último, para quem a retórica torna o conhecimento mais compreensível e aceitável, sendo sua capacidade a de transmitir o conhecimento descoberto pela Filosofia e outras ciências, mas não a capacidade de produzir o conhecimento.⁷¹ A compreensão da retórica como um meio (uma técnica) de expressão do conhecimento é enfatizada tanto no artigo inaugural do PNR quanto no *Tratado*:

Os argumentos que analisaremos serão, portanto, aqueles que os espíritos mais retos e, diremos, em geral mais racionalistas não podem deixar de utilizar quando se trata de certas matérias, tais como a filosofias e as ciências humanas (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2004 [1950], p. 87).

Isso justifica a importância particular que concederemos à análise das argumentações filosóficas, tradicionalmente consideradas as mais “racionais” possíveis, justamente por se presumir que se dirigem a leitores sobre os quais a sugestão, a pressão ou o interesse têm pouca ascendência (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005 [1958], p. 8).

A escolha pela argumentação filosófica como objeto central – visto ela expressar de modo mais nítido o modelo de argumentação de análise da Nova Retórica – é motivada pela premissa de que o auditório da teoria da argumentação que eles apresentam é qualificado, ou

⁷⁰ Essa interpretação da analogia como prova argumentativa é verificada no próprio *Tratado da argumentação*: “Longe de nós a ideia de que uma analogia não possa servir de ponto de partida para verificações posteriores; mas nisso ela não se distingue de nenhum outro raciocínio, pois as conclusões de todos eles sempre podem ser submetidas a uma nova prova. [...] Todo estudo global da argumentação deve, pois, incluí-la enquanto elemento de prova” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005 [1958], pp. 423- 424).

⁷¹ “For Aristotle, among other things, rhetoric make knowledge mor readily comprehensive e acceptable in the domine of civic discourse. That is, rhetoric cannot generate knowledge but is useful, possible indispensable, for the transmission of knowledge discovered by philosophy and the special substantive sciences”. (GAONKAR, 1990, p. 344).

seja, não é composto por pessoas ignorantes. Nesse sentido, a Nova Retórica se contrapõe à retórica tal qual apresentada por Platão no *Górgias*, e adere à retórica segundo sua caracterização no *Fedro*;⁷² isto é, ela não concorda que a argumentação seja utilizada para fins meramente de manipulação do vulgo, pois sua qualidade deve ser avaliada justamente quanto ao auditório ao qual ela se dirige: “Com efeito, se quer agir, o orador é obrigado a adaptar-se ao seu auditório, sendo facilmente compreensível que o discurso mais eficaz sobre um auditório incompetente não é necessariamente o que comporta a convicção do filósofo” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005 [1958], p. 7-8). Essa reflexão traz à tona a noção de auditório, central no resgate da retórica desenvolvido pelo PNR.

Conforme o *Tratado*, entende-se por auditório “o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 22). Nesse sentido, o auditório presumido é “uma construção mais ou menos sistematizada” por parte do orador (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 22), seja quando se dirige a um auditório particular seja quando se dirige a um auditório universal. Para compreender a abrangência desta noção no PNR, é preciso tratar da dissociação de duas noções: persuadir e convencer. É importante destacar que, embora essas duas noções não possam ser separadas dentro de um pensamento vivo, a linguagem as utiliza e há entre elas um matiz apreensível (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 31). Esse matiz, por sua vez, separa duas dimensões de alcance do discurso argumentativo: é persuasiva a argumentação que pretende valer só para um auditório particular, e convincente aquela que se dirige a um auditório universal (ou de todo ser racional) (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 31)⁷³. Perelman e Olbrechts- Tyteca entendem que o matiz entre convencer e persuadir é sempre impreciso e que,

⁷² Se, entre os antigos, a retórica se apresentava como o estudo de uma técnica para o uso do vulgo, impaciente por chegar rapidamente a conclusões, por formar uma opinião para si, sem se dar ao trabalho prévio de uma investigação séria, quanto a nós, não queremos limitar o estudo da argumentação àquela que é adaptada a um público de ignorantes. É este aspecto da retórica que explica ter sido ela ferozmente combatida por Platão em seu *Górgias*, tendo ele favorecido seu declínio na opinião filosófica. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2010 [1958], p. 7).

⁷³ No entanto, alertam os autores, essa compreensão deve ser diferida da apresentada por Kant em sua *Crítica da razão pura*, em que se faz a associação entre a persuasão e o subjetivo, e o convencimento e o objetivo. Embora a compreensão de Perelman e Olbrechts-Tyteca e a de Kant se aproximem quanto às consequências, seus princípios são completamente diferentes, pois, se admitirmos, como quer Kant, que a convicção está ligada à verdade de seu objeto, sendo por isso válida para qualquer ser racional, apenas a argumentação que visa o convencer poderá ser provada, visto a argumentação que visa à persuasão ter sempre um alcance unicamente individual. Assim, a visão de Kant – na compreensão de Perelman e Olbrechts-Tyteca – admitiria apenas a prova puramente lógica, estando a argumentação não coerciva excluída da Filosofia (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 32). Nesses termos, embora semelhantes em suas consequências, visto o auditório universal apresentado na Nova Retórica apresentar-se como mais objetivo do que o auditório particular e mesmo o íntimo (mais subjetivos), esta teoria nega o princípio do qual parte Kant.

na prática, deve permanecer assim. Nesse sentido, a natureza do auditório a que se dirige o orador é entendida como o critério para avaliar a argumentação como persuasiva ou como convincente (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 33).⁷⁴

Os elementos até aqui apresentados mostram que, desde o primeiro trabalho de Perelman e Olbrechts-Tyteca no PNR, a vinculação entre lógica formal e raciocínio analítico e entre lógica da argumentação e raciocínio dialético é enfatizada, passando ao leitor do *Tratado* a ideia de haver uma quase total correlação entre o conteúdo da obra aristotélica sobre dialética e retórica e a Nova Retórica. Embora seja inegável que o PNR promova um resgate sistematizado do pensamento de Aristóteles sobre a dialética e a retórica, deve-se identificar nessas escolhas também um argumento de autoridade. Com efeito, conforme já desenvolvido por Frank, a referência à tradição grega deve ser entendida desta maneira por parte dos autores do PNR, visto que um apelo a Cícero ou ao pensamento judaico pareceria ser menos persuasivo que um apelo a um grego da dimensão de Aristóteles. A fim de criar esse sentimento de comunhão com o auditório do *Tratado* e do PNR em geral, Perelman e Olbrechts-Tyteca, portanto, evocam a autoridade de Platão, Aristóteles, Quintiliano, Agostinho, Vico, Whately e outros autores respeitados pela tradição clássica (FRANK, 2003, pp. 168-169).

O estudo mais recente de Michelle Bolduc ajuda a compreender de maneira concreta como se opera esse “resgate” de Aristóteles pelo PNR e a perceber nuances que associam e dissociam a produção intelectual de Perelman e de Olbrechts-Tyteca no Projeto Nova Retórica, realizado de 1947 a 1984. *Translation and Rediscovery of Rhetoric* (2020) é resultado de mais de uma década de pesquisas realizadas por ela, solo ou em parceria com David Frank, e tem como ponto de partida a prática da tradução por parte da autora. Trata-se de um estudo de caso diacrônico de como a tradução é o meio pelo qual a retórica, como arte de raciocinar, torna-se um recurso para uma ética do discurso cívico. É por meio da tradução que a retórica como arte da argumentação e da persuasão, tal como entendida na Grécia e em Roma, é transmitida durante o medievo francês e italiano, alcançando Paris e Bruxelas no século XX. Essa transmissão do pensamento retórico teria início em Cícero (106 a.C-43 a.C), chegando ao medievo italiano por meio das traduções do *De inventione* realizadas por Brunetto Latini (1220-1294), traduções estas publicadas no apêndice de *Les fleurs de Tarbes*⁷⁵, do escritor e editor francês Jean Paulhan (1884-1968), cuja obra era admirada explicitamente por Olbrechts-Tyteca, sendo este fato

⁷⁴ Para um estudo aprofundado da noção de auditório universal na Nova Retórica de Perelman, conferir: Alves (2015).

⁷⁵ PAULHAN, Jean. *Les fleurs de Tarbes: ou La terreur dans les lettres*. Cercle du livre précieux, 1967 [1941].

central para se compreender melhor a natureza de suas contribuições ao PNR (BOLDUC, 2020, pp. 6-7).

O traço em retrospecto que Bolduc persegue para compreender a transferência da Filosofia clássica (Cícero e Aristóteles) para Brunetto Latini, chegando à crítica literária de Jean Paulhan, tem como ponto de partida sua tradução para o inglês do artigo solo de Olbrechts-Tyteca “Rencontre avec la rhétorique”, publicado em 1963 (BOLDUC, 2020, p. 1- 2). Neste artigo, Olbrechts-Tyteca relata o momento em que se deram conta da impossibilidade de uma lógica formal dos valores, encontrando na retórica de Cícero – traduzida no excerto de Latini editado por Paulhan – algo parecido com o que estavam elaborando.

Gosto dos livros de Jean Paulhan, *Les fleurs de Tarbes* em particular. Notamos que, no apêndice, alguns trechos de Brunetto Latini traziam um autor antigo que também colocava problemas quanto aos argumentos do discurso (OLBRECHTS-TYTECA, 1963, p. 5-6).

Em especial, Olbrechts-Tyteca cita *Les fleurs de Tarbes*, publicado em 1941 por Paulhan, como influência direta para o que Bolduc compreenderá como o *rhetorical turn* operado no âmbito das pesquisas realizadas por ela e Perelman (BOLDUC, 2020, p. 16).⁷⁶ Este excerto de Latini traduzido e publicado por Jean Paulhan tem como título “D’un traité de rhétorique” e é composto por uma apresentação de seu autor e o contexto de produção destes excertos: “alguns fragmentos do tratado retórico escrito por Brunetto durante seu exílio em Paris” (PAULHAN, 1967, p. 127)⁷⁷, composto por seis partes.

3.2 O SIGNIFICADO DE *RHETORICAL TURN*

De acordo com Bolduc, a noção de *rhetorical turn*⁷⁸ guarda certa afinidade com aquela de *linguistic turn*, cuja manifestação pode ser situada em três momentos diferentes: o debate da Filosofia analítica do final do século XIX e início do XX, a Crítica Literária do início do século XX e o pós-estruturalismo de meados do XX (BOLDUC, 2020, p. 9). O estudo de Bolduc desenvolve reflexões que permitem mapear claramente o diálogo entre o PNR e esses três

⁷⁶ Como já mencionado na introdução desta tese, a partir de 1947, Olbrechts-Tyteca passa a contribuir com as pesquisas de Perelman voltadas ao estudo da lógica dos valores. Com base em correspondência de Perelman de 2 agosto de 1973 para Letizia Gianformaggio, Bolduc (2020, p. 8-9) aponta que a datação de descoberta da retórica clássica por ele e Olbrechts-Tyteca se deu após seis meses de início das suas pesquisas.

⁷⁷ No original: “quelques fragments du traité de rhétorique qu’écrivit Brunetto durant son exil à Paris”.

⁷⁸ Tradução própria: virada retórica ou giro retórico. Utilizaremos a expressão em Língua Inglesa para manter proximidade com o contexto original de formulação dessas ideias

momentos da produção de conhecimento sobre a linguagem durante o século XX. Entretanto, seu ponto de partida é o relato de Olbrechts-Tyteca sobre o “encontro” com a retórica, que lhes proporcionou um novo olhar acerca do objeto de estudos de sua investigação, a saber: uma técnica argumentativa que fosse também para as ações humanas na vida pública, capaz de solucionar os conflitos existentes no plano da experiência humana.⁷⁹ Esse encontro teria sido intermediado pela obra de Paulhan, a qual se situa no debate da Crítica Literária do início do século XX e cuja concepção de linguagem parte de uma perspectiva semântica, sendo seu foco principal a ideia de a “linguagem pela linguagem” (BOLDUC, 2020, p. 16).

Duas noções centrais no trabalho de Bolduc (2020) são *rhetorical turn* e *translatio*. A primeira contribui para se compreender de modo mais organizado o clima de opinião intelectual que envolve o PNR e a identificar duas influências diretas de Olbrechts-Tyteca ao projeto, a saber: a redescoberta da retórica e a presença da literatura como parte essencial do escopo de análise da Nova Retórica. A segunda consiste no processo de tradução/transmissão de uma tradição, permitindo compreender como é transmitida a tradição grega, latina e do Renascimento anunciada na introdução do *Tratado*, entendida nesta tese como um exórdio, cujo fim é apresentar um *ethos* de vinculação da Nova Retórica ao pensamento de Aristóteles.⁸⁰ Por meio de estudo diacrônico, Bolduc mostra haver um diálogo entre as produções da retórica em Cícero, Latini, Paulhan e a Nova Retórica, cujos elementos de destaque são a prática da tradução e a situação de exílio político desses autores, quando escrevem sobre a importância da retórica para a formação civil e para o debate público. Nesse sentido, esta tese ater-se-á a apresentar de modo mais detalhado o conceito de *rhetorical turn* conforme Bolduc (2020), a fim de se entender a riqueza de suas explicações e de levantar novos questionamentos sobre a contribuição intelectual de Olbrechts-Tyteca ao PNR.

O trabalho de Bolduc (2020) aborda a noção de *rhetorical turn* com base em uma vasta bibliografia, na qual se destaca a abordagem que Dilip Parameshwar Gaonkar (1990) faz da retórica e seu duplo, em seu esquema interpretativo da história e das práticas sociais da retórica.⁸¹ Essa abordagem trata a retórica e suas relações com outras disciplinas, vinculando-

⁷⁹ “They would spend the next decade seeking to answer how philosophers could discuss the reasoning of everyday life with the tools of logic, particularly when formal logic, having insisted upon a positivist conception of truth divorced from human experience, had been unable to provide guidance to human action during the war”. (BOLDUC, 2020, p. 2).

⁸⁰ Frank (2003, p. 168) propõe pensarmos a presença de Aristóteles como um *locus*. Esse lugar comum é o de que Aristóteles é considerado “everyone” o “pai da lógica”.

⁸¹ GAONKAR, Dilip P. Rhetoric and its double: reflections on the rhetorical turn in the human sciences. In: SIMONS, Herbert W. *The rhetorical turn: inventions and persuasion in the conduct of inquiry*. Londres: The University Chicago Press, 1990.

se à abordagem que Barthes (1975 [1970]) apresenta da retórica. Da perspectiva de Barthes, “a retórica deve sempre ser lida no conjunto estrutural de suas vizinhas (gramática, lógica, poética, Filosofia): é o jogo do sistema, não cada uma de suas partes propriamente, que tem um significado histórico” (BARTHES, 1975, p. 177).⁸² O cerne da abordagem de Gaonkar aprofunda a análise de Barthes, em especial acerca da importância de uma abordagem diacrônica para se compreender o sistema retórico da Antiguidade em relação à retórica do texto moderno (BARTHES, 1975 [1970], p. 77), e o papel das duas retóricas desenvolvidas nas obras *Górgias* e *Fedro*, de Platão (BARTHES, 1975, p. 152). Ao apresentar a abordagem diacrônica como a mais adequada para se descrever o papel das contribuições de Olbrechts-Tyteca ao PNR, Bolduc (2020, p. 271) aponta a caracterização das duas histórias da retórica – uma manifesta e outra escondida – e dos dois *rhetorical turns* – um explícito e outro implícito – como relevante para seu trabalho.

Gaonkar desenvolve a seguinte reflexão sobre a retórica e seu duplo: “Rhetoric can not escape itself”, ou seja, ela não pode ser abordada apenas como um suplemento para outras disciplinas, vizinhas suas, de modo que ela também não pode se apagar e tornar-se sua contraparte, a dialética, como pretende Perelman (GAONKAR, 1990, p. 341). Nessa divisão entre retórica como suplemento (meio) para a produção de conhecimentos e retórica como produtora de uma forma própria de conhecimento, se expressa o que Gaonkar chama de o duplo da retórica: um conhecimento *na* retórica e um conhecimento *da* retórica.⁸³ Vista como suplemento, a retórica se transforma em uma disciplina formal e vazia, sem substância, sem um conjunto seguro de referências e de questões que lhes sejam próprias, de modo que “a retórica mantém uma relação parasitária com disciplinas substantivas como a ética e a política” (GAONKAR, 1990, p. 342).⁸⁴ Como parasita de outras disciplinas, a retórica pode ficar tão profundamente enredada com os assuntos de um corpo estranho, especialmente o corpo político,

⁸² Da tradução em português de Leda Pinto Mafra Iruzum, publicada em 1975 pela editora Vozes. Gaonkar utiliza uma tradução para o inglês do artigo de Barthes, a qual transcrevemos o mesmo trecho: “rhetoric must always be read in the structural interplay with its neighbors (Grammar, Logic, Poetics, Philosophy); it is the play of the system, not each of its parts in itself, which is historically significant” (BARTHES, 1970 apud GAONKAR, 1990, p. 341). Ambas as traduções foram retiradas do texto original de Barthes, que transcrevo a seguir: “la rhétorique doit toujours être lue dans le jeu structural de ses voisines (Grammaire, Logique, Poétique, Philosophie): c'est le jeu du système, non chacune de ses parties en soi, qui est historiquement significatif” (BARTHES, 1970, p. 194).

⁸³ Construímos esta divisão com base na separação que Olbrechts-Tyteca faz entre o cômico *no* discurso (*comique dans le discours*) e o cômico *do* discurso (*comique du discours*) em sua obra dedicada ao tema. Ver: (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 7).

⁸⁴ No original: “rhetoric stands in a parasitic relationship vis-a-vis substantive disciplines such as ethic and politics”.

que esquece sua própria natureza e propósito e finge ser uma entidade substantiva.⁸⁵

A fim de compreender como a tradição da retórica como suplemento promove uma fuga da retórica, ou de uma mera retórica, é preciso entender o duplo movimento que regula e determina a autoimagem da retórica. Esse movimento impulsiona de maneira simultânea a retórica em dois eixos: um diacrônico, vertical, que a move para seu passado, com o fim de descobrir por si mesma uma tradição que a liberte de seu status de suplemento; e um eixo horizontal, que a move sincronicamente no conjunto das práticas discursivas (na textualidade) de outras disciplinas, em especial as ciências humanas (GAONKAR, 1990, p. 343).⁸⁶

O primeiro movimento (histórico, diacrônico) identifica duas formas de se contar a história da retórica. A primeira entende a retórica como suplementar a outras formas de conhecimento, sendo iniciada pelo debate clássico que Platão propõe sobre os sofistas e cuja forma mais acabada é desenvolvida por Aristóteles, que coloca a retórica à margem da Filosofia e das ciências apodíticas (GAONKAR, 1990, p. 344-346). A segunda representaria uma alternativa a essa visão da retórica desprovida de função epistêmica, entendida como mero suplemento a outras formas de conhecimento menos rígidas; trata-se de outra história da retórica, da história da tradição sofística (GAONKAR, 1990, p. 347-348). O renascimento desta tradição, por sua vez, expressa-se em dois movimentos relacionados: um filosófico e outro histórico.⁸⁷ Em resumo, o movimento filosófico, que recoloca a tradição sofística, compreende a retórica como inevitável às relações sociais mediadas pela linguagem, se aproximando de algumas teorias da linguagem e se afastando de outras.⁸⁸ Já o movimento histórico de renascimento da tradição sofística se mostra mais intrigante, pois seu estudo coloca em evidência o fato de haver não uma, mas duas histórias da retórica – uma história manifesta e outra oculta.⁸⁹

⁸⁵ “Sometimes this ‘parasite’ becomes so deeply entangled with the affairs of an alien body, especially the body politic, it forgets its own nature and purpose and pretends to be a substantive entity” (GAONKAR, 1990, p. 342).

⁸⁶ “This double movement simultaneously propels rhetoric on a vertical axis downward into its past to find itself a suitable history and on a horizontal axis sideways to situate itself within the discursive practices of special ‘substantive’ sciences, especially the human sciences. Rhetoric moves diachronically to discover for itself an alternative historical tradition that will free it from its supplementary status, and it moves synchronically to find itself in the discursive body (textuality) of other disciplines that will confirm its presence” (GAONKAR, 1990, p. 343).

⁸⁷ “This revival of the tradition sophistic consists of two related sets of moves” (GAONKAR, 1990, p. 347).

⁸⁸ “For instance, while the theory that views language as a transparent medium for the communication of things and ideas is clearly unacceptable, the thesis that social reality, among other things, is linguistically constructed and legitimated is enthusiastically endorsed” (GAONKAR, 1990, p. 348).

⁸⁹ “According to this reconstruction history, there are not one but two histories of rhetoric – a manifest and a hidden history” (GAONKAR, 1990, p. 348).

A história manifesta da retórica a toma como um suplemento de outras disciplinas, da qual já tratamos sumariamente. Essa tradição da retórica como suplemento atravessa mais de 2500 anos e, nos dias de hoje, se passa, comumente, como a “história oficial”. A outra história da retórica, ocultada pela tradição suplementar, se inicia também a partir do embate entre os sofistas e o Sócrates de Platão; esta caminha ao lado da história manifesta da retórica até o fim do mundo clássico, desaparecendo e sendo redescoberta pela retórica de Kenneth Burke.⁹⁰ De acordo com esta versão da história da retórica, o embate ocorrido entre sofistas e filósofos no século V a.C. envolvia não somente uma disputa entre duas disciplinas, mas a diferença entre dois estilos de vida: a *vita activa* da sofística e a *vita contemplativa* da Filosofia. Por uma série de razões políticas e intelectuais, os sofistas acabam sendo derrotados e expulsos do *milieu* cultural por seus antagonistas filósofos. Nessa versão da história da retórica, vence a tradição da retórica suplementar, apartada de vez da sofística por Platão e Aristóteles, cujas obras inauguram o movimento de repressão da sofística (GAONKAR, 1990, p. 349).

Antes de passar à apresentação do eixo horizontal que move a retórica sincronicamente no conjunto das práticas discursivas de outras disciplinas, importa ressaltar que Gaonkar não compreende a versão histórica da tradição suplementar e sofística – a *seductive tale* – como a única.⁹¹ Essas versões da história da retórica não são necessariamente construídas por historiadores da disciplina, e todas elas são políticas. Cada um daqueles que revive a retórica, constrói uma versão de suas origens e de sua história, de modo que esta é sempre parcialmente verdadeira e epistemologicamente direcionada (GAONKAR, 1990, p. 351).⁹² Pode-se confirmar essa reflexão quando analisamos a versão da história da retórica apresentada por Olbrechts-Tyteca e Perelman na introdução do *Tratado da argumentação*, epistemologicamente direcionada pela versão que compreende a retórica como suplementar do discurso filosófico, como ilustrado anteriormente. Assim, como Burke, Perelman⁹³ é definido como um neoretórico que participa de modo explícito do *rhetorical turn*. Poderíamos, conforme sugere Bárbara Cassin, em *O Efeito Sofístico* (2005 [1995], p. 166), “pensar encontrar uma confirmação do caráter pró-sofístico e antiplatônico da ‘nova’ retórica instaurada por

⁹⁰ O trabalho de Gaonkar estabelece diálogo direto com a retórica de Kenneth Burke (1897-1993), em especial com sua *Rhetoric of motives* (1950).

⁹¹ “Such is the seductive tale of the two histories of rhetoric. There are, to be sure, many other tales about the birth, the rise, the decline, the fall and even the ‘death’ of rhetoric” (GAONKAR, 1990, p. 351).

⁹² “As a revivalist tale, it is only part true. And this tale, like so many of the recent tales about the history of rhetoric, is epistemologically driven, [...]” (GAONKAR, 1990, p. 351).

⁹³ Gaonkar (1990, p. 353) não se refere a Olbrechts-Tyteca, apenas a Perelman. No entanto, como veremos com o estudo de Bolduc (2020), é o papel central dela na virada retórica de seu projeto intelectual com Perelman.

Perelman, em sua constante referência a Aristóteles”. No entanto, segundo as reflexões da autora, a presença da sofística na Nova Retórica poderá ser notada como efeito da tradição platônico aristotélica, ou seja, como vitupério e não como elogio. Assim como Aristóteles, assim como Quintiliano, Perelman opta por escolher a retórica do *Fedro* de Platão ao invés da retórica de Górgias no *Górgias*, também de Platão.⁹⁴

O segundo movimento (prático, sincrônico) que impulsiona a retórica para o conjunto das práticas que ela engendra tem relação direta com o *rhetorical turn* ocorrido nas ciências humanas, pois ele se refere ao crescente reconhecimento da retórica no pensamento contemporâneo. Nesse sentido, entende-se que a prática científica é uma prática retórica, e que o reconhecimento dessa dimensão retórica da prática científica torna essa ciência mais autoconsciente (GAONKAR, 1990, p. 352). Esse *rhetorical turn* pode ser dividido em dois grupos: um rhetorical turn *explícito* e um rhetorical turn *implícito*.

Por *rhetorical turn explícito*, Gaonkar compreende como aqueles trabalhos que explicitamente reconhecem a relevância da disciplina para o pensamento contemporâneo e para os quais ela é utilizada como um método interpretativo e crítico.⁹⁵ Dentre os autores que participam explicitamente do rhetorical turn, Gaonkar destaca “Chaim Perelman, Kenneth Burke, Richard McKeon, I. A. Richards e Richard Weaver”, assim como “Wayne booth, Paul de Man, Walter J. Ong, Ernesto Grassi, Paolo Valesio, Northrop Fry, Tzvetan Todorov, Harold Bloom, Hugh Danziel Duncan” (GAONKAR, 1990, p. 353). Embora cada um à sua forma e com diferentes graus de envolvimento e produção intelectual, todos esses autores foram entendidos como entusiastas da retórica.⁹⁶

Mais importante para Gaonkar são os textos que evidenciam sinais de um *rhetorical turn implícito*. São textos cujos autores procuram, em alguma medida, caracterizar os aspectos “tropológicos” e “persuasivos” das práticas discursivas estudadas por eles. Nesta lista de autores, Gaonkar cita: Thomas Kuhn, Paul Feyerabend, Stephen Toulmin, Jacques Lacan, Gadamer, Foucault e Habermas (GAONKAR, 1990, p. 353). Dentre esses, Thomas Kuhn, e sua

⁹⁴ Esta obra de Cassin é essencial para se compreender como a Nova Retórica de Perelman resgata a tradição da retórica como suplemento de outras disciplinas e como os efeitos sofisticos podem ser percebidos nessa obra. Nesse sentido, sua abordagem da história da disciplina se aproxima em muito das abordagens de Gaonkar e, antes, de Barthes, as quais procuram evidenciar o apagamento de uma história da retórica que destaque a relevância do pensamento sofisticado reprimido pela história oficial.

⁹⁵ “By *explicit* rhetorical turn, I refer to those works that explicitly recognize the relevance of rhetoric for contemporary thought and where rhetoric is used as a critical and interpretative method” (GAONKAR, 1990, p. 352-353).

⁹⁶ Gaonkar não diz o motivo, mas não cita Barthes como um entusiasta da retórica e contribuinte desse movimento explícito do *rhetorical turn*, sendo bastante conhecida sua produção nesse sentido e citada no primeiro parágrafo do artigo do autor (Gaonkar, 1990, p. 341).

obra *Estrutura das revoluções científicas*, publicada em 1962, é definido como *locus classicus* deste rhetorical turn implícito. Gaonkar apresenta cinco razões para a escolha desse texto: 1) ele examina as práticas discursivas das ciências duras (*hard sciences*) como Física e Química; 2) ele traz à tona o aspecto retórico das práticas discursivas da linguagem de comunidades científicas; 3) Kuhn faz essas observações profundas sem ter conhecimento do léxico retórico; 4) Kuhn faz uma reivindicação bastante radical pela primazia da retórica quando afirma que “mudanças de paradigma” em qualquer comunidade científica são circunstanciais e nem sempre planejadas; e 5) ele sugere um reexame da história da ciência de uma perspectiva sociológica (GAONKAR, 1990, p. 354). Para Gaonkar, a própria personificação do *rhetorical turn* se apresenta nesses aspectos do trabalho de Kuhn.

Em suma, no quadro interpretativo de Gaonkar, primeiro visualizam-se os dois principais eixos, nomeados: vertical/diacrônico/histórico e horizontal/sincrônico/discursivo. No eixo vertical, identificam-se duas tradições que se contrapõem quanto aos fatos referentes à retórica (a tradição suplementar ou platônico aristotélica e a tradição sofística) e duas formas de se contar a história da retórica (uma manifesta e outra reprimida). No eixo horizontal, identificam-se duas formas de ocorrência do *rhetorical turn* (uma explícita e uma implícita). Embora nos instigue propor aqui uma extensa analogia para ligar ambos os eixos em uma relação logicamente harmoniosa, não encontramos elementos na reflexão de Gaonkar que nos permitam passar de um eixo a outro, sugerindo o seguinte esquema: a tradição suplementar ou platônico aristotélica está para uma forma de se contar a história da retórica manifestamente reconhecida e, portanto, para um *rhetorical turn* explícito, assim como a tradição sofística está para uma forma de se contar a história da retórica como reprimida e, portanto, para um *rhetorical turn* implícito. No entanto, também não encontramos em suas reflexões elementos que neguem essa analogia ou a desconstruam, de modo que a trataremos como uma interpretação razoável da exposição que Gaonkar apresenta da retórica e seu duplo.

Esse quadro interpretativo da história e das práticas sociais da disciplina aparece como pano de fundo no estudo de Bolduc (2020), cuja preocupação central é ver no *rhetorical turn* o ponto de partida para compreendermos as contribuições de Olbrechts-Tyteca ao PNR e a ligação que essa contribuição estabelece com a tradição retórica. A abordagem diacrônica desenvolvida por Gaonkar se apresenta, de acordo com Bolduc (2020, p. 271), como a mais adequada para se descrever o papel das contribuições de Olbrechts-Tyteca ao PNR. Como apresentado antes, dessa perspectiva entende-se o PNR como uma teoria que retorna à retórica de maneira explícita, uma vez que faz referência direta a essa tradição, assim como faz uso do

léxico retórico característico dela. O eixo vertical (diacrônico/histórico) rastreia o seguinte traço em retrospecto que parte do PNR de Olbrechts-Tyteca e Perelman, que leem e traduzem excertos da obra retórica de Jean Paulhan (*Les fleurs des Tarbes*), excertos que, por sua vez, são traduções de Brunetto Latini, leitor e tradutor da obra de Cícero (*De Inventione*). O eixo horizontal (sincrônico/prático discursivo) identifica que todas essas retóricas resultam de contextos e práticas similares, a saber: o exílio político e a prática da tradução de textos sobre a retórica. Durante períodos de turbulência (como a República Romana tardia, a Itália durante a Idade Média, a França e a Bélgica antes, durante e após a Segunda Guerra) esses pensadores voltam-se à tradução de textos de retórica como resposta ao exílio e à guerra, conflitos contemporâneos dos quais todos participaram (BOLDUC, 2020, p. 47).⁹⁷

3.3 OLBRECHTS-TYTECA E O ENCONTRO COM A RETÓRICA

Apresentado o quadro interpretativo dos fatos retóricos desenvolvido por Bolduc (2020), é preciso, agora, compreender como se opera o *rhetorical turn* nas pesquisas realizadas por Olbrechts-Tyteca e Perelman. Como pontuado antes, ao traduzir para a Língua Inglesa o artigo “Rencontre avec la rhétorique”, de Olbrechts-Tyteca, publicado em 1963, Bolduc destaca no relato da autora sua “confissão” de que ela e Perelman eram “ignorantes” em matéria de retórica quando iniciaram suas pesquisas de modo cooperativo, no ano de 1947. Em tom de relato, Olbrechts-Tyteca propõe retomar as reflexões que os motivaram a designar por “retórica” aquilo que poderia também ser chamado de “lógica do preferível”: “por um lado, para evocar certas memórias, por outro, para tentar ver como a inserção da teoria da argumentação na tradição retórica pode ser frutífera” (OLBRECHTS-TYTECA, 1963, p. 3).⁹⁸ Sobre as memórias, diz ela serem *une confession* que pode soar estranha ao leitor familiarizado com a Nova Retórica: “Ch. Perelman e eu éramos, no início de nossa pesquisa, quase tão ignorantes em retórica quanto um homem honesto poderia ser no século XX” (OLBRECHTS-TYTECA, 1963, p. 3).⁹⁹

⁹⁷ Bolduc menciona neste contexto o trabalho de David Frank (2007), em que aborda a teoria retórica no século XX a partir de uma leitura sobre o trauma. Além disso, cabe aqui retomar uma citação de Santos (2007, p. 97): “O nosso século foi, portanto, o século da diáspora da retórica. Durante uns tempos, parecia que o conhecimento provável, resultando de uma argumentação razoável, tinha sido irreversivelmente suplantado pelo conhecimento exacto resultante da prova científica. [...] Em meu entender, a reemergência da retórica é parte integrante da crise paradigmática da ciência moderna”.

⁹⁸ Trecho original: “J'aimerais revenir aujourd'hui sur cet point: d'une part, évoquer certains souvenirs, d'autre part, tenter de voir en quoi l'insertion de la théorie de l'argumentation dans la tradition rhétorique peut être féconde”.

⁹⁹ Trecho original: “Les souvenir, c'est d'abord une confession: Ch. Perelman et moi-même étions, au

Neste artigo-relato sobre o “encontro” que tiveram com a retórica, Olbrechts-Tyteca ressalta que nem a sua formação, nem a de Perelman teriam permitido a ambos um contato amplo e significativo com essa área do saber. Sendo ele filósofo, lógico e jurista, e ela cientista social e economista, com boas noções de Psicologia e Estatística, Olbrechts-Tyteca considera importante frisar que eles não eram nem filólogos clássicos, nem historiadores, nem críticos literários (OLBRECHTS-TYTECA, 1963, p. 3). Suas preocupações, quando iniciaram a pesquisa, em 1947, eram motivadas pelas investigações de Perelman sobre a lógica dos valores apresentada em seu primeiro livro *De la justice* (1945). Tendo estudado por muito tempo os trabalhos de Gottlob Frege, Perelman acabaria influenciado pelo empirismo metodológico deste pensador, propondo aplicá-lo ao campo dos raciocínios da vida prática (OLBRECHTS-TYTECA, 1963, p. 4). Segundo Olbrechts-Tyteca, uma primeira abordagem concreta desse objeto de estudos foi realizada por meio de análises de textos argumentativos e escritos, como os do periódico belga *Moniteurs*, onde eram publicados os debates ocorridos no parlamento. Além disso, estudaram textos e autores sobre a já elaborada “lógica informal”.¹⁰⁰

A partir dessa primeira etapa de análise de textos argumentativos, Olbrechts-Tyteca diz que ficaram convencidos de que haveria nesses textos muitos argumentos que não advinham da lógica formal: “Parecia certo, portanto, que fatores importantes relativos à ordem, à pessoa, ao uso de conceitos, de analogias, eram racionalmente levados em consideração ao ouvir tal discurso” (OLBRECHTS-TYTECA, 1963, p. 5).¹⁰¹ Nesse ponto, o relato de Olbrechts-Tyteca identifica o momento em que se processa o *rhetorical turn* apontado por Bolduc (2020, p. 3), influenciado diretamente pela tradução de Brunetto Latini feita por Jean Paulhan no apêndice de sua obra *Les fleurs de Tarbes*.

Foi quase um acaso que, neste momento, nos colocou frente a frente com a retórica clássica. Gosto dos livros de Jean Paulhan, *Les fleurs de Tarbes* em particular. Notamos que, no apêndice, alguns trechos de Brunetto Latini traziam um autor antigo que também colocava problemas quanto aos argumentos do discurso. E se este autor os colocou não foi pessoalmente, mas sim porque outros o fizeram antes dele. Dali para voltarmos à grande tradição clássica e em particular a Aristóteles, em especial os *Tópicos* e a *Retórica*, havia apenas um

début de nos recherches, presque aussi ignorants de la rhétorique que peut l'être un honnête homme au XX siècle”.

¹⁰⁰ Olbrechts-Tyteca cita os seguintes autores, ao tratar dessa lógica informal: Boris Bogoslovsky, Françoise Paulhan, Olav Valen-Sendstad, A. Lalande, F. Gonseth (OLBRECHTS-TYTECA, 1963, pp. 4-5).

¹⁰¹ No original: “Il paraissait donc certains que des facteurs importants relatifs à l'ordre, à la personne, à l'emploi des concepts, des analogies, étaient pris rationnellement en considérations à l'audition d'un tel discours”.

passo (OLBRECHTS-TYTECA, 1963, p. 5-6 – *tradução própria*).¹⁰²

Essa narrativa apresentada por Olbrechts-Tyteca identificando Paulhan como relevante para a percepção do problema que ela e Perelman abordavam nas pesquisas que estavam desenvolvendo é central na análise de Bolduc (2020). Segundo esta pesquisadora, “é precisamente por meio das traduções da retórica de Brunetto Latini presentes no apêndice da obra de Paulhan que Olbrechts-Tyteca e Perelman voltam-se para a retórica” (BOLDUC, 2020, p. 267)¹⁰³. Para fundamentar que esse *turn* é operado por meio das contribuições de Olbrechts-Tyteca, Bolduc mostra que Perelman era alheio aos textos de Paulhan (BOLDUC, 2020, p. 272).¹⁰⁴ Além disso, é possível identificar Olbrechts-Tyteca como bem mais familiarizada com os trabalhos de Paulhan, quando se analisa a presença da literatura em sua produção intelectual, tal como constata a bibliografia sobre o assunto (BOLDUC, 2020, p. 272- 273).¹⁰⁵

Apresentada em 1963 em “Rencontre avec la rhétorique”, essa narrativa foi retomada de maneira similar por Perelman no prefácio de sua obra solo *L’empire rhétorique: rhétorique et argumentation*, publicada em 1977.

Este trabalho de grande fôlego, empreendido com Lucie Olbrechts-Tyteca, levou-nos a conclusões completamente inesperadas e que constituíram para nós uma revelação, a saber, a de que não havia uma lógica específica dos juízos de valor, mas que aquilo que procurávamos tinha sido desenvolvido numa disciplina muito antiga, a saber, a retórica, a antiga arte de persuadir e convencer. Esta revelação surgiu-nos por ocasião da leitura do livro de Jean Paulhan, *Les Fleurs des Tarbes*. O autor tinha aí publicado, em apêndice, extractos da retórica de Brunetto Latini, o mestre de Dante. Deste texto, foi-nos fácil remontar à retórica de Aristóteles e a toda a tradição greco-latina da retórica e dos tópicos (PERELMAN, 1993

¹⁰² No original: “Ce fut presque le hasard qui, à ce moment, nous mit en présence de la rhétorique classique. J’aime les livres de Jean Paulhan, *Les Fleurs de Tarbes* notamment. Or voici que, en appendice, quelques extraits de Brunetto Latini montrent un vieil auteur, qui, lui aussi, se posait des problèmes relatifs aux arguments du discours. Et s’il se les posait, ce n’était pas à titre personnel, mais parce que d’autres l’avaient fait avant lui. De là à remonter à la grande tradition classique et notamment à Aristote, celui des *Topiques* et de la *Rhétorique*, il n’y avait qu’un pas”.

¹⁰³ No original: “is precily by means of the translation of Brunetto Latini’s rhetoric contained in the appendix of Jean Paulhan’s 1941 *Les fleurs de Tarbes* that Perelman e Olbrechts-Tyteca came tum to rhetoric”.

¹⁰⁴ Uma revisão nos cadernos de anotações de leitura de Perelman do período de 1934 a 1948 não mostram sinal algum dos escritos de Paulhan. Bolduc realizou essa pesquisa com base nos arquivos da Universidade de Bruxelas, já mencionados antes.

¹⁰⁵ Jean Paulhan (1884-1998) foi um escritor e editor francês, bastante influente entre a intelectualidade de seu tempo. Dirigiu por mais de uma década a *Nouvelle Revue Française*, periódico de importância significativa para a França neste período. Com base nas seguintes referências, pode-se desenvolver de maneira mais extensa a presença da reflexão sobre a retórica e sobre a literatura em Paulhan: Bolduc (2020), Côte-Fournier (2015), Levie (2009), Cornick (2009), Milne (2003), Trudel (2002), Compagnon (1997).

[1977]).¹⁰⁶

Neste trecho do prefácio da obra solo de Perelman, identifica-se uma conexão direta com a citação anterior de Olbrechts-Tyteca, apontando o apêndice da obra de Paulhan como o ponto nodal do *rhetorical turn* na pesquisa dos intelectuais belgas. Como Bolduc (2020, p. 271) afirma, é difícil discernir com precisão o lugar de Paulhan e de Latini nas origens do PNR, pois não há pesquisas neste sentido, e os próprios autores não explicam de modo suficiente essa presença.¹⁰⁷ No *Tratado*, texto em que Paulhan é mencionado uma quantidade mais significativa de vezes,¹⁰⁸ pode-se delinear elementos sumários que apontam para as contribuições intelectuais deste teórico da retórica ao PNR. No entanto, é preciso destacar que a menção a Jean Paulhan como ponto de ligação entre o PNR e a retórica antiga só passa a ser mencionada a partir de 1963, com o relato de Olbrechts-Tyteca em “Rencontre avec la rhétorique”. Subsequentemente, Perelman retomará e desenvolverá essa narrativa com o objetivo de dissociar a Nova Retórica da retórica francesa, associando esta à poética e aquela à dialética, com uma intenção claramente argumentativa.¹⁰⁹

Conforme Bolduc (2020, pp. 282-283) demonstra, Perelman retoma essa narrativa ao menos mais duas vezes, porém dando maior ênfase a Latini do que a Paulhan, de modo a afastar o PNR de uma perspectiva literária da retórica, marcando, assim, uma diferença em relação à retórica tal como resgatada na França por Roland Barthes e na Bélgica pelo Grupo *Mu*. Estes, à sua maneira também, reagem ao projeto de uma Nova Retórica, questionando algumas das bases de seu resgate. Esse debate – entenda-se assim – está registrado de maneira explícita no *Império Retórico*, de Perelman (1993 [1977], p. 21), em que o autor responde à perspectiva de

¹⁰⁶ Utilizamos aqui a tradução para o português de Portugal feita por Fernando Trindade e Rui Alexandre Grácio, para a editora ASA.

¹⁰⁷ Bolduc comenta que, em “Philosophie, rhétorique et lieux communs”, artigo de 1972, Perelman explica suas origens positivistas e estudos sobre a lógica dos valores, assim como as contribuições de Gottlob Frege para que ele chegasse às técnicas argumentativas utilizadas pelos antigos, no entanto: “he does not elucidate the steps between Frege and rhetoric, and never names either Paulhan or Latini” (BOLDUC, 2020, p. 271).

¹⁰⁸ No *Tratado*, Jean Paulhan é citado 11 vezes, enquanto em “Lógica e Retórica” não aparece uma vez. A título de comparação, no *Le comique* o autor é citado cinco vezes.

¹⁰⁹ Sobre a complementariedade dos processos argumentativos de dissociação e associação, tomamos esse trecho do *Tratado*: “Psicológica e logicamente, toda ligação implica uma dissociação e inversamente: a mesma forma que une elementos diversos num todo estruturado os dissocia do fundo neutro do qual as destaca. As duas técnicas são complementares e sempre operam conjuntamente; mas a argumentação que promove a modificação do dado pode enfatizar a ligação ou a dissociação que está favorecendo, sem explicitar o aspecto complementar que resultará da transformação buscada. Às vezes os dois aspectos estão simultaneamente presentes na consciência do orador, que se perguntará para qual deles é melhor chamar a atenção” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 215).

Barthes, concordando com este que “a retórica deve ser sempre lida no jogo estrutural das suas vizinhas (Gramática, Lógica, Poética, Filosofia)”, acrescentando que, para se definir a retórica, é necessário tornar precisas suas relações com a dialética. Por dialética, o PNR compreende o *Organon* aristotélico, em que se distingue (na perspectiva perelmaniana) dois tipos de raciocínios: os analíticos e os dialéticos.

O estudo que daqueles empreendeu nos *Primeiros* e nos *Segundos Analíticos* valeu-lhe ser considerado, na história da filosofia, como o pai da lógica formal. Mas os lógicos modernos esqueceram, porque não lhes tinham percebido a importância, que ele tinha estudados os raciocínios dialéticos nos *Tópicos*, na *Retórica* e nas *Refutações Sofísticas*, o que faz dele, igualmente, o pai da teoria da argumentação (PERELMAN, 1993, p. 21).

As designações “pai da lógica” e “pai da teoria da argumentação” funcionam, como esta tese tem demonstrado e defendido, como estratégia de Perelman para vincular seu projeto intelectual à tradição da retórica entendida como “suplemento”, à chamada retórica platônico aristotélica (GAONKAR, 1990, p. 341). Essa vinculação, conforme ficará demonstrada ao longo desta tese, é constante em todo o Projeto Nova Retórica, inclusive na produção intelectual de Olbrechts-Tyteca. Contudo, pode-se também identificar no PNR índices que apontam para uma vinculação deste projeto a uma perspectiva da retórica como produtora de uma forma própria de conhecimento, ligada à tradição sofística. No próximo tópico, esta relação será melhor desenvolvida por meio da análise da influência de Eugène Dupréel no PNR e do diálogo que este projeto – em particular, a produção intelectual de Olbrechts-Tyteca – estabelece com outras perspectivas de “resgate” da retórica.

3.4 A “INFLUÊNCIA” DA SOFÍSTICA NO PROJETO NOVA RETÓRICA

Assim como o Projeto Nova Retórica se vincula à perspectiva platônico aristotélica ao compreender a retórica como suplementar a outras disciplinas, pode-se identificar índices que apontam para uma vinculação deste projeto a uma perspectiva sofística da retórica. Uma sugestão dessa vinculação é apresentada por Olbrechts-Tyteca em seu artigo-relato “Rencontre avec la rhétorique” (1963), em que a autora declara Eugène Dupréel (1879-1967) como aquele que traz à luz a sofística, sendo para ele – mais do que para Górgias – que se deve direcionar a atenção para o estudo da influência do pensamento sofístico no PNR.

Mas se a ideia de aproximar nossa pesquisa da lógica não formal – o que estávamos começando a designar como “argumentação” para opor a

“demonstração” – da tradição retórica não nos foi repelida desde o início, é provavelmente porque E. Dupréel, nosso mestre, trouxe à luz o valor dos sofistas e nos familiarizou com o valor concedido ao opinável. Além de Aristóteles, não tivemos vergonha de nos juntarmos a Górgias (OLBRECHTS-TYTECA, 1963, p. 6 – *tradução própria*).¹¹⁰

Essa relação entre PNR e sofística é explicada de modo direto por Nicolas (2015), que aborda a perspectiva adotada por Dupréel e pela *Escola de Bruxelas* como “uma releitura humanista da tradição clássica e da tomada de posse da herança intelectual dos antigos sofistas” (NICOLAS, 2015, p. 2)¹¹¹, segundo a qual é da condição humana o uso da retórica como meio de ação transformadora da realidade. Além disso, essa perspectiva humanista reconhece o limite da compreensão e as incertezas humanas produzidas nessa linguagem constituída de noções um tanto confusas. Assim, a retórica é entendida tanto como a mediadora universal de todos os conhecimentos, quanto como razão prática necessária a todo ser humano que vive em uma sociedade cuja consistência está pautada nas relações sociais e dos acordos implícitos ou explícitos subjacentes a estas.

Embora haja consenso acerca da contestação das teses que Dupréel defendeu sobre Sócrates e os sofistas (DOMINICY, 2006, p. 2), o estudo de sua obra como reabilitadora da sofística na primeira metade do século XX – fazendo do “homem-medida” de Protágoras uma noção central para seu “convencionalismo sociológico” – é fundamental para se compreender a emergência e o desenvolvimento do PNR. O exercício de apresentação das considerações de Dupréel acerca da sofística e sua influência no projeto intelectual de Perelman e Olbrechts-Tyteca já foi desenvolvido de um ponto de vista teórico (DOMINICY, 2006; NICOLAS, 2015; CASSIN, 2005 [1995]; FREIRE, 1994), porém, quase nada se diz dessas obras de Dupréel – como *Les sophistes* (1948) – e de sua vinculação com o contexto de produção do PNR, de modo a precisar de maneira mais explícita a participação intelectual de Olbrechts-Tyteca neste

¹¹⁰ No original: “Mais si l’idée de rapprocher nos recherches de logique non formelle – ce que nous commençons à désigner comme ‘argumentation’ pour l’opposer à la ‘démonstration’ – de la tradition rhétorique ne nous a pas rebutés dès l’abord, c’est vraisemblablement parce que E. Dupréel, notre maître à tous deux, avait mis en lumière le valeur des sophistes et nous avait familiarisés avec le prix accordé à l’opposable. Par delà Aristote, nous n’avons pas honte à rejoindre Gorgias” (OLBRECHTS-TYTECA, 1963, p. 6).

¹¹¹ No original: “une relecture humaniste de la tradition classique, et d’une prise en charge de l’héritage intellectuel des anciens sophistes” (NICOLAS, 2015, p. 2). Ao resgatar essa tradição humanista da *Escola de Bruxelas* – cuja origem estaria em Auguste Baron (1794-1862), passando por Eugène Dupréel e chegando a Perelman e Olbrechts-Tyteca –, Nicolas (2015) propõe ser a partir de Dupréel a sua vinculação ao pensamento sofístico. Acerca de Baron, cabe destacar que este escreveu sobre a retórica e publicou a seguinte obra, sendo ela muito influente: *De la rhétorique, ou de la composition oratoire et littéraire*, publicada em 1849 (NICOLAS, 2015, p. 5).

projeto.¹¹² Por conseguinte, é preciso situar a produção de Duprèl nesse contexto, a fim de se delimitar sua compreensão da sofística e como esta é referida e apropriada no PNR, especificamente por Olbrechts-Tyteca.

Antes, porém, é preciso explorar de modo abrangente a afirmação de Olbrechts-Tyteca acerca da presença de Górgias no Projeto e de uma perspectiva literária acerca da retórica no PNR. Mesmo que Olbrechts-Tyteca afirme em seu artigo-relato que nem ela nem Perelman fossem críticos literários, a literatura compõe o *corpus* analisado no âmbito do PNR, em especial em *Le comique du discours*. A análise desta obra e da presença da literatura em seu *corpus* de análise será desenvolvida no quarto capítulo desta tese. O que se propõe neste tópico, em específico, é ampliar a contextualização em que se insere o PNR, deixando evidentes os elementos que permitem estabelecer o diálogo entre este projeto e o resgate da retórica proposto por Roland Barthes, que enfatiza a importância de Górgias para uma visão da retórica não desvinculada da poética e da literatura. Em que medida as considerações de uma retórica que não negligencia a poética (retórica gorgiana) podem ser identificadas no PNR? E, qual seria o papel das contribuições e influências de Olbrechts-Tyteca neste resgate da retórica de Górgias (retórica da literatura) no âmbito do PNR? Ainda, pode-se afirmar categoricamente que o PNR promove um resgate da sofística via o pensamento de Górgias? São esses alguns questionamentos a serem esclarecidos neste tópico, cujo objetivo é precisar ainda mais o contexto de produção do PNR, em particular das contribuições e influências de Olbrechts-Tyteca a este projeto.

3.4.1 Retórica e Poética no PNR e em Barthes

Jean-Michel Adam (2002) apresenta um panorama das perspectivas que retomaram a retórica e a teoria da argumentação a partir da segunda metade do século XX, em especial a partir da década de 1970. As perspectivas de retomada da retórica representadas por Barthes e por Perelman e Olbrechts-Tyteca são apresentadas como opostas, na descrição elaborada por Adam (2002). As reflexões de Barthes referentes à retórica e à teoria do discurso em geral são uma crítica à corrente que se diz oriunda da retórica antiga: a chamada retórica restrita. A perspectiva da qual parte Barthes entende, conforme interpreta Adam, a disciplina como, de certa forma, limitada ao estudo dos tropos e figuras de linguagem e, portanto, fortemente ligada

¹¹² De acordo com Dominicy (2016, p. 43), o interesse de Olbrechts-Tyteca pelo estudo das dissociações das noções e do cômico do discurso – e mesmo certos traços de escrita – são influências diretas de Duprèl.

ao estudo da literatura. Trata-se, como desenvolve Adam, de um movimento de *gramaticalização da retórica* (ADAM, 2002, p. 27-36).

A segunda corrente de retomada da retórica é representada por Perelman e Olbrechts-Tyteca, mas não apenas, pois Adam não deixa de considerar a importância do epistemólogo e filósofo Stephen Toulmin, quem primeiro se opôs – no que toca à argumentação – ao positivismo lógico no contexto anglo-saxão. O *Tratado da argumentação* é entendido como um marco no contexto francófono, pois influenciou o desenvolvimento de três grandes perspectivas para o estudo da argumentação: a *corrente semiológica*, representada pela lógica natural de Jean-Blaise Grize, cujo trabalho é considerado um fecundo prolongamento da Nova Retórica de Perelman e da teoria da argumentação de Toulmin (ADAM, 2002, p. 38); a *corrente linguística*, representada pelas pesquisas de J. C. Anscombre e O. Ducrot, que influenciaram em muito o desenvolvimento das análises da argumentação formulada por autores como Christian Plantin, Ekkehard Eggs, Ruth Amossy, Roselyn Koren etc. (ADAM, 2002, p.39); e a *corrente filosófica*, representada pela problematologia de Michel Meyer, fundada sobre a definição de retórica conforme Aristóteles e Quintiliano (ADAM, 2002, p. 40).

O resgate da retórica antiga proposto pelo PNR desde o primeiro parágrafo afirma *filiação* à tradição da retórica e da dialética gregas e *ruptura* com a concepção que marcou a Filosofia ocidental no período moderno, a concepção cartesiana de razão (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005 p. 1). Como já desenvolvido anteriormente, a emulação que o PNR faz de Aristóteles é inspirada justamente nos textos que se relacionam a cada uma dessas artes amplamente desenvolvidas pelo filósofo grego. Essas obras são a *Retórica* e os *Tópicos*, sendo aquela entendida como uma aplicação destes (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 5). A presença das referências a essas duas obras é majoritária no *Tratado*, que cita poucas vezes as *Refutações Sofísticas*, uma vez a *Metafísica* e uma vez a *Poética*.

Essa preferência pelas obras de dialética que compõem o *Órganon* de Aristóteles é explicitada desde a introdução do *Tratado da argumentação*: “Nossa análise concerne às provas que Aristóteles chamou de dialéticas, examinadas por ele nos *Tópicos* e cuja utilização mostra na *Retórica*” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 4). A intenção da Nova Retórica é resgatar a ideia de uma dialética (do debate filosófico científico) do *verossímil* contida nessas obras de Aristóteles, a fim de questionar a *ideia de evidência* inaugurada por René Descartes. No entanto, sabe-se que a noção de verossímil não foi desenvolvida por Aristóteles apenas nestes textos, assim como sua reflexão sobre o funcionamento da linguagem não se restringe a eles. Conforme as reflexões de Roland Barthes em *A retórica antiga*, Aristóteles escreveu uma *tékhne rhetoriké* e uma *tékhne poietiké* – a primeira tratando da arte da

comunicação cotidiana e do discurso público, e a segunda tratando da arte da evocação imaginária. Essa oposição, na leitura de Barthes, define a *Retórica* aristotélica, e todos os autores que a reconhecerem poderão enquadrar-se nessa retórica, sendo classificados como aristotélicos (BARTHES, 1975 [1970], p. 155), ou, conforme a leitura posterior de Gaonkar (1990, p. 344), legatários de uma tradição que compreende a retórica como acessório.

Publicado em 1970 como parte de uma edição da revista *Communications* (nº16) dedicada a pesquisas sobre retórica, esse artigo de Barthes retoma a história da retórica antiga desde seus primórdios – as brigas por propriedade na antiga Sicília por volta de 485 a.C. A reconstrução histórica apresentada por Barthes tem como pano de fundo o *texto moderno*, tendo como objetivo “penetrá-lo”, a fim de “justamente saber a partir de que e contra que ele é pesquisado e confrontar, pois, a nova semiótica do estilo e a antiga prática da linguagem literária, que durante séculos se chamou retórica” (BARTHES, 1975, p. 147). É à literatura (a Górgias) que Barthes relaciona a retórica antiga, o que não significa dizer que haja uma retórica nova; retórica antiga se opõem ao texto moderno, “este novo quicá ainda não terminado” (BARTHES, 1975, p. 147). Na seção do artigo dedicada à descrição histórica dos autores e fatos teóricos da retórica – intitulada “A viagem” –, ao tratar do fim da retórica, o semioticista afirma o seguinte: “para se afirmar de modo cabal que a retórica morreu seria necessário determinar por que disciplina ela foi substituída” (BARTHES, 1975, p. 177).¹¹³

Para Barthes, oposta ao sistema da *Retórica*, a *Poética* trata de uma arte da invocação imaginária (a *inventio*, designarão os latinos), enquanto aquela trata de uma arte do raciocínio (a *elocutio*). De acordo com essa abordagem, na Antiguidade teria havido duas formas de lidar com essa oposição a partir da tradição que se segue a Aristóteles (e a Platão): aqueles que retomam sempre a oposição, e por isso podem ser chamados de aristotélicos (Cícero e Quintiliano, por exemplo), e aqueles que escolheram neutralizar e fundirem retórica e poética (o que sucede nas obras de Ovídio e Horácio, por exemplo). Nesses termos, Perelman e Olbrechts-Tyteca seriam aristotélicos, conforme já desenvolvido antes a partir de Gaonkar (1990). A análise de Barthes sobre a diferença entre a *Retórica* e a *Poética* em Aristóteles é bastante perspicaz e permite compreender melhor a evolução da retórica e sua relação com a literatura. Ele destaca que, para o filósofo grego, essas duas áreas, apesar de próximas, possuem finalidades e funções distintas: a retórica visa persuadir um público, convencendo-o sobre um tema ou ponto de vista através de argumentos lógicos, exemplos e recursos persuasivos. Já a

¹¹³ De inspiração barthesiana, a análise de D. Wellbery sobre o retomo da retórica no modernismo/pós-modernismo visa justamente responder a esse questionamento, demonstrando através da *retoricidade* a presença da retórica em diversos campos disciplinares.

poética se concentra em criar e evocar uma experiência estética, produzindo uma obra literária que cause emoção, prazer e reflexão. Para isso, utiliza imagens, figuras de linguagem, ritmo e musicalidade, buscando a expressão criativa e a beleza formal, explorando recursos próprios à linguagem poética.¹¹⁴

Não se pode dizer que Barthes pretendia colocar Aristóteles contra ele mesmo, mas é plausível sugerir como hipótese que ele retoma, através da *Poética*, e da *Retórica* de certo modo, mais que uma técnica de invenção (de heurística). Para Barthes, conforme a leitura que esta tese propõe, as reflexões de Aristóteles acerca do funcionamento do discurso poético retomam a ideia de leitura, presente em suas considerações sobre os modos de realização do texto trágico e sobre os efeitos produzidos por ele, no espetáculo ou na leitura. Tais considerações sobre a leitura, no entanto, encontram-se desenvolvidas em outros textos de Barthes, onde é possível se inferir a associação entre sua “teoria da leitura” e aquela técnica oposta à técnica retórica.

Em “Escrever a leitura”, artigo publicado em 1970, Barthes (2004) desenvolve alguns apontamentos para o que designa uma “teoria da leitura”, compreendida como contraposta à retórica, que milenarmente cuidou da técnica da composição. Nesta análise, conforme veremos abaixo, composição e leitura são compreendidas como opostas e, conforme se pode compreender a partir da análise do teórico francês, análogas ao par retórica e poética. Vejamos, para isso, o seguinte trecho:

[...] percebemos mal, ainda, até que ponto a lógica da leitura é diferente das regras da composição. Estas, herdadas da retórica, sempre passam por referir-se a um modelo dedutivo, ou seja, racional; trata-se, como no silogismo, de constranger o leitor a um sentido ou a uma saída: a composição canaliza; a leitura, pelo contrário (esse texto que escrevemos em nós quando lemos), dispersa, dissemina [...] (BARTHES, 2004, p. 28).

A leitura, nesta perspectiva, é disseminadora de sentidos, à medida em que ela é também a escritura que o leitor produz enquanto lê. Nesses termos, a leitura ou a apreciação de um texto (seja ele uma peça trágica apresentada ao grande público ou um debate político) é produtora de efeitos sobre o leitor, que não necessariamente se vê constrangido por aquilo que se poderia chamar a “intenção do autor”. Cinco anos após essas primeiras considerações acerca da leitura, em uma conferência de 1975, intitulada “Da leitura”, Barthes (2004) aprofunda sua teoria e

¹¹⁴ Barthes explica que essa distinção entre a retórica e a poética em Aristóteles é crucial para entender a evolução da literatura ocidental. A retórica, como um instrumento de persuasão, se torna cada vez mais associada ao discurso político e jurídico, enquanto a poética ganha um espaço cada vez maior nas esferas da arte e da cultura.

chega mesmo a considerar sua impossibilidade devido à complexidade de sua abordagem e à certa impertinência do objeto de análise. Todavia, o desenvolvimento do texto, bem como as conclusões da conferência, não fazem senão tornar mais clara essa teoria. O desenvolvimento desta perspectiva, mesmo que resumido, permite demonstrar a proposição aqui defendida acerca da teoria da leitura em Barthes como legatária de uma tradição que não suprime a técnica do discurso poético, sendo necessário, para isso, ressaltar a importância dada, por ele e por esta tradição, ao leitor. Este, segundo Barthes embasado na análise da tragédia antiga, deve ser considerado uma personagem, a fim de que a leitura possa ser considerada pela análise estrutural da narrativa:

Uma maneira de ligar o leitor a uma teoria da Narração ou, mais amplamente, a uma Poética, seria considerar ele mesmo como ocupante de um ponto de vista (ou sucessivamente de vários); em outras palavras, tratar o leitor como uma personagem, fazer dele uma das personagens (mesmo que não necessariamente privilegiada) da ficção e/ou do Texto. Demonstrou-se isso para a tragédia grega, o leitor é aquela personagem que está no palco (mesmo clandestinamente) e que sozinha ouve o que cada um dos parceiros do diálogo não ouve; sua escuta é dupla (e, portanto, virtualmente múltipla) (BARTHES, 2004, p. 40,41).

Tais considerações sobre o auditório da tragédia como parte de sua composição podem ser identificadas na *Poética* de Aristóteles quando este trata da tragédia como condutora dos ânimos, afirmando que os meios mais importantes para a geração desse efeito estão no enredo: reviravolta e reconhecimento: “Reunamos a isso o fato de os mais importantes meios, em função dos quais a tragédia conduz os ânimos, estarem presentes no enredo” (ARISTÓTELES, *Poética*, 2017, p. 83). Essa função de conduzir os ânimos Aristóteles nomeia de *psicagogia*, termo que deriva do verbo *psykhagogéo*, que significa “conduzir almas”, seja para o outro mundo, seja para atrair, conquistar ou iludir. Associado a Hermes, o deus condutor de almas, o termo também remete à condução pelo *lógos*, como em Górgias (*Elogio de Helena*), em que o termo aparece pela primeira vez. Já em Platão, *psicagogia* aparece de modo mais desenvolvido no diálogo *Fedro*, compondo parte essencial da compreensão que este filósofo propõe para sua retórica filosófica¹¹⁵. Diante disso, propõe-se aqui que essa consideração acerca da psicagogia

¹¹⁵ Essa compreensão etimológica e histórica do termo *psicagogia* foi retirada da tese de Barbosa (2022, p. 12), cujo tema central é o estudo da performance da psicagogia no *Fedro* de Platão. Barthes, em “A retórica antiga”, também tece uma série de reflexões sobre a psicagogia em Platão, a qual representa uma crítica à retórica “de fato”, que, para ele, se torna um instrumento de poder e de manipulação social. A retórica “de direito” que Platão defende, através da psicagogia, se foca na construção de uma sociedade mais justa e ética, baseada na busca pela verdade e na formação moral do indivíduo. No entanto, o trabalho de Barbosa avança em muitas questões intocáveis aos objetivos de Barthes, permitindo uma compreensão muito mais ampla desta noção no âmbito da filosofia platônica.

apresentada por Aristóteles, em certa medida, aponta para a possibilidade de se pensar a recepção do texto da tragédia, pois entende o espetáculo e a “leitura” como instâncias de realização desta¹¹⁶. Conforme Barthes (2004b, pp. 40,41) expõe, é a *Poética* que prevê essa possibilidade de reflexão sobre o leitor e a leitura, sendo a *Retórica* voltada para o estudo da composição dos discursos.

O jogo estrutural desenvolvido pela análise de Barthes – e de outros que o seguem, como Wellbery e Gaonkar – coloca em oposição os pares retórica/filosofia/composição e poética/literatura/leitura. Esse gesto estruturalista apresenta a vantagem de resumir e explicar toda uma tradição de pensamento, todavia parece também pressupor que essa mesma tradição partilha dessa visão estruturalmente dicotômica da realidade. Feitas tais considerações, esta tese não tomará este esquema como suficiente para toda e qualquer análise da retórica, justamente pelo fato de seu objeto de estudos não se enquadrar de modo exato no jogo de sua estrutura. Pode-se dizer, em certa medida, que tal esquema estruturante da tradição de estudos da retórica é necessário à medida em que busca organizar uma tradição de saberes, identificando de modo mais ou menos explícito o PNR dentro dessa sistematização. Como tem sido demonstrado até aqui e de acordo com esse esquema estrutural, o PNR teria promovido um resgate da tradição platônico aristotélica, valorizando a retórica como suplemento e como técnica da composição e, conseqüentemente, reprimindo o que a tradição gorgiana aponta como sendo uma técnica da invenção e o que Barthes propõem como uma valorização do leitor e uma teoria da leitura. No entanto, nem o PNR pretere a relevância da leitura, nem a literatura é negligenciada como objeto de análise em seu escopo de investigação.

Acerca da presença de uma reflexão sobre a leitura no escopo no PNR, pode-se afirmar que esse projeto não pretere de todo as formulações dessa ordem (associada por Barthes à *Poética* de Aristóteles). Mesmo não citando esta obra como uma referência principal para a compreensão do discurso, e aderindo em certo sentido à perspectiva da retórica como suplemento, conforme vimos, o PNR desenvolve reflexões sobre a leitura e a interpretação dos esquemas argumentativos apresentados nos textos por eles analisados. Tais considerações são apresentadas já no *Tratado da argumentação*, no tópico de abertura da terceira e maior parte

¹¹⁶ Claude Mossé analisa a possibilidade de que o público das tragédias gregas, composto majoritariamente por cidadãos da cidade, habituados à oratória, fosse capaz de apreender as “ilusões políticas” representadas nas peças. Esse público, “aglomerado no teatro, com seus farnéis a tiracolo”, segundo a historiadora, possuía um caráter reflexivo: “Quando ponderamos que foram os atenienses reunidos no teatro, durante as Lencias, os que coroaram Ésquilo, Sófocles e, posteriormente, Eurípedes, em vez de obscuros comparsas, não podemos deixar de admirar a solidez do juízo desse povo e questionar os malefícios da 'teatrocracia' denunciada por Platão” (MOSSÉ, 1982, p. 43).

dessa obra, dedicada à descrição das técnicas argumentativas.

Para discernir um esquema argumentativo, somos obrigados a interpretar as palavras do orador, a suprir os elos faltantes, o que nunca deixa de apresentar riscos. Com efeito, afirmar que o pensamento real do orador e de seus ouvintes é conforme ao esquema que acabamos de discernir não passa de uma hipótese mais ou menos provável. O mais das vezes, aliás, percebemos simultaneamente mais de uma forma de conceber a estrutura de um argumento (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 211-212).

Essas considerações são ditas acerca dos exemplos selecionados para ilustrarem as técnicas argumentativas que serão descritas.¹¹⁷ Perelman e Olbrechts-Tyteca consideram as objeções que podem ser feitas, a partir da ideia de que interpretamos os textos que procuramos enquadrar nos esquemas argumentativos que procuramos exemplificar. Consideram, portanto, que os exemplos apresentados poderiam ser interpretados de outras maneiras, “conforme outros planos de delimitação”. Esse grau de equivocidade da linguagem é aguçado, segundo os autores, quando os exemplos analisados são retirados da literatura, pois esta se trata de um discurso imaginado, mais distante da “realidade” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 212). Além disso, os próprios esquemas argumentativos relacionam-se entre si, de modo que a identificação de um tipo de argumento pode levar inevitavelmente à sua relação com outro tipo de argumento, por exemplo, o fato de que “toda ligação implica uma dissociação e inversamente” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 215). Nesses termos, tanto o discurso analisado (seja narrativo ou argumentativo, ficcional ou não) quanto as técnicas nele observadas (técnicas de associação ou de dissociação) funcionam como índices que orientam a leitura de quem procura analisar argumentos.

Essa reflexão sobre a leitura dos esquemas argumentativos aparece – no *Tratado da argumentação* – ponderando o que designamos aqui como grau de equivocidade que os exemplos retirados da literatura poderiam trazer ao teórico que opera com essa abordagem. Tais exemplos, retirados da literatura – por exemplo *Dom Quixote* e *Em busca do tempo perdido* –, são marcas fundamentais de Olbrechts-Tyteca (FRANK; BOLDUC, 2010), assim como o problema da recepção e dos efeitos do discurso também aparecem no conjunto de suas preocupações teóricas (WARNICK, 1997), conforme pretende-se demonstrar no próximo capítulo. No entanto, embora se possam identificar, nas contribuições intelectuais de Olbrechts-

¹¹⁷ Trata-se do parágrafo 44 do *Tratado da argumentação* (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 211), que abre a terceira e última parte dessa obra, no qual se descreve a longa lista de técnicas argumentativas. Essa parte ocupa mais de dois terços da obra e consiste numa das grandes contribuições do trabalho de Perelman e Olbrechts-Tyteca.

Tyteca, índices de um *rhetorical turn* implícito ligado ao pensamento sofístico, sua compreensão da argumentação e do cômico no discurso argumentativo não é antiaristotélica, como sugere a leitura dicotômica de Barthes para a história da retórica. Essa influência da sofística no escopo teórico do Projeto Nova Retórica, outrossim, deve ser observada nas influências mais diretas à sua produção, a saber: o ambiente intelectual da Universidade Livre de Bruxelas e a presença de Eugène Dupréel em sua formação e na de Perelman. São estes os pontos que abordaremos no próximo item.

3.4.2 Dupréel e a interpretação sociológica dos sofistas

O termo *doxografia* foi criado por Herman Diels em 1879 (*Doxographi Graeci*) e abrange os escritos, ou parte de escritos, nos quais o autor apresenta visões filosóficas de pensadores específicos ou de escolas antigas em diversas áreas e sobre diversos tópicos (MANSFELD, 2024). A doxografia dos sofistas – o conjunto dos testemunhos sobre estes e dos fragmentos de escritos seus – é a fonte de informação que se tem acerca desse movimento intelectual existente no século V a. C. (KERFERD, 2003, [1978]). Um conjunto organizado dessa doxografia e dos fragmentos é apresentado na edição crítica de Hermann Diels e de Walther Kranz em *Die Fragmente der Vorsokratiker*, de 1903. Entende-se que essas publicações são essenciais, pois marcam uma mudança metodológica na abordagem da sofística, organizando e orientando pesquisas sobre o tema desde então (CASSIN, 2015 [1980]).¹¹⁸ Nesse sentido, contribuem para o movimento de reabilitação da sofística ocorrido ao longo do século XX, do qual o Projeto Nova Retórica participou em certo grau, à medida em que foi influenciado por um estudioso e editor desses fragmentos, Eugène Dupréel, conforme Olbrechts-Tyteca declara (1963, p. 6).

Doutor em História e Filosofia, Dupréel desenvolveu reflexões que abrangem a Filosofia, a moral, a metafísica e a Sociologia, sendo o conjunto de suas ideias definido como um “convencionalismo sociológico” (DUPRÉEL, 1948, p. 25), inspirado por sua análise do fragmento de Protágoras, presente na publicação de *Les Sophistes. Protagoras, Gorgias, Prodicus, Hippias* (1948):

¹¹⁸ B. Cassin (2015, p. 114-115) sugere o seguinte paradoxo no capítulo “Citação generalizada”, de sua obra *Se Parmênides*: à medida que Diels “cria” a doxografia, ele coloca fim à sua proliferação. “Sem o aparecimento das duas sumas sem as quais nenhum filólogo e talvez nenhum filósofo poderia passar, os *Doxographi Graeci* em 1873 e *Die Fragmente der Vorsokratiker* em 1903, uma verdadeira mutação se cumpre. Diels, com efeito, põe definitivamente fim ao jogo doxográfico, à proliferação das interpretações e das reinterpretações dos resumos antigos”.

Πάντων χρημάτων μέτρον ἐστὶν ἄνθρωπος, τῶν μὲν ὄντων ὥς ἔστιν, τῶν δὲ οὐκ ὄντων ὥς οὐκ ἔστιν (DK 80, B1).

L'homme est la mesure de toutes choses, de celles qui sont en tant qu'elles sont, de celles qui ne sont pas en tant qu'elles ne sont pas (DUPRÉEL, 1948, p. 15).

Se traduzida livremente para o português, a tradução de Dupréel pode se expressar assim: “O homem é a medida de todas as coisas, das que são à medida que são, das que não são à medida que não são”.¹¹⁹ Em sua edição do fragmento coletado de Sexto Empírico em *Contra os matemáticos*, Dupréel coloca sua tradução do trecho e a referência ao texto de Diels-Kranz em nota de rodapé. Hierarquicamente, uma nota de rodapé está subordinada ao texto, pois explica ou complementa algo acerca do que nele foi dito, de modo que o texto permanece coerente sem a nota, enquanto essa pode perder completamente o seu sentido sem aquele. Contudo, não se pode afirmar algo nesse sentido acerca da edição de Dupréel, mesmo que se reconheça seu estilo como mais opinativo que o descritivismo-filosófico de Perelman (DOMINICY, 2016, p. 7), até porque, em outros momentos da edição, fragmento e tradução são colocados ambos no corpo do texto (DUPRÉEL, 1948, p. 29).

Em resumo, Dupréel compreende que as convenções atribuem um *status* funcional e coletivamente reconhecido a uma determinada classe de objetos em qualquer forma de conhecimento. Esses objetos caracterizam tipos de acordos estabelecidos entre os espíritos, sendo tais acordos as convenções sociais estabelecidas e orientadoras da ação humana. Convenções e acordos são concertados a partir de valores com a seguinte lógica: “o valor da realidade” e “o valor da representação” estão subordinados, como “valores relativos” ao “valor absoluto da verdade” (DOMINICY, 2016, p. 4-5). Nessa perspectiva, o homem é a medida das coisas (sejam elas realidades ou representações), à medida que sua ação contribui para convencionar (tornar convenção) os dados brutos do mundo, de modo que “a unidade da ciência só pode ser estabelecida à custa de um ‘pluralismo’ de representações e realidades”

¹¹⁹ Como referência de tradução dos fragmentos para o português, tem-se a edição *Sofistas: Testemunhos e fragmentos*. Essa edição dos testemunhos e fragmentos, publicada pela Imprensa Nacional Casa da Moeda de Lisboa, trata-se da tradução dos mesmos fragmentos de Diels-Kranz relativos aos sofistas. Além dessa fonte, a tradução junta a estes o fragmento do tratado *Do Não Ente*, na versão do Anônimo, *De Melisso Xenophane Gorgia*, inexistente na obra Diels-Kranz, mas integrada na edição de *Sofist, Testimonianze e Frammenti (Sofista, Testemunhos e Fragmentos)*, desenvolvida entre 1949 a 1962 por Mario Untersteiner, e na edição crítica de Barbara Cassin *Si Parménide, Le Traité anonyme, De Melisso Xenophane Gorgia, Édition critique et commentaire*, desenvolvida em 1980 (SOUSA; PINTO, 2005, p. 41). O fragmento de Protágoras é apresentado por Sexto Empírico em *Contra os matemáticos*: “O homem é a medida de todas as coisas, das que são que são, das que não são que não são” (SOUSA; PINTO, 2005, p. 78-79).

(DOMINICY, 2016, p.5). O trecho seguinte sintetiza essa interpretação convencionalista do homem como medida:

Uma fórmula breve e decisiva exprime tanto o verdadeiro sentido, como a intenção e o alcance do aforismo protagórico: as coisas não são *par la nature*, elas são *par la loi*, não φύσει, mas νόμῳ.

É o acordo dos espíritos [das mentes], uma convenção implícita ou explícita, que garante a consistência dos seres; por exemplo, a justiça é estabelecida ou fundada, ela existe assim que os cidadãos, convencidos do seu valor, a expressam através do texto da lei. O discurso não apenas exprime as coisas, ele as detém ou as retalha, dir-se-ia, no caos indeterminado ou naquilo que Sexto Empírico designa com uma palavra que não é seguramente posterior neste papel, a matéria. Os nomes, como veremos, são arbitrários e só são válidos se todos concordarem em designar a mesma coisa pelo mesmo signo. É a invariância do signo que introduz o estável no indeterminado. A famosa frase proclama, portanto, a primazia da convenção sobre a natureza bruta; a doutrina de Protágoras é, acima de tudo, um *convencionalismo sociológico* (DUPRÉEL, 1948, p. 25).¹²⁰

Nota-se que a compreensão do fragmento de Protágoras é adequada ao pensamento relativo e ao convencionalismo de Dupréel, e não o contrário. Com efeito, a análise exposta faz passar a afirmação de que a doutrina do sofista seria um “convencionalismo sociológico”, expressão francamente anacrônica, pois compreende o passado (grego) à luz de conceitos coetâneos a Dupréel e procura identificar nesse passado a validação desses mesmos conceitos, dos quais sua compreensão parte e depende. Além disso, as análises de Dupréel em torno dos fragmentos carecem de uma abordagem metodológica e filológica, partindo antes de uma via intuitivo-filosófica que lhe permite fazer inferências, de modo mais declarativo e menos descritivo, sobre a história das ideias. Críticas como essas foram desenvolvidas quanto aos estudos de Dupréel sobre a Antiguidade grega, seja em sua publicação *La légende du Socrates*

¹²⁰ Tradução própria. “Une formule brève et décisive exprime à la fois le sens véritable, l’intention et la portée de l’aphorisme protagorien: les choses ne sont pas *par la nature*, elles sont *par la loi*, non pas φύσει mais νόμῳ.

C’est l’accord des esprits, convention implicite ou explicite, qui assure la constance des êtres; par exemple, la justice est établie ou fondée, elle est dès que les citoyens, convaincus de sa valeur, l’expriment par le texte de la loi. Le discours n’exprime pas uniquement les choses, il les arrête ou les découpe, peut-on dire, dans le chaos indéterminé ou dans ce que Sextus Empiricus désigne d’un mot qui n’est pas sûrement plus tardif dans ce rôle, la matière. Les noms, comme nous allons le voir, sont arbitraires et ne valent que par l’accord de tous pour désigner une même chose par le même signe. C’est l’invariance du signe qui introduit le stable dans l’indéterminé. La phrase fameuse proclame donc le primat de la convention sur la nature, la doctrine de Protagoras est, au principal, *un conventionalisme sociologique*” (DUPRÉEL, 1948, p. 25).

(1922)¹²¹, seja em *Les sophistes* (1948).¹²² Ambas devem, portanto, ser consideradas como parte do conjunto das pesquisas que Dupréel desenvolveu acerca da Filosofia grega – e em especial do pensamento sofístico –, a partir da doxografia disponível em Diels e Diels e Kranz.

Tais estudos representam o que Nicolas (2015, p. 2) designou como uma “reabilitação da sofística”, elaborada por Dupréel na década de 1920 na Universidade Livre de Bruxelas, com ampla influência em muitos intelectuais dessa universidade até antes da década de 1960 (COENEN-HUTER, 2006, p. 97). O relato de Olbrechts-Tyteca explicita a influência neossofística¹²³ de Dupréel no Projeto Nova Retórica, destacando o valor atribuído aos sofistas pelo “mestre” como fato importante para a aproximação entre “lógica informal” e retórica operada por esse projeto. Em 1968 – um ano após a morte de Dupréel –, Perelman publica um “retrato filosófico” dele, texto bastante explicativo acerca de suas bases conceituais, sendo a Sociologia a principal delas: “É o espírito sociológico que distingue seus pensamentos aos dos filósofos clássicos aos quais ele se opôs” (PERELMAN, 1968, p. 228).¹²⁴

Ao tratar das noções de “acordo entre os espíritos” e “persuasão”, presentes tanto na sociologia quanto na filosofia de Dupréel, Perelman se pergunta como alguém que se preocupou detidamente com essas noções, alguém que conhecia de maneira vasta a Filosofia grega e publicou um “trabalho notável” sobre os sofistas – em específico Górgias e Protágoras – não teria percebido a importância da retórica para sua filosofia dos valores (PERELMAN, 1968, p. 236). Diferentemente de Olbrechts-Tyteca, ao tratar em seu artigo-relato do reconhecimento de Górgias e os sofistas via Dupréel (OLBRECHTS-TYTECA, 1963, p. 6), Perelman explica o lugar desses dois sofistas (Górgias e Protágoras) no sistema de compreensão de Dupréel – no qual Protágoras é hierarquicamente superior a Górgias – e diz que ele acolheu com simpatia o

¹²¹ A. Diels (1925, p. 279-280 – *tradução própria*) diz: “este livro, se prodigiosamente interessante pelos problemas que aborda, pelos caminhos que abre e pelas saídas que abre, é ainda mais desconcertante pelo seu método, pela fragilidade demasiado frequente das suas provas, pela rápida facilidade com que verdades banais transformam-se em paradoxos, e as hipóteses, apresentadas pela primeira vez como tal, em descobertas grandiosas, dogmaticamente afirmadas”.

¹²² M. Untersteiner (1950, p. 138 – *tradução própria*) diz: “O ensaio de Dupréel começou a ser impresso em 1948 (ver frontispício), mas foi publicado (devido a atrasos tipográficos) apenas em 31 de outubro de 1949 (ver p. 408); meu escrito *I Sofisti* (Torino, Einaudi 1949) foi concluído em 20 de maio de 1949. As duas obras são, portanto, contemporâneas e independentes. Pode ser de interesse para o estudioso observar os pontos de contato entre D. e eu. E isso tanto mais que Dupréel segue um método de pesquisa completamente diferente do meu. D. segue antes de tudo o caminho intuitivo-filosófico; Eu, porém, baseei-me na pesquisa filológica para chegar a sínteses filosóficas; D. pesquisa a sofística sobretudo nos textos platônicos, quis reconstruir as linhas essenciais sobre o fundamento principal do material oferecido por Diels-Kranz no *Vorsokratiker*”.

¹²³ O termo neossofística é utilizado por Loïc Nicolas (2015, p. 2).

¹²⁴ Tradução própria: “C’est l’esprit sociologique qui distinguera sa pensée des philosophies classiques auxquelles il s’oppose”.

projeto de revalorização da retórica que ambos empreendiam no PNR:

Ao contrastar Protágoras, o educador, o jurista, o homem preocupado com o bem da cidade, com Górgias, o inventor da retórica, apenas enfatiza os abusos desta disciplina, utilizada para promover fins eminentemente egoístas e antissociais. Mas gostaria de salientar que, assim que lhe foi conhecido o nosso empreendimento, com vista à revalorização da retórica, percebeu imediatamente o seu interesse e acolheu-o com simpatia (PERELMAN, 1968, p. 236 – *tradução própria*).¹²⁵

Essas declarações de Perelman apontam que os estudos de Dupréel se preocupam com a retórica quanto aos abusos praticados por alguns sofistas, em especial Górgias, ignorando seu uso como técnica discursiva. De modo diferente, mas não oposto a Perelman, Olbrechts-Tyteca declara que Dupréel lhes familiarizou com o opinável, por meio da valorização da sofística, contribuindo para a definição de argumentação trazida pelo PNR. Essas observações auxiliam a esclarecer um ponto importante, mesmo que óbvio: o “objeto” de estudo do mestre e dos discípulos são diferentes, embora se conectem em alguma medida. Enquanto Dupréel – historiador, sociólogo, filósofo e moralista – tem em vista a sociedade e o papel dos acordos e convenções na ligação desse tecido, Perelman e Olbrechts-Tyteca têm em vista as técnicas argumentativas/retóricas utilizadas para a construção desses acordos e convenções. “Nosso cuidado foi o do lógico às voltas com o real social”, afirmam Perelman e Olbrechts-Tyteca no artigo que lança o PNR, intitulado “Lógica e Retórica” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2004 [1950], p. 58).

Para uma compreensão mais bem delineada da influência de Dupréel e de sua sofística no PNR, é preciso considerar as diferenças – mesmo que sutis – entre o modo de apropriação que Perelman e Olbrechts-Tyteca promovem das teorizações de Dupréel e dos sofistas, por consequência. Como metodologia de análise, partiu-se da observação das menções explícitas a Dupréel e sua obra tanto no *Tratado da argumentação* (1958) quanto em *Le comique du discours* (1974), de modo a compreender quais os tópicos enfatizados na produção conjunta entre Olbrechts-Tyteca e Perelman e na produção solo desta pensadora. Esses exercícios permitirão conhecermos como a teoria sociológica de Dupréel contribui para a formulação de alguns dos conceitos centrais no PNR possibilitando, ademais, identificar a presença da sofística

¹²⁵ “En opposant Protagoras, l'éducateur, le juriste, l'homme préoccupé du bien de la cité, à Gorgias, l'inventeur de la rhétorique, il n'insiste que sur les abus de cette discipline, utilisée en vue de promouvoir des fins éminemment égoïstes et antisociales. Mais je tiens à signaler que, dès que notre entreprise, en vue de la revalorisation de la rhétorique, lui fut connue, il en perçut immédiatement l'intérêt et l'accueillit avec sympathie”.

nos âmbitos desse projeto.

3.4.2.1 Menções a Dupréel no *Tratado da argumentação*

No *Tratado da argumentação*, Dupréel é citado 13 vezes em diversas partes, com objetivos diferentes. A primeira referência direta à sua obra é feita já nos “Âmbitos da argumentação”, primeira parte do texto, quando se menciona sua tese acerca de Górgias em *Les sophistes*, qual seja: a de que este não teria praticado o diálogo, por ser partidário da retórica e não dar primazia à verdade (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 41). A segunda menção é feita já na segunda parte do *Tratado*, intitulada “Ponto de partida da argumentação”. Ao tratarem dos tipos de objetos de acordo (fatos/verdades/presunções e valores/hierarquia/lugares do preferível), abordam a noção de “valor universal”, entendido por Dupréel como “valores de persuasão”, e citam sua obra *Sociologie générale* (1948) para explicar a relação entre valor universal e valor particular (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 86). Ainda na segunda parte, ao tratarem da escolha dos dados e de sua adaptação com vistas à argumentação, fazem referência ao uso das noções e do fato de sua clareza depender sempre de um sistema, e mencionam a ideia de *mérito* estudada por Dupréel em diversos ensaios (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 149-151). Nessas duas primeiras partes, as noções trabalhadas por Dupréel em seu convencionalismo sociológico são abordadas como parte do PNR, mesmo que isso não seja dito explicitamente.¹²⁶

Na terceira parte do *Tratado*, voltado às descrições e à exemplificação das técnicas argumentativas, Dupréel é citado como exemplo de uso dessas técnicas. Sendo filósofo e fazendo uso de argumentação para fundamentar suas concepções, seus textos lançam mão de um arsenal lógico argumentativo. Assim, tomam trechos de Dupréel para exemplificar o funcionamento dos argumentos quase-lógicos nos seguintes tópicos: contradição e incompatibilidade (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 223), o riso de exclusão e o ridículo na argumentação (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 233), a lógica dos conflitos (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 259), e a relação de complementaridade entre o todo e suas partes (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005,

¹²⁶ Em “Lógica e Retórica”, artigo-programa já mencionado, afirma-se explicitamente o papel que as noções confusas têm no PNR: “Em razão de seu alcance filosófico, a análise que E. M. Dupréel fez da noção confusa será particularmente fecunda para o nosso objeto. Ela será, na análise do juízo de valor, um dos indispensáveis instrumentos de estudo da retórica. Mas pensamos que, reciprocamente, a análise da argumentação poderia trazer certa clareza à gênese e à dissociação de certas noções confusas” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2004 [1950], p. 81).

p. 273). Quanto aos argumentos baseados na estrutura do real, ao tratar da relação ato-pessoa na argumentação, os autores retomam as considerações de Dupréel acerca do *prestígio* e de suas implicações nas reações que a pessoa tem sobre seus próprios atos (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 345).¹²⁷ Ainda na terceira parte, ao tratar das técnicas que fundamentam o real, o *Tratado* cita Dupréel e sua sociologia para tratar do modelo e do antimodelo e seu poder de reificar e romper os valores sociais (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 413-419).

As técnicas argumentativas catalogadas no *Tratado* subdividem-se em dois tipos essenciais: as técnicas de ligação e as de dissociação de noções. Tal qual Dupréel contribui para conceituar ou ilustrar os argumentos de associação apresentados antes (quase lógicos/que se fundam no real/que fundam o real), identifica-se sua presença também no estudo das dissociações, especificamente ao tratar dos pares filosóficos e de suas transformações, de modo a demonstrar a mudança dos termos no par fim/meio pela dissociação (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 494). Por fim, ao tratarem da retórica como expediente, utilizam de Dupréel para explicar o enunciado penoso e sua relação com a presunção de inocência (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 519).

3.4.3.2. Menções a Dupréel em *Le comique du discours*

Em *Le comique du discours*, Dupréel é citado 8 vezes, sendo quatro delas nas “Considerações preliminares” e quatro nas “Conclusões”. De maneira clara e direta, a obra de Olbrechts-Tyteca dialoga com a Sociologia e o estudo do riso promovidos por Dupréel, citando dois de seus textos: “Le problème sociologique du rire” e “La nature complexe du rire”, e seu *Tratado de sociologia geral* (1948). Nas “Considerações preliminares”, a autora cita Dupréel, concordando com sua tese acerca do “caráter social do riso”, sobre a qual vale ponderar alguns pontos para fins de compreensão de seu uso em *Le comique*: “Sendo o homem caracterizado pela linguagem, pelo riso e por ser um animal social, podemos assumir que estes três elementos não são independentes” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 14 – *tradução*

¹²⁷ Em “Ato e pessoa na argumentação”, artigo produzido por Perelman e Olbrechts-Tyteca em 1951, não temos a menção explícita a Dupréel em nenhum momento dessa longa discussão acerca das relações de ligação que se pode construir na argumentação a partir de uma observação da realidade. Cabe destacar, de passagem, que este artigo traz uma dissociação entre argumentação retórica e argumentação sofisticada por meio de uma analogia: “É porque a argumentação retórica tem algum valor que se pode utilizá-la de má fé, assim como só se concebe a falsificação de cédulas de dinheiro porque existem cédulas autênticas com valor. [...] o argumento sofisticado difere do argumento honesto pela má fé com que é utilizado” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2004 [1951], p. 236).

própria).¹²⁸

Quanto ao estudo desses elementos, a ligação entre linguagem, riso e sociedade implica a especificidade de olhar para o “objeto” e uma diferença significativa entre a abordagem do riso pela teoria da argumentação e pela Sociologia convencionalista. Nesse sentido, observa-se que Olbrechts-Tyteca tem como foco em suas análises compreender a linguagem e o riso, aquela mais que este, enquanto Dupréel busca analisar e compreender a sociedade. Enquanto a sociologia de Dupréel se preocupa com o “quando rimos?” – seja para acolher (*rire d'accueil*) alguém em um grupo, promovendo ou reformando a formação deste grupo, seja para excluir ou rejeitar (*rire d'exclusion*) alguém em um grupo –, a teoria da argumentação de Olbrechts-Tyteca se preocupa com o “como rimos?”. (OLBRECHTS- TYTECA, 1974, p. 13). Segundo esta perspectiva, tal diferença de abordagem do cômico é significativa, pois tratar do “quando rimos” é abordar o “cômico no discurso”, ou seja, abordar o “objeto cômico” como secundário (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 26).

Nas “Conclusões” de *Le comique*, Olbrechts-Tyteca retoma a tese de Dupréel acerca do caráter duplo do riso (riso de acolhimento e de exclusão), concluindo que todos os elementos da retórica podem ser e são objeto cômico (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 393). O desenvolvimento de toda a obra de Olbrechts-Tyteca consiste na apresentação do que designa por “elementos da retórica” e na presença do cômico em cada um desses elementos. Como será apresentado de maneira descritiva no quarto capítulo desta tese, *Le comique du discours* tem praticamente a mesma estrutura tópica e o mesmo plano de análise que o *Tratado da argumentação*, sendo uma extensão deste¹²⁹, todavia marcadas as diferenças essenciais entre ambas as obras. Em todos esses tópicos, se identifica o *cômico do discurso*, o cômico da retórica, tratado como objeto no primeiro plano da reflexão (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 393).¹³⁰ Desse modo, a presença explícita de Dupréel nas “Considerações preliminares” e nas “Conclusões” de *Le comique* expressa uma clara vinculação teórica de Olbrechts-Tyteca à teoria

¹²⁸ No original: “La thèse d’ E. Dupréel, trop souvent ignorée, nous paraît devoir retenir ici l’attention. L’homme étant caractérisé à la foi par le langage, par le rire, et par le fait d’être un animal social, nous pouvons supposer que ces trois éléments ne sont pas sans lien”

¹²⁹ Sobre este assunto, Olbrechts-Tyteca diz o seguinte: “En ce qui concerne la théorie de l’argumentation, cette étude a montré que les plans d’analyse que nous avons tracé dans notre *Traité* se prêtent à des recherches connexes.” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 393)

¹³⁰ “On rit aussi bien de ce que constitue les cadres de l’argumentation que de ses schèmes: on rit de ce que l’on peut faire avec les mots , avec leur polysémie, leur homonymie, leur agencement; on rit du manque d’accord sur certaines prémisses, de dialogues qui ne sont qu’une façon de renchérir sur ce que chacun dit; on rit des astuces du choix, des variations de l’interprétation, de la confusion entre le signe et ce qu’il signifie, de la citation comique, que ne l’est que parce qu’il ya des citations sérieuses.” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 393).

do riso desenvolvida pelo autor.

3.4.4 Considerações sobre a presença do pensamento sofisticado no PNR

No *Tratado da argumentação*, a produção intelectual de Dupréel é referida de modo mais diverso que em *Le comique*, sendo citadas obras suas em maior número e temas: *Le rapport social* (1912), “La logique et les sociologues” (1924), “Le problème sociologique du rire” (1928), *Esquisses d’une philosophie des valeurs* (1939), *Sociologie générale* (1948), *Les sophistes* (1948), *Essais pluralistes* (1950). Além disso, essa produção intelectual é mencionada ao longo de todas as partes do *Tratado*, fundamentando certas noções teóricas importantes para a teoria da argumentação desenvolvida neste trabalho conjunto. Em especial, a presença de Dupréel é relevante teoricamente para o *Tratado* em sua segunda parte, que trata do “ponto de partida da argumentação”, a saber: o acordo e os tipos de objeto que o caracterizam. Os autores do *Tratado* citam explicitamente Dupréel, ao abordarem a noção de “valores universais” como “valores de persuasão” e o papel das “noções confusas” nessa relação como relevantes para se compreender a noção de “auditório universal”, noção cara à abordagem filosófica da retórica de Perelman e de maior relevância para o PNR.

Já em *Le comique*, pode-se observar um recorte temático mais preciso, de modo que a produção intelectual de Dupréel citada se restringe à sua abordagem sociológica sobre o riso. Como visto, a teoria da argumentação torna claro esse objeto do cômico, que é o cômico do discurso, ou seja, o conjunto das técnicas capazes de aumentar a adesão dos espíritos de acordo com seu assentimento. Essa descrição, análise e classificação empreendida em *Le comique* retoma e desenvolve a estrutura do *Tratado da argumentação*, apresentando, no entanto, uma série de diferenças com este, como seu diálogo com a abordagem de Freud em *Le mot d’esprit et ses rapports avec l’inconscient (Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten)* (1905) e com Bergson em *Le Rire: essai sur la signification du comique* (1900), além de uma série de referências e exemplos que não aparecem na obra conjunta com Perelman. Nesse sentido, *Le comique* propõe a retórica como ferramenta de análise do cômico e estabelece um diálogo bastante claro e organizado com outras pesquisas sobre esse tema, sendo observável a nítida filiação teórica a Dupréel em sua retórica do cômico do discurso.

Acerca do resgate e do pensamento sofisticado no PNR, nem no *Tratado* nem em *Le comique* são citados quaisquer fragmentos de Protágoras ou de Górgias. No *Tratado*, tem-se o testemunho de Platão no *Górgias* e no *Fedro* logo na introdução, quando se propõe que uma nova retórica deve levar em conta a qualidade dos espíritos que procura convencer

(PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 7-8). Em *Le comique*, a fim de ilustrar o caráter lúdico de alguns “dilemas”, Protágoras é mencionado (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 211)¹³¹ a partir de uma história narrada por Diógenes Laércio (não referenciada por Olbrechts-Tyteca), encontrada também em diversos outros relatos, por vezes com personagens diferentes.¹³² Portanto, conclui-se que o PNR, no conjunto de suas duas grandes obras – *Tratado* e *Le comique* –, não se vincula de modo explícito ao pensamento dos sofistas acerca da linguagem, todavia desenvolve a partir de noções elaboradas por Dupréel, sendo este inspirado nestes pensadores, noções que dependem dessa inspiração sofística, como o “auditório universal”.

Quanto ao comentário de Olbrechts-Tyteca sobre se ter ou não vergonha de menções a Górgias, este parece ficar descontextualizado, pois conseguimos identificar a predileção do PNR pelo pensamento de Protágoras, via Dupréel, não havendo citação de qualquer fragmento de Górgias em todo o projeto. Nesse sentido, parece válido questionar: Olbrechts-Tyteca estaria se justificando para aqueles que pensam que o resgate da retórica deva iniciar por Górgias, como o sugere Barthes? Não temos elementos para dizer nem que sim nem que não de forma inequívoca, mas, como já foi desenvolvido antes, há um consenso sobre a vinculação do PNR ao pensamento aristotélico. Além disso, não se identifica nem no *Tratado* nem em *Le comique* menção explícita ao pensamento de Górgias. Assim, não se pode dizer que haja alguma contribuição no resgate de Górgias por parte de Olbrechts-Tyteca. Por isso, o que se pode chamar de resgate da sofística no PNR deve ser compreendido sob a luz da influência de Dupréel e de seu convencionalismo sociológico, inspirado na interpretação do “homem medida” de Protágoras.

Cabe, por fim, retomar que este capítulo procurou apresentar a redescoberta da retórica no século XX, contextualizando-a dentro das principais teorias da argumentação e da linguagem, com foco no PNR. Por meio de uma análise comparativa entre a Nova Retórica e outras teorias,

¹³¹ No original “Protagoras será payé, selon les conventions, quand son élève gagnera son premier procès. L’élève ne plaide pas, Protagoras veut l’y contraindre.

Protagoras: Je te ferais un procès, si j’ele gagne, tu payees (l’enjeu); si tu le gannes, tu me payes (les leçons).

L’élève: Si j’ele gagne, tu me payes (l’enjeu); si j’ele perds, je ne paye pas (les leçons)” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 211). Destaque-se que não há uma referência a este “doublés dilemme” em *Le comique*.

¹³² F. Lyotard (1979, pp. 175-176) classifica como fábula a narrativa apresentada por Diógenes, justamente por ela parecer em diversas outras ocasiões. Trata-se do paradoxo: um aluno de Protágoras, ao ser cobrado por seu professor, fica comprometido de pagar os honorários deste quando ganhar seu primeiro processo, todavia se vê impossibilitado de ganhar, pois seu professor é quem lhe gera o primeiro processo, de modo que o aluno deverá pagar os honorários nos dois casos, caso vença e caso perca.

incluindo o pós-modernismo e o pós-estruturalismo, percebemos como as influências de Aristóteles revelam-se centrais para o PNR e como este se identifica neste contexto. Além disso, desenvolvemos o conceito de *rhetorical turn* e situamos a contribuição central de Olbrechts-Tyteca para este “encontro” com a retórica. Bastante inspirado na obra de Michelle Bolduc, que contribui para a compreensão do processo de transmissão da tradição retórica e das influências específicas de Olbrechts-Tyteca no PNR, este capítulo procurou explorar a complexidade das versões existentes nestas histórias da retórica, sublinhando, por exemplo, a presença da sofística no PNR. Nesse sentido, o principal aporte do capítulo consiste na contextualização do Projeto Nova Retórica dentro do amplo panorama das teorias da linguagem e argumentação do século XX, elucidando suas relações complexas com diferentes correntes de pensamento e preparando o terreno para uma análise mais aprofundada, no capítulo seguinte, das contribuições específicas de Olbrechts-Tyteca.

4 A NOVA RETÓRICA E AS CONTRIBUIÇÕES DE LUCIE OLBRECHTS-TYTECA

O conjunto da obra de Olbrechts-Tyteca pode ser dividido em dois momentos: antes e após a publicação do *Tratado da argumentação*. Em ambos os momentos, sua produção intelectual se volta ao desenvolvimento de tópicos relativos ao Projeto Nova Retórica, todavia de maneira solo a partir de 1960. Semelhante a Warnick (1997), entendemos como próprios às contribuições intelectuais de Olbrechts-Tyteca aqueles temas desenvolvidos em sua produção solo, em especial o “cômico da retórica” e os “pares filosóficos”. Dito isso, nos concentraremos no estudo do cômico do discurso, devido à centralidade do tema em *Le comique* e porque seu estudo permite desenvolver as reflexões que demonstram as marcas de autoria de Olbrechts-Tyteca nas noções de *técnica* e *análise da técnica*, essenciais para o PNR. Logo, as análises feitas se concentrarão nesta obra em contraste com o *Tratado*, embora toda sua bibliografia tenha contribuído para a elaboração da presente pesquisa. O conjunto dessa produção está descrito cronologicamente no Quadro 1, apresentado a seguir.

Assim, a identificação e o desenvolvimento conceitual dessas duas noções (*técnica* e *análise da técnica*) em *Le comique* são o tema deste capítulo, pois entendemos que ambas são contribuições teoricamente formuladas por Olbrechts-Tyteca ao PNR. Além disso, o estudo e a análise dessas noções contribuem para a tese de que há uma organização sistemática e conceitual da linguagem em *Le comique*. Nesse sentido, essa escolha temática se deu em função deste estudo se situar no campo da historiografia linguística. De uma perspectiva crítica, ela procura situar de modo mais claro o conjunto das contribuições de Olbrechts-Tyteca para os estudos da técnica da linguagem argumentativa e cômica no escopo teórico do Projeto Nova Retórica. Foi dito, no início da tese, que o exercício de dissociação da produção intelectual de Olbrechts-Tyteca em relação a Perelman parece muito difícil, mas não é algo impossível. Entendemos que uma análise contrastiva de *Le comique* em relação ao *Tratado* seja suficiente para ilustrar como a noção de *técnica* é desenvolvida na obra de Olbrechts-Tyteca, pela relevância que é atribuída por ela ao fato de a *análise da técnica* estar sujeita a certas condições de realização e o tipo de filiação teórica implicada nessas reflexões trazidas pelo *Le comique*.

Quadro 1 – Lista de referências de publicações de Lucie Olbrechts-Tyteca

Ano	Textos publicados em parceria com Perelman (de 1950 a 1958)
1950	PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. <i>Lógica et retórica. Revue philosophique de la France e de l'étranger</i> , 140, 1950, pp. 1-35.
1951	PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. <i>Act and Person in Argument. Ethics</i> , 61(4), 251-269, 1951.
1952	PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. <i>Rétorique e philosophie</i> . Paris: Bibliothèque de Philosophie contemporaine, 1952.
1955	PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. <i>Les notions et l'argumentation. Archivio di Filosofia</i> , 3, 1955, pp. 249-269.
1956	PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. <i>La nouvelle rhétorique. Les Études philosophiques</i> , 1, 20-29, 1956.
1957	PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. <i>The New Rhetoric. Philosophy today</i> , 1(1-4), 4-10, mars. 1957.
1958	PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. <i>Classicisme et romantisme dans l'argumentation. Revue internationale de philosophie</i> , 12, 1958a, 47-57.
1958	PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. <i>De La temporalité comme caractère de l'argumentation. Archivio di Filosofia</i> , 6, 1958b, 115-133.
1958	PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. <i>Traité de l'argumentation</i> . Brussels: Université de Bruxelles, 1958c.
	Textos publicados como autora solo (de 1960 a 1979)¹³³
1960	OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. <i>Définitions des statisticiens. Logique et analyse</i> , 3, 1960, pp. 49-69.
1963	OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. <i>Rencontre avec la rhétorique. Logique et analyse</i> , 6, 1963, pp. 3-18.
1974	OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. <i>Le comique du discours</i> . Bruxelles: Editions de L'Université de Bruxelles, 1974.
1977	OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. <i>Comique du discours e connaissance</i> . In <i>CC77, Colloque international sur le point de vue cognitif</i> , 1977, pp.414-425. Ghent, Belgium: Communication & Cognition.
1979	OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. <i>Les Couples philosophiques: Une nouvelle approche. Revue internationale de philosophie</i> , 33, 1979, pp. 81-98.
1979	OLBRECHTS-TYTECA, Lucie; GRIFFIN-COLLART, Evelyne. <i>Bibliographie de Chaïm Perelman. Revue internationale de philosophie</i> , 33, 1979, pp. 325-342.
1983	PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. <i>Pareto et l'argumentation. Uni-Lausanne</i> , (37), 32-33, 1983.

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

¹³³ Como já observado, em 1983, os pesquisadores assinam em coautoria um artigo em homenagem ao economista Valfredo Pareto, que influenciou ambos (FRANK; BOLDUC, 2010, p. 147).

Sobre *Le comique du discours*, trata-se de um texto cuja produção levou mais de uma década e cuja estrutura conceitual é tão ampla e complexa quanto a do *Tratado da argumentação*. Nela, são abordados todos os temas previstos no *Tratado* e desenvolvidos outros que não estão presentes nos trabalhos em conjunto com Perelman, como, por exemplo, a noção de linguagem. Esses motivos justificam a escolha de *Le comique* como corpus central da investigação neste capítulo (WARNICK, 1997; FRANK e BOLDUC, 2010; DOMINICY, 2016). Diante disso, serão apresentadas na seção seguinte a descrição e a análise deste conteúdo e de sua forma de exposição em *Le comique*, a fim de se identificar de modo mais preciso os elementos textuais e teóricos que associam o pensamento de Olbrechts-Tyteca sobre a retórica ao pensamento de Perelman, e os elementos que dissociam ambos. Quando necessário, serão consideradas também as demais produções intelectuais de Olbrechts-Tyteca como autora solo ou em coautoria com Perelman, uma vez que elas se mostram relevantes para o avanço dos estudos sobre suas contribuições ao PNR. Contudo, como se pretende argumentar e provar aqui, *Le comique* se mostra como obra fundamental para se compreender de modo nítido e preciso o que vem a ser a Nova Retórica de Olbrechts-Tyteca e qual sua contribuição teórica para o PNR como um todo.

Nesta obra, publicada em 1974, Perelman escreve um breve prefácio em que define, na primeira frase, a obra como *dense et original*. A escolha do adjetivo original se dá em função de esta obra dialogar com outras teorias sobre o riso, a saber: *Le rire*, de Henri Bergson, e *Le mot d'esprit et ses rapports avec l'inconscient*, de Sigmund Freud. Semelhante a essas teorizações, para Perelman, *Le comique* é uma obra que aborda o cômico como fenômeno (*phénomène*) especificamente humano. Diferentemente, essa obra não aborda este fenômeno a partir de uma teoria geral à qual outras teorias gerais poderiam se opor (como a Filosofia ou a Antropologia). De acordo com a leitura de Perelman, *Le comique* é essencialmente uma contribuição à teoria da argumentação e, se há nela alguma contribuição à teoria geral sobre o cômico, tal fato deve ser tratado como acréscimo (*ce n'est par que surcroît*). Nesse sentido, a obra de Olbrechts-Tyteca é uma extensão (*prolongement*) do *Tratado da argumentação* e procura apresentar um desenvolvimento particular de um tema já abordado nesta obra. Cabe, por conseguinte, a leitura integral de seu Prefácio, visto sua relevância para a exposição feita a seguir.

Este é um trabalho denso e original.

Ao tratar do cômico do discurso, constitui uma contribuição original ao estudo do riso, como fenômeno especificamente humano. Mas, ao contrário de estudos bem conhecidos como “O riso” de Henri Bergson ou “O chiste e suas relações

com o inconsciente” de Freud, este trabalho não apresenta uma explicação filosófica ou antropológica, uma teoria geral à qual outras teorias gerais poderiam ser opostas.

Na verdade, o presente estudo é essencialmente uma contribuição para a teoria da argumentação; se sem dúvida contém materiais relevantes para uma teoria geral do cômico, é apenas por consequência.

Em diversas ocasiões, no nosso *Tratado da Argumentação*, mencionamos o raciocínio que faz rir ao caricaturar a argumentação séria, o que descrevemos como o *cômico da retórica* (p. 253). Mas contentámo-nos em salientar o fato, sem lhe dedicarmos desenvolvimentos particulares.

Madame Olbrechts pensava, e o leitor julgará quão certa ela estava, que o assunto merecia um estudo aprofundado e dedicou-lhe mais de dez anos de trabalho. O que emerge é a impressão muito clara de que a linguagem natural, e o seu uso humano, por oposição à linguagem formal da lógica e da matemática, e aos cálculos que ela autoriza, presta-se admiravelmente ao uso abusivo, fora das normas habituais, que é sancionado pelo riso. O cômico do discurso chama a atenção para o que poderíamos considerar uma patologia, o que nos permite compreender melhor os limites do uso normal e sério da linguagem. Esse cômico alerta-nos, incentiva-nos a ter mais cuidado e conduz-nos pelo caminho da precisão e da formalização, evitando a reprodução de situações que provocam risos. A presente obra constitui assim uma extensão do *Tratado da Argumentação*, do qual retoma as articulações, classificações e terminologia, ao mesmo tempo que o enriquece com numerosas análises, sempre acompanhadas de exemplos concretos e saborosos.

Se o riso é exclusivo do homem, o uso da linguagem e da argumentação também. Os dois estão relacionados? Até que ponto um elemento do discurso, pelo menos implícito, é um elemento de significado e interpretação essencial para o riso como fenômeno cultural?

O importante estudo de Madame Olbrechts, que insiste, em diversas ocasiões, nas causas do cômico e nos meios de eliminá-lo, mostra de uma forma difícil de refutar que a argumentação, em oposição à demonstração formal, em cada um dos seus aspectos, provavelmente dará origem ao cômico. Acompanha assim, como a sua sombra, todo o campo do discurso (OLBRECHTS- TYTECA, 1974, pp. 5-6 – *tradução própria*)¹³⁴.

¹³⁴ Autor do prefácio: Chaim Perelman. No original: “Voici un ouvrage à la fois dense et original. En traitant du comique du discours, il constitue une contribution originale à l'étude du rire, en tant que phénomène spécifiquement humain. Mais contrairement aux études bien connues comme *Le rire* d'Henri Bergson ou *Le mot d'esprit et ses rapports avec l'inconscient* de Freud, cet ouvrage ne présente pas une explication philosophique ni anthropologique, une théorie générale à laquelle d'autres théories générales pourraient être opposées. En effet la présente étude est essentiellement une contribution à la théorie de l'argumentation; si elle contient de façon indubitable des matériaux intéressants pour une théorie générale du comique, ce n'est que par surcroît.

A plusieurs reprises, dans notre *Traité de l'argumentation*, nous avons mentionné des raisonnements qui font rire en caricaturant des argumentations sérieuses, ce que nous avons qualifié de *comique de la rhétorique* (p. 253). Mais nous nous sommes contentés de signaler le fait, sans lui consacrer des développements particuliers. Madame Olbrechts a pensé, et le lecteur jugera combien elle a eu raison, que le sujet méritait une étude approfondie et y a consacré plus de dix ans de travail. Il s'en dégage la très nette impression que le langage naturel, et son usage humain, par opposition au langage formel de la logique et des mathématiques, et aux calculs qu'il autorise, se prête admirablement à un usage abusif, hors des normes habituelles, qui est sanctionné par le rire. Le comique du discours attire notre attention sur ce que l'on pourrait considérer comme une pathologie, qui permet de mieux cerner les limites de l'usage normal et sérieux du langage. Le comique nous met en éveil, nous incite à plus de précautions et nous mène sur le chemin de la précision et de la formalisation, empêchant la reproduction de situations qui ont suscité le rire. Le présent travail constitue ainsi un prolongement du *Traité de l'argumentation*,

Embora o prefácio de Perelman apresente a obra de Olbrechts-Tyteca como continuidade do *Tratado da argumentação*, o que é observável em certas comparações entre a forma e o conteúdo de ambos os textos, deve-se ampliar o sentido do atributo “original”, a fim de se observar o que *Le comique* propõe de descontinuidade em relação ao tratado escrito por ambos. Assim, pensamos ser possível ampliar a hipótese de Perelman: a de que *Le comique* apresenta algo de original não somente em relação a outras teorias do cômico, mas que é possível compreender essa originalidade em relação à abordagem de Perelman acerca da retórica. É observável que a produção intelectual de Olbrechts-Tyteca desenvolve a Nova Retórica presente nos artigos e livros publicados por ela e Perelman antes de 1960. Porém, há algo de inovador em sua abordagem, que permitiria afirmar haver uma retórica em *Le comique* um pouco diferente da retórica no *Tratado*. Tal retórica se caracterizaria essencialmente por uma abordagem do cômico como característica da linguagem argumentativa, priorizando-se a linguagem literária como fonte de seus exemplos (FRANK; BOLDUC, 2010, p. 159). Em alguma medida, o papel do cômico na argumentação (*comique dans le discours*) e o papel da argumentação na construção do cômico (*comique du discours*) já estão previstos e desenvolvidos no *Tratado*; no entanto, a produção de Olbrechts-Tyteca se dedica exclusivamente a essa questão¹³⁵. De modo explícito, caso algum leitor queira buscar no sumário do *Tratado* uma reflexão teórica sobre o cômico, só verá esse tópico na Terceira Parte desse texto, que trata das técnicas argumentativas, no parágrafo 49, quando trata do “ridículo e seu papel na argumentação” (FRANK; BOLDUC, 2010, p. 152).¹³⁶

Diferentemente, *Le comique du discours* é uma obra dedicada inteiramente ao desenvolvimento de teorização acerca do cômico do discurso, buscando compreendê-lo como

dont il reprend les articulations, les classifications et la terminologie, tout en l'enrichissant par de nombreuses analyses, toujours accompagnées d'exemples concrets et savoureux. Si le rire est le propre de l'homme, l'usage du langage et de l'argumentation en est un autre. Les deux sont-ils liés? Dans quelle mesure un élément du discours, au moins implicite, un élément de signification et d'interprétation est-il indispensable au rire en tant que phénomène culturel? L'importante étude de Madame Olbrechts qui insiste, à plusieurs reprises, sur les causes du comique et les moyens de l'éliminer, montre d'une façon difficilement réfutable, que l'argumentation, par opposition à la démonstration formelle, dans chacun de ses aspects, est susceptible de donner prise au comique. Celui-ci accompagne ainsi, comme son ombre tout le champ du discours. Ch. PERELMAN” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, pp. 5-6).

¹³⁵ No parágrafo 44, ao abordarem algumas generalizações sobre o modo de classificação das técnicas argumentativas, os autores do *Tratado* afirmam: “Recorreremos, para aclarar nossa análise, a exemplos cômicos. [...] Mas nosso interesse não incidirá tanto sobre o cômico *na* retórica quanto sobre o cômico *da* retórica. Entendemos com isso a utilização cômica de certas argumentações” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 213).

¹³⁶ Os pesquisadores desenvolvem uma leitura bastante atenta do *Tratado* e constroem um quadro apresentando todas as vezes em que uma técnica argumentativa possibilita fazer o cômico surgir.

fenômeno característico do ser humano. Em todos os tópicos desse tratado sobre o cômico da argumentação, o objetivo é a apresentação, a fundamentação e a conclusão de teses que unem os seguintes elementos: a) o cômico da retórica/discurso/argumentação¹³⁷ se relaciona especificamente àquilo que diferencia argumentação de demonstração; b) toda argumentação é suscetível de se tornar cômica; e c) não há cômico na demonstração, salvo quando esta se insere em uma circunstância que é argumentativa (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 43). Logo, pode-se afirmar que o cômico é também objeto central da pesquisa desenvolvida por Olbrechts-Tyteca e que a teoria da argumentação serve a ela como um plano de estudos, de acordo com o desenvolvimento da primeira parte de *Le comique*, intitulada “Considerations preliminaires”, na qual são apresentados o objeto, o plano e o método de estudos. Uma leitura atenta dessa primeira parte ajudará a compreender a centralidade que o cômico assume nas contribuições que Olbrechts-Tyteca propõe à teoria da argumentação desenvolvida no Projeto Nova Retórica, assim como a originalidade de *Le comique*, em relação ao *Tratado*.

4.1 O CÔMICO COMO OBJETO DE ESTUDOS E SEU CARÁTER ARGUMENTATIVO E SOCIAL

De acordo com a perspectiva de Olbrechts-Tyteca, o primeiro passo para definir o objeto de estudos “cômico” para uma perspectiva retórica é tentar dissociar dois planos de sua ocorrência: o cômico *na* retórica e o cômico *da* retórica – *comique dans la rhétorique* et *comique de la rhétorique*. No plano *na* retórica, o cômico é entendido como um meio para se obter efeitos persuasivos, como, por exemplo: autovalorizar o orador ou depreciar seu adversário, reanimar a atenção do auditório cansado, mudar uma atmosfera opressora, mascarar certos aspectos desagradáveis de uma tese etc. O cômico *na* retórica, por conseguinte, se relaciona aos procedimentos retóricos e tem grande importância para esta; contudo, seu estudo estaria mais sistematizado pelos analistas da comédia ou mesmo pelos teóricos da propaganda. Em outro plano, distinto e não dissociado do anterior, tem-se o cômico *da* retórica, perceptível por meio do estudo das condições e dos âmbitos da argumentação, assim como dos esquemas argumentativos (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 7). Esses dois planos não se dissociam, de modo que o orador que acusa seu adversário de incoerência, fazendo com que os ouvintes riam dele (cômico *na* retórica), utiliza-se de um esquema argumentativo que constrói esse cômico gerador do riso (cômico *da* retórica).

Essa distinção entre “cômico *na* retórica” e “cômico *da* retórica” parece residir,

¹³⁷ No *Le comique* esses três termos são entendidos como sinônimos.

sobremaneira, na perspectiva de análise sugerida pelos estudos do cômico. Nesses termos, o “cômico na retórica” diz respeito ao humor como instrumento retórico, utilizado estrategicamente pelo orador para alcançar objetivos persuasivos, como reforçar aspectos positivos de sua imagem, desqualificar o oponente e até mesmo reanimar o interesse do auditório em determinado momento de seu discurso. Sua análise se concentra especificamente nos efeitos do riso gerados pela argumentação. Por outro lado, o “cômico da retórica” se concentra na estrutura argumentativa que gera o efeito cômico, analisando os mecanismos e os esquemas argumentativos que produzem o cômico. Assim, o cômico *da* retórica – objeto de estudos de Olbrechts-Tyteca – visa compreender o que se pode designar como a construção lógica do riso, estando o foco de sua análise interessado nos processos de construção de sentido na argumentação. De modo bastante resumido, o primeiro plano de compreensão diz respeito à utilização do humor como técnica, e o segundo à sua construção lógica na argumentação.

Essa distinção fundamental permite entender, portanto, que o objeto cômico propriamente dito é percebido na utilização de técnicas que o constroem, sejam elas escritas ou faladas: “O cômico da retórica é um cômico do discurso, falado ou escrito” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 8). Tal consideração visa a delimitar ainda mais o objeto de estudos de *Le comique*, cuja preocupação central se relaciona especificamente ao discursivo sem desconsiderar o não discursivo. Essa segunda camada de separações conceituais Olbrechts-Tyteca retoma do *Tratado da argumentação*¹³⁸, cujo foco central também recai sobre o discursivo. No entanto, sua compreensão dessa distinção em *Le comique* se mostra um pouco mais apurada, pois considera o papel das imagens e dos gestos, além da estreita complementariedade existente entre estes elementos e os propriamente discursivos na produção do cômico, como no cinema falado (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 9). Como exemplo, para demonstrar essa complementariedade do objeto cômico, a autora cita um filme de 1966, *La grande vadrouille*, de Gérard Oury, uma comédia sobre fatos relativos à Segunda Guerra

¹³⁸ Retomando o trecho mencionado por Olbrechts-Tyteca, o *Tratado* aborda a distinção nestes termos: “Nosso tratado só versará sobre os *recursos discursivos* para se obter a adesão dos espíritos: apenas a técnica que utiliza a linguagem para persuadir e convencer será examinada a seguir” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 8). Ressalte-se que, no *Tratado*, um dos avanços da teoria da argumentação é a abordagem de textos escritos, visto o objeto da retórica e dialética antiga ser especialmente discursos produzidos em situação de oralidade: “O objeto da retórica antiga era, acima de tudo, a arte de falar em público de modo persuasivo; referia-se, pois, ao estudo da linguagem falada, do discurso, perante uma multidão reunida na praça pública, com o intuito de obter a adesão desta a uma tese que se lhe apresentava. [...] Conquanto seja verdade que a técnica do discurso público difere daquela d argumentação escrita, como nosso cuidado é analisar a argumentação, não podemos limitar-nos ao exame da técnica do discurso oral. Além disso, visto a importância e o papel modernos dos textos impressos, nossas análises se concentrarão sobretudo neles.” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 6).

Mundial.¹³⁹ Ressalte-se que este filme é o primeiro exemplo analisado e referido em *Le comique*, sendo escolhas de exemplos como este – advindos em grande parte das artes e da literatura em especial – uma das marcas mais significativas que contribuem para a retórica de Olbrechts-Tyteca ser associada ao literário (FRANK; BOLDUC, 2010, p. 159).

Em *Le comique*, a distinção entre discursivo e não discursivo é fundamental para a delimitação do objeto de estudos da pesquisa empreendida por Olbrechts-Tyteca. Trata-se de um estudo do discurso, da retórica, da técnica e do conjunto das palavras e expressões linguísticas que a expressam em uma situação argumentativa. Pode-se, nesse sentido, associar a *Le comique* as seguintes expressões: cômico do discurso, cômico da retórica, cômico da técnica e cômico da palavra. Por outro lado, não discursivo é todo o conjunto dos elementos que não são “palavras”, mas funcionam como meio gerador do cômico. Por isso, as noções de retórica, discurso, argumentação, técnica e palavra apontam para um significado em comum nesta obra, qual seja: o da materialidade linguística que veicula um determinado sentido, neste caso, o cômico. Nesses termos, cabe explorar quais referências se encontram em *Le comique*, apontando para uma compreensão desse aspecto material da linguagem argumentativa e cômica – escrita ou falada. Duas referências se mostram bastante relevantes para essa compreensão acerca da linguagem, Freud e Bergson, já apontadas no Prefácio de Perelman a *Le comique* como fundamentais para o estudo de Olbrechts-Tyteca. Neste tópico, cujo objetivo é apresentar o modo como esta autora entende o cômico como objeto de estudos e sua relação com a argumentação e a sociedade, cabe tratar da influência que o estudo de Henri Bergson tem no *Le comique* e, antes, da influência que seus estudos têm sobre uma das referências mais fundamentais para o PNR como um todo: Eugène Duprèel.¹⁴⁰

A compreensão acerca do “cômico das palavras” – entendido por Olbrechts-Tyteca como cômico do discurso, da retórica e da técnica – é retomada de Henri Bergson em *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*, especificamente em “O cômico de situação e cômico das palavras”¹⁴¹, do qual vale citar este longo trecho que contribui para uma compreensão mais

¹³⁹ “Um avião da Força Aérea Real é abatido sobrevoando Paris pelos alemães. Sua tripulação aterrissa de paraquedas. Com a ajuda de dois civis franceses eles tentam escapar para a parte sul da França que ainda não foi ocupada pelos alemães”. Sinopse retirada de: <https://www.imdb.com/title/tt0060474/>. Acesso em: 17 dez 2023.

¹⁴⁰ Embora Freud seja também essencial para se entender a delimitação do objeto de estudos no *Le comique*, suas contribuições serão exploradas mais à frente, quando for abordada a noção de técnica.

¹⁴¹ Olbrechts-Tyteca cita *Le rire* de Bergson pela primeira para ilustrar o funcionamento de elementos não discursivos (1974, p. 9). No entanto, ressalte-se que não se diz explicitamente em *Le comique* que a noção de cômico das palavras foi retomada de Bergson. Se se pode chegar a tal conclusão, é justamente pela presença constante de conceitos associados ao estudo do cômico elaborados por Bergson, citado desde o prefácio como teórico central para o diálogo estabelecido no *Le comique*. Assim, a breve análise

ampla do cômico do discurso como objeto de estudos.

Talvez seja um tanto artificial constituir uma categoria particular para o cômico das palavras, uma vez que a maior parte dos efeitos cômicos que estudamos até aqui já se produzem por intermédio da linguagem. Mas é preciso distinguir entre o cômico que a linguagem expressa e o cômico que a linguagem cria. A rigor, o primeiro poderia ser traduzido de uma língua para outra, ainda que possa perder grande parte de sua significação ao passar para uma nova sociedade, diferente por seus modos, por sua literatura e, sobretudo, por sua associação de ideias. Mas o segundo geralmente é intraduzível. Deve o que é à cultura da frase ou à escolha das palavras. Não se resume a constatar certas distrações particulares dos homens e dos acontecimentos com a ajuda da linguagem, sublinha as distrações da própria linguagem. É a própria linguagem que, deste modo, torna-se cômica (BERGSON, 2018 [1900], pp. 81-82, *grifo nosso*).

Percebe-se, portanto, a proximidade entre a dissociação grifada (cômico que *a linguagem expressa* e cômico que *a linguagem cria*) e a dissociação elaborada por Olbrechts-Tyteca (cômico *na retórica* e cômico *da retórica*). Para Bergson, o objeto propriamente estudado é o riso e os significados do cômico, seja ele da palavra, de situação ou de caráter. Para o autor, todos os níveis/planos de expressão do cômico precisam ser levados em conta, a fim de que se compreendam de modo mais completo as leis que o fazem funcionar. Em geral, são três as leis que fundamentam o cômico nesses planos: repetição, inversão e interferência (BERGSON, 2018, p. 88-89). Diferentemente, o estudo de Olbrechts-Tyteca se concentra no plano da palavra (considerado como plano discursivo), deixando fora de suas análises, sem desconsiderar a importância, os demais (considerados como não discursivos). Nesses termos, percebe-se quão relevante é a formulação de Bergson acerca do cômico das palavras para seu estudo, noção que, na obra de Olbrechts-Tyteca, recebe um aprofundamento, cuja sistematização decorre da formulação do cômico da palavra. No entanto, é preciso considerar que as contribuições de Bergson são trazidas ao PNR como um todo e à retórica de Olbrechts-Tyteca, em particular, por meio das influências de Eugène Dupréel, de modo que é preciso retomá-lo, novamente, a fim de se compreender melhor quais as especificidades do cômico do discurso desenvolvidas em *Le comique*.

Acerca do que é específico na teoria do cômico do discurso em Olbrechts-Tyteca, é essencial retomar o aspecto social que envolve todo o uso da linguagem e a manifestação do cômico. Embora atribua essa reflexão ao seu mentor Eugène Dupréel, sabe-se que as reflexões que este desenvolveu sobre os problemas sociológicos do riso são retomadas das teorias de

associativa que segue no próximo parágrafo é produto desta tese e visa aprofundar a compreensão acerca da relação entre *Le comique du discours* de Olbrechts-Tyteca e *Le rire* de Bergson.

Bergson e de Sully (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 13). No entanto, é preciso tratar mais de Dupréel que de Bergson, ao falar do aspecto social do riso, pois é a partir dessas contribuições que Olbrechts-Tyteca desenvolve esse tópico em suas considerações preliminares em *Le comique*, além de ser referenciada sua importância para o interesse pelo cômico (DOMINICY, 2016, p. 2; 44). Para a autora de *Le comique*, o posicionamento de Dupréel é radical, pois parte de uma diferenciação essencial: saber *do que* rimos é menos importante que saber quando rimos.¹⁴² Compreender quando rimos é tratar justamente do aspecto social do riso, aspecto este observável através de dois fatos sociais: o riso como *acolhimento* e o riso como *exclusão*. O primeiro permite a formação ou reformação (*reformation*) de um grupo, ou mesmo que um indivíduo possa adentrar em um grupo, pois ele é a manifestação de comunhão. Já o segundo visa a rejeição de um indivíduo a um grupo, seja ela provisória ou não, e apresenta certo valor educativo (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 13).

Segundo Olbrechts-Tyteca, a tese de Dupréel impõe pensar uma definição do homem como caracterizado pelo uso da linguagem, pelo riso e pelo fato de ser um animal social, estando esses três elementos ligados entre si.¹⁴³ Acerca da associação desses três elementos, poder-se inferir que essa compreensão apresenta o homem como um animal social que usa da linguagem e que ri utilizando-se dela, ou seja, um animal social cômico. Porém, novamente aqui, se impõe o avanço das contribuições de Olbrechts-Tyteca ao estudo do cômico, pois, embora Dupréel chegue a abordar o discurso na produção do cômico, seu interesse central pelo quando rimos se direciona à compreensão do funcionamento dos grupos sociais e à presença do indivíduo dentro desses grupos. Suas contribuições são importantes para a sociologia dos valores e relevantes ao PNR, à medida em que orientam noções como as de orador, auditório e persuasão: “Este ponto de vista sociológico nos foi, digamos agora, extremamente fecundo ao longo de nossas pesquisas” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 14 – *tradução própria*).

Uma aplicação bastante direta das reflexões sociológicas de Dupréel sobre o cômico se encontra, como já mencionado, na compreensão do papel do ridículo na argumentação, desenvolvida em *Le comique* (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 15-16) e no *Tratado* (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 233-238). Esse tópico é apresentado em

¹⁴² Não se entrará aqui na exegese dos textos de Dupréel, cuja apresentação e importância para o PNR é inquestionável e abordada sempre de modo amplo, porém não genérico, nesta tese. Contudo, cabe destacar que mesmo essa diferenciação essencial atribuída por Olbrechts-Tyteca ao seu mentor é uma diferenciação de Bergson, citada pelo próprio Dupréel em “Problème sociologique du rire”, publicado em 1928 (DUPRÉEL, 1928, p. 219).

¹⁴³ “La thèse de E. Dupréel, trop solvante, ignorée, nous paraît devoir retenir ici l’attention. L’homme étant caractérisé à la fois par le langage, par le rire, et par le fait d’être un animal social, nous pouvons supposer que ces trois éléments se sont pas sans lien” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 14).

partes diferentes em ambos os textos. *No Tratado*, “o ridículo e seu papel na argumentação” é desenvolvido na terceira parte, quando se fala das técnicas argumentativas, especificamente as quase-lógicas. Os autores, partindo de Dupréel – citado na primeira frase de desenvolvimento do tópico –, compreendem o ridículo como “aquilo que merece ser sancionado pelo riso” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 233) e passam a explicar as características de um argumento ridículo por meio de exemplos extraídos da Filosofia (La Bruyère, Demóstenes). Na obra em coautoria, por sua vez, o ridículo é visto como uma arma poderosa tanto para condenar um comportamento, quanto para o orador se prevenir contra quem procura lhe abalar a argumentação (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 234). Seu funcionamento está vinculado à identificação das incompatibilidades de uma dada argumentação (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 235), sendo a ironia entendida como uma forma de expressão desse tipo de raciocínio que explora as incompatibilidades (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 236).

Diferentemente, em *Le comique*, esse tópico é apresentado nas considerações preliminares e sua função visa contribuir para a delimitação do cômico como objeto de estudos da argumentação. Seu desenvolvimento também parte da noção de riso de exclusão proposta por Dupréel: “O ridículo é a sanção pela violação a uma regra admitida” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 15 – *tradução própria*)¹⁴⁴. No entanto, seu objetivo não é descrever o que pode ser considerado ridículo em uma argumentação, mas explorar a relação entre ridículo e cômico, compreendidos tradicionalmente como distintos um do outro, segundo a autora. Em *Le comique*, o ridículo não se distingue do cômico de modo essencial, mas de modo convencional, estando mais ligado ao riso de exclusão, e o cômico ao riso de acolhimento (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 15). Note-se que, em *Le comique*, o tópico “ridículo” é abordado para especificar melhor ainda o que vem a ser o cômico do discurso, por meio da especificação de sua ocorrência, ou seja, do quando ele ocorre.

Essa compreensão acerca da circunstância de ocorrência do cômico coloca um problema essencial para a delimitação deste objeto de estudos em *Le comique*: o riso como critério do cômico. Se o cômico se manifesta no riso de acolhimento e o ridículo no riso de exclusão, pode-se dizer que o riso é um critério para a abordagem do cômico como objeto de estudos? A resposta oferecida por Olbrechts-Tyteca é sim, porém, com algumas considerações que demonstram a dificuldade de se aplicar tal critério (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 11-13).

¹⁴⁴ No original: “Le ridicule est la sanction de la violation d’une règle admise” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 15).

Essas dificuldades são as seguintes: 1) o riso extrapola/transborda em muito o cômico, podendo ser entendido como um fenômeno puramente psicológico; 2) o riso não tem sempre o mesmo significado, variando conforme o contexto cultural em que é observado; 3) o riso não é proporcional à intensidade do cômico, havendo situações e “faixas etárias” mais propícias ao riso; 4) o cômico suscita tanto o riso quanto o sorriso, sendo a relação entre essas duas reações difíceis de serem estudadas; e 5) em muitos dos casos, não se pode observar diretamente seja o riso seja o sorriso, de modo que não se pode tomá-los como objetos de estudo. De modo resumido, a dificuldade central parece estar no fato de o riso não ser palpável como objeto de estudos para uma teoria da argumentação, pois ele seria antes um efeito do cômico. Já este pode ser estudado com mais propriedade, visto estar diretamente vinculado à manifestação da linguagem humana, sendo, portanto, objeto de estudos possível para uma teoria da argumentação. Nesses termos, embora essas dificuldades existam, Olbrechts-Tyteca defende que o riso pode, sim, ser um critério para o cômico, tendo “a análise de exemplos já utilizados por outros autores algo de tranquilizador”¹⁴⁵ para quem se depara com tal dificuldade (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 13).

Tais reflexões colocam o que é para esta tese de Doutorado um dos problemas centrais levantados pela teoria do cômico do discurso desenvolvida por Olbrechts-Tyteca, qual seja: a pluralidade de níveis em que esse fenômeno pode ser observado e a dificuldade de se tomá-lo como objeto de estudos. O cômico – algumas vezes entendido como humor e vinculado ao sorriso – precisa ser bastante especificado, visto a pluralidade de abordagens filosóficas, sociológicas, psicológicas e retóricas apresentadas para o mesmo fenômeno. Ciente dessa dificuldade basilar, Olbrechts-Tyteca propõe, portanto, uma delimitação precisa dos aspectos que se pretende observar no estudo do cômico, qual seja: o cômico do discurso, da retórica, da matéria linguística, da palavra. Esse conjunto de determinantes adjetivam, portanto, delimitam, o que se pretende observar no cômico. Porém, destaque-se que mesmo o cômico circunscrito ao estudo de seu aspecto linguístico também ocorre em diferentes níveis, que não são independentes, mas que precisam ser considerados em separado, pois resultam em perspectivas de abordagem diversas para o mesmo fenômeno (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 17). Cabe passar em vista quais são esses aspectos, quais as dificuldades trazidas por eles ao estudo do cômico da retórica e quais as soluções apresentadas para uma abordagem clara desse objeto de estudos tão esquivo.

¹⁴⁵ No original: “Cette difficulté est sans doute une des raisons pour lesquelles l’analyse d’exemples déjà utilisés par d’autres présentes quelque chose de rassurant”.

Olbrechts-Tyteca apresenta três dessas perspectivas de abordagem do cômico da retórica: 1) observar as relações entre e o funcionamento dos auditórios – a quem todo discurso é direcionado e em função de quem esse discurso é construído (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 18); 2) observar as relações entre o objeto cômico em um nível primário (entendendo como ele age) e num nível secundário (entendendo como ele é possível de ser conhecido) (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 19); e 3) observar as relações entre as diversas situações de ocorrência do cômico da retórica, cujo acontecimento não é característico apenas das circunstâncias que envolvem a argumentação (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 20). Ressalte-se que essas três perspectivas de abordagem estão relacionadas entre si, uma vez que derivam uma da outra, sendo extensões ou níveis de um mesmo objeto: o cômico da retórica. No entanto, ressalte-se aqui que todos esses níveis e suas nuances estão situados no âmbito de estudo mais elementar de estudos da retórica. Tais dificuldades de abordagem levantadas sobre esses diversos níveis de abordagem do cômico do discurso só podem ser solucionadas por um plano de estudos já bem desenvolvido. Só assim, é o que parece, pode-se abordar um objeto de estudos tão impalpável como o cômico do discurso.

Nesses termos é que Olbrechts-Tyteca apresenta a base de desenvolvimento, ou plano de estudos central, para a pesquisa empreendida e resultada em *Le comique*, a saber: o *Tratado da argumentação* escrito por ela e Perelman. De um modo mais explícito, pode-se dizer que essa vinculação do plano de estudos de *Le comique* ao plano de estudo do *Tratado* não é senão a vinculação das pesquisas de Olbrechts-Tyteca ao Projeto Nova Retórica. Além disso, não se pode de antemão tomar tal vinculação explícita como uma dependência total da compreensão de Olbrechts-Tyteca à de Perelman, uma vez que já foram mencionados, e ainda serão desenvolvidos nesta tese, elementos que apontam para a singularidade do pensamento de Olbrechts-Tyteca e de suas contribuições ao PNR. Dentre esses aspectos, destacou-se até agora seu esforço para bem delimitar seu objeto de estudos e vinculá-lo ao plano do discurso/da retórica/da palavra, e as contribuições que a teoria sociológica de Duprèel e a filosofia de Bergson oferecem a essas formulações. Cabe, agora, aprofundar ainda mais a análise de *Le comique*, a fim de entender como o *Tratado* é tomado como plano de desenvolvimento da apresentação de seus dados, e como os resultados desse estudo apontam cada vez mais para a originalidade e permitem compreender de modo mais específico as contribuições de Olbrechts-Tyteca para o Projeto Nova Retórica.

4.2 O TRATADO DA ARGUMENTAÇÃO COMO PLANO DE DESENVOLVIMENTO DE LE COMIQUE DU DISCOURS

Diferentemente de outros estudos sobre o cômico, o humor ou o riso, *Le comique du discours* não se propõe a uma simples catalogação e sistematização “do que faz rir” (*de ce que fait rire*). Partindo de Dupréel e de suas considerações sobre o riso e sobre “quando rimos”, Olbrechts-Tyteca parece se propor ao desafio de pensar o “como rimos”, sendo a argumentação uma das vias de realização do cômico, conforme já explanado anteriormente. Circunscrito o objeto de estudos, a autora se preocupa em propor um plano para o desenvolvimento de seu estudo, que se resume em “retomar passo a passo os elementos – âmbitos da argumentação e esquemas argumentativos – que já foram descritos em nosso estudo sobre a argumentação, a fim de se observar a força que o cômico tem sobre eles” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 22 – *tradução própria*).¹⁴⁶ No entanto, essa vinculação do estudo do cômico a uma teoria da argumentação já elaborada não é feita sem ressalvas, visto essa teoria – intitulada Nova Retórica por Olbrechts-Tyteca e Perelman – estar “ela mesma sujeita à revisão” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 22). Entender o que exatamente Olbrechts-Tyteca identifica como passível de ser revisado na Nova Retórica, à medida em que se apresenta o modo de apropriação que *Le comique* faz desta teoria, é o objetivo deste tópico. Nesse sentido, cabe destacar o momento em que a teórica identifica o que exatamente pode ser revisado na teoria da argumentação desenvolvida por ela e Perelman.

Os esquemas [técnicas argumentativas] descritos são apenas uma das interpretações possíveis do argumento concreto e não temos garantia de que estejam realmente presentes nem no falante nem no ouvinte. A existência destes esquemas e a sua classificação não são de forma alguma certas. Mas examinar seu uso cômico terá o efeito de iluminar a retórica, assim como a patologia pode iluminar o normal. E se o nosso trabalho anterior precisar ser modificado, tanto melhor (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 22 – *tradução própria*).¹⁴⁷

É a classificação dos esquemas/técnicas argumentativos que pode ser relativizada, sendo ela um construto resultado de uma leitura específica, entendida como arbitrária. Pretende-se com essa reflexão dizer que um mesmo argumento pode ser classificado de acordo com

¹⁴⁶ No original: “reprendre pas à pas les éléments - cadre de l'argumentation, schèmes argumentatifs - que nous avons décrits dans notre étude de l'argumentation, pour voir la prise qu'a sur eux le comique”.

¹⁴⁷ “Les schèmes décrits ne sont le plus solvante qu'une des interprétations possibles de l'argument concret et nous n'avons aucune garantie qu'ils soient réellement présent ni chez l'orateur ni chez l'auditeur. L'existence de ces schèmes, leur classement, n'ont rien d'assuré. Mais l'examen de leur utilisation comique aura pour effet d'éclairer la rhétorique, comme la pathologie peut éclairer le normal. Et si notre travail antérieur devait s'en trouver modifié, tant mieux”.

esquemas distintos, podendo ser visto como técnica de associação de ideias ou de dissociação de ideias, por exemplo. Do mesmo modo ocorrerá com o cômico do discurso, que, embora tenha no riso um critério possível, nem sempre poderá ser confirmado por todos os auditórios de uma mesma piada. Essa é uma preocupação já expressa no *Tratado da argumentação*, quando seus autores apresentaram algumas “generalidades” acerca da classificação das técnicas argumentativas, dentre as quais duas objeções precisam ser destacadas, pois se vinculam também ao estudo do cômico da argumentação. A primeira objeção é o fato de a mesma estrutura de um argumento poder ser concebida por mais de uma perspectiva, e a segunda o fato de os exemplos extraídos para análise serem retirados de “textos literários”¹⁴⁸, e não de “discursos efetivamente pronunciados”. Ainda no *Tratado da argumentação*, essas objeções são afastadas, à medida em que a classificação das técnicas argumentativas se pretende universal, sendo os exemplos analisados (sejam eles literários ou filosóficos) casos particulares, que “poderiam ser substituídos por mil outros exemplos”.¹⁴⁹

Tal reflexão já foi desenvolvida anteriormente nesta tese, quando se tratou de aproximar do Projeto Nova Retórica uma perspectiva de retórica que não ignora a leitura que o analista faz de um determinado argumento, estando aquele sujeito aos efeitos de sentido produzidos por este. Assim, tentamos, ali, aproximar o PNR do que Barthes (1975) e Gaonkar (1990) designam como um retorno à retórica por uma via sofisticada, uma via que não ignoraria a *tékhnē poietiké*, e que não se “envergonharia”, portanto, de Górgias. Como ficou demonstrado, a perspectiva sofisticada via um resgate da poética e das considerações de Aristóteles sobre os efeitos de sentido da tragédia no público dos festivais de teatro não pode ser identificada diretamente no PNR, pois a *Poética* do filósofo estagirita não compõe o conjunto das referências utilizadas como plano de desenvolvimento do PNR. Em *Le comique*, Olbrechts-Tyteca afasta de maneira deliberada a influência da *Poética*, no que toca à abordagem sobre o cômico: “Quanto aos capítulos II e IV da *Poética*, normalmente referidos a propósito do cômico, eles não dizem respeito à nossa pesquisa” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 23 – *tradução própria*). Por outro lado, também como ficou demonstrado, se há uma influência do pensamento sofisticado no PNR, esta deve ser estudada via a influência do humanismo protagórico e relativista de Eugène Duprèel, todavia prevalecendo como base deste projeto a influência da concepção lógico aristotélica acerca da argumentação. No entanto, dado a sua relevância, o tema: o papel e a

¹⁴⁸ O *Tratado* esclarece, em alguma medida, o que designa por “textos literários”: “romance, teatro e discurso” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 212).

¹⁴⁹ “[...] estamos convencidos de que esses mesmos enunciados argumentativos poderiam ser analisados de outra maneira, conforme outros planos de delimitação” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 212).

arbitrariedade da leitura e da interpretação do argumento e do cômico por parte de quem o analisa reaparece, justamente, quando se coloca a questão sobre as contribuições originais de Olbrechts-Tyteca ao PNR. Assim, parece razoável insistir nessa problemática, que muito tem a contribuir para o objetivo de se delimitar a influência desta intelectual ao PNR.

De acordo com o já exposto, os autores do Projeto Nova Retórica insistem no fato de “o discurso ser um ato que, como todo ato, pode ser objeto, da parte do ouvinte, de uma reflexão” no momento em que o orador argumenta (PERELMAN; OLBRECHTS- TYTECA, 2005, p. 213). Se se fizer o exercício de entender os autores do PNR como leitores dos textos de literatura e Filosofia utilizados para coleta de exemplos, quer seja da argumentação, quer do cômico da argumentação, pode-se afirmar que estes textos são “objeto de reflexão” por parte desses intelectuais, e que a classificação dada aos argumentos encontrados nestes textos é arbitrada por um plano de desenvolvimento prévio, que classifica e explica o objeto de reflexão e análise. Esse plano de desenvolvimento, no que diz respeito ao Projeto Nova Retórica, está muito bem apresentado nos sumários do *Tratado da argumentação* e no do *Le comique du discours*. Em ambos os textos, o sumário apresenta índices do desenvolvimento de três partes fundamentais para o projeto teórico sustentado neles: apresentação e compreensão dos âmbitos ou quadros da argumentação; definição da noção de acordo e compreensão de seu papel como ponto de partida de toda argumentação; e classificação e exemplificação do funcionamento das técnicas argumentativas. Não se pretende dizer, com isso, que os sumários de ambas as obras sejam exatamente os mesmos, mas que os tópicos essenciais ao desenvolvimento da teoria Nova Retórica no *Tratado* são retomados por Olbrechts-Tyteca, pois lhe servem de plano para o estudo do cômico. Logo, orienta sua leitura e análise dos exemplos retirados da literatura para a confirmação de suas teses acerca do cômico como uma característica da argumentação. O Quadro 2 apresenta, abaixo, essa comparação de maneira contrastiva, explorando algumas semelhanças e diferenças entre o sumário de ambas as obras.

Quadro 2 – Comparação contrastiva dos sumários do *Tratado* e de *Le comique*

Título do Livro	Sumário do <i>Tratado da Argumentação: a nova retórica</i>	Sumário de <i>Le comique du discours</i>.
Ano de publicação	1958	1974
Autor(es)	Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca	Lucie Olbrechts-Tyteca
Forma de estruturação das partes do texto	Texto organizado em: <ul style="list-style-type: none"> • Prefácio à edição brasileira • Prefácio 	Texto organizado em: <ul style="list-style-type: none"> • Prefácio • 9 capítulos primários

	<ul style="list-style-type: none"> • Introdução • 3 grandes partes • 10 capítulos primários • 105 capítulos secundários/parágrafos • Conclusão • Notas <p>Lista das obras citadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • 26 capítulos secundários • 99 capítulos terciários • 601 tópicos • Conclusão <p>Índice de nomes próprios</p>
<p>Observações quanto à forma de estruturação das partes do texto</p> <p>Descrição da estrutura:</p>	<p>A edição brasileira usa a expressão índice para sumário. Já a edição francesa usa a expressão “Table generale des matières”, próxima à expressão usada no <i>Le comique</i>, “Tables des matières”. Em quase tudo, o sumário da edição brasileira do <i>Tratado</i> segue a edição francesa. As únicas diferenças são o acréscimo do Prefácio à edição brasileira (escrito por Fábio Ulhoa Coelho) e a retirada do “Index analytique” e do “Index des noms propres”, presentes na edição original, em francês.</p> <p>A estruturação do sumário do <i>Tratado</i> é bastante clara. Para a análise contrastiva, descrevemos as duas classificações iniciais entendidas aqui como partes e capítulo primários. Destaque-se que tanto a <i>Introdução</i> quanto a <i>Primeira Parte</i> serão tratadas, aqui, como capítulos.</p>	<p>Na edição digitalizada pela ULB, o sumário (“Tables des matières”) não está digitalizado da obra original. Ele foi construído com base nela e não apresenta uma numeração desses capítulos secundários, que, por sua vez, possuem um total de 99 capítulos terciários. No texto todo, há também uma estrutura de 601 tópicos numerados no início de parágrafos.</p> <p>Além disso, há dois erros no sumário construído, em relação ao que o texto apresenta em seu corpo, como não constar o Prefácio de Perelman em sua descrição ou escrever “<i>fortune</i>” ao invés de “<i>forme</i>” no último subcapítulo do Capítulo 3. Assim, para a comparação apresentada neste quadro, consideramos tanto o sumário digitado quanto o corpo do texto original. Para melhor organização da apresentação, focamos nas duas classificações iniciais, entendidas aqui como capítulos primários e capítulos secundários.</p>
	Introdução	<p>I. CONSIDÉRATION PRÉLIMINAIRE</p> <p>Objet, plan, méthode Une hypothèse de travail</p>
	<p>PRIMEIRA PARTE: OS ÂMBITOS DA ARGUMENTAÇÃO</p> <p>§3. <i>O orador e seu auditório</i></p>	<p>II. LES CADRES DE L’ARGUMENTATION</p> <p>Le langage Les participants: l’orateur et son auditoire</p>
	<p>SEGUNDA PARTE: O PONTO DE PARTIDA DA ARGUMENTAÇÃO</p> <p>Capítulo I – O acordo</p> <p>a) <i>Os tipos de objetos de acordo</i></p> <p>b) <i>Os acordos próprios de certas argumentações</i></p>	<p>III. LE POINT DE DÉPART DE L’ARGUMENTATION</p> <p>L’accord concernant les prémisses L’accord propres à chaque discussion</p>
	Capítulo II – A escolha dos dados e sua adaptação com vistas à argumentação	IV. LE CHOIX DES DONNÉES

	§30. <i>A interpretação dos dados</i> §31. <i>A interpretação do discurso e seus problemas</i>	V. L'INTERPRÉTATION
	Capítulo III – Apresentação dos dados e forma do discurso	VI. L'ADAPTATIONS DES DONNÉES La forme du discours
	TERCEIRA PARTE: AS TÉCNICAS ARGUMENTATIVAS Capítulo I – Os argumentos quase- lógicos	V. LES ARGUMENTS PAR LIASION: A. QUASI LOGIQUES Les incompatibilités Les identifications e substitutions Le tout e ses parts Les poids e mesures Les probabilités
	Capítulo II – Os argumentos baseados na estrutura do real	VI. LES ARGUMENTS PAR LIASION: B. BASES SUR LA STRUCTURE DU RÉEL Les liaisons de sucessions Les liaisons de coexistence La liaison symbolique Les doublés hiérarchies
	Capítulo III – As ligações que fundamentam a estrutura do real	VII. LES ARGUMENTS QUI FONDENT LA STRUCTURE DU RÉEL Le fondement par le particulier Le raisonnement par analogie
	Capítulo IV – A dissociação das noções	VIII. LES DISSOCIATIONS
	Capítulo V – A interação dos argumentos	IX. L'INTERACTIONS DES ARGUMENTS La force des arguments La relevance La justification L'ordre du discours
	Conclusão	Conclusions
Semelhanças	As semelhanças entre os sumários aparecem justamente à medida que ambos apresentam o desenvolvimento das três partes fundamentais do PNR: <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação e explicação acerca dos chamados âmbitos da argumentação e dos conceitos que o delimitam, tais como <i>orador</i> e <i>auditório</i>; • Apresentação e explicação acerca dos pontos de partida pressupostos na argumentação, como o <i>acordo</i> e os <i>tipos de acordo</i> próprio de certas argumentações; • Classificação e exemplificação do funcionamento das <i>técnicas argumentativas</i> por ligação/associação e por dissociação; de todas as partes, está é a que mais apresenta semelhança em ambas as obras. 	
Diferenças	As diferenças entre os sumários podem ser observadas em diversos aspectos. Gostaríamos de destacar dois pontos importantes para se compreender as contribuições de <i>Le comique</i> em relação ao <i>Tratado</i> : 1. Destaque-se que a “Introdução” do <i>Tratado</i> não pode ser entendida como capítulo correlato às “Considération préliminaires” em <i>Le comique</i> . No	

	<p><i>Tratado</i>, tem-se na Introdução o que Frank (2003, pp. 168-169) e Bolduc (2020, p. 17) entendem como um <i>exórdio</i> à tradição platônica aristotélica. Em <i>Le comique</i>, as considerações preliminares servem para que a autora apresente o objeto e o método de estudos, além de explorar as hipóteses trazidas por seu trabalho.</p> <p>2. A primeira parte do <i>Tratado</i>, intitulada OS ÂMBITOS DA ARGUMENTAÇÃO, e o Capítulo II em <i>Le comique</i>, intitulado “Les cadres de l’argumentation”, ao mesmo tempo que desenvolvem uma das três partes fundamentais do PNR, abordando aí os conceitos de <i>orador</i> e <i>auditório</i>, apresentam diferenças significativas.</p> <ul style="list-style-type: none"> • No <i>Tratado</i>, por exemplo, os parágrafos 11 e 12 desenvolvem os reflexões sobre o gênero <i>epidíctico</i> e as diferenças entre <i>educação</i> e <i>propaganda</i>, temas ausentes em <i>Le comique</i>. • Em <i>Le comique</i>, todo um capítulo secundário, intitulado “Le langage”, apresenta-se como novo em relação ao <i>Tratado</i>. Neste capítulo, a noção de linguagem é aproximada à de discurso e à de retórica: “Em alguns aspectos, todo cômico da retórica, por operar pelo discurso, concerne à linguagem” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 55).
--	---

Fonte: Próprio autor.

Essa apresentação dos sumários de ambas as obras¹⁵⁰, mais uma série de afirmações já identificadas em *Le comique*, parecem suficientes para demonstrar como o trabalho de Olbrechts-Tyteca sobre o cômico da argumentação se vincula ao PNR e toma do *Tratado* seu plano de desenvolvimento. Nesse sentido, ressalte-se que o problema da leitura e da arbitrariedade na classificação dos argumentos é tema que também se origina do plano de desenvolvimento resgatado do *Tratado da argumentação* por *Le comique du discours*. No entanto, isso não significa que a autora tenha retomado especificamente de Perelman uma reflexão sobre a leitura e a arbitrariedade das análises de argumentos. Pelo contrário, o que se pretende nesta tese é precisamente defender a ideia de que tais reflexões se originam de Olbrechts-Tyteca e são parte essencial de suas contribuições ao PNR; ideia a ser defendida mais à frente. Por ora, é preciso fundamentar de modo mais nítido como, mesmo desenvolvendo praticamente a mesma estrutura tratadística, se trata de obras diferentes, com enfoques distintos acerca de um mesmo objeto de estudos, a argumentação: abordada por meio de textos literários em *Le comique* e de textos “preferencialmente” filosóficos no *Tratado*, conforme sugere a análise empreendida por Frank e Bolduc (2010, p. 159).

Essa separação caracterizaria o PNR como composto por três retóricas: a retórica de Olbrechts-Tyteca, entendida como literária, a de Perelman, como filosófica, e uma terceira, como um *blend* dessas duas (FRANCK; BOLDUC, 2010, p. 159). Como afirmado na

¹⁵⁰ Colocamos em forma de Anexo a esta tese ambos os sumários completos, de modo que o leitor possa compreender nitidamente o contraste desenvolvido no Quadro 2.

introdução desta tese, parece coerente e correta a ideia de que há um projeto de estudos em comum entre as obras de Olbrechts-Tyteca e Perelman. Contudo, a ideia de uma retórica resultada da junção dos aspectos racional e cômico característicos dos seres humanos poderia ser melhor desenvolvida, a fim de se compreender quais seriam, portanto, as características desse *blend* de retóricas. Frank e Bolduc (2010), em seu estudo bastante aprofundado acerca da retórica de Lucie Olbrechts-Tyteca, apresentam essa possibilidade, mas não a desenvolvem tão bem como o fazem com as outras duas retóricas. Segundo Frank e Bolduc concluem em seu estudo, “A colaboração entre Perelman e Olbrechts-Tyteca conseguiu uma aproximação entre o ‘raciocínio humano’ e o ‘riso humano’, entre o filósofo e o crítico literário, o que explica porque é considerada a retórica mais importante do século XX” (FRANK; BOLDUC, 2010, p. 160).¹⁵¹

Note-se que a tese de Frank e Bolduc sobre as três retóricas parte de uma dissociação entre as retóricas de Olbrechts-Tyteca e de Perelman, associando a ambos os polos outros termos também dissociativos e correlatos, como literatura/Filosofia e cômico/raciocínio. Essa separação fica muito clara no estudo desses pesquisadores, e a consequência mais direta dele é apresentar as características da retórica do cômico produzida por Olbrechts-Tyteca em *Le comique du discours*. Por outro lado, essa mesma investigação conclui haver uma junção dessas duas retóricas, originando uma terceira com as características de ambas. A presente tese de Doutorado, cujo objetivo principal envolve apresentar as contribuições teóricas e a originalidade de Olbrechts-Tyteca ao Projeto Nova Retórica, não pretende aprofundar a compreensão total acerca desse *blend*, no entanto considera relevante se questionar quais impactos a presença da literatura e do cômico acabam por trazer à Filosofia e ao raciocínio, tal como concebidos no PNR, e refletir se essa junção entre aspectos aparentemente antitéticos é positiva ou negativa à teoria geral denominada PNR. Essa reflexão aporta para compreender ainda mais as contribuições e os impactos de Olbrechts-Tyteca ao projeto desenvolvido em parceria com Perelman. Logo, antes de tratar da junção – se positiva ou negativa – dessas duas retóricas, é preciso resgatar no PNR a existência de uma separação da retórica em literária e filosófica, tal como faz entender a análise de Frank e Bolduc (2010).

¹⁵¹ Paráfrase e citação retiradas do parágrafo de conclusão: “When the New Rhetoric project is read diachronically, Olbrechts-Tyteca’s contribution comes into focus, both in collaboration with Perelman and on her own. This essay, the product of a collaboration, demonstrates that scholars writing together over time develop relationships that can defy rigid classifications and proscribed roles. The Perelman-Olbrechts-Tyteca collaboration achieved a rapprochement between the “human reasoning” and the “human laughing,” between the philosopher and the literary critic, which explains why it is considered the most important rhetoric of the twentieth century” (FRANK; BOLDUC, 2010, p. 160).

No artigo que inaugura o Projeto Nova Retórica, intitulado “Lógica e Retórica”, publicado em 1950 em coautoria entre Perelman e Olbrechts-Tyteca, encontram-se desenvolvidas de modo resumido as três partes essenciais desse projeto, já mencionadas antes. Nesse texto de pouco mais de trinta páginas, os autores apresentam um plano de estudos cujo resultado mais direto será o *Tratado da argumentação*, publicado em 1958. Em “Lógica e Retórica”, encontra-se a menção mais direta a uma separação entre uma *retórica literária* e uma *retórica filosófica*, especificamente quando abordam o que entendem como uma certa incompreensão do gênero epidíctico que teria encorajado “considerações literárias em retórica” e teria promovido a cisão da retórica em duas tendências. Na sequência, detalham os objetivos de ambas as retóricas:

uma filosófica, cujo objetivo é integrar na lógica as discussões sobre as matérias controversas, porque incertas, e em cada um dos adversários procura que sua opinião tem a seu favor a verdade ou a verossimilhança; a outra, literária, cujo objetivo é desenvolver o aspecto artístico do discurso e se preocupa sobretudo com problemas de expressão. A primeira tendência passaria por Protágoras e por Aristóteles, que dizia que o ‘verdadeiro e o que se lhe assemelha se reportam à mesma faculdade, para culminar no arcebispo Whately. A segunda passaria por Isócrates e por nossos mestres de estilo para culminar em Jean Paulhan e em I. A. Richards (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, *Lógica e retórica*, 2004, p. 69).

No *Tratado da argumentação*, essa linha de raciocínio é aprofundada, e o epidíctico – embora associado à literatura como técnica do estilo por uma certa tradição que teria incompreendido Aristóteles – é associado também ao campo da argumentação. Sendo importante para explicar a intensidade de adesão a um argumento por parte de um auditório, o epidíctico funcionaria como um gênero que contribui para a reificação de valores sociais sobre os quais não pairam dúvidas, mas que precisam ser reforçados para a coesão social de um determinado grupo (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, *Tratado*, 2005, p. 53-57).¹⁵²

Já em *Le comique du discours*, publicado em 1974, não se encontra uma menção sumária ao gênero epidíctico, e no capítulo segundo¹⁵³, em que se discutem os “quadros da

¹⁵² Na sequência, detalham que tipo de efeito o epidíctico visa e o motivo de ser relacionado à literatura: “O orador procura criar uma comunhão em torno de certos valores reconhecidos pelo auditório, valendo-se do conjunto de meios de que a retórica dispõe para amplificar e valorizar. É na epidíctica que são apropriados todos os procedimentos da arte literária, pois se trata de promover o concurso de tudo quanto possa favorecer essa comunhão do auditório. É o único gênero que, imediatamente, faz pensar na literatura, o único que poderíamos comparar como libreto de uma cantata, o que corre maior risco de virar declamação, de tornar-se retórica, no sentido pejorativo e habitual da palavra” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, pp. 56-57).

¹⁵³ O primeiro capítulo de *Le comique du discours* é justamente as “Considerações preliminares”, analisada ao longo do quarto capítulo desta tese.

argumentação”¹⁵⁴, não se encontra também a dissociação entre retórica literária e filosófica. Porém, não se deve depreender dessa ausência que *Le comique* não retome em seu conjunto a separação entre ambas as retóricas e que – caso se depreenda o correto – o trabalho de Olbrechts-Tyteca deve ser associado de maneira estrita a uma retórica da literatura. Desde a introdução até à conclusão de seu tratado sobre o cômico da argumentação, a autora não desvincula seu estudo do Projeto Nova Retórica, assumindo explicitamente o desenvolvimento de seu plano de estudos e o aprofundamento de tópicos já apresentados no *Tratado da argumentação*. Assim, como diz Perelman em seu prefácio, *Le comique* “constitui assim uma extensão” desta obra (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 6), e Olbrechts-Tyteca o confirma, ao afirmar, sobre os capítulos de sua obra, que “correspondem a um aprofundamento sucessivo” do *Tratado* (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 22-23). Portanto, a conclusão a que se pode chegar acerca da ausência de uma reflexão sobre a separação entre retórica literária e filosófica em *Le comique* é justificada, por ser desnecessária por duas razões: porque tal desenvolvimento já fora feito antes nos textos fundamentais do PNR – mesmo que de modo incipiente –, e por ser seu objetivo o estudo da argumentação por meio de exemplos da literatura, não da literatura propriamente dita. Nesse sentido, é preciso ter sempre clareza de que, mesmo havendo originalidade e contribuições significativas ao PNR por parte de Olbrechts-Tyteca, sua obra é sempre parte de um projeto maior.

Dito isso, cabe reforçar esse ponto importante acerca do trabalho de Olbrechts-Tyteca e delimitar de modo nítido o tipo de associação feita entre *Le comique* e a literatura. Não se trata, aí, de um estudo sobre a literatura, tendo um autor ou período literário como ponto de inflexão de suas análises, ou mesmo alguma noção teórica (como a de narrador) característica desse campo de estudos, mas sim de ter na literatura (e nas artes, em geral) a base para se extrair exemplos válidos a fim de se ilustrar as técnicas argumentativas utilizadas por personagens em situações de comunicação. A leitura e a análise que Frank e Bolduc (2010, p. 157-158) fazem do que designam como retórica de Olbrechts-Tyteca permite compreender o funcionamento dos exemplos extraídos da literatura tanto no *Tratado*, quanto em *Le comique du discours*, de modo a explicitar melhor o pensamento e as contribuições teóricas da autora na expansão do projeto colaborativo Nova Retórica e o modo como a literatura aparece em sua obra.

Podemos citar a obra *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, utilizada como fonte de exemplos nas duas obras. No *Tratado da argumentação*, o livro é citado apenas duas vezes,

¹⁵⁴ No *Tratado da argumentação*, em sua versão em Língua Portuguesa, intitula-se “âmbitos da argumentação” e compõe toda a primeira parte, após uma breve introdução de onze páginas.

ambas na Terceira Parte, na qual se descrevem as técnicas da argumentação: uma vez é citada uma fala de Sancho Pança, a fim de ilustrar a caricatura da argumentação pelo vínculo causal (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 301-302), outra vez é citada uma fala do Cavaleiro da Mancha, a fim de ilustrar o efeito cômico produzido pela sobreposição de foro na construção de uma analogia (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 345-346). Em ambos os usos de *Dom Quixote*, o *Tratado* toma-o como exemplo de ilustração do cômico da retórica, visto serem tratados do ponto de vista da técnica, sendo sua seleção associada, portanto, ao conjunto das contribuições teóricas de Olbrechts-Tyteca ao PNR, conforme conclui a análise de Frank e Bolduc (2010, p. 157).¹⁵⁵

Diferentemente, *Le comique du discours* cita *Dom Quixote* quinze vezes,¹⁵⁶ e seu uso funciona para Olbrechts-Tyteca tornar mais evidentes e específicas as conclusões que ela e Perelman já haviam chegado anteriormente. Frank e Bolduc destacam a reutilização de um dos exemplos já explorado no *Tratado*, cuja explicação é ampliada e redefinida no *Le comique*. Em resumo: no *Tratado*, a seguinte fala de Dom Quixote – “pois o cavaleiro andante sem dama é como uma árvore sem folhas, um edifício sem alicerces, uma sombra sem corpo para lançá-lo” – é apresentada para ilustrar a justaposição de foro na construção da analogia e como o cômico deriva desse esquema argumentativo, não suscitando nenhum comentário dos autores sobre isso; já em *Le comique*, a mesma fala é analisada de modo mais extenso, suscitando comentários sobre o fato de a incompatibilidade de justaposições na analogia não ser o único esquema gerador do cômico, pois também a repetição e a redundância funcionam como elementos discursivos que podem produzi-lo (FRANK; BOLDUC, 2010, p. 158).

Embora utilizada como fonte de exemplos do cômico nos âmbitos do *Le comique*, a profundidade das análises de Olbrechts-Tyteca acaba por ensejar reflexões sobre a obra de Cervantes. Sobre isto, uma das conclusões a que chegam Frank e Bolduc (2010, p. 158) é que Olbrechts-Tyteca contribui para o Projeto Nova Retórica por meio da leitura humanística que ela apresenta da literatura cômica. Dom Quixote, assim, é entendido, de acordo com Frank e

¹⁵⁵ A análise comparativa de Frank e Bolduc não consideram apenas o *Dom Quixote*, no entanto, esse exemplo é suficiente para demonstrar esta conclusão importante sobre as contribuições de Olbrechts-Tyteca ao *Tratado*: “Such literary monuments of the comic as *Tristram Shandy* and *Don Quixote*, whose brief appearances in the *Traite* are transformed and elaborated in *Le comique du discours*, function as important markers of Olbrechts-Tyteca’s New Rhetoric” (FRANK; BOLDUC, 2010, p. 157).

¹⁵⁶ Em Frank e Bolduc (2010, p. 158), se diz que o *Dom Quixote* é citado (*cite*) cerca de trinta vezes: “Olbrechts-Tyteca, on the other hand, quotes (in Spanish) or cites *Don Quixote* some thirty times in *Le comique du discours*”. Como no Glossário de Nomes Próprios presente no final do texto descreve 15 citações diretas a Cervantes, escolheu-se fazer uso deste último dado, sem colocar sob suspeita o apontado por Frank e Bolduc, que provavelmente estão considerando menções feitas ao *Dom Quixote* mas não são referenciadas; trabalho que esta tese não terá condição de verificar.

Bolduc, como marcado por um profundo senso de humanidade, manifestando em si uma expansão do público universal. A obra de Cervantes desenvolveria, por conseguinte, um senso aguçado de como a humanidade é característica fundamental do auditório universal, conceito central para o desenvolvimento de todo o PNR e largamente debatido na literatura teórica sobre o assunto. No entanto, essas são conclusões de Frank e Bolduc (2010) mais que de Olbrechts-Tyteca (1974), que usa da literatura como fonte de exemplos que ilustram (e, de uma certa maneira, simulam) o cômico da retórica estudado no escopo teórico do PNR. Não descartamos a possibilidade de se enveredar em uma análise mais aprofundada da presença da literatura em *Le comique* e do modo como esta obra aborda e compreende certos autores (tal como Frank e Bolduc em relação ao Dom Quixote), todavia, este não é o objetivo de nosso estudo.

Pode-se dizer que a oposição entre tipo textual *dissertativo* e *narrativo* explica de modo mais claro a predileção dos exemplos selecionados, respectivamente, por Perelman e Olbrechts-Tyteca ao PNR. Não se trata, como pode sugerir uma leitura das análises de Franck e Bolduc (2010) deslocada de uma leitura de *Le comique*, de haver simplesmente uma retórica voltada para o funcionamento da literatura em Olbrechts-Tyteca e uma retórica filosófica em Perelman. Em outra direção, o que há, e isso é o que se verifica, é de fato a predileção de análises de técnicas argumentativas apresentadas em gêneros de tipologia narrativa, em Olbrechts-Tyteca, e de gêneros de tipologia dissertativa, em Perelman. Em ambas as abordagens da argumentação, como tem sido discutido aqui, a base teórica é praticamente a mesma e vincula-se ao Projeto Nova Retórica, cujos fundamentos são de base aristotélica e veem na retórica uma técnica da invenção de esquemas argumentativos capazes de persuadir e de convencer. Entretanto, tais considerações não permitem afirmar a ausência completa de contribuições intelectuais de Olbrechts-Tyteca ao PNR, atribuindo-lhe o papel de mera leitora e selecionadora de exemplos para o arsenal teórico de Perelman.¹⁵⁷

Embora essa consideração inegável sobre a vinculação da produção intelectual de Olbrechts-Tyteca ao PNR pareça contrária à afirmação de uma contribuição própria e original da autora – o objetivo geral desta tese –, é preciso ponderar e refletir sobre como o conjunto das pesquisas desenvolvidas por essa pensadora, do qual *Le comique* seja talvez a obra magna, retoma a escolha dos dados e sua forma de apresentação do PNR, ao mesmo tempo que aprofunda sua visão sobre o fenômeno da argumentação. Nesses termos, se por um lado é preciso apontar que a maioria das conclusões alcançadas por Olbrechts-Tyteca em *Le comique*

¹⁵⁷ De acordo com Dominicy (2006, p. 42-43), essa é uma visão de Olbrechts-Tyteca que circula nos corredores da Universidade Livre de Bruxelas e em alguns círculos familiares, mas em relação à qual se deve reagir.

não discordam de modo completo dos pressupostos teóricos de seu projeto em parceria com Perelman, por outro, é preciso ainda insistir na singularidade de seu pensamento e nas consequências que a aproximação entre Filosofia e literatura podem trazer a uma teoria da argumentação, objeto de estudos comum a ela e a Perelman. Essa insistência se justifica pelas palavras da própria autora do *Le comique*, que vê – na teoria base de onde ela retira o plano, a forma e o conteúdo de sua abordagem do cômico – uma “teoria sujeita à revisão”, não avaliando como negativa a possibilidade de se alterar alguns resultados encontrados no *Tratado* (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 22). Nesse sentido, é preciso retomar mais uma vez a ideia de que há no escopo teórico do PNR considerações sobre o papel da análise da técnica da argumentação.

Como já observado anteriormente, o que é explicitamente mencionado como sujeito à revisão são os exemplos selecionados para ilustrarem as técnicas argumentativas que serão descritas tanto no *Tratado*, quanto em *Le comique*. Em sua obra em coautoria, Perelman e Olbrechts-Tyteca consideram as objeções que podem ser feitas a partir da ideia de que os textos que exemplificam os esquemas argumentativos poderem ser interpretados de outras maneiras, ou seja, “conforme outros planos de delimitação”. Esse grau de equívocidade/arbitrariedade da linguagem é aguçado, segundo os teóricos, quando os exemplos analisados são retirados da literatura, pois esta se trata de um discurso imaginado, mais distante da realidade (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 212). Além disso, a interdependência entre os esquemas argumentativos é um fator crucial na análise da argumentação, de modo que a identificação de um tipo de argumento frequentemente revela sua intrínseca ligação com outros, num complexo jogo de relações e contrapontos. Como observam, “toda ligação implica uma dissociação e inversamente” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 215), demonstrando a relação inerente à argumentação. Consequentemente, a análise argumentativa parece exigir uma perspectiva holística, considerando a complexa rede de relações entre os diferentes esquemas argumentativos presentes em um discurso. Assim, o discurso em si – seja narrativo ou argumentativo, ficcional ou não –, as técnicas argumentativas empregadas (associação ou dissociação) e mesmo as circunstâncias de análise atuam como indicadores, guiando o analista na interpretação e na compreensão da estratégia argumentativa como um todo. A identificação de um esquema argumentativo, portanto, não é um ato isolado, mas um passo fundamental para desvendar a articulação argumentativa completa e a sua eficácia persuasiva.

Essa reflexão sobre a leitura/análise dos esquemas argumentativos – no *Tratado da argumentação* (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 212) e em *Le comique du discours* (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 22) – aponta para o que pode ser entendido como

o grau de equivocidade e da arbitrariedade inerente à análise que os exemplos retirados da literatura poderiam trazer ao teórico que opera com essa abordagem. Entretanto, ressalte-se que esse “problema”, identificado no âmbito da Nova Retórica, se resolve à medida em que a análise das técnicas argumentativas vincula-se ao universal, sendo esses exemplos casos particulares que provam e ilustram a existência desses esquemas/técnicas. Nesse sentido, a leitura e a análise de um fragmento de discurso, seja de Sócrates, seja de Sancho Pança, não se distinguem por serem Filosofia e literatura, mas por abordarem a realidade de modo mais próximo no primeiro exemplo e mais distante no segundo, de uma forma mais séria no primeiro e mais cômica no segundo. Contudo, destaque-se: em ambos os exemplos de discurso, a argumentação será a matéria analisada, sendo esse um ponto importante para uma compreensão correta do estudo desenvolvido em *Le comique du discours* e das influências diretas de Olbrechts-Tyteca ao Projeto Nova Retórica, pois este é o seu plano de desenvolvimento.

A fim de se compreender como as contribuições intelectuais de Olbrechts-Tyteca retomam o plano de desenvolvimento de seu projeto com Perelman, ao mesmo tempo que desenvolvem conceitos próprios para o projeto, é preciso retomar a citação de *Le comique* apresentada no início deste subcapítulo: “examinar seu uso cômico [da argumentação] terá o efeito de iluminar a retórica, assim como a patologia pode iluminar o normal” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 22). Note-se que o estudo do cômico do discurso é apresentado por Olbrechts-Tyteca como capaz de tornar mais clara a abrangência da retórica, assim como uma patologia pode iluminar o normal. Associação semelhante entre o riso e o patológico é feita no prefácio de Perelman a *Le comique*, quando este deixa entender que esse exercício permitirá “delimitar melhor os limites do uso normal e sério da linguagem” (OLBRECHTS-TYTECA, “Prefácio”, 1974, p. 5). Essa associação entre o *Tratado* e o sério da argumentação é sugerida pela própria autora de *Le comique*. Em outro momento de suas considerações preliminares, Olbrechts-Tyteca se refere à obra escrita em coautoria como “nossa descrição dos esquemas sérios” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 28 – *tradução pessoal*). Essa analogia sugerida entre os termos *Tratado*/sério/normal e *Le comique*/cômico/patológico deve, no entanto, ser compreendida com clareza, a fim de que outros termos não sejam associados a ela de modo equivocado.

Assim, caso se associe *Le comique* ao estudo do cômico da argumentação e o *Tratado* ao estudo do sério da argumentação, não se deve compreender o cômico como algo inferior (como sombra), porque patológico, como poderia sugerir Perelman em seu prefácio: “Esse cômico alerta-nos, incentiva-nos a ter mais cuidado e conduz-nos pelo caminho da precisão e da formalização, evitando a reprodução de situações que provocam risos” (OLBRECHTS-

TYTECA, “Prefácio”, 1974, p. 5 – *tradução própria*). De acordo com Perelman, o cômico da argumentação aponta uma norma de conduta a ser seguida como as exigidas no Direito e na Filosofia, suas áreas de formação. Nessas áreas em que a argumentação é ferramenta essencial para o funcionamento, o debate regrado e o discurso produzido a partir dessas regras permitem que se chegue a conclusões consensuais, estas servindo posteriormente como ponto de partida de outras argumentações e decisões a serem tomadas. No entanto, destaque-se algo muito importante: o erro em se associar o cômico da argumentação a algo inferior, a algo patológico em sentido negativo, se origina mais da leitura que a extensão analógica possibilita pela sobreposição de foros¹⁵⁸, do que das colocações de Perelman. Para este, o cômico da argumentação é algo que deve ser evitado apenas quando a situação o exige.

Seria contraditório com os objetivos do Projeto Nova Retórica uma associação do cômico a algo estritamente negativo e que deve ser evitado em toda e qualquer situação. O cômico, como atributo humano, acontece como fenômeno característico da argumentação, e pode ser estudado por meio dela, assim como contribui para esclarecer algumas de suas características. Na leitura de Perelman, a obra de Olbrechts-Tyteca “mostra de uma forma difícil de refutar, que a argumentação, em oposição à demonstração formal, em cada um dos seus aspectos, provavelmente dará origem ao cômico. Acompanha assim, como a sua sombra, todo o campo do discurso” (OLBRECHTS-TYTECA, “Prefácio”, 1974, p. 6 – *tradução própria*). Logo, o cômico da retórica funciona também como prova para a argumentatividade de determinado discurso (falado ou escrito), uma vez que a argumentação está sempre sujeita ao cômico, ou seja, pode se tornar cômica à medida em que é instrumento dele. Dizer que *o cômico está para a sombra* assim como *o sério está para o corpo* é, nesse sentido, senão dizer que *Le comique* é consecutivo ao *Tratado* e, de modo mais amplo, ao projeto teórico de Olbrechts-Tyteca e Perelman, cujo estudo central é o das “técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhe apresentam ao assentimento” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 4).

A obra magna de Olbrechts-Tyteca seria, portanto, uma extensão, nas palavras de Perelman no Prefácio (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 6), e um aprofundamento nas palavras de Olbrechts-Tyteca em suas considerações iniciais, ao abordar o plano de desenvolvimento de sua pesquisa sobre o cômico do discurso (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 22-23). Essa conclusão, ressalte-se, advém de ter-se de concordar com as declarações de

¹⁵⁸ Esse tipo de problema relativo à construção de analogias é desenvolvido tanto no *Tratado* quanto no *Le comique*, conforme já foi demonstrado anteriormente, quando se falou do estudo do cômico nessas duas obras, que analisam em níveis diferentes um mesmo exemplo de *Dom Quixote*.

vinculação explícita de *Le comique* ao *Tratado*, e da leitura de ambos os textos, cujas semelhanças na forma e no conteúdo são, conforme vimos, inegáveis. No entanto, essa mesma conclusão não encerra esta pesquisa de Doutorado, cujo objetivo é destacar a originalidade das contribuições de Olbrechts-Tyteca ao PNR e o que se designou de “aprofundamento” das concepções do *Tratado*. Para este fim, destaque-se que ela desenvolve e aprofunda justamente aqueles elementos característicos do que vem a formar sua retórica em particular. De acordo com o já exposto, o estudo do cômico da retórica e a análise de exemplos literários são contribuições suas a este projeto, sendo, portanto, nelas que se deve procurar suas formulações próprias e aprofundamentos. Em retórica, sabe-se que o cômico foi objeto de reflexão por diversas vezes, e *Le comique* se situa muito bem dentro dessa tradição, traçando uma linha histórica que se inicia em Aristóteles, passando por Cícero e Quintiliano e chega ao *Elements of Logic* de R. Whately.¹⁵⁹ Pode-se colocar nesta sequência, por conseguinte, o *Tratado da argumentação*, que aborda o cômico, mesmo que de maneira tangencial ou pouco aprofundada. Nesses termos, Olbrechts-Tyteca vincula *Le comique* à toda tradição de estudos sobre a retórica da qual participa o *Tratado*.

Aristóteles talvez seja o índice mais claro dessa vinculação de *Le comique* à tradição de estudos da retórica acerca do cômico, sendo selecionado desse filósofo o conjunto das obras que se referem ao pensamento dialético, essenciais no *Tratado* e, portanto, também em *Le comique*. Olbrechts-Tyteca destaca que a *Retórica* de Aristóteles aborda muito pouco o cômico, referido brevemente no Livro III para tratar dos meios de se expressar com “urbanidade” e de modo “pitoresco” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 23). Menciona também os capítulos II e V da *Poética*, geralmente citados a propósito do cômico em Aristóteles, mas afasta de imediato a possibilidade de utilizá-los como fonte para sua pesquisa, pois “eles não dizem respeito à nossa pesquisa”, ressaltando uma relevância maior das *Refutações Sofísticas* a seu estudo (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 23 – tradução própria).¹⁶⁰ Nesses termos, a autora cumpre o itinerário do PNR de se vincular ao Aristóteles “pai da lógica” e “fundador da teoria da argumentação”; vinculação suficientemente explorada nos capítulos iniciais desta tese. Contudo, importa ressaltar que Olbrechts-Tyteca não desenvolve as razões para afastar a *Poética* e suas considerações sobre o cômico, todavia o faz quanto à aproximação de sua obra com a *Retórica*, cuja abordagem recai sobre os meios de expressão do cômico, havendo nesta

¹⁵⁹ Richard Whately (1787-1863) foi um acadêmico inglês que escreveu sobre temas muito diversos, incluindo lógica (*Elements of Logic* – 1826) e retórica (*Elements of Rhetoric* – 1828).

¹⁶⁰ No original: “ils ne concernent pas notre recherches”. Mais próximos aos propósitos do *Le comique* estão as *Refutações Sofísticas* e mesmo alguns livros da *Ética*, conforme colocado em nota (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 23, n. 54).

obra algo próximo do que designa como uma técnica da cômico.¹⁶¹

Percebe-se o esforço de Olbrechts-Tyteca para se afastar de uma tradição que compreende o cômico apenas como um meio de ação do orador, não desenvolvendo o que de fato interessaria a uma teoria retórica e da argumentação, a saber: a técnica que produz o cômico. Ao tratar de Cícero, por exemplo, diz que seu enfoque está naquilo que o orador pode tirar de vantagem de piadas (*plaisanteries*). Com Quintiliano, parece haver uma mudança, uma vez que toda fonte de argumento passa a ser também fonte de piadas, ao ponto de sua obra enumerar alguns desses exemplos. Dessa perspectiva, o orador e o auditório deixam de ser o foco de abordagem do cômico, entrando em cena os meios capazes de produzi-lo. No entanto, à medida em que após Quintiliano a retórica passa a ser entendida muito mais como uma teoria da elocução¹⁶², o cômico tende ainda a ser visto como um meio de obter a adesão, ganhando pouca importância para as teorias retóricas que seguem a tradição aristotélica (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 24). Essa abordagem histórica é feita de modo um pouco incipiente e parece ter como fim justamente enquadrar o PNR em uma tradição que vê o estudo da retórica do ponto de vista da técnica de argumentação, em detrimento da eloquência. Ou seja, nos termos da retórica antiga, dir-se-ia que o PNR se volta muito mais para o estudo da *inventio* que da *elocutio*.¹⁶³ Para usar dos termos de *Le comique* e interpretar a leitura que Olbrechts-Tyteca apresenta dessa linha histórica, tais teorias retóricas – mesmo Aristóteles e Cícero – abordariam antes o cômico *na* retórica do que o cômico *da* retórica, à medida em que não pautam seu estudo do cômico a partir de um estudo da técnica retórica.

Desse modo, a conclusão decorrente desse desenvolvimento histórico – que demonstra ser o estudo do cômico na tradição retórica quase sempre relacionado a uma compreensão deste

¹⁶¹ Para Olbrechts-Tyteca, a razão de Aristóteles abordar de modo passageiro o cômico em sua retórica se deve a “ele ter escrito um livro independente sobre o riso” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 23 – *tradução própria*). Mesmo que ela não o diga, fica a seguinte indagação: seria esta a mesma razão para ela ter afastado a *Poética* de seus interesses, visto o foco desta obra ser a tragédia? Parece não haver resposta para uma pergunta como essa, que não merece senão uma nota, visto seu desenvolvimento fugir de veras aos objetivos deste capítulo da tese.

¹⁶² Para uma compreensão aprofundada dessa reflexão, recomenda-se o artigo póstumo de Perelman, “Pierre de La Ramee et le declin de la rhétorique”, publicado em 1991 na revista *Argumentation*. Essa ampla discussão desenvolvida por Perelman é retomada por Tringali (2014), quando apresenta a diferença entre retórica antiga e retórica clássica, sendo esta última uma retórica puramente da eloquência apresentada nas chamadas retóricas restritas derivadas de Quintiliano: “Logo depois de Quintiliano, com o fascínio de sua influência, a Retórica Antiga passou a se desequilibrar, balançando entre duas posições em confronto. De um lado, a Retórica concebida como arte de persuadir e, de outro, a retórica concebida como arte de dizer, de dizer bem” (TRINGALE, 2014, p. 62).

¹⁶³ Para uma compreensão da associação entre a Nova Retórica de Perelman (termo utilizado pelo pesquisador) e sua teoria da argumentação como uma abordagem restrita da retórica antiga à *elocutio*, ver: Tringale (2014, pp. 244-254).

fenômeno como meio, e quase nunca o abordando com base na própria retórica – é que um estudo do cômico da retórica não deve se pautar apenas na tradição de estudos da retórica para orientar seu plano de pesquisas. Mesmo não dizendo isso explicitamente, Olbrechts-Tyteca dá provas de que essa conclusão foi considerada como relevante, por exemplo, quando se observa sua referência direta às abordagens filosóficas de Bergson e sociológica de Duprèel, como fontes de diálogo direto de seus estudos. Além disso, considera igualmente a proximidade entre sua pesquisa e certos estudos teóricos da literatura cômica, quando estes abordam o cômico da retórica, ou seja, quando são traçadas reflexões que apontam para o uso do discurso como base de construção do cômico (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 24-25). Tal relevância, dada a outras áreas de estudos que levam em consideração a “técnica do cômico”, é tamanha, que somente a partir da análise de uma dessas áreas será possível se identificar de modo específico o que esta tese de Doutorado defende como uma das contribuições próprias de Olbrechts-Tyteca ao PNR, a saber: a constatação de que toda análise argumentativa é arbitrária em alguma medida.

4.3 AS CONTRIBUIÇÕES DE FREUD PARA A DEFINIÇÃO DA TÉCNICA DO CÔMICO EM *LE COMIQUE DU DISCOURS*

A principal referência de Olbrechts-Tyteca para o estudo da técnica do cômico da retórica, aquela que lhe dará o método de abordagem de seu objeto de estudos e que lhe ajudará a definir os contornos mais precisos desse objeto, é sem dúvida a abordagem de Freud. Selecionando aquilo que lhe interessa e deixando de lado, por exemplo, toda a problemática sobre os sonhos e o inconsciente, a autora considera a perspectiva da psicanálise como relevante para seus objetivos de pesquisa, pois apresenta o método de abordagem do cômico naquilo que a linguagem tem de material, em sua forma. Amplamente utilizados em *Le comique*, os estudos de Freud acerca da técnica do cômico são a referência central para se compreender a contribuição teórica de Olbrechts-Tyteca ao PNR, a uma das noções fulcrais a esta teoria, a saber: a noção de técnica argumentativa. Com o objetivo de provar a influência inequívoca da abordagem de Freud no estudo da técnica do cômico na noção de técnica argumentativa desenvolvida no âmbito do PNR, será preciso apresentar de modo sistemático tanto a abordagem de Freud acerca do chiste e seu método de abordagem, quanto a apropriação que Olbrechts-Tyteca promove deste em *Le comique*.

Primeiramente, é preciso demonstrar o modo como Freud aparece na estrutura textual de *Le comique*. Como sua preocupação envolve a técnica do cômico, Olbrechts-Tyteca compreende-o a partir de sua obra *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*, publicada

originalmente em 1905 e traduzida para o francês como *Le mot d'esprit et ses rapports avec l'inconscient* pela primeira vez em 1930. No Brasil, a obra foi traduzida do alemão como *O chiste e suas relações com o inconsciente*, em 2017.¹⁶⁴ Em *Le comique du discours*, a tradução francesa é utilizada como fonte principal, pois é referenciada em quase todas as menções a Freud. Afora o Capítulo VII, intitulado “Les arguments qui fondent la structure du réel”, no qual aparecem duas menções às obras completas de Freud em língua alemã (*Gesammelte Werke*), em todas as demais menções a tradução para o francês é utilizada como fonte principal. Além disso, *O chiste* é praticamente a única obra de Freud utilizada em todo o estudo de Olbrechts-Tyteca, aparecendo ao lado apenas de outros dois textos que abordam temática semelhante, citados uma única vez cada um.¹⁶⁵ Visando melhor ilustrar os usos de Freud em *Le comique*, foi elaborado o Quadro 3, que lista todas essas citações. Em seguida, serão apresentados a explicação do Quadro e o uso dos chistes de Freud como ilustração.

Quadro 3 – Lista de citações de Freud em *Le comique du discours*¹⁶⁶

Parte do <i>Le comique</i> em que Freud é citado	Obra de Freud citada	Descrição da aplicação de Freud ao <i>Le comique</i>
CAPÍTULO I Considerações preliminares (p. 25+nn)	<i>Le mot d'esprit</i>	Citado como um dos principais estudiosos da técnica do cômico, por distinguir tão bem fundo e forma, sendo o <i>chiste</i> (<i>mot d'esprit</i>) gerado pela forma
<i>Idem</i> (p. 26)	<i>Idem</i>	Relaciona a noção de técnica ligada à forma em Freud ao objeto de estudo do <i>Le comique</i> , sua matéria principal, a retórica
<i>Idem</i> (p. 26-[27])	<i>Idem</i>	Freud é apresentado como a fonte do método da redução, primordial para o estudo desenvolvido em <i>Le comique</i>
<i>Idem</i> (p. 29+n)	<i>Idem</i>	Afirma que a leitura de Freud sobre o <i>chiste</i> e sobre a pluralidade de fatores que o envolvem concorda com a leitura do Projeto Nova Retórica (<i>voit comme nous</i>)
<i>Idem</i>	<i>Le mot d'esprit et</i>	Trata da atenção como causa inibidora do riso

¹⁶⁴ A tradução utilizada nesta tese é a de Fernando Costa Mattos e de Paulo César Lima de Souza, publicada pela Companhia das Letras em 2017. Essa edição traduz o texto *Witz* retirado das *Gesammelt Werke* (Obras Completas de Freud, publicada em 1940 pela Imago). Para um estudo das traduções desta obra de Freud para o português brasileiro, conferir BOHUNOVSKY, 2018.

¹⁶⁵ Trata-se de *Der Humor* (1928), artigo posterior ao *Witz*, traduzido para o francês como *L'humor*. Segundo nota de Olbrechts-Tyteca, esses dois textos (*Witz* e *Der Humor*) estão na mesma edição utilizada por ela em *Le comique* (OLBRECHT-TYTECA, 1974, p. 32, n. 89). O outro texto citado pela autora de maneira bastante isolada é *La Science du rêves* (1900), texto citado em francês apenas.

¹⁶⁶ Esse quadro foi elaborado com base na leitura de *Le comique du discours* e com a ajuda do “Índice de nomes próprios”, apresentado no final da obra de Lucie Olbrechts-Tyteca.

(p. [31]-32+n)	<i>L'humor</i>	devido à energia aplicada a ela, e cita Freud, para quem o riso está ligado a um <i>surplus</i> de energia disponível
<i>Idem</i> (p. 36n)	<i>Le mot d'esprit</i>	Trata da inelutabilidade como causa inibidora do riso, e cita dois exemplos retirados de Freud
<i>Idem</i> (p. 38+n)	<i>Idem</i>	Trata da explicação como causa inibidora do riso devido à sua extensão, e cita Freud para quem a brevidade e a condensação são as condições do chiste
<i>Idem</i> (p. 40+n)	<i>Idem</i>	Trata da novidade como elemento do cômico, e cita um exemplo retirado de Freud
CAPÍTULO II Os quadros da argumentação (p. 60+n)	<i>Idem</i>	Trata do jogo com as palavras e da criação de palavras por fusão, e cita um exemplo retirado de Freud (<i>famillionário</i>)
<i>Idem</i> (p. 70n)	<i>Idem</i>	Trata da homonímia e como uma preposição pode aprofundar um aspecto seu, e cita um exemplo (em alemão) retirado de Freud
<i>Idem</i> (p. 76n)	<i>Idem</i>	Trata das derivações e flexões como processos criadores de palavras e chistes, e cita exemplo (em alemão) retirado de Freud
<i>Idem</i> (p. 79n)	<i>Idem</i>	Trata das relações entre significante e significado e seu papel na construção do cômico, e cita o exemplo de um autor principal e menciona Freud (referência de segundo grau)
CAPÍTULO III O ponto de partida da argumentação (p. 94n)	<i>Idem</i>	Trata do cômico manifesto em algumas presunções (um tipo de acordo para o PNR), cita o exemplo de um autor principal e menciona Freud (referência de segundo grau)
<i>Idem</i> (p. 101n)	<i>Idem</i>	Trata da omissão voluntária (a elipse) como elemento que evidencia os acordos, e cita um exemplo (em francês) retirado de Freud (uma anedota sobre judeus que nasce entre judeus)
<i>Idem</i> (p. 102n)	<i>Idem</i>	Continua com a análise da elipse como elemento que evidencia os acordos, demonstrando (com base no mesmo exemplo) que somente algumas pessoas poderiam compreender essa piada
CAPÍTULO IV A escolha dos dados e sua adaptação visando a argumentação (p. 121n)	<i>Idem</i>	Trata da diferença entre interpretação (como signo e como índice) e fenômeno, e cita um exemplo retirado de Freud para analisar o cômico nascido da troca de uma interpretação como índice por uma interpretação como signo
<i>Idem</i> (p. 131)	<i>Nenhuma obra</i>	Freud é mencionado ao lado de Marx, dos talmudistas judeus e dos teólogos cristãos, como exemplos de interpretações que não

		tomam seus “objetos” de estudos como objeto do riso
<i>Idem</i> (p. 138n)	<i>Le mot d’esprit</i>	Trata da divisão de uma classe em subconjuntos, como forma de construção do cômico por meio da adaptação dos dados, e cita um exemplo referido por Freud
<i>Idem</i> (p. 143n)	<i>Idem</i>	Trata da hipótese (como forma de se construir um discurso) como geradora do cômico, e cita um exemplo referido por Freud
<i>Idem</i> (p. 153+n)	<i>Idem</i>	Trata do desacordo entre fatos e valores como gerador do cômico, e cita um exemplo referido por Freud
CAPÍTULO V Argumentos Quase-Lógicos (p. 175n)	<i>Idem</i>	Trata da argumentação indireta e cita um exemplo referido por Freud
<i>Idem</i> (p. 179+nn)	<i>Idem</i>	Trata da vinculação entre argumentação indireta e ironia, e cita um exemplo referido por Freud
<i>Idem</i> (p. 201n)	<i>Idem</i>	Trata das relações de reciprocidade como geradora do cômico, e cita um exemplo referido por Freud
CAPÍTULO VI Argumentos baseados sobre a estrutura do real	<i>Não é feita nenhuma referência a Freud em todo esse capítulo</i>	
CAPÍTULO VII Argumentos que fundam a estrutura do real (p. 290+n)	<i>Gesammelte Werke Der Witz Le mot d’esprit</i>	Trata do raciocínio por analogia e cita um exemplo referido por Freud Observação: neste capítulo os exemplos são citados em alemão, assim como a edição referida
<i>Idem</i> (p. 296)	<i>Não há citação da obra de Freud</i>	Freud é mencionado como autor de uma analogia referida em obra de outro teórico
<i>Idem</i> (p. 312n)	<i>Gesammelte Werke Bemerkungen über einem Fall von Zwangsneurose</i>	Trata das metáforas e seu uso cômico, e menciona Freud em nota
CAPÍTULO VIII As dissociações (p. 348n)	<i>Le mot d’esprit</i>	Trata da dissociação entre procedimento e realidade (discussão presente no tópico técnica de Córax), e cita um exemplo referido por Freud
<i>Idem</i> (p. 352)	<i>Le mot d’esprit</i>	Trata das teorias do cômico analisadas em sua obra e as enquadra em esquemas dissociativos (por exemplo, <i>mecânico e vivo</i> em Bergson), e interpreta a teoria do cômico (chiste) em Freud a partir do par <i>consciente e inconsciente</i>

CAPÍTULO IX A interação entre os argumentos (p. 358n)	<i>Le mot d'esprit</i>	Trata da força dos argumentos e de sua eficácia ou não, e cita um exemplo retirado de Freud
<i>Idem</i> (p. 364n)	<i>La Science du rêves</i> (1900) <i>Le mot d'esprit</i> (1905) *data da primeira edição em alemão	Trata da amplitude de uma argumentação, e cita um exemplo referido pro Freud na obra de 1900 Observação: importa notar que, neste comentário, Olbrechts-Tyteca tece considerações comparando os dois momentos de produção intelectual de Freud acerca do cômico. Além disso, comenta que o exemplo analisado foi apresentado com uma alteração ligeira já no <i>Tratado</i>
<i>Idem</i> (p. 374+n)	<i>Le mot d'esprit</i>	Trata do caráter contextual da irrelevância, e cita um exemplo referido por Freud, discordando da interpretação que este oferece a ele
<i>Idem</i> (p. 378)	<i>Idem</i>	Trata da relação entre diversão e cômico, e cita Freud e a noção de <i>déviatio</i> n para comentar um exemplo referido por outro teórico
387n	<i>Idem</i>	Trata da concessão e da denegação, e cita um exemplo retirado de Freud
<i>Idem</i> (p. 388+n)	<i>Idem</i>	Trata da relação entre denegação e ironia, e cita Freud como autor dessa reflexão
CAPÍTULO X Conclusões (p. 404n)	Não é mencionada obra de Freud	A citação é tão indireta, que é preciso transcrevê-la: Ludwig JEKELS, “Zur Psychologie der Komöde”, <i>Imago</i> , XII, 1926, Heft 2/3. Sigm. Freud zum siebzigsten Geburtstag, (pp. 328-335), pp. 334-335. *Importa notar que Freud não é citado diretamente na conclusão, de modo que suas contribuições parecem não se somar aos resultados do estudo de Olbrechts-Tyteca, diferentemente de outros autores como Bergson e Dupréel.

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Entre os dez capítulos que organizam *Le comique*, incluindo-se aí as “Considerações preliminares” e as “Conclusões”, oito citam Freud. Este não é referido no Capítulo VI, “Argumentos embasados na estrutura do real”, e no Capítulo X, “Conclusões”. Em todos os capítulos em que Freud é mencionado, os usos que são feitos de sua teoria sobre o chiste podem ser caracterizados de duas maneiras: teórica e ilustrativa. Por *uso teórico* esta tese compreende o seguinte: a obra de Freud contribui teoricamente para se entender o que vem a ser o cômico

da retórica, fornecendo-lhe o método de estudos, o método da “redução”, apresentado nas “Considerações preliminares” de *Le comique*. Por *uso ilustrativo*, esta investigação compreende o seguinte: a obra de Freud é utilizada – junto com diversas outras – como fonte de chistes a serem analisados à luz da teoria do cômico da retórica. Entre os oito capítulos que fazem referência à obra do autor, sete fazem uso dele, junto de outros teóricos do cômico e da literatura, como fonte de chistes que ilustram o funcionamento da retórica como técnica do cômico. Esses exemplos todos funcionam para ilustrar o funcionamento da retórica de Olbrechts-Tyteca como teoria capaz de abordar o fenômeno do cômico, de modo que não há um capítulo ou subcapítulo em que a análise desses exemplos não apareça. Nesse sentido, é preciso enfatizar que Freud não é, de longe, a única fonte de chistes em *Le comique*, embora seja de sua obra que são retirados os exemplos mais significativos para a ilustração acerca do funcionamento e do modo de abordagem da técnica do cômico.

O uso dessas diversas obras como fonte de exemplos de chistes (*mote d'esprit*), piadas (*plaisanteries*), anedotas (*anecdotes*) etc. é justificado por Olbrechts-Tyteca. Tais usos trazem à tona uma reflexão bastante relevante para uma pesquisa que envolve esse tipo de objeto, a saber: como ter certeza que determinado exemplo pode ser de fato abordado como cômico? Como solução para um tal questionamento, recorre-se ao consenso de outros especialistas no assunto: “admitimos que o fato de ter aparecido numa coletânea de piadas, de ter sido analisado pelos teóricos do riso, de aparecer numa comédia, serve mais ou menos como caução/garantia para o caráter cômico” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 27 – *tradução própria*).¹⁶⁷ Nesses termos, os exemplos de chistes analisados por Freud e por outros teóricos do cômico funcionam em *Le comique* do mesmo modo que os exemplos retirados de Cervantes ou Molière, ou seja, são confirmados como tal por serem retirados de contextos que os consideram cômicos, servindo, portanto, para ilustrar o funcionamento do cômico da argumentação.

Tais considerações são relevantes à medida em que Olbrechts-Tyteca chama a atenção de seu leitor para o fato de a seleção desses exemplos não ter ocorrido de maneira *ad hoc*, ou seja, não foram forjados a servirem apenas para ilustrar o funcionamento dessa teoria do cômico da retórica. Pelo contrário, pois os exemplos não são artificiais, mas sim colhidos ao acaso por leituras que ela realizava, sendo feita sua ligação a um esquema retórico posteriormente. Neste ponto, cabe retomar a reflexão sobre a sistematização e a organização da pesquisa por ela realizada quando afirma: o plano de pesquisas (*Tratado da argumentação*) estava sempre em

¹⁶⁷ No original: “nous avons admis que le fait d'avoir figure dans recueil de bons mots, d'avoir été analysé par des théoriciens du rire, de figurer dans une comédie, sert plus ou moins de caution au comique”.

mente (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 23).¹⁶⁸ Assim, mesmo não sendo forjados e artificiais, fica o questionamento acerca de ser ou não uma seleção *ad hoc* a dos exemplos selecionados para compor *Le comique*, uma vez que sua função é ilustrar o funcionamento da retórica como técnica (em seus âmbitos, pontos de partida e esquemas argumentativos) capaz de expressar o cômico.

Essa é uma questão que não pode ser respondida de todo, mas que contribui para se distanciar a obra de Olbrechts-Tyteca e de Freud em algo comum entre ambas: a seleção e o uso de exemplos de funcionamento do cômico em *Le comique* e do chiste em *O chiste*. Em Freud, essa seleção e ilustração são feitas também a partir de outras obras que abordaram esse fenômeno; no entanto, não há uma sistematização prévia à qual esses exemplos elencados relacionam, a fim de demonstrar; pelo contrário, o exercício de Freud parece ser justamente o contrário, ou seja, o de apreender o funcionamento dos chistes e construir uma sistematização e catalogação dos mesmos à medida em que os estuda.¹⁶⁹ Em Olbrechts-Tyteca, em outra direção, o plano de pesquisa já está muito bem-delimitado, servindo-lhe os exemplos de cômico como forma de ilustrar o funcionamento do PNR, capaz de explicar o fenômeno do cômico como característica inerente à argumentação. No entanto, esse plano de pesquisa prévio parece não oferecer ao estudo de Olbrechts-Tyteca um método de observação e análise do cômico da retórica, sendo esta a função específica que a obra de Freud realiza em *Le comique*.

4.3.1 O método da “redução” e sua relação com a técnica de análise do chiste

Citado apenas como fonte de exemplos cômicos, *O chiste e suas relações com o inconsciente* de Freud não poderia ser entendido como uma obra de relevância no escopo teórico de *Le comique*. Nesses termos, essa obra não seria senão mais uma das que servem a Olbrechts-Tyteca como caução para o cômico dos exemplos utilizados por ela em seu tratado. Relevante, por assim dizer, é a apropriação teórica e metodológica que esta intelectual faz da abordagem

¹⁶⁸ Cabe citar o trecho em que se ampara a paráfrase: “Plans de recherches, avon-nous dit. Ne nu dissimulons pasque, bien souvent, le rire est venu d’abord, au hasard des recontres e des lectures, ensuite, la mise en connexion avec une schème rhétorique. Mais le plan était toujours présent à lá pênse. Pour que la recherche fût vraiment systématique, il aurait fallu fabriquer des exemples ad hoc. Nou nous en somme abstenu” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 23).

¹⁶⁹ Um exemplo disso que se afirma pode ser observado no Capítulo 3 da parte analítica, quando Freud coloca para si a questão sobre a possibilidade de ser o processo de condensação por formação substitutiva uma característica universal de todos os chistes (a ser explicada no próximo tópico desta tese), podendo ser demonstrada no funcionamento de todos eles. Logo após apresentar outro exemplo, constata: “Aí se mostra que a característica que esperávamos demonstrar como universal nos escapa já no primeiro caso” (FREUD, 2017, p. 46-47).

que Freud promove do chiste. Embora esta apropriação teórico metodológica seja bastante pontual – pois ocorre apenas nas “Considerações preliminares”, momento em que o texto da autora apresenta seu objeto, o escopo teórico no qual se encaixa e seu método de abordagem –, sua relevância é notável em todo *Le comique* e percebida, antes mesmo, no *Tratado da argumentação*.

Em *Le comique*, após considerar os limites na abordagem do cômico por certa tradição de estudos da retórica, Olbrechts-Tyteca afirma serem importantes às suas reflexões também os teóricos da literatura cômica, todavia, enfatiza serem os estudos preocupados com a *téchnique du comique* os mais próximos do interesse de sua pesquisa (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 25). Nesse ponto, a obra de Freud é apresentada como uma das mais relevantes, antes de tudo, por distinguir fundo e forma na técnica do cômico, estando o chiste (a tirada espirituosa, o cômico da retórica) percebido principalmente por meio da forma.¹⁷⁰ Para a teórica, *O chiste* compreende a noção de *forma* relacionada à noção de *técnica*, e *Le comique* associa técnica à *materialidade do discurso* – à retórica (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 26).¹⁷¹ Essa afirmação, de que a técnica do chiste se relaciona à materialidade do discurso e esta à retórica, aponta para uma complexa interseção entre forma discursiva, materialidade linguística e a própria retórica enquanto técnica. Tal perspectiva mostra-se, portanto, fundamentada em uma abordagem material linguística, que antecede a análise semântica do conteúdo humorístico, visto seu foco estar no como o cômico é construído e transmitido, tendo como base para essa análise o nível da linguagem e de sua organização formal.

Essa abordagem da forma como materialidade é observada de modo direto quando se observa, no segundo capítulo de *Le comique*, a construção de um subcapítulo inteiro dedicado à linguagem, iniciada com o seguinte dizer: “Com certeza, todo o cômico da retórica, sendo operado pelo discurso, diz respeito à linguagem.” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 55 – *tradução própria*).¹⁷² Nessa seção, aborda-se a “forma” do cômico a partir do jogo com as palavras sem significação, da criação das palavras, da polissemia e da homonímia de palavras, dos desdobramentos discursivos no tempo, dos erros de emprego da linguagem, das derivações ocorrida pela linguagem, da etimologia e das relações entre significante e significado das

¹⁷⁰ A noção de técnica do chiste apresentada na obra de Freud é desenvolvida por outros teóricos do cômico, também mencionados como teoria e como ilustração em *Le comique*.

¹⁷¹ “Mais ce qui est ‘forme’, pour Freud, ce qui est ‘thechnique’ pour tous deux, c’est ce qui pour nous serait plutôt ‘matérie’, c’est-à-dire l’objet du comique, la rhétorique” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 26).

¹⁷² “A certains égard, tout le comique de la rhétorique, puisque’elle opere par le discours, concerne le langage”.

palavras (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, pp. 55-80).

Todo este subcapítulo, designado “A linguagem”, localizado logo no início da descrição dos chamados “Os quadros da argumentação”, é algo completamente novo em relação ao *Tratado da argumentação*, que também desenvolve uma parte chamada “Os âmbitos da argumentação”. Em ambas as obras, essa porção do texto é utilizada para apresentar o que se entende como os limites da abordagem da argumentação no PNR, seus âmbitos ou o que esta abordagem enquadra, abrange. Nesses termos, são apresentadas em ambas as obras as considerações acerca da relevância do contato entre os espíritos, o papel do orador e a construção do auditório como uma função sua, à medida em que procura se adaptara ele. Como já dito anteriormente, embora o sumário de ambas as obras seja semelhante, há diferenças que podem ser observadas, por exemplo, no que toca aos “âmbitos da argumentação”.¹⁷³ A diferença mais significativa, outrossim, é observada pela presença do subcapítulo dedicado a uma abordagem material da linguagem em *Le comique*, algo não contemplado pelo *Tratado*. Tal diferença justifica-se, ao que tudo indica, pelas considerações de Olbrechts-Tyteca sobre a importância da forma na abordagem da técnica do cômico, reflexão cuja influência direta é o trabalho de Freud.

Essa apropriação das noções de forma como abordagem material da técnica do cômico, portanto, orienta a percepção do objeto de estudos no *Le comique*: o cômico do discurso. Não apenas na delimitação do objeto de estudos, *O chiste*, de Freud, fornece principalmente o método de estudos desse objeto, designado como “redução”. A fim de demonstrar essa influência metodológica e tornar mais clara e compreensível sua aplicação em *Le comique*, é necessário apresentar – mesmo que de modo bastante resumido – a definição e a exemplificação desse método em *O chiste*.

Para descobrir a técnica [do] chiste, temos de aplicar a ele aquele procedimento de redução que anula o chiste mudando a expressão e, para isso, introduz novamente o sentido original completo, tal como pode ser inferido com segurança de um bom chiste (FREUD, 2017, p. 36-37).¹⁷⁴

¹⁷³ No *Tratado*, alguns temas – como a diferença entre argumentação e demonstração, argumentação e violência, o gênero epídíctico, a relação entre educação e violência – são desenvolvidos na parte dedicada aos âmbitos da argumentação. No segundo capítulo de *Le comique*, “Les cadres de l’argumentation”, esses temas não são desenvolvidos de modo direto, como já mencionado antes acerca do epídíctico – tema ausente da obra solo de Olbrechts-Tyteca, tendo com um capítulo dedicado somente a ele na obra em coautoria com Perelman. Outros temas, como a diferença entre argumentação e demonstração, embora não estejam contemplados em um capítulo em *Le comique*, são abordados em diversos outros momentos, visto serem basilares para a teoria apresentada no PNR como um todo.

¹⁷⁴ Em nota, os tradutores da edição brasileira chamam a atenção para o seguinte aspecto da palavra

Quando se observa a aplicação desse procedimento, identifica-se uma série de alterações no âmbito da materialidade linguística, que buscam anular o que um determinado chiste teria de chistoso, visando com isso justamente identificar qual a matéria linguística que contribui para a produção do chiste. A lógica desse método é bastante simples: havendo algo de material que produz o chiste, este tende a desaparecer à medida em que a materialidade produtora do chiste for reduzida pela análise, identificando-se, assim, qual seria o material linguístico que o produz. A parte analítica da obra de Freud¹⁷⁵ é dedicada à análise redutiva de diversos chistes, muitos deles já abordados em outros autores que se debruçaram sobre esse assunto.¹⁷⁶ Um bom exemplo de chiste para se ilustrar o método da redução é aquele que ocorre por meio da técnica de condensação, e cabe aqui citar o trecho completo do primeiro chiste analisado por Freud.

Vamos seguir uma indicação do acaso e tomar o primeiro exemplo de chiste com que deparamos na seção anterior.

Na parte dos *Reisebilder* [Quadros de viagem] intitulada “Os banhos de Lucca”, Heine apresenta a deliciosa figura de Hirsch-Hyacinth, agente de loteria e pedicuro de Hamburgo, que se gaba ao poeta de suas relações com o rico barão de Rothschild e, por fim, diz: “E, tão certo como Deus me dará tudo de bom, doutor, sentei-me ao lado de Salomon Rothschild e ele me tratou como um semelhante, de modo bem familionario” (FREUD, 2017, p. 27).

Diferentemente das interpretações anteriores, para o autor, o caráter chistoso desse exemplo não reside no pensamento, mas na forma de expressão linguística que o manifesta. É preciso, nesse sentido, analisar as particularidades da expressão *familionario* para “compreender o que se pode designar como a técnica verbal ou expressiva desse chiste, de modo que o caráter e o efeito desse chiste desapareceriam com a sua substituição por outra forma de expressão” (FREUD, 2017, p. 29). A análise de Freud aponta, em primeiro lugar, para uma “considerável abreviação” nesta expressão, a fim de que expresse todo o pensamento encerrado nela. Por conseguinte, para se reduzir o chiste “me tratou como um semelhante, de

“redução”, em Freud: “Aqui e em outros lugares, Freud usa o termo ‘redução’ no sentido de levar de volta, ‘reconduzir’ (*reducere* em latim) algo à forma original; o mesmo se dá com o verbo ‘reduzir’ (que deriva igualmente do termo latino)” (FREUD, 2017, p. 36).

¹⁷⁵ *O chiste e suas relações com o inconsciente* possui três partes: “uma analítica (dedicada às diversas técnicas e tendências do chiste), uma sintética (que explica a relação entre o chiste e o riso e o mecanismo do prazer) e, por fim, uma teórica (que desenvolve a teoria freudiana sobre o chiste, definindo-o como uma das manifestações do inconsciente)” (BOHUNOVSKY, 2018, pp. 70-71).

¹⁷⁶ Freud cita em especial o “poeta Jean Paul (Friedrich Richter) e [os] filósofos Theodor Vischer, Kuno Fischer e Theodor Lipps” (FREUD, 2017, p. 16). Em *Le comique*, o poeta Jean Paul e seus chistes são citados oito vezes a partir de sua obra, enquanto os filósofos Kuno e Lipps aparecem uma vez cada e são citados a partir de *Le mot d’esprit* de Freud. Vischer não é citado em *Le comique*.

modo bem familionário”, é preciso acrescentar a essas palavras: “me tratou como um semelhante, de modo bem familiar”, ou ainda, “isto é, até onde um milionário é capaz de fazê-lo”, e mesmo assim poderia se acrescentar mais pensamentos a toda a abreviação produzida por este chiste. Neste primeiro momento da análise pelo método da redução, o chiste é percebido quando reduzido pela expressão “familiar”. No entanto, não apenas a abreviação proposta pelo termo familionário compõe o chiste, pois observa-se também uma segunda camada em sua construção. Trata-se da combinação das palavras *familiar* e *milionário*, resultando na produção de uma palavra composta: *familionário*.¹⁷⁷ Esse processo de construção do chiste familionário Freud designa como “condensação por formação substitutiva” (FREUD, 2017, p. 32).

Em todos os grupos de chistes e subgrupos classificados ao longo de toda a parte analítica da obra de Freud, o método da redução é aplicado para identificar justamente o que caracteriza esse chiste como tal. No entanto, o processo de construção é complexo em demasia, fazendo com que uma classificação de suas técnicas provavelmente apresente dificuldades devido à sua “diversidade perturbadora” (FREUD, 2017, p. 63). Essa diversidade, por sua vez, é organizada em dois grandes grupos: os chistes verbais e os chistes intelectuais.

- Os **chistes verbais** se caracterizam por serem percebidos na forma linguística e são organizados em quatro subgrupos de processos linguísticos: I) condensação (FREUD, 2017, p. 32; 40); II) utilização do mesmo material linguístico (FREUD, 2017, pp. 48-53); III) duplicação do sentido em diversas formas linguísticas (FREUD, 2017, p. 54-62); e IV) trocadilhos realizados pelo jogo de palavras (FREUD, 2017, p. 67). Esses quatro subgrupos acabam por se ramificar em procedimentos linguísticos mais detalhados, de modo que há cerca de doze técnicas do chiste verbal classificados por Freud.¹⁷⁸

¹⁷⁷ Cabe citar em nota o trecho da análise de Freud: “A palavra ‘familiar’, na expressão não chistosa do pensamento, foi transformada no texto do chiste em ‘familionário’; e é sem dúvida nesta combinação de palavras que residem o caráter chistoso e o efeito de riso do chiste. A palavra recém-criada coincide a princípio com o ‘familiar’ da primeira frase e, nas sílabas finais, com o ‘milionário’ da segunda: ela como que representa a primeira parte da segunda frase (‘milionário’) e, portanto, a segunda frase inteira, deixando-nos desse modo em condições de adivinhar esta segunda frase, omitida no texto do chiste. Tal palavra pode ser descrita como uma mistura dos dois componentes, ‘familiar’ e ‘milionário’” (FREUD, 2017, p. 30).

¹⁷⁸ Em ordem de apresentação e de modo numerado, são essas as técnicas verbais: 1) condensação por formação substitutiva (FREUD, 2017, p. 32); 2) condensação com modificação (FREUD, 2017, p. 40); 3) uso do mesmo material (FREUD, 2017, pp. 48-53) como parte e todo; 4) como reordenação; 5) com ligeira modificação; 6) com a mesma palavra plena e vazia; 7) duplo sentido como significado nominal e como coisa (FREUD, 2017, p. 55); 8) significado metafórico e concreto (pp. 55-56); 9) duplo sentido propriamente dito (jogo de palavras) (FREUD, 2017, pp. 56-60); 10) ambiguidade (FREUD, 2017, p.

- Os **chistes intelectuais** se caracterizam por serem percebidos por certo tipo de deslocamento do pensamento como técnica do chiste e são organizados em cinco subgrupos de processos intelectuais: I) chistes de deslocamento (FREUD, 2017, p. 70); II) chistes de absurdo, tolice e estupidez (p. 82); III) chistes sofisticados ou erros de raciocínio (FREUD, 2017, pp. 88-93) e erros mais difíceis de serem percebidos (FREUD, 2017, pp. 93-96); IV) chistes de unificação (FREUD, 2017, pp. 96); e V) chistes de apresentação indireta, compostos por quatro subdivisões – representação pelo oposto (FREUD, 2017, p. 101), representação pela semelhança (FREUD, 2017, p. 107), representação por meio de algo pequeno ou mínimo (FREUD, 2017, p. 116) e analogia (FREUD, 2017, p. 117).

Ressalte-se, aqui, que o catálogo das técnicas do chiste apresentado nos dois tópicos anteriores não se encontra disponível no sumário de *O chiste e sua relação com o inconsciente*, caso algum leitor queira verificar. Ele foi elaborado com a finalidade de demonstrar a abrangência da noção de técnica do chiste, analisada e catalogada na obra de Freud por meio do método da redução. Como já observado anteriormente, essa sistematização apresentada pelo autor é construída à medida em que seu estudo e compreensão acerca da técnica do chiste avança, não havendo um plano de pesquisa prévio que sirva para a organização dessa diversidade perturbadora de chistes.

Voltando a *Le comique du discours*, é possível agora compreender como esta obra se apropria da noção de técnica e como o método da redução contribui para o estudo do cômico da retórica. Segundo Olbrechts-Tyteca, o método da redução se realiza em três etapas principais:

- a) retomar um enunciado cômico, introduzindo pequenas modificações que podem ou não fazer com que o cômico desapareça (circunstâncias de uso, termos etc.);
- b) comparar um enunciado cômico com um enunciado não cômico, utilizando esquema análogo;
- c) utilizar outros esquemas para expressar um argumento de alcance análogo ao da argumentação cômica (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 26 – *tradução própria*).¹⁷⁹

61); 11) duplo sentido com alusão (FREUD, 2017, p. 62); e 12) trocadilhos (FREUD, 2017, p. 67).

¹⁷⁹ No original: “a) à reprendre un énoncé comique en y introduisant de légères modifications susceptibles ou non de faire disparaître le comique (circonstances de emploi, termes, etc.); b) à comparer un énoncé comique avec un énoncé non comique utilisant un schème analogue; c) à utiliser d’autres schèmes pour exprimer une argumentation de portée analogue à celle de l’argumentation comique” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 26).

De imediato, sem que se diga “[o] essencial do método é, portanto, a ‘redução’ do cômico” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 26),¹⁸⁰ nota-se claramente que essas três etapas desenvolvem e melhor delimitam quais resultados podem ser alcançados com esse método. Em *Le comique du discours*, o procedimento de leitura e análise aplicado em *O chiste e suas relações com o inconsciente* recebe maior detalhamento e prevê a identificação e caracterização de seu objeto de estudos, a saber: o cômico da retórica. Uma das razões para esse detalhamento se dá justamente por já haver um plano de pesquisa muito bem-delimitado para o *Le comique*, que aplicará o método da redução para identificar o cômico da retórica em todas as partes e subpartes fundamentais do Projeto Nova Retórica, a saber: a linguagem; os âmbitos/quadros da argumentação; o ponto de partida da argumentação; e as técnicas argumentativas em toda a sua extensa catalogação. Nesse sentido, pode-se mesmo afirmar que o método da redução, tal como aplicado em *Le comique*, aborda um objeto diferente daquele de *O chiste*, mesmo havendo aspectos em comum entre ambos.

Olbrechts-Tyteca, portanto, vê importância em Freud justamente à medida em que suas reflexões lhe fornecem uma percepção mais clara da matéria sobre a qual sua pesquisa deve se debruçar. A diferenciação entre fundo e forma contribui para a delimitação do objeto de estudos tanto em *O chiste* quanto em *Le comique*, pois em ambas as obras a noção de técnica vincula-se de maneira análoga à de forma. No entanto, parece prudente não associar ou mesmo unir essas duas técnicas, fazendo-as passar como exatamente a mesma, pois enquanto Freud visa estudar os “processos psíquicos” do chiste (FREUD, 2017, p. 80; 191), Olbrechts-Tyteca visa estudar os “processos retórico/argumentativos” do cômico (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 26 – *tradução própria*). Essa diferença de campos poderia ser suficiente para afirmar que se trata de técnicas completamente distintas; todavia, há algumas nuances que merecem ser consideradas, a fim de que fique mais nítida essa aparente ligação entre ambas. A mais perceptível dessas nuances se mostra no fato de tanto Freud como Olbrechts-Tyteca associarem a noção de técnica à forma do discurso, ou seja, à sua materialidade. Porém, ressalte-se que as consequências derivadas dessa análise material da linguagem são distintas em ambas as teorias, de modo que, para a Psicanálise, “a interpretação do nosso riso seria sempre uma racionalização, uma ilusão de consciência” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 27). Já para a teoria da argumentação (retórica), uma noção como a de inconsciente – essencial para a

¹⁸⁰ No original: “L’essentiel de la méthode est donc la ‘réduction’ du comique” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 26).

Psicanálise – deve ser compreendida a partir do par filosófico consciente/inconsciente, conforme a argumentação prevista na defesa das teses de Freud (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 352).¹⁸¹

Assim, é possível concluir, a partir da análise da presença de *O chiste* em *Le comique*, que a apropriação feita por Olbrechts-Tyteca do conceito elaborado por Freud se restringe à separação entre fundo e forma na noção de técnica do chiste e ao método de redução que permite o estudo da forma. A teoria de Freud oferece à teórica a delimitação e a abordagem do objeto de estudos que ela se propõe estudar, separando dessa abordagem material do objeto noções como a de inconsciente. Assim, a teoria acerca do cômico da retórica de Olbrechts-Tyteca se distancia da teoria do cômico desenvolvida pela Psicanálise de Freud, de modo que se pode questionar em que medida a noção de técnica em ambas abordagens é a mesma. Explicar essa diferença é um exercício que exige uma abordagem específica e mais aprofundada da teoria psicanalítica de Freud, o que não é objetivo desta tese de Doutorado. Propõe-se, aqui, tratar da técnica do chiste e de sua influência na teoria do cômico da retórica desenvolvida por Olbrechts-Tyteca, a qual, conforme mostramos, se restringe à abordagem metodológica do objeto de estudos analisado pela retórica. No entanto, é plausível considerar que uma influência metodológica tão direta traga alguma implicação para a abordagem do objeto de estudos em *Le comique*, mesmo que a teoria do inconsciente em Freud não seja apropriada ao escopo teórico do PNR.

4.3.2 Considerações sobre a arbitrariedade na análise argumentativa

Recapitulando, no último item, mostrou-se que a apropriação da definição e da abordagem de Freud acerca da técnica do chiste em *Le comique* representava uma das contribuições teóricas específicas de Olbrechts-Tyteca ao PNR. Anteriormente, quando foi abordada a influência do *Tratado da argumentação* na forma e no conteúdo de *Le comique du discours*, identificou-se como uma dessas influências a reflexão sobre o maior grau de equivocidade da linguagem literária em relação à filosófica e a dificuldade de se garantir que a análise de um argumento seja sempre a mesma análise. A isso chamou-se arbitrariedade na análise argumentativa. Agora, apresentada a presença de Freud no que foi definido como uma

¹⁸¹ No Capítulo VIII de *Le comique*, em que se aborda as dissociações das noções, Olbrechts-Tyteca trata das teorias do cômico analisadas em sua obra e as enquadra em esquemas dissociativos (por exemplo *mecânico* e *vivo* em Bergson), interpretando a teoria do cômico (chiste) em Freud a partir do par *consciente e inconsciente* (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 352).

retórica própria a Olbrechts-Tyteca (retórica do cômico do discurso pautada em exemplos literários, segundo FRANCK e BOLDUC (2010, p. 159), é possível identificar a origem desse tipo de preocupação, desenvolvida de modo bastante direto por Freud em *O chiste e suas relações com o inconsciente*.

Temos agora a oportunidade de fazer uma confissão que não carece de importância. Estamos empenhados numa investigação da técnica do chiste com base em exemplos, e deveríamos, portanto, estar seguros de que os exemplos por nós escolhidos são realmente chistes. Mas ocorre que numa série de casos ficamos hesitantes quanto se o exemplo abordado pode ou não ser denominado um chiste. De fato, não dispomos de um critério até que a investigação nos forneça um; o uso corrente da língua não é confiável e precisa ele mesmo ser submetido à prova: para decidir, não podemos nos apoiar em nada a não ser em certa “sensação”, que podemos interpretar no sentido de que em nossos julgamentos a decisão se dá conforme determinados critérios que ainda não são acessíveis ao nosso conhecimento. Para uma fundamentação adequada, não podemos apelar a essa “sensação”. No último exemplo mencionado, acabamos ficando em dúvida se podíamos apresentá-lo como um chiste – um chiste sofisticado, digamos – ou tão somente como um sofisma. Simplesmente não sabemos ainda onde reside a característica distintiva do chiste (FREUD, 2017, p. 89).

Nesse trecho, Freud evidencia a complexidade inerente à análise dos chistes, destacando a arbitrariedade presente na classificação e categorização destes pelo analista. A confissão de que a própria investigação carece de um critério definido para a delimitação teórica do chiste aponta para a fragilidade do método utilizado em sua abordagem. Há, nesse sentido, hesitação em classificar certos exemplos como chistes, ou como outros tipos de construção discursiva – como um sofisma, no caso mencionado –, fato que ilustra precisamente a falta de uma definição precisa e universalmente aceita do que vem a ser um chiste. Destaque-se a referência a uma “sensação” como guia para a análise, o que demonstra a prevalência de um critério subjetivo, que escapa, portanto, a uma sistematização rigorosa. No entanto, não se devem entender tais considerações como uma desqualificação de todo o estudo promovido por Freud, a não ser que se queira exigir de todo fazer científico a rigidez e a precisão que somente os sistemas formais com suas noções rígidas podem promover. Pelo contrário, trata-se de reconhecer a dificuldade inerente ao objeto de estudos, a qual é resolvida em partes por uma abordagem de seu aspecto formal/material, mas também por reconhecer que há no exercício de análise um certo grau de arbitrariedade, seja pela equivocidade que uma certa linguagem pode promover (como a dos chistes), seja por ser o efeito/sensação dessa linguagem (o riso) um critério possível para a observação da técnica do cômico como objeto de estudos.

Em *Le comique*, “objeções” semelhantes são feitas logo após a apresentação do método

da redução. Elas saltam aos olhos, pois a descrição de um argumento por esquemas será sempre a descrição de um dos esquemas possíveis de um argumento concreto. Logo, “Quem nos diz que algo é engraçado?” é a questão colocada por Olbrechts-Tyteca (1974, p. 27 – *tradução própria*).¹⁸² Uma solução é considerar o fato de os chistes analisados em seu tratado sobre o cômico da retórica já terem sido objeto de outros estudos sobre o cômico, sendo estes outros trabalhos a caução que assegura certa objetividade na percepção desse fenômeno (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 27). Nesse sentido, já sendo exemplos sancionados e reconhecidos como cômicos, “não haverá desacordo frequente entre o leitor e nós” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 27 – *tradução própria*), ficando assegurada a análise de um subjetivismo exagerado. Tais preocupações com a recepção do discurso cômico por parte do analista e a possibilidade de análises diversas do cômico do discurso se aproximam das elaboradas por Freud, sendo, portanto, uma influência de sua psicanálise para a teoria do cômico da retórica desenvolvida por Olbrechts-Tyteca em *Le comique*. Contudo, essa influência de Freud não se restringe à obra solo de Olbrechts-Tyteca, pois preocupações com a recepção do discurso por parte do analista e a arbitrariedade inerente à análise da argumentação em certos tipos de linguagem são fulcrais para o Tratado da argumentação, conforme já desenvolvido antes.

Essa influência de Freud na preocupação com a arbitrariedade da análise do cômico na produção intelectual de Olbrechts-Tyteca parece evidente, pois é percebida não apenas no fato de esses dois intelectuais elaborarem de modo semelhante, e em torno de um mesmo objeto, um problema metodológico idêntico, mas também pela solução para o problema parece ser a mesma. Freud – preocupado com os processos psíquicos – dissocia-os em dois níveis e diz que ambos não devem ser confundidos: “os processos psíquicos envolvidos na formação do chiste (o ‘trabalho do chiste’) não devem ser confundidos com os processos de recepção (o trabalho de compreensão). Somente os primeiros são objetos de nossa investigação.” (FREUD, 2017, p. 80). Olbrechts-Tyteca – preocupada com processos discursivos/retóricos – dissocia o cômico *na* retórica (aquilo que a retórica produz de cômico) e o cômico *da* retórica (aquilo que na retórica produz o cômico), e toma como objeto de estudos o segundo (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 7). Preocupada com os processos de formação do cômico a partir da retórica em todos os seus âmbitos, Olbrechts-Tyteca acaba também por afastar de suas preocupações aquilo que diria respeito aos efeitos da retórica do cômico, semelhantemente a Freud. No entanto, por não se dissociarem completamente o cômico da retórica e o cômico na retórica,

¹⁸² No original: “Qui nous dit que quelque chose est comique?”

visto este derivar daquele, parece impossível a qualquer abordagem de um tal fenômeno não tecer considerações acerca da problemática do efeito de sentido do cômico sobre quem o procura analisar.

A partir dessas considerações, é possível afirmar que *O chiste e suas relações com o inconsciente* é uma obra que influencia a produção intelectual de Olbrechts-Tyteca ao ponto de definir e oferecer o método para a apreensão de seu objeto de estudos. Vê-se essa influência explícita em *Le comique du discours*, conforme descrito acima, em especial nas “Considerações preliminares” do texto. No *Tratado da argumentação*, obra escrita mais de uma década antes de *Le comique*, por sua vez, não se identifica referência explícita a Freud ou a qualquer uma de suas obras, porém, nota-se essa influência, por exemplo, quando seus autores desenvolvem reflexões sobre a análise de exemplos retirados da Filosofia e da literatura. Em resumo, o *Tratado* entende que o discurso literário – por estar mais distante do real, uma vez que é ficção – tem mais chances de ser interpretado por meio de esquemas argumentativos os mais diversos, enquanto o discurso filosófico parece mais estável. Além disso, os próprios esquemas argumentativos relacionam-se entre si, fazendo com que a identificação de um argumento possa levar inevitavelmente à sua relação com outro tipo de argumento (PERELMAN; OLBRECHTS- TYTECA, 2005, p. 212). Essa influência da teorização da técnica do cômico em Freud na obra de Olbrechts-Tyteca pode ser percebida, portanto, como marca de sua autoria no *Tratado da argumentação*, devendo ser relacionada a ela considerações acerca da arbitrariedade na análise argumentativa no escopo teórico do Projeto Nova Retórica como um todo.

Estas considerações devem ser somadas àquelas já feitas pelas pesquisas que estudam as contribuições intelectuais de Olbrechts-Tyteca ao Projeto Nova Retórica, ou seja, estudam a sua retórica (WARNICK, 1997; FRANK e BOLDUC, 2010; BOLDUC, 2020). A partir do que foi apresentado até aqui, pode-se definir a retórica de Olbrechts-Tyteca como o estudo das técnicas argumentativas que desencadeiam o cômico em textos artísticos e literários, abarcando em algumas circunstâncias o domínio da dissertação científica. Essa predileção por textos literários em *Le comique* aparece de modo mais equilibrado no *Tratado da argumentação*, ainda que não deixe de lhe trazer algumas reflexões que acabam por relativizar seus resultados. Quando aparecem no *Tratado* as considerações acerca da recepção do discurso por parte de quem o analisa, percebe-se que a literatura (influência de Olbrechts-Tyteca) é central para se alcançar a ideia de arbitrariedade na leitura e análise de argumentos, sendo ela portadora de um grau de equivocidade maior que a Filosofia. Nesse sentido, é preciso se perguntar até que ponto a junção entre uma retórica pautada na literatura e uma retórica pautada na Filosofia

funcionariam de maneira harmoniosa, em um *blend* que a caracterizaria como superior a outras retóricas surgidas no século XX, conforme afirmam Frank e Bolduc (2010) em sua tese sobre as três retóricas presentes no PNR.¹⁸³

Como o objeto de estudos desta tese é propriamente a produção intelectual de Olbrechts-Tyteca, cabe retomar aqui um questionamento levantado ao longo deste trabalho: qual a originalidade de suas contribuições à teoria da argumentação do PNR que pode ser identificada em *Le comique*? Conforme desenvolvido, é possível defender que essa originalidade é justamente uma reflexão sobre a recepção do discurso por parte do analista e da consequente arbitrariedade na atividade de análise. Somadas as contribuições ao estudo do cômico da argumentação e ao que Michelle Bolduc designa como um *rhetorical turn*, a problemática sobre a recepção por parte do analista e da arbitrariedade da análise argumentativa soma-se, portanto, ao conjunto das contribuições originais de Olbrechts-Tyteca ao Projeto Nova Retórica. A hipótese de um tipo de preocupação como esta já havia sido levantada por Barbara Warnick (1997, p. 82), conforme destacado na introdução desta tese. No entanto, em Warnick essa hipótese diz respeito à recepção do discurso por parte do auditório, sugerindo haver em *Le comique* o desenvolvimento teórico acerca do que Olbrechts-Tyteca designa como o cômico *na* retórica. Essa hipótese foi questionada quando se relacionou a escolha de Olbrechts-Tyteca por uma opção semelhante à de Freud, ou seja, a de estudar os meios de produção do cômico e não especialmente a sua recepção ou os seus efeitos.

4.3.3 A explicitação do cômico como causa inibidora à inexistência de um riso de fato

A fim de completar a apresentação da influência de Freud e da técnica do chiste em *Le comique*, deve-se tratar de um último ponto referente ao método de estudos do objeto “o cômico do discurso”. No final do tópico acerca do método de trabalho, Olbrechts-Tyteca tece considerações sobre o que chama de “Alguns resultados não específicos”, subtópico que aborda as chamadas causas inibidoras do riso (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 30).¹⁸⁴ Estas causas se expressam à medida em que o método de análise do cômico da retórica – assim como em Freud quanto ao chiste – consiste em modificar os enunciados, para que se faça desaparecer ou

¹⁸³ Considerações sobre esse questionamento e sobre a presença ou não de uma teoria da recepção do discurso em *Le comique* serão desenvolvidas na conclusão desta tese.

¹⁸⁴ “La méthode d’observation consistant à modifier les énoncés pour en faire disparaître ou atténuer le comique doit nécessairement aboutir à certaines constatations assez monotones. On sait en effet qu’il y a des causes inibidoras du rire. La mise en oeuvre systématique de ces causes générales ne présenterait le plus souvent que peu d’intérêt”.

mesmo atenuar o cômico. Conforme descrição de Olbrechts-Tyteca, são causas inibidoras do riso: toda emoção forte, pois nós não rimos quando estamos diante da compaixão, do sofrimento ou de algum espetáculo horrível (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 31); a atenção, pois não rimos quando nossa atenção é muito exigida ou quando uma preocupação nos persegue (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 31); a hesitação caracterizada por um certo tipo de atenção, quando estamos diante de certos raciocínios em certos domínios do conhecimento – como a Filosofia ou a Estatística (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 32-34).¹⁸⁵ Também, o sucesso argumentativo, ou o fato de se levar em considerações um argumento enquanto ele ocorre, inibe por vezes o riso, embora possa também gerá-lo (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 34); assim como a ausência de atitude lúdica, pois é preciso que algo se apresente como engraçado para que produza graça – logo, situações que não são lúdicas tendem a inibir o cômico da retórica, embora sempre haja exceções à regra (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 35).

Dentre as causas inibidoras do riso, destaca-se a importância da explicitação como um fator relevante, pois se trata de “uma causa especificamente retórica” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 38). Tomando como base a compreensão de Freud, para quem as condições essenciais de realização do chiste são a brevidade e a condensação, a explicitação é entendida como destruidora dessa forma (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 38),¹⁸⁶ justamente porque explicar envolve um discurso mais duradouro e prolixo. De modo geral, o cômico desaparece do discurso quando aquilo que deveria ser espontâneo precisa ser justificado, ser explicitado. De certo modo, para que o cômico da retórica ocorra, é necessário que haja novidade no que se diz, ao ponto de não se destruir certa ingenuidade (*naïvete*) e cegueira (*aveuglement*) por parte do interlocutor.

De uma forma muito mais geral, veremos que o próprio princípio do cômico da retórica ocorre talvez por um certo descuido, cegueira, ingenuidade, mesmo o esquecimento do que é a argumentação, das suas características, das suas armadilhas. Talvez saberemos então por que a explicitação dos argumentos, a antecipação das objeções, destrói tanto a ingenuidade quanto o cômico

¹⁸⁵ As considerações sobre a hesitação tocam num ponto muito importante da pesquisa de Olbrechts-Tyteca: a constatação de que o cômico da retórica se trata de uma técnica comum em diversos domínios, de modo que, mesmo de um discurso mais rígido, como o de um estatístico ou de um de Descartes, poderíamos rir. “Mais ceci nous incite à nous poser dès à présent un problème important. C'est celui du comique lié aux erreurs de raisonnement des savants. En principe, elles pourraient être prises pour objet comique.

Et en fait, nous ne nous faisons pas faute de rire du phlogistique. Nous avons aussi le souvenir d'une réunion philo- sophique où la lecture d'un passage pris à une œuvre de jeunesse de Descartes, a suscité un très franc rire l'auteur y rappelle que l'on ne peut mettre dans un même orchestre des tambours faits de peaux d'ani maux qui ne s'entendent pas, tels brebis et loups” (OLBRECHSTYTECA, 1974, p. 32).

¹⁸⁶ “On sait que la brièveté, la condensation, sont pour Freud les conditions essentielles du mot d'esprit”.

(OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 40 – *tradução própria*).¹⁸⁷

Olbrechts-Tyteca sugere que a eficácia do cômico da retórica está intrinsecamente ligada a um elemento de “descuido”, “cegueira”, ou “ingenuidade” por parte do auditório. Este “descuido” não implica em falta de habilidade ou inteligência, mas sim em uma suspensão da análise lógica e da preocupação excessiva com a estrutura argumentativa do discurso. Nesse sentido, o cômico surge de uma espécie de “esquecimento” – um esquecimento estratégico – das regras e das armadilhas da própria argumentação, que permite uma abertura para o inesperado, o imprevisível. O cômico em suas variadas formas funciona melhor, portanto, quando se apresenta como algo natural e espontâneo, sem uma justificativa ou uma explicação minuciosa da sua estrutura lógica. Por essa razão, a “cegueira” do auditório, no sentido de uma suspensão da análise crítica, mostra-se como crucial para que o humor possa operar com plena eficácia. Ao se explicitar o cômico dos argumentos, a antecipação das objeções e uma abordagem excessivamente metódica destroem justamente tal “ingenuidade”, essencial para essa experiência. Ao esclarecer a lógica interna de uma piada ou de um chiste, ao revelar explicitamente suas estratégias persuasivas, o orador elimina a surpresa que está na base do cômico, tornando-o previsível e, conseqüentemente, sem graça.

Como consequência, tais considerações sobre as causas inibidoras do riso, ou redutoras do cômico, em especial acerca da explicitação,¹⁸⁸ trazem à tona um pressuposto do método de estudos desenvolvido em *Le comique*, pressuposto que precisa ser problematizado. Esse método poderia fazer crer que existam coisas, situações, enunciados que fossem cômicos por eles mesmos, mas dos quais não se ri por uma ou outra razão. “Um cômico ‘de direito’ substitui um cômico de ‘fato’” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 41 – *tradução própria*).¹⁸⁹ Pelo contrário, Olbrechts-Tyteca entende que uma tal distinção entre o que é de fato e o que é de direito funciona, em certos casos, para “salvar” algumas teorias sobre o cômico, como a de Bergson. Nesses termos, o “cômico de fato” se referiria ao riso que efetivamente ocorre, à experiência real do humor em uma determinada situação, enquanto o “cômico de direito” designaria algo que deveria ser cômico segundo uma teoria ou definição específica, mas que, na prática, não

¹⁸⁷ No original: “D'une manière beaucoup plus générale, nous verrons que le principe même du comique de la rhétorique est peut-être bien un oubli, un avenglement, une naïveté, l'oubli de ce qu'est l'argumentation, de ses caractères, de ses pièges. Peut-être saurons-nous alors pourquoi l'explicitation des arguments, la prévision des objections, détruisent et la naïveté et le comique”.

¹⁸⁸ Dentre as formas de explicitação que mais contribuem para a destruição do cômico, destacam-se a explicação e a normalização (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 38).

¹⁸⁹ No original: “Um comique ‘de droit’ se substituerait à un comique ‘de fait’”.

provoca o riso. Uma tal distinção, na concepção de Olbrechts-Tyteca, é importante para algumas teorias que definem o cômico em critérios abstratos ou universais, independentemente da sua recepção prática. Por isso, argumenta que essa dissociação é incorreta, servindo muitas vezes como muleta (*béquille*) de teorias que não conseguem explicar adequadamente por que algo pode ser teoricamente engraçado (“cômico de direito”), mas não ser de fato engraçado (“cômico de fato”) para o público.

Para Olbrechts-Tyteca, a dissociação entre fato e direito, pressuposta pelo método da redução do cômico e pela constatação da inibição do riso, implica, antes, o reconhecimento de que os meios de se fazer desaparecer o cômico podem também tornar-se fonte do cômico (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 42).¹⁹⁰ Sua preocupação, importa destacar, não é a defesa nem a formulação de uma teoria do cômico ou do riso, de modo que uma tal distinção é sobremaneira dispensável.¹⁹¹ Em outra direção, tais considerações são relevantes, pois contribuem para ratificar o método da redução como estratégia para se estudar a técnica do cômico, além de reafirmarem o que já se disse anteriormente: que a apropriação de Freud por Olbrechts-Tyteca se restringe ao uso do método da redução, ficando sua teoria mais ampla sobre a relação entre o chiste e o inconsciente fora da abordagem de *Le comique*. A influência da compreensão de Freud acerca da técnica do chiste é tamanha para a compreensão que teórica obtém de seu objeto, que índices dessa relação podem ser identificados mesmo na formulação das hipóteses de trabalho desenvolvidas por ela, conforme será apresentado no tópico a seguir.

Por fim, é possível retomar, agora, o prefácio de Perelman a *Le comique*, ao desfechar a apresentação desta obra dizendo que os estudos de Olbrechts-Tyteca são como a sombra de um corpo, sendo a sombra o cômico e o corpo todo o campo discursivo (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 6). A partir do que se identificou na apresentação da vinculação entre retórica do cômico e técnica do chiste, a metáfora da sombra se explicaria não apenas pelo fato de *Le comique* ser uma sucessão do *Tratado* (conclusão alcançada quando se demonstrou como esta obra serve de plano àquela), mas também pelo fato de a retórica de Olbrechts-Tyteca

¹⁹⁰ No original: “Ce qui est susceptible de devenir comique ne l'est donc pas pour autant. Notons encore que tous les moyens de faire disparaître le comique peuvent aussi devenir sources de comique. C'est le cas pour l'explicitation et même pour l'émotion. Si l'on veut nous émouvoir pour nous empêcher de rire, on n'arrivera souvent qu'à déclencher un rire encore plus violent. Toutes nos analyses relatives à la disparition du comique pour raient ainsi être source de comique, si les moyens pour obtenir cette disparition sont mis en œuvre trop ostensiblement. Car l'objet comique, dans le comique de la rhétorique, c'est celle-ci tout entière, avec notamment ses dissociations entre le procédé et la réalité”.

¹⁹¹ Conforme palavras da própria autora: “N'ayant pas de théorie du rire à défendre ni à formuler, nous ne serons pas incitée à recourir à une telle distinction” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 42). No entanto, não se pode descartar a influência teórica de Bergson e Dupréel para o sentido do cômico em *Le comique*.

desenvolver de modo mais aprofundado uma noção essencial para seu projeto com Perelman. Assim, é preciso endossar que o cômico da retórica desenvolvido por Olbrechts-Tyteca aprofunda – não ao nível do inconsciente – o grau de complexidade da noção de *técnica argumentativa* desenvolvida no Projeto Nova Retórica. Isto é, traz a essa noção mais materialidade, mais corpo, forma, tornando-a ainda mais perceptível, devido não apenas à grande quantidade e variedade de exemplos analisados em *Le comique*, mas, principalmente, devido às definições trazidas por Freud.

4.4 ALGUMAS HIPÓTESES E CONCLUSÕES ALCANÇADAS EM *LE COMIQUE DU DISCOURS*

Antes de passar para a apresentação dessas hipóteses e conclusões de trabalho da pesquisa de Olbrechts-Tyteca, será preciso retomar um dos pontos que liga *Le comique du discours* ao projeto maior do qual participa. Conforme já exposto, sua matriz de desenvolvimento encontra-se já apresentada na obra magna do Projeto Nova Retórica, o *Tratado da argumentação*. Assim, quanto às hipóteses de trabalho em *Le comique*, não seria diferente, pois estas são desenvolvidas a partir de uma tese fundamental ao PNR, a saber: a distinção entre argumentação e demonstração (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 42).¹⁹² Através dessa base, três hipóteses de pesquisa são apresentadas em *Le comique*:

a) o cômico da retórica se relaciona especialmente com aquelas características que diferem argumentação de demonstração; b) a argumentação é sempre suscetível de se tornar cômica; e c) não há cômico da demonstração, salvo quando esta se insere em um conjunto argumentativo (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 43 – *tradução própria*).¹⁹³

A fim de explicar a primeira tese, cabe expor a base de seu desenvolvimento, a separação entre argumentação e demonstração. Em resumo, o PNR entende a oposição entre argumentação e demonstração a partir da seguinte analogia: a demonstração está para a lógica formal e se desenvolve a partir de sistemas de conhecimentos fechados que funcionam por meio de noções fixas (axiomas) e de linguagem artificial, assim como a argumentação (ou retórica) está para a lógica informal e se desenvolve nas situações concretas da existência humana, em

¹⁹² “Rapellons que la démonstration, contrairement à l’argumentation, se caractérise par l’univocité, l’intemporalité, le caractère inéluctable des conclusions” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 42).

¹⁹³ No original: “A) Le comique de la rhétorique s’attache spécialement aux traits qui différencient l’argumentation de la démonstration; B) l’argumentation est toujours susceptible de devenir comique; C) il n’y a pas comique de la démonstration, sauf lorsqu’elles s’insèrent dans un ensemble argumentatif”.

que as noções se apresentam de modo mais confuso, resultantes da linguagem natural. Essa distinção é apresentada logo no primeiro parágrafo do *Tratado da argumentação*: a demonstração relaciona-se à lógica formal e à concepção cartesiana de razão, em que não há preocupação relativa ao sentido das expressões, de modo que o conteúdo nelas introduzidos e as transformações que lhes dizem respeito sequer são colocados em questão.¹⁹⁴ De modo oposto, a argumentação envolve um acordo – um contato entre os espíritos – entre as pessoas que participam dessa situação argumentativa, em que não se pode ignorar completamente as condições psíquicas e sociais sem as quais a argumentação ficaria sem objeto e sem efeito.¹⁹⁵ Assim, tem-se a seguinte analogia: a lógica formal e o raciocínio abstrato descontextualizado estão associados à demonstração, assim como a retórica e o raciocínio prático estão associados à argumentação.

Com esse corpo teórico, apresenta-se a primeira das teses a serem provadas pelo trabalho de Olbrechts-Tyteca: “Se a nossa tese estiver correta, o cômico da retórica estará relacionado sempre à ambiguidade dos termos, ao aspecto não restritivo do argumento¹⁹⁶ e ao fato de a argumentação visar a adesão dos espíritos.” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 43). Não existindo apenas estes três aspectos, há também outros que funcionam como fonte do cômico do discurso, os quais são explorados ao longo de todo *Le comique*. Resultante dessa primeira tese, a segunda busca provar que toda argumentação é, portanto, suscetível a se tornar cômica, uma vez que, “na argumentação, não havendo nada de absolutamente certo, ou seja, a salvo de uma objeção, de um mal-entendido, são sempre necessárias precauções para evitar colocar em perigo a força persuasiva daquilo que dizemos” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 43).¹⁹⁷ Nesse sentido, o cômico da retórica tem um papel prático, pois permite a percepção de lacunas, distrações, automatismos, podendo, em certos casos, esclarecer o observador. Essa segunda tese, por conseguinte, aponta para o fato de que o cômico da retórica pode, em certos casos, ser percebido como intencional e funcionar como elemento de força persuasiva; em outros,

¹⁹⁴ “De ondem vêm esses elementos, sejam eles verdades impessoais, pensamentos divinos, resultados de experiência ou postulados referentes ao autor, eis questões que o lógico formalista considera alheias a sua disciplina” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 16).

¹⁹⁵ Dizem os autores no mesmo parágrafo: “toda argumentação visa à adesão dos espíritos e, por isso mesmo, pressupõe um contato intelectual” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 16).

¹⁹⁶ No original: “Si notre thèse est exacte, le comique de la rhétorique s’attachera à l’ambiguïté des termes, à l’aspect non contraignant de l’argumentation, au fait qu’elle vise à l’adhésion des esprits”. Por aspecto não restritivo (*non contraignant*) dos argumentos, deve-se aqui entender o seguinte: a argumentação não se restringe a cumprir um papel pré-estabelecido a partir de um sistema formal.

¹⁹⁷ No original: “Dans l’argumentation, rien n’étant jamais absolument sûr, à l’abri d’une objection, d’une incompréhension, des précautions sont toujours nécessaires pour ne pas mettre en péril la force persuasive de ce que l’on dit.”.

percebido como “erros” de raciocínio por parte do orador.

A terceira tese defendida em *Le comique* abre, em certo sentido, algumas concessões às duas primeiras, pois prevê um cômico da demonstração, quando esta se insere em contexto argumentativo. No limite, diz Olbrechts-Tyteca, pode-se rir mesmo de um tratado de argumentação (pois se trata, em alguma medida, de um texto demonstrativo), pode-se rir quando as causas inibidoras do riso não se fazem presentes – e em especial dos exemplos trazidos no seio deste tratado; por outro lado, não se pode rir de um tratado de lógica (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 44). Nesse sentido, embora essas concessões possíveis para um cômico da demonstração apareçam, a tese fundamental mantém-se sólida, uma vez que a separação entre essas duas esferas da atividade humana (da demonstração relacionada ao plano da busca pela verdade e da argumentação relacionada ao plano da opinião) podem ser claramente delimitadas.¹⁹⁸ Algumas dessas distinções são as seguintes: a) a demonstração, ao contrário da argumentação, é atemporal¹⁹⁹; b) a demonstração ocorre a partir de axiomas irrevogáveis; c) a demonstração se situa no plano abstrato e formal; d) a demonstração ou é correta ou é incorreta, de modo que sua força não varia em decorrência de uma discussão acerca do resultado alcançado; e) a demonstração, mesmo que universal, é limitada por um conjunto de axiomas, também limitados; e f) a demonstração ocorre no interior de um sistema com regras fixas, conhecidas por todos (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 44,45). O cômico da argumentação, por sua vez, se desenvolveria a partir de razões opostas a estas, não havendo, portanto, um cômico da demonstração, uma vez que este se relaciona particularmente ao que distingue aquela desta.²⁰⁰

¹⁹⁸ A ideia de esferas de atividade humana para se explicar a diferença entre *demonstração* e *argumentação* foi emprestada aqui de Dante Tringale, cuja compreensão da Nova Retórica a apresenta como uma divisora dos saberes, conforme já teria elaborado Aristóteles. “Como Aristóteles, Perelman divide o mundo da cultura em duas esferas: esfera da demonstração e da argumentação, consoante se busca a verdade ou a opinião. Nada impede que se dividam em ciências argumentativas (humanas) e demonstrativas (naturais)” (TRINGALE, 2014, p. 245).

¹⁹⁹ Neste ponto, Olbrechts-Tyteca retoma uma reflexão já desenvolvida por ela e Perelman em 1958, em um artigo intitulado “De La temporalité comme caractère de l’argumentation”. Neste texto desenvolve-se uma explicação da oposição argumentação/demonstração com base na noção de tempo, estando a demonstração sempre vinculada à ideia de atemporalidade e fixidez do sentido e a argumentação à ideia de circunstancialidade e maleabilidade do sentido. Para uma reflexão mais aprofundada sobre tais considerações, conferir (BOLDUC; FRANK, 2023).

²⁰⁰ Algumas objeções podem ser feitas a esta tese fundamental, conforme desenvolve Olbrechts-Tyteca a partir de uma série de contra exemplos, como os dos paradoxos aparentes (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 44-53). No entanto, mantém-se a tese fundamental, qual seja: a de que não há um cômico da demonstração. “Acreditamos, portanto, que a nossa hipótese de trabalho, apesar de todos os exemplos cômicos que parecem estar relacionados com a demonstração, não perde o seu interesse. Todos enfatizam o que, na demonstração, não é puro formalismo, o que pressupõe intenções, acordos, numa palavra, boa vontade” (idem, 1974, p. 50).

Assim, a tese central de *Le comique du discours* busca provar que o cômico é uma característica distintiva da argumentação para com a demonstração. Nesse percurso, considerando-se a sutileza das nuances que separam essas “esferas da atividade humana”, Olbrechts-Tyteca precisa considerar que mesmo a demonstração pode se inserir em um contexto argumentativo, fazendo o cômico aparecer como uma de suas características. Veja-se o caso dos paradoxos da lógica, estudados por uma longa tradição e sempre associados ao estudo das chamadas “ciências demonstrativas”. Muitos deles possuem aspectos cômicos, que, quando revelados, contribuem para o avanço do pensamento crítico nas mais diversas áreas. Olbrechts-Tyteca analisa alguns destes paradoxos, destacando-lhes o que há de cômico em termos de sua forma de apresentação, e se questiona: “Os paradoxos da lógica pertencem, portanto, ao cômico da demonstração?” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 49). E a resposta é decisivamente negativa, pois, ao contrário, o cômico nestes exemplos não seria senão índice de que eles possuem certas características da argumentação (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 49).

Tais considerações sobre a validade da tese central em *Le comique* encaminham uma outra consideração de Olbrechts-Tyteca, a qual corrobora a verdade dessa tese e encaminha uma discussão de grande importância para o Projeto Nova Retórica: trata-se das considerações acerca da relação entre o cômico e o sistema ao qual um determinado discurso se manifesta, seja esse sistema formal ou não formal. Em resumo, *Le comique* parte do seguinte ponto: aqueles que permanecem dentro de um “sistema” não riem enquanto permanecem dentro desse mesmo sistema, mesmo este sendo um sistema não formal (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 51). A noção de sistema aqui em jogo é retomada da Antropologia (Ruth Benedict, 1887-1948; Evans-Pritchard, 1902-1977), da literatura (Anatole France, 1844-1924) e da Epistemologia (Michael Pollany, 1891-1976).²⁰¹ Por sistema, Olbrechts-Tyteca parece compreender o conjunto dos valores que orientam o quadro interpretativo, que, por sua vez, orienta a visão de mundo em uma determinada comunidade de espíritos. Essa compreensão será melhor desenvolvida logo à frente, quando forem apresentadas as conclusões de *Le comique*.

Por ora, cabe ilustrar e explicar as considerações de Olbrechts-Tyteca acerca da relação entre o cômico e o sistema, e por que há certa dificuldade de se perceber o cômico quando se está dentro desse mesmo sistema. Como ilustração própria, cita a seguinte história judia, relativa a hábitos e restrições alimentares desta comunidade, que proíbe a mistura de alimentos produzidos com carne e alimentos produzidos com leite.

²⁰¹ Destaque-se que, conforme o índice de autores citados, *Le comique* menciona esses intelectuais apenas em dois momentos: nas “Considerações preliminares” e ao tratar da “Escolha dos dados” – sendo este tópico referente ao capítulo dois da obra (“O ponto de partida da argumentação”).

Uma criança judia deixou cair o chapéu na canja. A mãe pergunta ao rabino se ela deveria jogar a sopa porque o chapéu estava manchado. Diferentes hipóteses são mencionadas quanto à natureza da mancha, algumas das quais bastante repugnantes. Mas o rabino os considera sem importância. Um último palpite: manteiga?

– Finalmente ele exclama: Manteiga é *milchig* (leite), jogue fora. (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 51 – *tradução própria*).²⁰²

Mesmo que retirada de uma obra que a toma como cômica, esta história pode ser contada sem ser fonte do cômico, mas apenas se o leitor se colocar no lugar do rabino, para quem sua resposta será natural assim como suas hesitações relativas à origem do alimento. A história se torna cômica quando nos colocamos fora desse sistema de valores que orienta a visão do rabino.²⁰³ Da mesma maneira que a moralidade dos judeus, a moralidade formalista imposta por um sistema de conhecimento pode tornar-se fonte do cômico, quando analisados os tipos de raciocínio que permite e mesmo exige. Nesses termos, o sistema como um todo (seja ele formal ou não formal) orienta as interpretações possíveis em seu interior, sendo reforçado quando em contato com novas possibilidades de interpretação. Sobre isso, a hipótese da existência do Deus oculto em Pascal é um ótimo exemplo dessa circularidade do sistema formal de conhecimento: “a prova de que ele está aí é o fato de não podermos vê-lo” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 512 – *tradução própria*). Assim ocorre também com as projeções e visões que Dom Quixote tem em relação à sua Dulcinéia del Toboso, que funcionam apenas para reforçar o sistema de valores do cavaleiro andante, as quais acabam em alguma medida atraindo também ao fiel Sancho Pança. No entanto, “Apenas nós podemos rir” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 51 – *tradução própria*), porque nos encontramos externos a esse sistema.

Tal conceito, no interior do PNR e expresso de modo direto nas considerações preliminares de *Le comique*, deve ser compreendido a partir das próprias formulações deste projeto, em especial ao que toca o conceito de auditório, em função do qual todo discurso é formulado. Assim, parece coerente desde o início não se associar a ideia de sistema no interior do PNR à abordagem antropológica deste ou daquele autor em específico. Se esses são citados

²⁰² Exemplo retirado de *Laughter and the sense of humor*, de E. Begler (1956), obra que serve como uma das fontes de exemplos ao *Le comique*. No original: Un enfant juif a laissé tomber sons chapeau dans lla soupe au poulet. La maman demande au rabbin si elle doit jeter la soupe parce que le chapeau était tachá. Différentes hypothèses son évoqué, quant à la nature de la tache, dont certaines assez répugnantes. Mais le rabbin les écarte comme sans importance. Une dernière hypothèse: du beure? Le fait enfin s'exclamer: -- “Du beurre! C'est *milchig*. Jetez-la.”

²⁰³ “L’histoire ne devoient drôle que si on se met em dehosr du système” (OLBRECHTS TYTECA, 1974, p. 51).

por Olbrechts-Tyteca, isso ocorre devido ao fato de suas formulações acerca do que vem a ser o sistema de crenças de uma comunidade contribuir para ilustrar algo já previsto e desenvolvido no conjunto de sua teoria conjunta com Perelman. Pode-se, seguindo-se aqui as orientações desta teoria, dizer que a menção a este ou aquele autor e sua concepção do conceito de sistema funcionam para reforçar os conceitos já previstos em seu interior, e não para vinculá-la a uma teoria antropológica específica. Neste ponto, é preciso retomar a influência que o PNR e Olbrechts-Tyteca em particular recebem de Eugène Dupréel, cuja Sociologia dos valores contribui para a formulação de uma concepção de sistema de valores prévios a toda tomada de decisão em sociedade, sendo esta a base para a formulação do conceito de auditório, conforme já apresentado anteriormente.

A compreensão de que não se pode rir senão fora de um determinado sistema não implica apenas os chamados auditórios particulares, cujos sistemas de valores operam sempre com noções confusas, acerca das quais recaem diversas argumentações, como no exemplo apresentado por Olbrechts-Tyteca. Essa compreensão recai, na mesma medida, sobre o chamado auditório universal, cujo sistema de valores operam sempre a partir de noções fixas e com valores estáveis, construídos justamente para a estabilidade desse sistema, como é o caso de muitas filosofias e da ciência em geral. Estaríamos aí na divisão clara e precisa de duas esferas culturais que parecem não se misturar, sendo a argumentação e o cômico característico dos sistemas culturais não formalizados e a demonstração característica dos sistemas filosófico científicos formalizados. No entanto, essa separação não é evidente como o querem muitos dos partidários do raciocínio dicotômico, pois, mesmo os sistemas formalizados podem ser objeto do cômico, quando observado de fora e de uma perspectiva crítica que procura apontar-lhe algumas características essenciais à argumentação e que a distinguem da demonstração, a saber: a ambiguidade dos termos e expressões utilizadas por esse sistema, a multiplicidade dos auditórios que ele pode visar, a possibilidade constante de se fazer objeções aos elementos desse sistema, a instabilidade de certas premissas, a interação de todos os elementos deste sistema e, por último, o caráter não restritivo da argumentação (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 401).²⁰⁴ Um bom exemplo para se ilustrar essa conclusão apontada em *Le comique* é a análise

²⁰⁴ Período elaborado a partir do seguinte trecho retirado das conclusões de *Le comique*: “Em effet, ce comique de la rhétorique est extrêmement riche, ce qui n’est certainement pas le comique de la démonstration, à supposer que celui-ci existe et puisse un jour être étudié. De plus, il porte précisément sur ce que constitue les traits essentiels de l’argumentation, il souligne que distingue celle-ci: l’ambiguïté des termes, la multiplicité de les auditoires, la possibilité constant d’objections, l’instabilité des prémisses, l’interactions de tous les éléments, pour tout dire, le caractère contraignant de l’argumentation”.

de um trecho de uma obra de juventude de Descartes, cuja rigidez mental e apelo à formalidade matemática são inquestionáveis. O trecho é citado de modo indireto por Olbrechts-Tyteca: “o autor lembra que não podemos colocar na mesma orquestra tambores feitos com peles de animais que não se ouvem, como ovelhas e lobos” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 32 – *tradução própria*).²⁰⁵ Em um primeiro momento, o cômico parece surgir justamente do contraste que se faz entre a personalidade e a rigidez mental presumida em Descartes e a hilaridade desse raciocínio tão simplista. Mais à frente em *Le comique*, no Capítulo VI, em que são catalogados os “argumentos por ligação baseados sobre a estrutura do real”, este exemplo da obra de juventude de Descartes é retomado e a causa retórica de seu cômico é explicitada. Olbrechts-Tyteca aponta que rimos de fato é da incompatibilidade entre os elementos ligados por esse raciocínio (o som da pele do lobo e da pele do cordeiro não serem harmoniosos, por estes não serem animais que se compreendem) e a imagem que se faz de Descartes (um pensador com rigidez mental e que busca evitar o erro a todo custo). Trata-se de “um riso de alerta quanto ao valor absoluto de tais imagens” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 225 – *tradução própria*). Em certo sentido, tal conclusão visa abalar a imagem de Descartes, cujo diálogo é central para o PNR como um todo, conforme já desenvolvido no primeiro capítulo desta tese.

Ocorre que *Le comique* menciona Descartes apenas essas duas vezes, diferentemente do *Tratado*, em que sua presença é central. Uma tal diferença, destaque-se, não pode servir de índice para se concluir que a retórica de Olbrechts-Tyteca não compartilha dos pressupostos filosóficos da retórica de Perelman. Pelo contrário, ao citar Descartes em uma obra de juventude, produzindo conexões incompatíveis com sua intenção, visa senão reafirmar a crítica feita em todo o PNR à concepção de razão elaborada pelo “pai do racionalismo”. No entanto, é preciso considerar que a análise de um exemplo de uma obra de juventude não pode servir como evidência para desacreditar todo o sistema filosófico construído na maturidade de Descartes. Além disso, é preciso enfatizar também, que em *Le comique*, este exemplo de Descartes é realizado para se ilustrar como a hesitação pode coibir o riso (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 225) e como a incompatibilidade de ligações pode produzir o riso (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 225). Para os objetivos desta tese, o mesmo exemplo foi utilizado para ilustrar uma das conclusões centrais de *Le comique*: não se pode rir quando se está no interior de um sistema cujos valores são assimilados como verdadeiros. Logo, Olbrechts-Tyteca observa o cômico e

²⁰⁵ No original: “l’auteur y rappelle que l’on ne peut mettre dans une même orchestre des tambours faits de peaux d’animaux qui ne s’entendent pas, tels brebis et loups” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 32).

não hesita em apontá-lo no exemplo de Descarte, por ela estar fora de seu sistema de compreensão do mundo, que vê na razão o fundamento para a construção da evidência.

4.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ANÁLISES REALIZADAS

Ao longo deste capítulo, empreendemos a tarefa de delinear e analisar as contribuições intelectuais específicas de Lucie Olbrechts-Tyteca para o Projeto Nova Retórica. Centrando a análise em sua principal obra solo, *Le comique du discours*, buscamos discernir sua contribuição em relação ao projeto colaborativo desenvolvido com Chaïm Perelman, cuja obra central é o *Tratado da argumentação*. Embora reconheçamos a profunda interconexão entre ambas as obras e a base teórica compartilhada, este capítulo procurou demonstrar que *Le comique* não é meramente uma aplicação ou extensão do *Tratado*, mas sim um aprofundamento original que revela aspectos fundamentais do pensamento de Olbrechts-Tyteca e enriquece significativamente o PNR.

Conforme procuramos demonstrar, a contribuição mais evidente identificada é seu foco no estudo do cômico *da* retórica. Com o objetivo de estudar a fundo este objeto, Olbrechts-Tyteca inicia operando uma dissociação fundamental, ao distinguir o humor utilizado *na* retórica como ferramenta persuasiva (meio) daquele que emerge *da* própria estrutura e dos mecanismos da argumentação (fim em si, objeto de estudo). Esta segunda vertente de estudos constitui o cerne de *Le comique* e, ao desenvolvê-la, ela não apenas explora um tema abordado de maneira pontual no *Tratado*, mas o eleva à condição de chave analítica para compreender a própria natureza da argumentação discursiva, contrastando-a com a rigidez da demonstração formal. O cômico, em sua análise, torna-se um sintoma, quase uma prova, da argumentatividade de um discurso, expondo suas ambiguidades, suas dependências contextuais e sua abertura à pluralidade de interpretações.

Intimamente ligada a este foco no cômico *do* discurso está a ênfase na noção de *técnica argumentativa* e em sua materialidade linguística. Influenciada pela distinção freudiana entre forma e conteúdo, Olbrechts-Tyteca associa a técnica do cômico primordialmente à forma, à expressão verbal, à *matéria* do discurso, da retórica, da argumentação. Isso representa um deslocamento significativo, pois direciona a análise retórica para a concretude da linguagem, para os jogos de palavras, as condensações, as ambiguidades e as estruturas sintáticas que efetivamente *produzem* o efeito cômico. Desse modo, entendemos que a apropriação metodológica de Freud revela-se fundamental, mesmo que seja feita de maneira bastante seletiva, pois Olbrechts-Tyteca adota de *O chiste e suas relações com o inconsciente* o método

da redução e o conceito de *chiste* (técnica do cômico) como ferramentas analíticas de seu objeto de estudos. Este método, que consiste em modificar a expressão cômica para isolar o elemento linguístico responsável pelo efeito, permite-lhe investigar sistematicamente a o funcionamento do cômico do discurso. Contudo, é importante notar que esta apropriação é estritamente metodológica e focada na técnica verbal, uma vez que Olbrechts-Tyteca conscientemente se distancia das implicações psicanalíticas mais profundas da obra freudiana, recontextualizando noções como “inconsciente” dentro de pares filosóficos (consciente/inconsciente) manejáveis pela teoria da argumentação, sem incorporar a teoria psicanalítica do inconsciente em si à sua teoria da técnica argumentativa.

Entendemos, outrossim, que a contribuição mais sutil de Olbrechts-Tyteca, identificada neste capítulo, diz respeito à sua reflexão sobre a *arbitrariedade na análise argumentativa* e o papel da *interpretação na análise da técnica*. Retomando as próprias hesitações de Freud ao tentar catalogar os chistes, a autora confronta diretamente a dificuldade inerente à interpretação e à classificação dos argumentos. A ambiguidade não reside apenas no discurso analisado, mas também no próprio ato de analisar. A escolha de esquemas, a identificação de técnicas, a própria percepção do cômico (ou do argumento “sério”) são permeadas por um grau de subjetividade e dependência contextual do analista. Essa preocupação, ampliada pelo uso extensivo de exemplos literários – mais abertos à equivocidade que os filosóficos, preferidos por Perelman –, posiciona a questão da interpretação e da leitura não como um problema a ser eliminado, mas como um componente intrínseco da própria prática de análise da argumentação. Argumentamos que essa consciência da arbitrariedade, embora presente no *Tratado*, é significativamente aprofundada e teorizada a partir da perspectiva desenvolvida em *Le comique*, sendo, portanto, uma marca de autoria conceitual de Olbrechts-Tyteca no PNR como um todo.

Por fim, a análise de *Le comique* confirma que, embora utilize a estrutura e os conceitos fundamentais do *Tratado* como seu plano de desenvolvimento, a obra representa uma expansão e um aprofundamento originais do PNR. Ao investigar a “sombra” da argumentação – o cômico, o potencialmente “patológico” em relação ao “normal” e “sério” –, Olbrechts-Tyteca não apenas ilumina esse domínio específico, mas também lança nova luz sobre a própria natureza da argumentação “séria”. Seu trabalho confere maior materialidade, complexidade e nuances à noção de técnica argumentativa, demonstra a inerência do cômico ao discurso não formalizado e sublinha a importância inescapável da interpretação. Em suma, este capítulo buscou demonstrar que Lucie Olbrechts-Tyteca não foi meramente uma aplicadora das ideias de Perelman.

5 CONCLUSÃO

Esta tese de Doutorado propôs-se a investigar as contribuições autorais específicas de Lucie Olbrechts-Tyteca ao Projeto Nova Retórica, buscando ir além da visão que a relega a um papel secundário na sua colaboração com Chaïm Perelman. Partindo da premissa de que sua obra solo, em particular *Le comique du discours*, revelaria um pensamento teórico distinto e contribuições próprias, especialmente no que tange às noções de técnica argumentativa, seu vínculo com a *materialidade linguística*, a *análise do cômico* e a reflexão sobre a *arbitrariedade da interpretação*, o percurso realizado nos capítulos anteriores buscou demonstrar, nessa obra, em seu cotejo teórico com a obra em coautoria com Perelman, os aspectos conceituais que poderiam definir a contribuição específica da autora ao PNR. O estudo mostrou, assim, que Olbrechts-Tyteca não foi meramente uma aplicadora de conceitos já previamente desenvolvidos em coautoria, mas uma teórica com agenda própria, cujas investigações enriquecem e complexificam significativamente o empreendimento da Nova Retórica.

Nesse ponto, podemos retomar as ponderações feitas, no início desta tese, sobre a teoria das três retóricas no PNR defendida por Frank e Bolduc (2010). Como se constatou na pesquisa, as contribuições de Olbrechts-Tyteca para o PNR constroem-se com intenção de se associar ao projeto, não de se dissociar/separar dele. Em que pese isso, esse exercício de dissociação é, antes, uma proposta desta tese e dos estudos sobre a obra de Olbrechts-Tyteca, um esforço metodológico cujo objetivo é compreender a contribuição de cada um ao projeto. Nesse sentido, a pesquisa pareceu indicar a existência de dois projetos de retórica perfeitamente complementares: aquele voltado para a análise da técnica argumentativa cômica, extraída de textos literários, e aquele voltado para a análise da técnica jurídico filosófica, extraída de textos filosóficos. Constatamos que, a partir das análises empreendidas, essas duas retóricas não se separam completamente, nem produzem uma síntese (FRANK, BOLDUC, 2010, p. 160), pois o que há, de fato, é a existência de apenas um projeto teórico em curso, sendo possível identificar pontualmente as contribuições de Olbrechts-Tyteca e Perelman dentro dele. Ao tentarmos separar completamente essas duas retóricas, nos encontramos impedidos, visto que a matriz de pensamento é a mesma para ambos, e ambos autores assinam, em coautoria, a parte teórica mais substancial desse projeto. Dessa forma, pode-se dizer, há apenas um Projeto Nova Retórica.

Essa conclusão, no entanto, não diminui a importância e a relevância desta teoria para os estudos da argumentação e para construção dos Direitos Humanos no século XX. Mais ainda, tal conclusão também não diminui o papel das contribuições de Olbrechts-Tyteca ao PNR; pelo contrário, permite-nos observar o que é propriamente de sua autoria enquanto conceitualizadora

deste projeto.

Assim, ao longo desta pesquisa, pudemos situar, em seu Capítulo 2, o PNR não como um fenômeno isolado, mas como parte integrante do complexo “retorno da retórica” a que se assistiu no século XX, como uma resposta à crise da racionalidade moderna. Ao contrastar diferentes perspectivas sobre esse retorno, ficou evidente a relevância do PNR como um esforço de superação do modelo cartesiano e de resgate de uma racionalidade prática voltada para o verossímil e à adesão dos espíritos. Esse panorama amplo forneceu o pano de fundo necessário para compreendermos a magnitude do projeto no qual Olbrechts-Tyteca se inseriu e a partir do qual suas contribuições específicas poderiam ser avaliadas de modo particular.

Por sua vez, o Capítulo 3 aprofundou essa contextualização, ao lançar luz sobre as afiliações intelectuais do PNR e sobre o percurso específico que levaram ao *rhetorical turn* dentro desse projeto, com ênfase particular nos elementos que moldaram a participação de Olbrechts-Tyteca nessa virada. As análises empreendidas destacaram a importância de matrizes de pensamento para além de Aristóteles, tais como a tradição da *translatio* via Jean Paulhan e Brunetto Latini e, principalmente, Eugène Dupréel. Uma certa valorização de Dupréel e da sofística por Olbrechts-Tyteca, que se pôde identificar, permitiu traçar uma linhagem intelectual que passa pela dimensão social da argumentação, pelo valor do opinável e, fundamentalmente, pelo discurso concreto e seus usos – terreno fértil para sua posterior investigação sobre o cômico. Essas influências ajudaram a compreender por que sua trajetória dentro do PNR, embora paralela à de Perelman, adquiriu contornos e focos distintos.

No Capítulo 4, por meio da análise de *Le comique du discours*, as contribuições teórico conceituais de Olbrechts-Tyteca foram apresentadas e discutidas. A partir delas, buscou-se demonstrar os aprofundamentos teóricos e as particularidades metodológicas que a reflexão empreendida pela autora trouxe ao PNR, a começar pela dissociação entre o cômico *na* retórica e o cômico *da* retórica. Este último foi entendido como seu objeto principal, revelando como a própria técnica argumentativa, em sua materialidade linguística, seria capaz de gerar o efeito cômico. A apropriação seletiva, porém muito relevante, do método da redução de Sigmund Freud pareceu fornecer-lhe a ferramenta analítica para investigar o funcionamento do cômico da argumentação. Além disso, avaliamos como outra contribuição autoral a sua sofisticada reflexão sobre o tópico que identificamos como a arbitrariedade inerente à análise argumentativa. A partir da retomada das indagações de Freud, e aguçada pela análise de exemplos literários, Olbrechts-Tyteca desenvolveu uma consciência crítica sobre o papel do analista, a equivocidade da linguagem e a dificuldade de aplicar categorias e esquemas retóricos de forma unívoca. Essa percepção não invalida a análise, mas a complexifica, reconhecendo a

interpretação não como um obstáculo, mas como parte constitutiva da própria prática da argumentação e de sua análise. Podemos dizer, logo, que esta é uma dimensão meta-retórica, que, embora com raízes no *Tratado*, ganha em sua obra solo uma profundidade e centralidade inéditas.

Diante do exposto, este estudo permite concluir que, embora *Le comique du discours* utilize o amálgama conceitual e estrutural do *Tratado da argumentação* em particular, e do Projeto Nova Retórica em geral, esta obra representa mais do que uma mera extensão ou aplicação do PNR. Ao investigar a “sombra” da argumentação – o cômico, o potencialmente “patológico”, o não estritamente racional – e ao trazer para o centro do debate a problemática da interpretação e da arbitrariedade analítica, Olbrechts-Tyteca não apenas aprofunda o PNR, mas lhe confere novas dimensões. Sua obra demonstra uma agência intelectual própria e confirma as hipóteses iniciais desta tese sobre sua originalidade na teorização da técnica argumentativa em sua base material e na reflexão sobre os limites e possibilidades da análise desta técnica. Por fim, esta pesquisa de Doutorado procurou reafirmar a importância de se estudar o pensamento de Lucie Olbrechts-Tyteca, mesmo que não tenhamos encontrado forma de o dissociar por completo de suas contribuições em coautoria com Perelman. Suas conceitualizações, especialmente no que concerne à técnica do cômico e à arbitrariedade da análise, não apenas enriquecem o entendimento da Nova Retórica, mas oferecem ferramentas valiosas para a análise do discurso argumentativo em geral, seja ele cômico ou não, consolidando seu lugar como uma pensadora fundamental e original na história da retórica do século XX.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. De la grammaticalisation de la rhétorique à la rhétorisation de la linguistique. In: KOREN, Roselyne; AMOSSY, Ruth (orgs). *Après Perelman: Quelles politiques pour les nouvelles rhétoriques? La argumentation dans la sciences du langage*. Paris: L'Harmattan, 2002, pp. 24-55.
- ALVES, Marco A. S. *Perelman e a argumentação filosófica: convencimento e universalismo*. Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2015.
- AMOSSY, Ruth. "Argumentation et Analyse du discours : perspectives théoriques et découpages disciplinaires ", *Argumentation et Analyse du Discours* [En ligne], n° 1 | 2008, mis en ligne le 06 septembre 2008. Disponível em: <http://aad.revues.org/index200.html> Acessado em 04 jun. 2025.
- AMOSSY, Ruth. "Introduction: pour une analyse rhétorique des textes politiques", *Argumentation et Analyse du Discours* [En ligne], 6 | 2011, mis en ligne le 15 avril 2011. Disponível em: <http://aad.revues.org/1081> Acessado em 04 jun. 2025.
- AMOSSY, Ruth. *A argumentação no discurso*. São Paulo: Contexto, 2020.
- AMOSSY, Ruth. *L'argumentation dans le discours*. Paris: Armand Colin, 2010.
- ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Editora 34, 2017.
- ARISTÓTELES. *Retórica*; Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.
- AUERBACH, Eric. *Introdução aos estudos literários*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- BARBOSA, Patrícia Lucchesi. A performance da psicagogia no fedro de Platão. Tese. Programa de pós-graduação em filosofia da ufmg, 2022, 151 f. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/46312> caessado em 04 jun. 2025.
- BARTHES, Roland. "L'ancienne rhétorique". In: Communications, n° 16, 1970. Recherches rhétoriques. pp. 172-223. Disponível em: doi : <https://doi.org/10.3406/comm.1970.1236> Acesso em 23 jul. 2020.
- BARTHES, Roland. A retórica antiga. In: COHEN, Jean; e all. *Pesquisas de retórica. Petrópoles*: Vozes, 1975.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2004 [1984].
- BERGSON, Henry. *O riso*. Ensaio sobre o significado do cômico. São Paulo: Edipro, 2018.
- BERTI, Enrico. *Aristóteles no século XX*. Edições Loyola: São Paulo, 1997.
- BERTI, Enrico. *As razões de Aristóteles*. Edições Loyola: São Paulo, 1998.
- BOHUNOVSKY R. O Witz de Freud nas (re)traduções brasileiras. *Pandaemonium*, São Paulo, v. 21, n. 35, set.-dez. 2018, p. 69-86. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pg/a/7LtMRy9K4KrG6ztR8CKNX6Q/?lang=pt&format=pdf> Acesso em 13 jan 2024.

BOLDUC, Michelle. *Translation and the rediscovery of rhetoric*, Pontifical Institute of Medieval Studies: Toronto, Ontario, Canada, 2020.

BOLDUC, Michelle; FRANK, David. An Introduction to and Translation of Chaïm Perelman's 1933 *De l'arbitraire dans la connaissance* [On the Arbitrary in Knowledge]. *Journal for the History of Rhetoric*, Volume 22, Issue 3, 2019, pp. 232-275. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15362426.2019.1671700> Acessado em 25 jan. 2022.

BRETON, Philippe; GAUTHIER, Gilles. *História das teorias da argumentação*. Lisboa: Editorial Bizâncio, 2001.

CASSIN, Barbara. *O efeito sofístico: Sofística, Filosofia, Retórica, Literatura*. São Paulo: Editora 34, 2005 [1995].

CASSIN, Barbara. *Se Parmênides: o tratado anônimo De Melisso Xenophane Gorgia*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015 [1980].

COENEN-HUTHER, Jacques. "Eugène Dupréel, philosophe, sociologue et moraliste". *Revue européenne des sciences sociales*, Tome XLIV, 2006, n° 134, pp. 97-118. Disponível em: <http://journals.openedition.org/ress/288> Acessado em 07 jun. 2025.

COMPAGNON, Antoine. "Théorie du lieu commun." *Cahiers de l'Association internationale des études françaises*, 1997, n°49. pp. 23-37. Disponível em: <https://doi.org/10.3406/caief.1997.1269> Acesso em 07 ago. 2022.

CORNICK, Martyn. Une institution française: "La nouvelle revue française de Jean Paulhan". *Études littéraires*, n° 40 (1), 2009, pp.77-96. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/037900ar>. Acesso em 07 ago. 2022.

CÔTE-FOURNIER, Laurence. "Là où est le pouvoir, les mots passent invisibles: le pacte de lecture de Jean Paulhan". *Tangence*, n° 107, 2015, pp. 13-31. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/1033948ar> Acesso em 07 ago. 2022.

DE MARSILLAC, Nerbal. *Retórica e direitos humanos*. Curitiba: Appris, 2020.

DIÈLS, A. "La légende socratique et les sources de Platon". *Revue belge de philologie et d'histoire*, tome 4, fasc. 2-3, 1925. pp. 279-300. Disponível em: [La légende socratique et les sources de Platon - Persée](#) Acessado em 07 jun. 2025.

DOMINICY, Marc. "Perelman und die Brüsseler Schule", dans J. Kopperschmidt éd., *Die neue Rhetorik. Studien zu Chaïm Perelman*, Munich, Fink, 2006, p. 73-134 (version française de 59 p. disponible en ligne sur le site : www.philodroit.be, sous le titre "Perelman et l'École de Bruxelles")
-
www.centreperelman.be/content/uploads/2022/09/Marc_Dominicy_Article_Perelman.pdf

DOSSE, François. *História do Estruturalismo*. Vol. 2. O canto do Cisne. De 1967 aos nossos

dias. Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.

DUPRÉEL, Eugène. *Les sophistes*. Protagoras, Gorgias, Prodicus, Hippias. Neuchâtel.: Éditions Du Griffon, 1948.

FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2018.

FRANK, David A. A Traumatic Reading of Twentieth-Century Rhetorical Theory: The Belgian Holocaust, Malines, Perelman, and De Man. *Quartely Journal of Speech*. 93: 3, 2007, pp. 308-343.

FRANK, David A. BOLDUC, Michelle. Chaim Perelman's "First Philosophies and Regressive Philosophy": Commentary and Translation. *Philosophy & Rhetoric*, Volume 36, Number 3, 2003, pp. 177-188.

FRANK, David A. BOLDUC, Michelle. From *Vita contemplativa* to *vita activa*: Chaïm Perelman and Lucie Olbrechts-Tyteca's Rhetorical Turn. *Advances in the History of Rhetoric*, 7:1, 2004, pp. 65-86.

FRANK, David A. BOLDUC, Michelle. Lucie Olbrechts-Tyteca's New Rhetoric, *Quarterly Journal of Speech*, 96:2, 2010, pp. 141-163.

FRANK, David A. The Jewish Countermodel: Talmudic Argumentations, the New Rhetoric Project, and the Classical Tradition of Rhetoric. *Journal of communication and religion*. 26: 2, 2003, pp. 163-194.

FRANK, David A. The New Rhetoric, judaism, and post-enlightenment thought: The Cultural Origins of Perelman's Philosophy. *Quartely Journal of Speech*, 83:3, 1997, pp. 311- 331.

FREIRE, Sônia. *A teoria da argumentação de Chaïm Perelman*. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos Avançados em Educação (ISAE), Fundação Getúlio Vargas, 1994, 321 pp.

FREUD, Sigmund. *O chiste e sua relação com o inconsciente*. São Paulo, Companhia das Letras, 2017.

GAONKAR, Dilip P. "Rhetoric and Its Double: Reflections on the Rhetorical Turn in the Human Sciences. In: SIMONS, Herbert W. *The Rhetorical Turn: inventions and persuasion in the conduct of inquiry*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 1990.

GROSS, Alan; DEARIN, Ray. *Chaïm Perelman*. Albany: State University of New York Press, 2003.

KERFERD, G. B. *O movimento sofista*. São Paulo: Edições Loyola, 2003 [1978].

KOERNER, E. F. Ka. A importância da historiografia linguística e o lugar da história da ciência da linguagem. In KOERNER, E. F. K. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. Publito: Estúdio de Artes Gráficas – Braga, 2014a [1974].

KOERNER, E. F. Kb. Questões que persistem na historiografia linguística. In KOERNER, E.

F. K. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. Publito: Estúdio de Artes Gráficas – Braga, 2014d [1995].

LEVIE, Sophie. “Jean Paulhan, rédacteur en chef de La nouvelle revue française de 1925 à 1930”. *Études littéraires*, nº 40 (1), 2009, pp. 55–75. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/037899ar>. Acesso em 07 ago. 2022.

LYOTARD, Jean F. Imaginação e Paradoxo. *Discurso*, 10, 1979, pp. 175-190. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2318-8863.discurso.1979.37866> Acessado em 07 jun. 2025.

MANELI, Mieczyslaw. *A nova retórica de Perelman: filosofia e metodologia para o século XXI*. Barueri, SP: Manole, 2004.

MANSFELD, Jaap. “Doxography of Ancient Philosophy”, *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Summer 2024 Edition), Edward N. Zalta & Uri Nodelman (eds.). Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/sum2024/entries/doxography-ancient> Acessado em 07 jun. 2025.

MARCHAL, Joseph. *Hierarchy, Unity, and Imitation: A Feminist Rhetorical Analysis of Power Dynamics in Paul’s Letter to the Philippians*. Boston: Brill, 2006.

MASSMANN, Débora. “Argumentação: em busca de um conceito”. *Línguas e instrumentos linguísticos*, jul/dez 2010, pp. 99-111. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao26/cronica26.pdf> Acesso em 07 ago. 2022.

MASSMANN, Débora. *Retórica e Argumentação: percursos de sentido na biculturalidade*. Campinas, SP: Pontes, 2017.

MEYER, Michel. “As bases da retórica”. In: CARRILHO, Manuel M. (org.) *Retórica e Comunicação*. Edições ASA: Porto: Portugal, 1994.

MEYER, Michel. The Brussels School of Rhetoric: From the New Rhetoric to Problematology. *Philosophy & Rhetoric*, Vol. 43, No. 4, 2010, pp. 403-429.

MILNE, Anna-Louise. Food for Thought : ethnographie et rhétorique selon Jean Paulhan. *Littérature*, nº129, 2003. Matières du roman. pp. 107-123; Disponível em: <https://doi.org/10.3406/litt.2003.1792> Acesso em 07 ago. 2022.

MOSCA, Lineide. “Velhas e Novas Retóricas: convergências e desdobramentos.” In: *Retóricas de ontem e de hoje* (org.) São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004, pp. 17-54.

MOSSÉ, Claude. *Atenas: a história de uma democracia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

NICOLAS, Loïc. Exercer et pratiquer la rhétorique dans la tradition humaniste de l’École de Bruxelles: Auguste Baron, Eugène Dupréel, Chaïm Perelman. *Exercices de rhétorique [En ligne]*, vol. 5, 2015, mis en ligne le 28 septembre 2015. Disponível em: <http://rhetorique.revues.org/423> Acesso em 07 ago. 2022.

OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. “Comique du discours e connaissance. In *CC77, Colloque*

international sur le point de vue cognitif, 1977, pp. 414-425. Ghent, Belgium: Communication & Cognition.

OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. Définitions des statisticiens. *Logique et analyse*, 3, 1960, pp. 49-69.

OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Le comique du discours*. Bruxelles: Editions de L'Université de Bruxelles, 1974.

OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. Les couples philosophiques: Une nouvelle approche. *Revue internationale de philosophie*, 33, 1979, pp. 81-98.

OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. Rencontre avec la rhétorique. *Logique et analyse*, 6, 1963, pp. 3-18.

OLBRECHTS-TYTECA, Lucie; GRIFFIN-COLLART, Evelyne. Bibliographie de Chaïm Perelman. *Revue internationale de philosophie*, 33, 1979, pp. 325-342.

PAULHAN, Jean. *Les fleurs de Tarbes: ou La terreur dans les lettres*. Cercle du livre précieux, 1967 [1941].

PERELMAN MATTIS, Noémi. "Chaïm Perelman: a life well lived". In: GAGE, John T. (ed.) *The promise of reason: studies in the New Rhetoric*. Carbondale and Edwardsville: Southern Illinois University Press, 2011, pp 15-16.

PERELMAN, Chaïm. "Esquisse d'une logistique des valeurs". *Revue de l'Université de Bruxelles*, 36(3-4), 486-496, 1931.

PERELMAN, Chaïm. *O império retórico: retórica e argumentação*. Porto: Edições ASA, 1993 [1977].

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *As noções e a argumentação*. In: *Retóricas*. Martins Fontes: São Paulo, 1997 [1955], pp. 105-127.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Lógica e retórica*. In: *Retóricas*. Martins Fontes: São Paulo, 1997 [1950], pp. 57-91.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Martins Fontes: São Paulo, 2005 [1958].

PETERS, Michal. *Pós-estruturalismo e Filosofia da diferença: uma introdução*. Autêntica: Belo Horizonte/São Paulo: 2000.

PIRIS, Eduardo Lopes; GRÁCIO, Rui Alexandre. *Introdução às teorias da argumentação*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

PLANTIN, Christian. *A argumentação: histórias, teorias e perspectivas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PLANTIN, Christian. *Essais sur l'argumentation*. Paris: Kimé, 1990.

- RONALD, Kate. Feminist Perspectives on the History of Rhetoric. In *The SAGE Handbook of rhetorical studies*. Ed. LUNSFORD, A.; WILSON, Kirt H.; EBERLY, Rosa. SAGE Publications: Los Angeles, London, New Delhi, Singapura, Washington DC, 2009, pp. 139.152.
- SANTOS, Boaventura S. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência* - Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2007 [2000].
- SANTOS, Boaventura S. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 2000 [1989].
- SANTOS, Boaventura S. *Um discurso sobre as ciências*. Cortez Editora. Perdizes: São Paulo, 2005 [1987].
- SOUSA, Ana A. A. De; PINTO, Maria J. V. *Sofistas: testemunhos e fragmentos*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.
- TRINGALE, Dante. *A retórica antiga e outras retóricas: a retórica como crítica literária*. São Paulo: Musa Editora, 2014.
- TRUDEL, Éric. Paulhan, l'écrivain / Les récits de Jean Paulhan de Julien Dieudonné, Éditions Champion. *Littérature de notre siècle. Spirale*, nº 187, 2002, pp. 28–29. Disponível em: <https://id.erudit.org/iderudit/17105ac> Acesso em 07 ago. 2022.
- UNTERSTEINER, Mario. *Rivista Critica Di Storia Della Filosofia*, vol. 5, no. 2, 1950, pp. 138–42. *JSTOR*. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/44020827> . Acesso em 7 Jun 2025.
- VALE, Rony Petterson Gomes do. O discurso humorístico [manuscrito] : um percurso de análise pela linguagem do riso. Faculdade de Letras da UFMG, 2013. 279 f.. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/LETR-9ARN7W/1/1373d.pdf> Acesso em 01 fev. 2025.
- WARNICK, Barbara. *Critical literacy in a digital era: technology, rhetoric, and the public interest*. Londres: Taylor & Francis e-Library, 2008.
- WARNICK, Bárbara. Lucie Olbrechts-Tyteca's contribution to the New Rhetoric. In: WERTHEIMER, Molly Meijer. *Listening to their voices: the rhetorical activities oh historical women*. Columbia: University of South Carolina Press, 1997.
- WARNICK, Barbara. Masculinizing the feminine: Inviting women on line Ca. *Critical Studies in Mass Communication*, 16:1, 1-19, 1999. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/15295039909367069> Acesso em 09 out. 2022.
- WARNICK, Barbara; KLINE, Susan L. The New Rhetoric's Argument Schemes: A Rhetorical View of Practical Reasoning, Argumentation and Advocacy, 29:1, 1-1, 5, 1992. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00028533.1992.11951551> Acesso em 09 out 2022.
- WELLBERY, David. *Retoricidade: Sobre o retorno modernista da retórica*. In: Neo- retórica e desconstrução. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998 [1990], pp. 11-47.

WERTHEIMER, Molly Meijer. *Listening to their voices: the rhetorical activities of historical women*. Columbia: University of South Carolina Press, 1997.

WILLIAMS, James. *Pós-estruturalismo*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

ZAREFSKY, David. Introduction: Michael Leff et la tradition des études rhétoriques aux États-Unis”. *Argumentation et Analyse du Discours* [En ligne], 6 | 2011, mis en ligne le 15 avril 2011, consulté le 28 janvier 2025. Disponible en: <http://journals.openedition.org/aad/1082>.

ANEXO A – SUMÁRIO DE *LE COMIQUE DU DISCOURS*

Lucie Olbrechts-Tyteca

Le comique du discours

Institut de Sociologie (fondé par E. Solvay)
Sociologie générale et philosophie sociale

Editions de l'Université de Bruxelles



Table des matières

I. CONSIDÉRATION PRÉLIMINAIRES

Objet, plan, méthode.....	7
Distinction entre le comique dans la rhétorique et le comique de la rhétorique...	7
Entre le discursif et le non-discursif.....	8
Le rire comme critère.....	11
Le caractère social du rire.....	13
Le ridicule et le comique.....	15
Perspectives et niveaux.....	17
Un plan de recherches.....	21
La méthode.....	26
La permanence du comique.....	28
Le rôle des termes.....	29
De quelques résultats non spécifiques.....	30
L'émotion forte.....	31
L'attention.....	31
L'hésitation.....	32
Le succès argumentatif.....	34
L'absence d'attitude ludique.....	34
Les relations entre parties.....	36
Les contextes privilégiés.....	36
L'inéluctabilité.....	36
Du facteur de répétition.....	37
L'explication.....	38
La naïveté.....	39

2 TABLE DES MATIÈRES

Les présupposés de la méthodes	41
Une hypothèse de travail	42
Démonstration et argumentation.....	42
De quelques objections préalables	45
Le comique et le système	50

II. LES CADRES DE L'ARGUMENTATION

I Le langage	55
Le jeu avec les mots	55
La création de mots	59
La polyvalence des mots	61
Le déroulement du discours	67
Les erreurs dans l'emploi du langage	71
Les dérivations	75
L'étymologie	77
Les rapports entre signifiants et signifié	78
II Les participants : l'orateur et son auditoire	80
Le contact des esprits	80
L'orateur	81
L'auditoire	83
L'adaptation à l'auditoire	86

III. LE POINT DE DÉPART DE L'ARGUMENTATION

L'accord concernant les prémisses	91
Les types d'objet d'accord	91
Les faits	91
Les fictions	91
Les présomptions	92
Les valeurs et les hiérarchies	96
Les lieux du préférable	97
Les maximes	99
L'omission volontaire ou l'ellipse	101
Les méprises	102
Les accords propres à certains auditoires liés par des conventions	103
Les accords propres à chaque discussion	105
L'inertie	105
L'aveu	108
L'argumentation <i>ad hominem</i>	110
La pétition de principe	111
L'argumentation superflue	114
Les questions superflues	115
La mise en doute	115

IV. LE CHOIX DES DONNÉES ET LEUR ADAPTATION

Le choix des données	119
L'interprétation	120
Le signe et l'indice	120
Niveaux et contexte	122
Le choix d'interprétations privilégiées	127
La quête d'une interprétation	129
L'adaptation des données	132
L'épithète	132
La qualification	133
La double qualification	135
Classes et classifications	137
Imprecision des notions	138
Confusion	139
Plasticité	139
Opposition	140
La fortune du discours	140
La durée	140
L'hypothèse	141
Fond et forme	144
Parodies et citations	146
Les équivalences	149
Les figures	150
Le statut des éléments d'accord	151

V. LES ARGUMENTS PAR LIAISON : A. QUASI LOGIQUES

Liaisons et dissociations	157
Caractères des arguments quasi logiques	158
Les incompatibilités	159
Incompatibilités et contradiction	161
Techniques visant à présenter des thèses comme incompatibles	163
Procédés permettant d'échapper à une incompatibilité	166
L'autophagie	169
La rétorsion	169
L'auto-inclusion	171
La règle et ses conséquences	171
et ses conditions d'application	172
L'argumentation indirecte	174
L'ironie	177
La satire	185
Les identifications et substitutions	186

4 TABLE DES MATIÈRES

Les pronoms.....	186
Les définitions.....	187
L'analyse.....	191
Les tautologies.....	192
La règle de justice.....	194
La réciprocité.....	197
La transitivité.....	205
Le tout et ses parties	207
L'argument par division.....	208
Le dilemme.....	208
A pari et a contrario.....	211
Les poids et mesures	214
Les comparaisons.....	214
Le sacrifice.....	218
Les probabilités	221
Conclusion.....	224

VI. LES ARGUMENTS PAR LIAISON : B. BASES SUR LA STRUCTURE DU RÉEL

Les solidarités.....	225
Le « donc ».....	226
Le choix et son objet.....	227
Succession et coexistence.....	229
Les liaisons de succession	229
L'indice et le choix des liaisons.....	229
Les chaînes causales.....	235
L'argument pragmatiques.....	237
Fins et conséquences.....	238
Les moyens.....	242
L'occasion.....	244
La nature et les fins.....	245
Le gaspillages, la direction, le dépassement.....	247
L'hyperbole et la litote.....	251
Les liaisons de coexistence	256
L'acte et la personne.....	256
L'argument d'autorité.....	258
La personne et la prévision.....	258
Les autres relations de coexistence.....	263
La liaison symbolique	265
Métonymie et synecdoque.....	266
Les doubles hiérarchies	268
Les arguments a fortiori.....	271
L'argument des contraires.....	275

TABLE DES MATIÈRES 5

Différences de degré et différences d'ordre	275
VII. LES ARGUMENTS QUI FONDENT LA STRUCTURE DU RÉEL	
Le fondement par le cas particulier	279
L'exemple	279
L'exemple hiérarchisé	282
Du particulier au particulier	282
Le cas invalidant	283
L'illustration	284
Le modèle	285
Le raisonnement par analogie	288
Thème et phore	288
La ressemblance	288
Les transferts de valeur	290
Le prolongement de l'analogie	293
L'amendement	294
L'allusion à l'analogie	296
Les phores multiples	298
Les analogies renforcées	300
La contamination	301
Précarité du statut de l'analogie	302
La métaphore	307
Le réveil des métaphores endormies	313
L'allégorie	317
VIII. LES DISSOCIATIONS	
Incompatibilités et dissociations	321
Les couples philosophiques	321
Les allusions aux dissociations	322
La multiplicité du terme I	326
L'instabilité du terme I	327
Le renversement des termes	328
Modes d'énoncé des dissociations	331
Énoncés invitant à la dissociation	331
La réalité et la représentation	333
Langage et action	335
Nom et chose	337
La réalité et le procédé	340
Les caractères du discours comme procédé	344
Le corax	347
Les théories du comique	351

6 TABLE DES MATIÈRES

IX. L'INTERACTION DES ARGUMENTS

Les interactions.....	357
La force des arguments	357
L'argument inefficace	357
Force et décision	360
L'ampleur de l'argumentation.....	363
La superfluité des arguments	366
Aspects de leur interaction.....	368
La relevance	368
Les degrés de l'irrelevance	368
Le non-essentiel	371
L'extrême relevance	372
La diversion	375
La justification	379
Ses révélations	379
Sa relevance	382
Son opportunité.....	385
La justification destructrice du comique	385
L'ordre du discours	386
La concession et la dénégation.....	386
Les accords partiels.....	388
<u>L'e conditionnement de l'auditoire</u>	388
La réfutation anticipée	389
L'ordre comme matière à réflexion.....	390

X. CONCLUSIONS

Les constatations	393
Les fonctions du comique de la rhétorique	397
Notre hypothèse de travail	400
Le comique de la rhétorique et les couples philosophiques.....	401
Les thèmes d'analyse	404
Les facteurs destructeurs du comique de la rhétorique	405
La naïveté et l'oubli de la différence entre démonstration et argumentation.....	407
Le rire de l'auditoire universel.....	407
Le comique de la rhétorique et l'éthique	414
Index des noms propres	417
Table des matières	427

ANEXO B – SUMÁRIO DO *TRAITÉ DE L'ARGUMENTATION*

TRATADO DA
ARGUMENTAÇÃO
A Nova Retórica

Chaïm Perelman
Lucie Olbrechts-Tyteca

Tradução
MARIA ERMANTINA DE ALMEIDA PRADO GALVÃO

Martins Fontes
São Paulo 2005

Índice

<i>Prefácio à edição brasileira, por Fábio Ulhoa Coelho.....</i>	XI
<i>Prefácio, por Michel Meyer</i>	XIX
<i>Introdução.....</i>	1

PRIMEIRA PARTE

OS ÂMBITOS DA ARGUMENTAÇÃO

§ 1. Demonstração e argumentação	15
§ 2. O contato dos espíritos	17
§ 3. O orador e seu auditório	20
§ 4. O auditório como construção do orador	22
§ 5. Adaptação do orador ao auditório	26
§ 6. Persuadir e convencer.....	29
§ 7. O auditório universal.....	34
§ 8. A argumentação perante um único ouvinte	39
§ 9. A deliberação consigo mesmo.....	45
§ 10. Os efeitos da argumentação	50
§ 11. O gênero epidíctico.....	53
§ 12. Educação e propaganda.....	57
§ 13. Argumentação e violência.....	61
§ 14. Argumentação e envolvimento.....	66

SEGUNDA PARTE

O PONTO DE PARTIDA DA ARGUMENTAÇÃO

CAPÍTULO I – O acordo	73
§ 15. As premissas da argumentação	73

a) <i>Os tipos de objeto de acordo</i>	75
§ 16. Os fatos e as verdades	75
§ 17. As presunções.....	79
§ 18. Os valores.....	83
§ 19. Valores abstratos e valores concretos	87
§ 20. As hierarquias	90
§ 21. Os lugares.....	94
§ 22. Lugares da quantidade	97
§ 23. Lugares da qualidade	100
§ 24. Outros lugares	105
§ 25. Utilização e redução dos lugares: espírito clássico e espírito romântico	108
b) <i>Os acordos próprios de certas argumentações</i>	112
§ 26. Acordos de certos auditórios particulares.....	112
§ 27. Acordos próprios de cada discussão.....	118
§ 28. A argumentação <i>ad hominem</i> e a petição de princípio.....	125
 CAPÍTULO II – A escolha dos dados e sua adaptação com vistas à argumentação	131
§ 29. A seleção dos dados e a presença	131
§ 30. A interpretação dos dados	136
§ 31. A interpretação do discurso e seus problemas.....	140
§ 32. A escolha das qualificações	143
§ 33. Sobre o uso das noções	147
§ 34. Aclaramento e obscurecimento das noções	150
§ 35. Usos argumentativos e plasticidade das noções	156
 CAPÍTULO III – Apresentação dos dados e forma do dis- curso	161
§ 36. Matéria e forma do discurso	161
§ 37. Problemas técnicos de apresentação dos dados	162
§ 38. Formas verbais e argumentação	168
§ 39. As modalidades na expressão do pensamento	174
§ 40. Forma do discurso e comunhão com o auditório..	185
§ 41. Figuras de retórica e argumentação	189
§ 42. As figuras da escolha, da presença e da comunhão.	194
§ 43. O estatuto dos elementos de argumentação e sua apresentação.....	203

TERCEIRA PARTE

AS TÉCNICAS ARGUMENTATIVAS

§ 44. Generalidades.....	211
CAPÍTULO I – Os argumentos quase-lógicos.....	219
§ 45. Características da argumentação quase-lógica.....	219
§ 46. Contradição e incompatibilidade.....	221
§ 47. Procedimentos que permitem evitar uma incompatibilidade	224
§ 48. Técnicas que visam apresentar teses como compatíveis ou incompatíveis.....	228
§ 49. O ridículo e seu papel na argumentação.....	233
§ 50. Identidade e definição na argumentação.....	238
§ 51. Analiticidade, análise e tautologia	243
§ 52. A regra de justiça.....	248
§ 53. Argumentos de reciprocidade.....	250
§ 54. Argumentos de transitividade	257
§ 55. A inclusão da parte no todo	262
§ 56. A divisão do todo em suas partes	265
§ 57. Os argumentos de comparação.....	274
§ 58. A argumentação pelo sacrifício	281
§ 59. Probabilidades	290
CAPÍTULO II – Os argumentos baseados na estrutura do real	297
§ 60. Generalidades	297
<i>a) As ligações de sucessão</i>	<i>299</i>
§ 61. O vínculo causal e a argumentação	299
§ 62. O argumento pragmático	302
§ 63. O vínculo causal como relação de um fato com sua consequência ou de um meio com um fim	308
§ 64. Os fins e os meios	311
§ 65. O argumento do desperdício.....	317
§ 66. O argumento da direção	321
§ 67. A superação	327
<i>b) As ligações de coexistência</i>	<i>333</i>
§ 68. A pessoa e seus atos	333

§ 69. Interação entre o ato e a pessoa	337
§ 70. O argumento de autoridade	347
§ 71. As técnicas de ruptura e de refreamento opostas à interação ato-pessoa.....	353
§ 72. O discurso como ato do orador	361
§ 73. O grupo e seus membros	366
§ 74. Outras ligações de coexistência, o ato e a essência	372
§ 75. A ligação simbólica	377
§ 76. O argumento de hierarquia dupla aplicado às li- gações de sucessão e de coexistência	384
§ 77. Argumentos concernentes às diferenças de grau e de ordem	393

CAPÍTULO III – As ligações que fundamentam a estru- tura do real

.....	399
<i>a) O fundamento pelo caso particular.....</i>	399
§ 78. A argumentação pelo exemplo	399
§ 79. A ilustração	407
§ 80. O modelo e o antimodelo	413
§ 81. O Ser perfeito como modelo.....	419
<i>b) O raciocínio por analogia.....</i>	423
§ 82. O que é a analogia.....	423
§ 83. Relações entre os termos de uma analogia	427
§ 84. Efeitos da analogia	434
§ 85. Como se utiliza a analogia.....	438
§ 86. O estatuto da analogia	447
§ 87. A metáfora	453
§ 88. As expressões com sentido metafórico ou metá- foras adormecidas	459

CAPÍTULO IV – A dissociação das noções.....

.....	467
§ 89. Ruptura de ligação e dissociação	467
§ 90. O par “aparência-realidade”	472
§ 91. Os pares filosóficos e sua justificação.....	477
§ 92. O papel dos pares filosóficos e suas transformações	484
§ 93. A expressão das dissociações.....	495
§ 94. Enunciados que incentivam a dissociação.....	502
§ 95. As definições dissociadoras	504
§ 96. A retórica como expediente	511

CAPÍTULO V – A interação dos argumentos.....	523
§ 97. Interação e força dos argumentos.....	523
§ 98. A apreciação da força dos argumentos, fator de argumentação	529
§ 99. A interação por convergência.....	534
§ 100. A amplitude da argumentação.....	538
§ 101. Os perigos da amplitude.....	544
§ 102. Os paliativos para os perigos da amplitude	550
§ 103. Ordem e persuasão	555
§ 104. Ordem do discurso e condicionamento do audi- tório.....	560
§ 105. Ordem e método	567
<i>Conclusão</i>	575
<i>Notas</i>	583
<i>Lista das obras citadas</i>	629